

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
MUSEOLOGIA

Siele Cristine Barbosa

**As revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950:
“divulgar as sciências naturaes e os resultados das pesquisas,
estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance”**

São Paulo
2023

Siele Cristine Barbosa

As revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950: “divulgar as ciências naturais e os resultados das pesquisas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance”


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Museologia.

Área de Concentração: Museologia

Orientadora: Professora Doutora Maria Margaret Lopes.

Linha de pesquisa: História dos processos museológicos, coleções e acervos.

Versão original. A versão original encontra-se no MAE-USP.



São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Barbosa, Siele Cristine

As revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950: ?divulgar as sciências naturaes e os resultados das pesquisizas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance? / Siele Cristine Barbosa; orientador Maria Margaret Lopes. -- São Paulo, 2023.

185 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Museologia. 2. Publicação de Revistas. 3. Práticas Museológicas. 4. Museu Nacional. I. Lopes, Maria Margaret , orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

BARBOSA, Siele Cristine. **As revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950**: “divulgar as sciências naturaes e os resultados das pesquisas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance”. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Museologia.

Aprovado em: ____de ____de 2023.

Banca examinadora

Membros titulares

Professora Doutora:

Maria Margaret Lopes (Orientadora)
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Doutora:

Marília Xavier Cury
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Doutora:

Regina Maria Macedo Dantas
Museu Nacional – Universidade Federal do
Rio de Janeiro.

Professora Doutora:

Ana Lúcia Abreu Gomes
Universidade de Brasília (UNB)

Membros Suplentes

Professora Doutora:

Adriana Mortara Almeida
Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Doutora:

Alda Lucia Heizer
Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ) –
Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Professora Doutora:

Cecília Helena Lorenzini Salles de Oliveira
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Doutora

Suely Moraes Cerávolo

AGRADECIMENTOS

O mestrado não é fim, mas é uma etapa muito importante da minha trajetória. Agradeço à Universidade de São Paulo, ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) e ao Museu de Zoologia (MZUSP) que me acolheram e me formaram.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Margaret Lopes que acreditou na minha proposta e generosamente me guiou até aqui. Agradeço por todo conhecimento compartilhado, pela parceria, pelo cuidado e especialmente pela rede de afeto que criamos a partir da senhora.

Agradeço às minhas amigas e parceiras de orientação, Isabela Fazani e Mayra Carvalho, por todos os momentos em que estivemos juntas, compartilhando nossas pesquisas, construindo pontes e afetos.

Agradeço a toda minha família que compreendeu minha ausência, especialmente meus pais José Soares e Celmi Maria. Agradeço às minhas irmãs Sintia Barbosa, Sara Barbosa e Soraia Soares que além de serem companheiras, me carregaram no colo quando eu não pude caminhar. Ao Vagner Martelo pelo cuidado de sempre e por toda colaboração nesse período.

Agradeço ao Edson Monteiro por me oferecer um lar afetuoso e acolhedor em São Bernardo. Obrigada por tudo, significa muito para mim.

Agradeço ao meu amigo Eric Rodrigues, que foi o primeiro responsável pela minha entrada no PPG-MUS USP.

Às minhas amigas irmãs Stephanie Cunha e Luciene Santos, que percorreram todo esse caminho comigo, de mãos dadas e muitas vezes literalmente no colo. Eu amo vocês! Agradeço também aos amigos Polyana, Maristela, Michelline, Rafael, Murilo e Wederson. Parcerias inabaláveis desde a UFMG. Obrigada por terem compartilhado comigo tantos momentos, tantos papos, textos, inquietações...

Agradeço aos amigos Letícia, Gabriel, Elton, Lenon, Izabel, Maru, Nicolas e Jéssica. Aprendi muito sobre Zoologia com vocês, mas também aprendi sobre solidariedade e companheirismo. Aos queridos Márcia Fernandes, Márcia Lourenço e Felipe Elias, equipe do Museu de Zoologia que me recebeu de braços e corações abertos.

Agradeço à Associação Brasileira de Gestão Cultural pela parceria. À professora Kátia de Marco, aos queridos Bruna Azevedo e Jean Migueis, aos amigos Jaqueline Santana que é um presentão que São Paulo me deu! Douglas Libório, Camila Djurovic e Luiza Giandalia. À Ana Paula Gianecchini pelas inúmeras vezes que me acolheu. Por toda nossa troca sincera e amorosa.

Agradeço, honro e respeito todos os caminhos e ventos ciganos que me trouxeram até aqui.

RESUMO

BARBOSA, Siele Cristine. **As revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950: “divulgar as ciências naturais e os resultados das pesquisas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance”**. 2023. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Museologia.

A partir da publicação de revistas pelo Museu Nacional entre os anos 1930 e 1950, tendo como foco a *Revista Uiára da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional (1937)* e a *Revista do Museu Nacional (1944 /1945)*, incorporando considerações sobre a *Revista Nacional de Educação (1932 / 1934)*. Consideramos que essas revistas nos contam sobre aspectos cotidianos do Museu Nacional e de suas práticas, refletindo a formação e manutenção de seus acervos, assim como a comunicação em museus. Práticas que se estabelecem no cotidiano do museu e que, ao longo da constituição da museologia enquanto área do conhecimento dão origem ao que chamamos na contemporaneidade, de práticas museológicas. A conservação e preservação de acervos, a documentação museológica e a comunicação, carregam aspectos importantes dessas práticas que se estabeleciam, no Brasil, sobretudo no Museu Nacional, como principal instituição científica desse período e foram comunicadas nas revistas. A partir de um olhar museológico sobre essas revistas, essa dissertação as considera também coleções de objetos museológicos que ajudam a contar parte da história do que é o Museu Nacional e, sobretudo, sua relevância para a história dos museus e da Museologia.

Palavras-chave: Museu Nacional; Revista Uiára da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional;

ABSTRACT

BARBOSA, Siele Cristine. **The Magazines published by the National Museum between 1932 and 1950**: "Disseminating natural sciences and the results of research, studies and explorations by all means available". Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Taking into account the journals of the Museu Nacional between the 1930s and 1950s, focusing on the Revista Uiára of the Sociedade dos Amigos do Museu Nacional (1937) and the Revista do Museu Nacional (1944/1945). Incorporating considerations about the Revista Nacional de Educação (1932/1934), this dissertation considers how these magazines tell us about everyday aspects of the National Museum and its practices, reflecting the constitution and maintenance of its collections, as well as communication by museums. These are practices that are established in the daily life of the museum and that, throughout the constitution of museology as an area of knowledge, gave rise to what we call nowadays museum practices. The conservation and preservation of collections, museological documentation and communication carry important aspects of these practices that were established in Brazil, especially in the Museu Nacional, as the main scientific institution of this period and were communicated in the magazines. From a museological point of view, this dissertation considers these magazines as collections of museum objects that help to tell part of the history of the National Museum and, above all, its relevance to the history of museums and Museology.

RESUMEN

BARBOSA, Siele Cristine. **Las revistas editadas por el Museo Nacional entre 1932 y 1950: "Difundir las Ciencias Naturales y los resultados de las investigaciones, estudios y exploraciones a todos los medios a su alcance"**. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A partir de la publicación de revistas del Museo Nacional entre las décadas de 1930 y 1950, centrándose en la Revista *Uiára da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional* (1937) y la *Revista do Museu Nacional* (1944/1945). Incorporando consideraciones sobre la *Revista Nacional de Educação* (1932 / 1934), se considera cómo estas revistas nos hablan de aspectos cotidianos del Museo Nacional y sus prácticas, reflejando la formación y mantenimiento de sus colecciones, así como la comunicación en los museos. Prácticas que se establecen en la cotidianidad del museo y que, a lo largo de la constitución de la museología como área de conocimiento, dan lugar a lo que llamamos en la contemporaneidad, prácticas museológicas. La conservación y preservación de las colecciones, la documentación museológica y la comunicación, llevan aspectos importantes de estas prácticas que se establecieron en Brasil, especialmente en el Museo Nacional, como la principal institución científica de ese período y fueron comunicadas en revistas. Desde una perspectiva museológica sobre estas revistas, esta disertación las considera también como colecciones de objetos museológicos que ayudan a contar parte de la historia de lo que es el Museo Nacional y, sobre todo, su relevancia para la historia de los museos y la Museología.

Palabras clave: Museo Nacional; Revista Uiára da Sociedade de Amigos de Museu Nacional; Revista do Museu Nacional; Revista Nacional de Educação, Museologia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ciência para todos, 02 de janeiro de 1949.....	26
Figura 2: Ciência para todos, 03 de março de 1949.....	27
Figura 3: O Paiz, 25 de agosto de 1910, p. 03.....	28
Figura 4: O Paiz, 09 de setembro de 1910, p. 03.....	28
Figura 5: <i>Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional</i> , 1937.	30
Figura 6: Primeira Diretoria da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.	31
Figura 7: Boletim de adesão de Bertha Lutz, à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.....	32
Figura 8: <i>Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional</i> , 1937.	33
Figura 9: Estatutos da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1937 (capa).....	34
Figura 10: Estatutos da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1960.....	35
Figura 11: Formalização da doação de terrenos e coleções à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1940.	36
Figura 12: <i>Revista Uiára, Vol. 1, ano 1, capa, outubro /dezembro 1937</i>	39
Figura 13: Jornal Diário de Notícias, 08 de agosto de 1937, p. 15, segunda seção. ...	41
Figura 14: Jornal Diário de Notícias, p. 4, 12 de janeiro de 1937, primeira seção.	44
Figura 15: <i>Revista Uiára</i> , p. 8, outubro /dezembro, 1937.	45
Figura 16: Museu Nacional, <i>Revista Uiára</i> , n. 1, p. 4, 1937.....	45
Figura 17: <i>Revista Uiára</i> , Vol. 1, ano 1, p. 02, outubro /dezembro 1937.	46
Figura 18: <i>Revista Uiára</i> , Vol. 1, ano 1, p. 02, outubro /dezembro 1937.	47
Figura 19: Ninho de <i>Stenteromata Macuata</i> , Fotografia. <i>Revista Uiára</i> , p. 10, 1937. ...	48
Figura 20: Ninho de <i>Idiops germaini</i> com a porta fechada	
Figura 21: Ninho de <i>Idiops germaini</i> com a porta aberta.....	48
Figura 22: Ninho de <i>Idiops germaini</i> cortado longitudinalmente. Fotografia. <i>Revista Uiára</i> , p. 13, 1937.	49
Figura 23: Casa histórica do Campinho, <i>Revista Uiára</i> , p. 15, 1937.	51
Figura 24: Detalhe da ilustração de Magalhães Correia na <i>Uiára</i> , p. 15, 1937.....	51
Figura 25: Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Campinho, Rio de Janeiro. Imagem reproduzida da página da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Facebook.	51
Figura 26: <i>Revista Nacional de Educação</i> , nº 16/17, p. 39, 1933.....	52
Figura 27: <i>Revista Nacional de Educação</i> , nº 13/14, p. 45, 1933.....	53
Figura 28: <i>Revista Nacional de Educação</i> , nº 15, p. 26, 1933.....	53
Figura 29: Correio da Manhã, 20 de maio de 1934.	54
Figura 30: Conjunto de imagens proposto por Paes Leme para explicar a diferença entre as montanhas brasileiras e os Andes e Alpes. <i>Revista Uiára</i> , p. 21, 1937.....	56
Figura 31: Conjunto de imagens proposto por Paes Leme para explicar a diferença entre as montanhas brasileiras e os Andes e Alpes. <i>Revista Uiára</i> , p. 21, 1937.	56
Figura 32: Caule da Goiabeira atacado pelas hervas de passarinho, <i>Revista Uiára</i> , p. 23, 1937).	58
Figura 33: Caule da Goiabeira atacado pelas hervas de passarinho, <i>Revista Uiára</i> , p. 23, 1937).	58
Figura 34: Fragmentos da Goiabeira atacada pelas hervas de passarinho, caule e folhas. <i>Revista Uiára</i> , p. 24, 1937).	59
Figura 35: Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial, 1922, vol 1.	60

Figura 36: Dom Quixote, 1920, edição 00172.....	61
Figura 37: O Imparcial, p. 7, 22 de setembro de 1923.	61
Figura 38: No canto esquerdo da fotografia, à porta da residência de uma senhora, a prensa dos tipitis. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 28.	62
Figura 39: Trecho do texto em que Raimundo Lopes narra a recolha de objetos para o acervo do Museu Nacional. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 28.....	63
Figura 40: Tipiti redondo, <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 29.	63
Figura 41: Tipiti alongado, <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 29.....	64
Figura 42: “O Bagrinho sem olhos e seu parente mais próximo” em duas vistas diferentes. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 30.....	65
Figura 43: “O Bagrinho sem olhos e seu parente mais próximo” em duas vistas diferentes. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 30.....	65
Figura 44: O bagrinho sem olhos em diferentes vistas. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 31 - 32.	65
Figura 45: O bagrinho sem olhos em diferentes vistas. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 31 - 32 66	66
Figura 46: O bagrinho do Iporanga, esboço ao natural. <i>Revista Uiára</i> , 1937, p. 32	66
Figura 47: Revista Kosmos, número 1, janeiro de 1907.....	66
Figura 48: Acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Fotografia da autora.	67
Figura 49: Diário de Notícias, 30 de maio de 1945.	68
Figura 50: Diário de Notícias 11 de junho de 1946, p. 08.....	68
Figura 51: Correio da Manhã, 3 de dezembro de 1939.....	71
Figura 52: “À noite”, 1947.	72
Figura 53: Diretrizes: Política, Economia, Cultura, 1939, edição 0014, p. 20.	74
Figura 54: Chácaras e Quintais, vol. 70, p. 333, 15 de setembro de 1944.	76
Figura 55: Chácaras e Quintais, vol. 70, p. 333, 15 de setembro de 1944.	76
Figura 56: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943.....	77
Figura 57: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943.....	78
Figura 58: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943.....	78
Figura 59: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1 e n. 2, agosto e dezembro de 1944, capa.	80
Figura 60: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1 e n. 2, agosto e dezembro de 1944, capa.	80
Figura 61: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3 e n.4, abril e agosto de 1945, capa.	80
Figura 62: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3 e n.4, abril e agosto de 1945, capa.	80
Figura 63: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, dezembro de 1945, capa.....	81
Figura 64: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, 1944, contracapa.	82
Figura 65: Sobre a seção de extensão cultural do Museu Nacional, <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, 1944, contracapa.....	83
Figura 66: Ciência para todos, 25 de janeiro de 1948.....	85
Figura 67: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 21, 1945.....	85
Figura 68: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 21, 1945.....	86
Figura 69: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 21, 1945.....	86
Figura 70: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 21, 1945.....	87
Figura 71: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 26, 1945.....	87
Figura 72: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 26, 1945.....	88
Figura 73: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 23, 1945.....	88

Figura 74: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 23, 1945.	89
Figura 75: Das estantes do Museu Nacional, uma das seções fixas da <i>Revista do Museu Nacional</i> . <i>Revista do Museu Nacional</i>	89
Figura 76: <i>Revista do Museu Nacional</i> , p.32, N 4, 1945.	90
Figura 77: Recomendação de leitura, <i>Revista do Museu Nacional</i> , N 4, p. 32, 1945 ..	90
Figura 78: <i>Revista do Museu Nacional</i> , N 3, p. 33, 1945.	91
Figura 79: <i>Revista do Museu Nacional</i> , N 3, p. 33, 1945.	91
Figura 80: <i>Revista do Museu Nacional</i> , N 5, p. 33, 1945.	91
Figura 81: <i>Revista do Museu Nacional</i> , N 5, p. 33, 1945.	92
Figura 82: Instruções para a organização de pequenos museus escolares. Uma das seções fixas da <i>Revista do Museu Nacional</i> . <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, 1945, p. 33.	94
Figura 83: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 33, 1945.	95
Figura 84: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 33, 1945.	96
Figura 85: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 23,.....	97
Figura 86: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 33.....	98
Figura 87: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 25.....	98
Figura 88: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 26.....	99
Figura 89: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 26.....	99
Figura 90: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 27.....	99
Figura 91: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 28.....	100
Figura 92: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 29.....	100
Figura 93: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 30.....	100
Figura 94: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 32.....	100
Figura 95: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 33.....	101
Figura 96: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 1, p. 31.....	101
Figura 97: Prancha com ilustração de Harpia, descrita por Lineu acompanhada do detalhe da assinatura do ilustrador. <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, 1944.....	103
Figura 98: Prancha com ilustração de Harpia, descrita por Lineu acompanhada do detalhe da assinatura do ilustrador. <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, 1944.....	103
Figura 99: Prancha com ilustração de capivaras, descritas por Lineu e ilustradas na <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, 1944.....	103
Figura 100: Detalhe que mostra a assinatura do artista que ilustrou a revista. <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, 1944.	104
Figura 101: “Índio Tapirapé na dança da maioria”. <i>Revista do Museu nacional</i> , N2, Prancha, 1945.	105
Figura 102: Uacari Branco, ilustração, <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, prancha, 1945.	106
Figura 103: Vamos Ler! Ed. 0385, sem página, 1943.	108
Figura 104: Vamos Ler! 16 de dezembro de 1943, p. 56.	109
Figura 105: Vamos Ler! 16 de dezembro de 1943, p. 59.	110
Figura 106: <i>Revista do Museu Nacional</i> , p. 10, 1945.....	111
Figura 107: <i>Revista do Museu Nacional</i> , p. 11, 1945.....	111
Figura 108: <i>Revista do Museu Nacional</i> , p. 11, 1945.....	112
Figura 109: Jornal O Paiz, p. 3, 25 de março de 1934.	113
Figura 110: Jornal O Paiz, p. 3, 06 de maio de 1934.	114
Figura 111: Diagramação da página 1 do primeiro número da <i>Revista do Museu Nacional</i> , dedicada a Roquette-Pinto.....	120
Figura 112: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 5, 1944.....	121
Figura 113: Concha pertencente ao acervo do Museu Nacional em fotografia publicada na <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 3, 1944.....	121

Figura 114: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 05, 1944.	122
Figura 115: <i>Revista do Museu Nacional</i> , Nº1, p. 9, 1944.	124
Figura 116: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 8, 1944.	124
Figura 117: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 8, 1944.	124
Figura 118: <i>Revista Nacional de Educação</i> , n. 11 / 12, 1938.	125
Figura 119: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 18, 1944.	126
Figura 120: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 19, 1944.	126
Figura 121: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 18, 1944.	126
Figura 122: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 1, p. 19, 1944.	126
Figura 123: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 14, 1944.	128
Figura 124: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 17, 1944.	129
Figura 125: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 18, 1944.	129
Figura 126: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 19, 1944.	130
Figura 127: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 23, 1944.	130
Figura 128: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 20, 1944.	131
Figura 129: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 21, 1944.	131
Figura 130: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 24, 1944.	132
Figura 131: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 2, p. 24, 1944.	132
Figura 132: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 04, 1945.	133
Figura 133: Relatório apresentado ao Ministério da agricultura, comércio e obras públicas e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro sobre a remoção do meteorito de Bendegó do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional. Imprensa Nacional, p. 79, 1888.	134
Figura 134: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 4, 1945.	135
Figura 135: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 4, 1945.	136
Figura 136: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 6, 1945.	136
Figura 137: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 5, 1945.	137
Figura 138: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 16, 1945.	139
Figura 139: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, 1945. Prancha de desenho colocada entre as páginas 16 e 17.	139
Figura 140: <i>Jornal Diário de Notícias</i> , p. 15, terceira seção, ed. 03821, 1938.	140
Figura 141: <i>Jornal Correio da Manhã</i> , 30 de novembro de 1940, p. 3, ed. 14134(1), 1940.	141
Figura 142: <i>Jornal Correio da Manhã</i> , 30 de novembro de 1940, p. 3, ed. 14134(1), 1940.	141
Figura 143: <i>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)</i> , n. 6, prancha n. 1, 1942.	142
Figura 144: <i>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)</i> , n. 6, 1942, p. 214.	143
Figura 145: <i>Jornal Diário de Notícias</i> , p. 15,16 de julho de 1938, terceira seção.	143
Figura 146: <i>Jornal Diário de Notícias</i> , <i>Jornal Diário de Notícias</i> , p. 15,16 de julho de 1938, terceira seção.	144
Figura 147: <i>Jornal Diário de Notícias</i> , 16 de julho de 1938, p. 15.	145
Figura 148: <i>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)</i> , n. 6, prancha n. 2, 1942.	145
Figura 149: <i>Jornal Diário de Notícias</i> , 16 de julho de 1938, p. 15.	146
Figura 150: <i>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)</i> , n. 6, prancha n. 2, 1942.	146
Figura 151: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 16, 1945.	147
Figura 152: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 16, 1945.	147
Figura 153: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 4, p. 20, 1945.	149

Figura 154: <i>Revista do Museu Nacional</i> , ano II, N 4, p. 17. Agosto de 1945.....	149
Figura 155: <i>Revista do Museu Nacional</i> , ano II, n. 4, p. 17, 1945.	150
Figura 156: <i>Revista do Museu Nacional</i> , ano II, n. 4, p. 19, 1945.	151
Figura 157: <i>Revista do Museu Nacional</i> , ano II, n. 4, p. 19, 1945.	151
Figura 158: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 01, 1945.....	152
Figura 159: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 1, 1945.....	152
Figura 160: <i>Revista Do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 2, 1945.....	153
Figura 161: <i>Revista Do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 2, 1945.....	153
Figura 162: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 1, 1945.....	154
Figura 163: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p. 2, 1945.....	155
Figura 164: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3. p. 3, 1945.....	155
Figura 165: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 3, p.3, 1945.....	156
Figura 166: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 1, 1945.....	157
Figura 167: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 1, 1945.....	157
Figura 168: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 1, 1945.....	158
Figura 169: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 4, 1945.....	159
Figura 170: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 2, 1945.....	159
Figura 171: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 2, 1945.....	160
Figura 172: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 3, 1945.....	160
Figura 173: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 3, 1945.....	160
Figura 174: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 4, 1945.....	161
Figura 175: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 4, 1945.....	161
Figura 176: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 6, 1945.....	162
Figura 177: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 6, 1945.....	162
Figura 178: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 6, 1945.....	163
Figura 179: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 29, 1945.....	163
Figura 180: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 29, 1945.....	164
Figura 181: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 31, 1945.....	164
Figura 182: <i>Revista do Museu Nacional</i> , n. 5, p. 9, 1945.....	165
Figura 183: <i>Ciência para todos</i> , p. 11, 31 de julho de 1949.....	166
Figura 184: <i>Ciência para todos</i> , 26 de fevereiro de 1950, p. 02.....	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	12
CAPÍTULO 1: MUSEUS E MUSEOLOGIA: PARA PENSAR A CONFORMAÇÃO DE UMA DISCIPLINA.....	16
1.1 MUSEUS E MUSEOLOGIA: PARA PENSAR O ESTUDO DAS REVISTAS	18
1.2 COMUNICAÇÃO EM MUSEUS E A PUBLICAÇÃO DAS REVISTAS: APROXIMAÇÕES COM A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA.....	21
CAPÍTULO 2: UIÁRA: REVISTA DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL.....	25
2.1 A SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL.....	26
2.1.2 UIÁRA REVISTA DA SOCIEDADE DE AMIGOS DO MUSEU NACIONAL: ANÁLISE	37
CAPÍTULO 3: A REVISTA DO MUSEU NACIONAL	67
3.1. AS CAPAS E A ORGANIZAÇÃO DA REVISTA DO MUSEU NACIONAL	79
3.2. AS PRANCHAS DE DESENHO: A IMPORTÂNCIA DE FALARMOS SOBRE OS DESENHISTAS DO MUSEU.	102
3.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DAS REVISTAS	167
CONCLUSÕES.....	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173
REVISTAS CONSULTADAS:	178
JORNAIS CONSULTADOS:	179

INTRODUÇÃO:

O Museu Nacional, reconhecido como uma das maiores instituições científicas do país, é também o museu mais antigo. Foi criado por decreto de 1818, no contexto da família imperial no Brasil, em que foram também criadas diversas outras instituições. A criação do então Museu Real, marca o início da trajetória dos museus no Brasil, e conforme diz Maria Margaret Lopes (2009, p.11), o Museu Nacional “foi por praticamente um século uma das poucas e a principal instituição brasileira dedicada primordialmente à História Natural”. A criação do Museu Nacional institucionaliza no Brasil uma tradição europeia de colecionismo, que é própria da história natural e que vai, ao longo de sua história contribuir para a sistematização de conhecimentos e de colecionismos diversos.

Na década de 1920, o Museu Nacional também dedica-se à educação e divulgação científicas, sobretudo a partir da Gestão de Edgard Roquette-Pinto (1926 - 1935) quando é criada a Seção de Assistência ao Ensino de História Natural (SAE), que pretendia, dentre outros aspectos, preparar o público para a visita ao museu. O primeiro serviço educativo criado no Brasil, articula-se com diversas outras iniciativas de divulgação do conhecimento científico e a publicação de revistas de divulgação científica, se inserem nesse contexto. Maria Margaret Lopes (2009) nos conta sobre os antecedentes da criação da Seção de Assistência ao Ensino (SAE), comentando que o Museu Nacional também inovaria nesses aspectos da educação elementar e divulgação científica, com a criação do seu serviço de atendimento às escolas - O Museu Escolar - cujos desdobramentos levariam à criação de seu serviço educativo na década de 1930¹.

Para além, é possível perceber a atenção que o museu despendia à divulgação científica já na década de 1920, mais de 10 anos antes da publicação da *Revista Nacional de Educação*. A criação da 5ª Seção, a Seção de Assistência ao Ensino de História Natural (SAE MN), no Museu Nacional é uma iniciativa de Edgard Roquette-Pinto, então diretor do museu, que vai de encontro a uma tendência dos Museus de Ciência e Tecnologia que naquele momento começavam a se preocupar com um amplo acesso de seu público às suas coleções e serviços².

Alinhadas às questões educativas, diversas iniciativas no sentido de popularização das atividades científicas começam a se desenvolver, para além da criação do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural, da publicação da *Revista Nacional de Educação*, da criação do Cinema Educativo, da Rádio Sociedade, entre outras. Essa diversidade de iniciativas que convergiam para a educação ganhou

¹ LOPES (2009).

² LOPES (2009).

forma entre as décadas de 1920 e 1930 no Museu Nacional (ARANHA, et al., 2008). A partir de redes de instituições e intelectuais, o museu articula diversas iniciativas de divulgação do conhecimento científico produzido, sobretudo, pelos sujeitos que desenvolviam seus trabalhos vinculados ao museu, como funcionários ou como membros de outras instituições. O próprio Roquette-Pinto circulava entre diversas instituições, como o Instituto Nacional de Cinema Educativo, o Museu Nacional, a Sociedade Brasileira de Ciências, entre outros (LIMA e SÁ, 2008)

Esta dissertação, nasce com o intuito de investigar parte da história do museu e consequentemente da Museologia no Brasil, e desta forma, apresenta aspectos da comunicação empreendida pelo Museu Nacional entre os anos 1930 e 1950, considerada a partir da publicação das Revistas: a *Uiara Revista da Sociedade dos amigos do Museu Nacional (1937)* e a *Revista do Museu Nacional (1944 - 1945)*, tratando também aspectos da *Revista Nacional de Educação (1932 - 1934)*, já mais estudada, embora não na perspectiva museológica que buscamos nessa dissertação. Estas publicações encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca Digital do Museu Nacional³, listadas entre suas Publicações Seriadas.

As Revistas são nosso ponto de partida para compreendermos por que interessa ao Museu Nacional, a publicação de aspectos das atividades cotidianas do museu, que refletem o tratamento dado as suas coleções no período, com isso delimitamos nosso objeto de pesquisa. Compreendemos que este é um olhar pouco dedicado às revistas e compreendemos como sendo importante que este olhar esteja agora imbuído das experiências de formação do museólogo, apoiado em perspectivas museológicas.

Nossa análise parte dos pontos mais comumente abordados, sobretudo em relação à *Revista Nacional de Educação*, já analisada por diversos autores especialmente a partir da educação e da divulgação científica (DUARTE, 2004, 2010; SILLY, 2012; WANICK, 2018). Passamos por este olhar porque entendemos que não é possível escrevermos sobre estas revistas sem observar os aspectos educativos e de divulgação do conhecimento que elas carregam, porém nosso objetivo maior é evidenciar as questões museológicas de nosso interesse e, sobretudo, para dizer que, o campo de análise das revistas pode ser alargado partindo de olhar ainda pouco explorado pela museologia. E por outro lado a Museologia pode alargar seu campo de estudos, considerando também as revistas como objetos de coleções.

³ <http://www.museunacional.ufrj.br/obrasraras/periodicos%20%202.html> Acesso em: 16/03/2022.

Desta forma, partimos da aproximação entre a publicação das revistas e a comunicação em museus com a comunicação museológica, porque assumimos que essas publicações compõem em conjunto, diversas estratégias de comunicação das atividades desenvolvidas pelo museu durante o período estudado, iniciativas estas, que, anteriormente à constituição da Museologia como campo de estudos atual no país, estavam na origem das práticas museológicas como um todo. Trazemos para a discussão questões conceituais que envolvem colecionismo, sobretudo no Brasil, para falarmos sobre a importância da constituição desses acervos, tratando especificamente do Museu Nacional.

Buscamos ainda, nos referenciar na produção que discute a constituição da museologia como campo do conhecimento e em autores que tratam sobre cadeia operatória da museologia, porque compreendemos que, embora esses termos tenham sido cunhados após o surgimento da Museologia como área do conhecimento, as práticas que se estabeleceram nos museus são importantes para a história dos museus e da museologia, sobretudo porque, trata-se de um período em que o termo museologia já começava a ser usado na Revista do Museu Nacional.

Entre os anos 1940 e 1950 o Museu foi temporariamente fechado à visitação pública, para que seu prédio passasse por reforma. É importante inserirmos a publicação das revistas neste contexto de importantes mudanças institucionais e estruturais para que possamos compreender a importância dessas revistas para o Museu Nacional e, sobretudo, explorar em diversos aspectos a sua publicação.

Os capítulos 2 e 3 dessa dissertação tratam os conteúdos das revistas estudadas, a partir do olhar da museologia, que considera tanto a cadeia operatória dos processos museológicos refletida nessas publicações, como a intencionalidade do Museu Nacional em publicar esses conteúdos e do qual trataremos adiante. Dessa forma, compreendemos que é importante que as discussões teóricas que sustentam a dissertação estejam localizadas principalmente no primeiro capítulo quando mobilizamos conceitos da museologia contemporânea, mas não somente, para que possamos desenhar uma das possibilidades de análise para o conteúdo das revistas. Trataremos da Museologia, aqui identificada pela história da Museologia e das práticas museológicas, além das discussões acerca da comunicação museológica e da divulgação científica, justificando-se pela inserção dessas revistas como estratégias de comunicação museal.

Assim nos capítulos 2 e 3 consideramos as *Revistas Nacional de Educação, Uira* e *Revista do Museu Nacional* a partir das práticas do museu que foram publicadas

nas revistas, evidenciando um universo de possibilidades de análise das publicações, e com foco nas práticas que eram publicadas nas revistas porque elas tratam da história das práticas científicas e museológicas. Há sobretudo um esforço para mapear a história das práticas que se constituíram no Museu Nacional e que, enquanto aconteciam, foram sendo publicadas e divulgadas para seu público. Nesses capítulos, as revistas são o fio condutor para abordarmos o Museu Nacional e seu cotidiano de trabalho e pesquisas em desenvolvimento, os sujeitos que ocupavam a instituição, para que a partir disso, compreender com qual objetivo o Museu Nacional se utilizava da publicação das Revistas como uma estratégia de comunicação de suas práticas, seu acervo, suas pesquisas. Segundo e terceiro capítulo se sustentam nas notícias publicadas em jornais que circularam no Rio de Janeiro no período, sobretudo no Diário do Rio de Janeiro. Este cruzamento de fontes é importante para que tenhamos uma contextualização mais abrangente do período estudado, que está apoiada em situações reais e contemporâneas às Revistas, publicadas nos jornais.

Desta forma, nossos procedimentos metodológicos perpassam a seleção das revistas a serem estudadas e posteriormente recorte e seleção de artigos que constam neste texto, a seleção e recorte de jornais que circularam durante o período estudado, além de outras fontes como imagens e documentação relativa ao Museu Nacional. O cruzamento dessas fontes compõe o segundo e terceiro capítulos, a partir do exercício da museografia⁴, trabalho prático da museologia.

O segundo capítulo trata especificamente sobre a *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional* com todos os seus artigos e um enfoque nos artigos que nos ajudam a perceber a presença das práticas museológicas na Revista. A *Revista Uiára* circulou em apenas um número, é importante que tenhamos o máximo de informações a seu respeito, para relacionarmos com os próximos números que a sucedem, da *Revista do Museu Nacional*.

O terceiro capítulo tratará especificamente sobre a *Revista do Museu Nacional*, neste capítulo, sobretudo, vamos explorar essa revista a partir das práticas do museu que foram publicadas na Revista, evidenciando um universo de possibilidades de análise das publicações, e com foco nas práticas científicas e museológicas que eram publicadas na revista, pois elas nos ajudam a contar a história dessas práticas.

As considerações sobre a publicação das Revistas antecedem as considerações finais, como um ensaio, para refletirmos sobre questões inerentes ao trabalho prático de análise das Revistas.

⁴ DESVALLÉS; MAIRESSE (2013).

Em seguida, as considerações finais retomam cada capítulo, apontando para as possibilidades de expansão do olhar a partir de todo o conteúdo apresentado ao longo desta dissertação, sendo possível discutirmos possibilidades de continuidade para a pesquisa.

CAPÍTULO 1: MUSEUS E MUSEOLOGIA: PARA PENSAR A CONFORMAÇÃO DE UMA DISCIPLINA

A conformação da Museologia como campo de conhecimento é uma importante questão a ser levantada nos trabalhos acadêmicos que tratam o tema Museologia, a partir de um histórico de produções recentes. Contudo, não é objetivo desta dissertação, que façamos uma revisão bibliográfica sobre a constituição da museologia enquanto campo / disciplina. Há na área da museologia grandes contribuições a respeito deste tema, o que nos oportuniza pensar a Museologia a partir do nosso objeto de estudo, uma vez que esta é a principal intenção de contribuição desta dissertação.

Alguns autores debruçaram suas escritas neste tema, como é o caso de Suely Cerávolo (2004), ao se dedicar à trajetória do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), propõe uma discussão acerca de um movimento que parte de meados dos anos 1980, segundo a autora, facilitada pela criação do ICOFOM em 1977 e sua ligação com a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO), para explicar esse contexto em que a museologia começa a ser debatida como campo disciplinar. A partir dessas discussões facilitadas pelo Comitê Internacional de Museus (ICOFOM), é que começou a se discutir se a museologia correspondia às práticas desenvolvidas dentro dos museus ou se este termo também abarcava a teorização dessas práticas ou a conformação de uma disciplina. As contribuições do ICOFOM, suas programações tiveram um importante papel na articulação de debates, que orientaram o que a autora define como pensamento museológico:

Os programas trienais formavam a rota traçada para organizar as atividades do comitê indicando temas previamente escolhidos por assuntos de interesse – o que nos diz que os debates partiam de pontos determinados –, como também arquitetavam e dinamizavam, na visão de Sofka, a esperada estrutura científica. Nessa estrutura, pretendia-se cuidar de aspectos teóricos e metodológicos, tendo em vista o objeto de estudo da Museologia e aspectos práticos, com vários focos: as atividades dos museus, as suas funções na sociedade, as tendências e novidades, o papel do profissional de museu em crise de identidade pela participação cada vez maior de profissionais com as mais diversas formações, etc. (CERÁVOLO, 2004, p. 241).

A autora retoma, em ordem cronológica, diversos autores da museologia, em busca de reunir ali, as contribuições e participações de cada um nesse momento de

reflexão sobre assumir a Museologia como disciplina ou não. A partir disso, ela descreve detalhadamente todo o contexto em que essas discussões ocorrem e qual a participação de cada autor, como esses autores estavam ligados ao ICOFOM, quem era contra ou a favor que a museologia adquirisse esse status de campo do conhecimento científico. A explanação de Suely Cerávolo (2004) amplia as entrelinhas dessas discussões sobre a museologia, nos fazendo perceber como esses atores se articulavam, a fim de defender ou não a constituição da museologia como campo de estudo.

Outro aspecto importante para a construção do nosso referencial teórico e que Suely Cerávolo (2004) explora é sobre os usos do termo museologia, em que argumenta sobre os registros de seu uso anterior à consolidação da disciplina Museologia, como segue:

A Museologia como conjunto de princípios, afluído no decorrer dos anos 1980, passou a ser sistematizada a partir da reunião de pessoas interessadas em discuti-la, situação essa facilitada ou mesmo possibilitada pela implantação do Icofom, uma iniciativa do tcheco Jan Jelinek. No entanto, isso não significa que a palavra museologia não fosse empregada antes desse, o que muda são os significados com que passa a ser revestida. O generalíssimo sentido de algo condizente a museus ou montagem de exposições foi sendo revisto pelas discussões promovidas pelo comitê, demonstrando que, ao contrário do que se poderia imaginar, a palavra atrela essa ou outras possibilidades de significação. (CERÁVOLO, 2004, P. 238)

Compreendemos a construção de conceitos como um processo histórico, desse modo, falamos a partir de um momento específico em que a museologia não existia ainda como campo do conhecimento, (embora a Revista do Museu Nacional, já publicava o termo museologia). Ao dizer sobre as diversas possibilidades de significado do uso do termo, a autora também reconhece que o uso do termo museologia não está necessariamente atrelado à consolidação da disciplina. A partir disso, utilizamos o conceito da forma que conhecemos na contemporaneidade para analisar nosso objeto de estudo. Isso também acontece com outros conceitos como comunicação museológica e comunicação em museus.

Grupos de estudos teriam sido formados, tendo o museu como objeto de estudo e a Museologia como uma disciplina, no entanto, o foco destes estudos teria se deslocado de um estudo dos museus para uma teoria das relações estabelecidas dentro do museu. (Cerávolo, 2004, p. 240) Para tanto, a autora mobiliza uma série de outros autores, como Ana Gregorová, Stransky, Peter Van Mensch e Waldisa Rússio para nos dizer sobre a participação desses autores nessas discussões:

Havia os “a favor” de uma Museologia-museu instituição – a dimensão mais tangível, material, dotada de presença social – e os que se colocavam “contra”, procurando escapar da referência física, o museu

edificação. Estes imaginaram que ela se encontrava para além das atividades diárias no trato com as coleções ou com montagem de exposições. Chegaram a uma Museologia-patrimônio, ampla, extensa, abarcando o mundo e saindo das paredes que parecem lhe confinar. Contra ou a favor, a validade da instituição não foi posta em dúvida, e as opiniões, mesmo que contrárias, visavam a um único objetivo: prover, com uma forma determinada de pensamento chamada de teoria, aqueles que trabalhavam nos museus ou que ministravam e estudavam nos cursos universitários. (CERÁVOLO, 2004, p. 245)

Desses debates, saíram diversos documentos que nos ajudam a refazer este percurso e que nos contam como a museologia foi aos poucos se conformando como área do conhecimento. Nesses ambientes complexos de debates entendemos que, o que hoje é caracterizado como comunicação museológica, se constitui em um referencial importante para pensarmos as revistas como estratégias de comunicação do Museu Nacional à época.

1.1 MUSEUS E MUSEOLOGIA: PARA PENSAR O ESTUDO DAS REVISTAS

As Revistas publicadas pelo Museu Nacional entre os anos 1930 e 1950, nos ajudam a pensar sobre a historicidade das práticas que se estabeleceram nos museus ao longo dos anos. Dessa forma, essas práticas nos ajudam a contar a história dos museus, sobretudo de museus de ciência. Desta forma, mobilizamos um arcabouço teórico que dialoga com as práticas que estavam expostas nas revistas, uma vez que, essas práticas originam o que mais tarde, após se estabelecer como uma disciplina, a museologia vai inserir no seu campo teórico metodológico.

Esta abordagem nos orienta a pensar as demais ações de comunicação que ocorreram no Museu no período estudado, inseridas e interligadas com as demais ações e atividades práticas da museologia, que se inserem, desde os procedimentos de salvaguarda e comunicação e refletem na missão social e na pedagogia museológica. (BRUNO, 2020).

Maria Cristina Oliveira Bruno (2020) compreende como cadeia operatória da museologia, um conjunto de:

...procedimentos sistemáticos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), que exigem explícita reciprocidade com a natureza tipológica construída pelo fato museal e suas especificidades de pesquisa e gestão. (BRUNO, 2020, p. 23).

Desta forma, a cadeia operatória está interligada em todos os seus procedimentos e precisa encontrar reciprocidade no fato museal. A partir desta abordagem é possível compreender como todas essas ações de comunicação realizadas pelo Museu Nacional, onde incluímos a publicação das Revistas, podem também ser analisadas dentro da cadeia operatória da museologia. Bruno (2020) diz:

A consolidação do que delimitamos como fato museal pode ser identificada quando verificamos as facetas de um “fenômeno museológico”, um museu reconhecido como tal ou um processo museológico em franco desenvolvimento. Sob essa perspectiva, a construção desse fenômeno depende de procedimentos sistemáticos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), que exigem explícita reciprocidade com a natureza tipológica construída pelo fato museal e suas especificidades de pesquisa e gestão. (BRUNO, 2020, p. 23)

A construção do fenômeno museológico ou de um processo museológico em curso depende que os procedimentos de salvaguarda e comunicação sejam sistemáticos e estejam em reciprocidade com as especificidades de pesquisa e gestão. Nesse sentido, não podemos descolar as estratégias de divulgação do conhecimento científico empreendidas pelo museu dos seus processos constantes de salvaguarda e de outras formas de comunicação. O exercício de inserir esta pesquisa entre as inúmeras possibilidades e abordagens teóricas da museologia, requer compreender que todas as etapas que compõem a cadeia operatória podem estar interligadas. Bruno (2008) diz que um dos pontos em que há convergências entre os conceitos estudados na academia e as práticas e experimentações museológicas é

A identificação da natureza dos procedimentos técnico-científicos, vocacionados para o tratamento e a extroversão dos bens patrimoniais que, uma vez articulados em uma cadeia operatória, conciliam as principais responsabilidades dos museus contemporâneos, no que se refere à salvaguarda e à comunicação. (BRUNO, 2008, p.12)

A citação acima demonstra que há uma preocupação em fazer com que a Museologia esteja presente enquanto disciplina que orienta as práticas museológicas dentro do museu e que o profissional formado nessa base teórica perceba a importância de tratar os processos museológicos como em um ciclo dentro da cadeia operatória da Museologia.

Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (1994), ao discutir as problemáticas intrínsecas ao Museu Histórico, entende como curadoria todas as ações pertinentes ao tratamento do acervo do museu, entende que é função do museu coletar, preservar, classificar, estudar, expor e publicar seus objetos e que o museu é um espaço organizado para cumprir todas essas funções, dentro do escopo da curadoria de objetos. Ao enumerar todas as etapas do tratamento de uma coleção, o autor insere essas etapas no escopo da curadoria⁵. Enquanto Bruno (2008) coloca a curadoria de coleções dentro da cadeia operatória.

⁵ Para uma discussão atual sobre a complexidade da análise dos conceitos de curadoria, em diversas disciplinas ver *Anais do Museu Paulista: História e cultura material* v. 29 (2021)

Diante desses entendimentos sobre curadoria e cadeia operatória, pretende-se tratar o conteúdo apresentado pelas revistas a partir do que Bruno (2008) identifica em etapas, como a seguir: 1 - Identificação da musealidade⁶, quando a sociedade percebe determinado objeto como um potencial objeto musealizado, nesta etapa há uma atribuição de valor ao objeto que passa ser passível de compor o acervo de um museu, quando o valor atribuído ao objeto, exemplar que é testemunho da realidade. 2 - aprimoramento da percepção coletiva, nesta etapa são formadas as coleções de museus, quando aqueles objetos que passam pela primeira etapa deixam de ser objetos soltos no acervo do museu e passam a compor as coleções; 3 - Tratamento dos bens selecionados: Na etapa de tratamento dos bens selecionados, acontecem todas as etapas de tratamento, como higienização e documentação dos acervos; 4 - valorização dos bens patrimoniais é quando os bens patrimoniais são expostos ao público, valorizados como parte da coleção de um museu. Esta etapa perpassa a construção de uma herança cultural coletiva.

A principal diferença proposta por Bruno (2008) em relação a Meneses (1994) é que Maria Cristina Oliveira Bruno inclui nesta cadeia operatória de salvaguarda e comunicação, conceitos que chamamos de fato museal e pedagogia museológica⁷, trabalhados adiante:

As informações contidas nas Revistas analisadas explicitam o que Waldisa Rússio Guarnieri chama de fato museal ou a relação entre homem, objeto e natureza em um espaço institucionalizado (GUARNIERI, 1981, p. 123). As práticas descritas na publicação implicam o fato museológico e são parte do processo de integração dos objetos no museu. Guarnieri (1981) diz ainda:

O objeto “em si” exige uma identificação, uma classificação dentro de um sistema, uma integração dentro de uma espécie, gênero ou família; ele supõe uma conservação, um conhecimento de sua composição (química, física, etc.), as condições climáticas aptas a prolongar sua “existência”. Ele é testemunho do homem e depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado. (RÚSSIO, 1981, p. 124).

Bruno (2020) diz que em sua razão de ser, a museologia é integrada a sistemas de organização, a partir de suas próprias metodologias que resultam das relações entre o fato museal, o fenômeno museológico e o processo, tudo isso ancorado na cadeia operatória da Museologia, onde estão inseridas todas as etapas desde a identificação da musealidade, onde são identificados os objetos passíveis de musealização,

⁶ DESVALLÉES; MAIRESSE (2013).

⁷ Ver GUARNIERI, Waldisa Rússio. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/publicacoes-do-sisem-sp/> Acesso em 20 jul 2021.

passando pelo aprimoramento do olhar ou a formação de coleções, pelo tratamento dos bens selecionados e pelas ações de comunicação.

A Museologia, em sua essencial razão de ser, pode ser compreendida como integrada a esses sistemas dinâmicos de organização e administração dos indicadores de memórias, a partir de metodologias próprias resultantes das reciprocidades entre fato, fenômeno e processo museológicos que, por sua vez, são ancoradas na cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação e encontram eco na missão social da pedagogia museológica, repercutindo os impactos entre preservação e desenvolvimento. (BRUNO, 2020, p. 20)

Esses processos museológicos podem ser analisados separadamente ou em conjunto, como em uma cadeia operatória. É importante que tenhamos um olhar sensível para estas revistas para identificar nelas aspectos que são muito caros à história do Museu Nacional, da Museologia, e da ciência. As Revistas são documentos históricos e carregam uma série de informações acerca do funcionamento do Museu Nacional. Existe uma infinidade de possibilidades a serem exploradas quando se trata dessas revistas, no entanto, partimos de um recorte baseado especialmente na divulgação das práticas museológicas presentes nas Revistas.

As Revistas publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1945 são espaço de extroversão do acervo e facilitam a comunicação com o público, aproximando-o da realidade do Museu e das suas práticas. Facilitar a comunicação com o público é também uma forma de o inserir no contexto do museu, levar a noção de pertencimento e, sobretudo, domínio mínimo dessas práticas, algo que, especialmente durante a circulação da *Revista do Museu Nacional* (1944 - 1945) era algo relevante para o Museu, pois foi um período em que o Museu Nacional estava fechado para reforma. Desta forma, a revista também era uma possibilidade de demonstração do trabalho executado em um período em que estava de portas fechadas, mas as pessoas continuavam trabalhando no intuito de reabrir o Museu a seu público.

1.2 COMUNICAÇÃO EM MUSEUS E A PUBLICAÇÃO DAS REVISTAS: APROXIMAÇÕES COM A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

As revistas e as estratégias de comunicação que aconteceram no Museu Nacional no período estudado têm aproximações possíveis com a comunicação museológica que nasce a partir da compreensão da museologia como campo do conhecimento, embora já se fizesse nas revistas a comunicação em museus, que antecede a museologia enquanto disciplina. Assumimos o desafio de promover aproximações entre a comunicação em museus e a comunicação museológica, porque acreditamos que essas aproximações desenham em certa medida a história dos

museus e atravessam as discussões sobre a disciplina Museologia.

Marília Xavier Cury (2005) amplia a percepção sobre a comunicação em museus, quando afirma que diversas possibilidades de extroversão do conhecimento produzido pelo museu se inserem no âmbito da comunicação museológica, no sentido literal do termo, a comunicação museológica diz respeito à comunicação do conhecimento produzido no contexto da exposição. Outra abordagem proposta pela autora parte do sistema de comunicação museológica, que abarca um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos, desde infraestrutura, tecnologias e recursos diversos que envolvem as exposições e ações educativas para onde converge a comunicação museológica.

Para o Comitê Internacional de Museus (ICOM) a comunicação em museus está associada à apresentação dos resultados da pesquisa efetuada no espaço do museu e como acesso à informação contida nos objetos e nas publicações:

No contexto dos museus, a comunicação aparece simultaneamente como a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e como o acesso aos objetos que compõem as coleções (exposições de longa duração e informações associadas). Esta perspectiva vê a exposição não apenas como parte integrante do processo de pesquisa, mas, também, como elemento de um sistema de comunicação mais geral, compreendendo, por exemplo, as publicações científicas. (DESVALLÉES; MAIRESSE; 2013 p. 35)

Retornamos para as revistas e, para a comunicação museológica. Compreendemos que, a publicação das Revistas assim como as atividades de Divulgação Científica estão inseridas no contexto da comunicação museológica e são estratégias que o museu articula para comunicar suas atividades e seus acervos, através das revistas, também é parte de um universo maior, que envolve a comunicação de sua exposição mesmo quando fechada, mas também de seus laboratórios, entre outros, fato que engloba as mais diversas estratégias de comunicação empreendidas dentro do Museu Nacional e que juntos constituem a comunicação em museus. Portanto, é fundamental que possamos refletir sobre o que é e como acontece a divulgação científica, sobretudo em museus, para que possamos entender como essas atividades de divulgação do conhecimento científico se integram à comunicação nos museus.

Autores que tratam a Divulgação Científica em geral não consideraram essas atividades no âmbito dos processos museológicos como abordaremos aqui. No entanto Mendes por exemplo, ressalta a importância da Divulgação Científica na busca pela legitimação da ciência pela sociedade, um dos objetivos constantemente buscados pelo Museu Nacional ao longo de sua trajetória:

... o processo de institucionalização e profissionalização da ciência encontrou na Divulgação Científica um importante aliado na busca pela legitimação da ciência junto à sociedade. Desta forma, cientistas e instituições científicas manifestaram a preocupação em definir sua atividade, diretamente, à sociedade a partir da divulgação científica (MENDES, 2006, p. 15)

Partimos então, para uma abordagem histórica sobre divulgação científica no Brasil, que conforme ARANHA, et al (2008, p. 248), “*apresentou fases distintas, com finalidades, motivações e características que refletem os interesses da época.*” O anseio por investigar diversas formas de fazer a ciência chegar a um grande número de pessoas, passa também pelos museus, sabendo disso, vamos tecendo uma rede de várias possibilidades para a divulgação científica, que perpassa especialmente publicação de revistas de Divulgação Científica pelo Museu Nacional entre 1932 e 1945. O processo de institucionalização da ciência no Brasil é nosso plano de fundo nessa discussão.

Compreende-se, aliás, perfeitamente o grande interesse dos cientistas e das instituições de pesquisa pelo trabalho da divulgação. É que a ciência, seja amparada diretamente pelos governos, seja patrocinada por entidades particulares, depende em última análise do apoio do público para sua manutenção, e tanto mais quanto mais dependente se torna ela de apurados meios de trabalho e caras instalações. Ora, aquele apoio só pode ser sinceramente dado quando haja, da parte do doador, profunda compreensão do valor da pesquisa científica; de outro modo seria ele precário, sujeito mais ao capricho ou à vaidade dos doadores do que à sua determinação de efetivamente servir à comunidade. (REIS, 1954, p. 16)

É importante localizar o Museu Nacional nesse cenário, por isso, partimos para uma citação do Divulgador Científico José Reis⁸ que aponta justamente para as possibilidades pelas quais as instituições se interessaram pela Divulgação Científica como forma de legitimação pública de suas ações e reconhecimento governamental. O Museu Nacional ainda aparecerá nessa discussão em diversos momentos, por isso é importante, partirmos algumas definições:

Luísa Massarani (1998), já buscava algumas aproximações entre os conceitos de Divulgação Científica e Comunicação Pública das Ciências em torno do termo Divulgação Científica, a autora diz que “*divulgação é o envio de mensagens elaboradas mediante a transcodificação de linguagens, transformando-as em linguagens acessíveis, para a totalidade do universo receptor.*” (MASSARANI, 1998, p. 18). Se de um lado a autora resolve utilizar o termo divulgação científica por ser um termo já comumente utilizado no Brasil (MASSARANI, 1998), e desde então, em evidência, por

⁸ Divulgador científico brasileiro com importante contribuição para o campo, reconhecido inclusive com um prêmio que carrega seu nome pelo CNPQ. Mais informações disponíveis em: <http://josereis.coc.fiocruz.br/> Acesso em: 12/04/2021.

outro, ela nos fala sobre o termo Comunicação Pública da Ciência, a partir de uma citação de Fayard (1988):

O conceito de comunicação pública em ciência abrange mais largamente o conjunto dos fenômenos que nos interessam. Ele engloba a soma das atividades que possuem conteúdos científicos vulgarizados e destinados ao público de não especialistas em situação não cativa. Esta definição exclui de seu campo a comunicação disciplinar entre especialistas e o ensino. (FAYARD, 1988, apud: MASSARANI, 1998, p. 17)

É importante para nossas discussões lembrar que esses processos de comunicação são diversos e podem assumir inúmeros formatos. E no caso específico dos Museus como bem colocam Marília Xavier Cury e o ICOM englobam e ampliam a compreensão sobre a abrangência dos processos de comunicação museológica não só das exposições, evidentemente mais visíveis, mas também de outras formas de divulgação dos trabalhos dos museus.

Fizemos algumas referências aos conceitos de comunicação museológica, divulgação científica e comunicação pública da ciência para compreendermos que, embora esses conceitos na prática se aproximem, e eles podem orientar nossas considerações sobre a comunicação em museus que aconteceu na prática dos anos 1930 /1950, no Museu Nacional, por mais diversos que tenham sido seus formatos. Mas temos claro que se tratam de conceituações que foram sendo teorizadas com o passar dos anos e evidentemente na época, não eram empregadas, como comunicação museológica ou se apoiavam em diferentes visões, como a divulgação científica.

Retornando às revistas, como a *Revista Nacional de Educação* já tem recebido a atenção de alguns autores, como já mencionamos (Duarte, 2004, 2010; Silly, 2012; Wanick, 2018) e no campo da Divulgação Científica, será menos explorada nesta pesquisa, embora também seja considerada a partir de um olhar museológico. As Revistas *Uiára Revista da Sociedade dos amigos do Museu Nacional* e *Revista do Museu Nacional* não receberam ainda maiores atenções sobre sua importância nos processos de comunicação em museus. Importante destacar ainda que as duas publicações extrapolam a comunicação das pesquisas científicas do Museu, para se relacionar a todos os processos de comunicação que ocorreram no Museu Nacional neste período em que circularam.

Há ainda que se considerar que as exposições não estavam abertas ao público, no período de publicação da *Revista do Museu Nacional entre 1944 e 1945* então as Revistas, são também uma forma de fazer o público conhecer o museu, os acervos e até mesmo ter indicações de como circular pelo prédio.

A seguir no capítulo 2 analisa a *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, em sua totalidade e analisa a presença das práticas museológicas na

revista, a partir do referencial teórico da Museologia.

CAPÍTULO 2: UIÁRA: REVISTA DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL

O Museu Nacional é um Instituto científico destinado a: 1 - Coligir, classificar e conservar material de história natural, especialmente do Brasil, expondo ao público as coleções convenientemente escolhidas. 2 - Realizar pesquisas científicas de laboratório e explorações naturalistas. 3 - Ensinar a História natural. 4 - Divulgar as ciências naturais e os resultados das pesquisas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance; publicações (Arquivos, Boletim, Guias, Tratados, Quadros), fotografias, diapositivos, filmes científicos e radiotransmissão de conferências. (REVISTA UIÁRA, 1937, contracapa.)

Iniciamos nossa análise da *Uiára*, a partir do texto acima, uma vez que este capítulo trata especialmente do tratamento dessas etapas na Revista, analisadas a partir de uma concepção recente que são as etapas da cadeia operatória da museologia. A partir disso, relacionamos os termos coligir, classificar, conservar e expor, termos presentes na citação acima, com as etapas da cadeia operatória dos processos museológicos. A presença desses termos é uma evidência de que eram termos já utilizados pelos profissionais do Museu Nacional e a forma com que são apresentados remete a uma possível descrição dos processos em etapas.

Desta forma, aproximar esses processos já descritos na contracapa da revista, com as imagens e textos selecionados, é uma forma de estudá-los a partir do olhar da Museologia, evidenciando essas práticas que fazem parte da história da constituição dos museus no Brasil.

A seguir, falaremos sobre a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, sobre Alberto Betim Paes, Leme Diretor do Museu Nacional à época da publicação da Revista, sobre Guilherme Guinle, principal mantenedor da Sociedade dos Amigos do Museu.

Não se trata de passar pela trajetória de todos os autores presentes na Revista, mas a partir da trajetória de alguns dos sujeitos que compõem as Revistas, compreender como atuaram e em qual contexto os textos publicados foram produzidos e comunicados ao leitor. Ao mesmo tempo, entendemos que esta é uma contribuição importante porque destacamos algumas personalidades ainda pouco exploradas pelos estudos em Museologia.

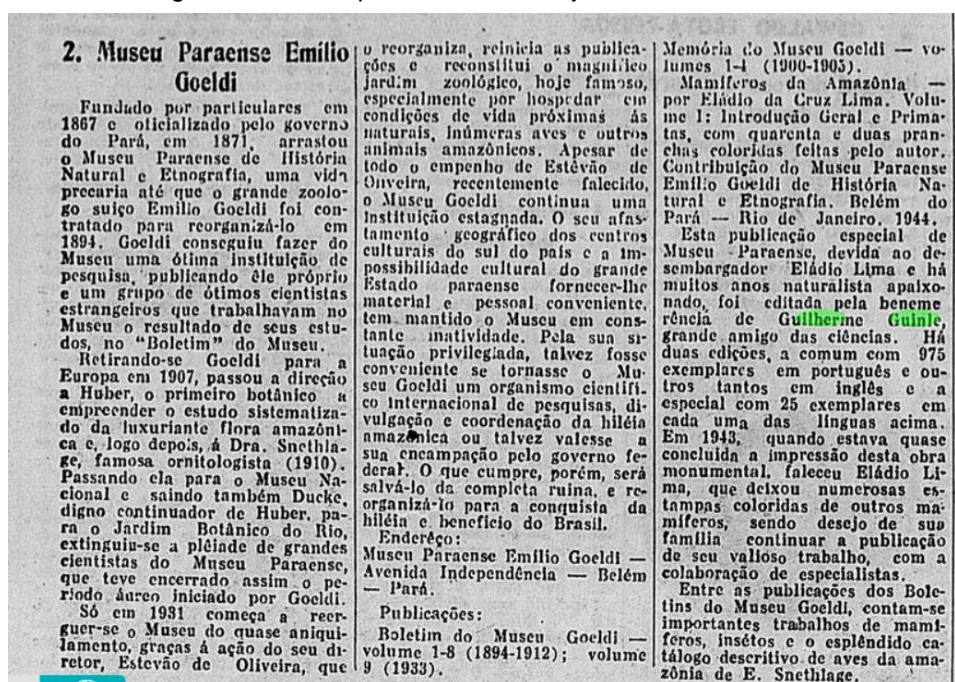
2.1 A SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL

A Sociedade dos Amigos do Museu Nacional é a primeira associação de amigos que se tem registro nos Museus do Brasil⁹. É responsável pela publicação da *Uiára Revista da Sociedade dos amigos do Museu Nacional*, em um momento de crises institucionais onde o Museu Nacional se via submetido à possibilidade de se integrar à Universidade do Brasil, sendo natural que fosse buscar algum financiamento. Mencionamos um dos mais conhecidos apoiadores da *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, porque sua trajetória nos ajuda a compreender a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.

Guilherme Guinle, presidente da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, era um empresário que herdou da família a gestão das Docas de Santos e outros negócios da família, como bancos, etc. Desde os anos 1920 Guinle atuava no patrocínio da construção de hospitais, era reconhecidamente um incentivador das ciências tendo financiado a partir da Casa de Osvaldo Cruz, a construção de diversos laboratórios¹⁰.

Guilherme Guinle também ficou conhecido por apoiar revistas diversas, como é o caso do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* e a *Revista Brasileira de Biologia*, como podemos ver abaixo:

Figura 1: Ciência para todos, 02 de janeiro de 1949.

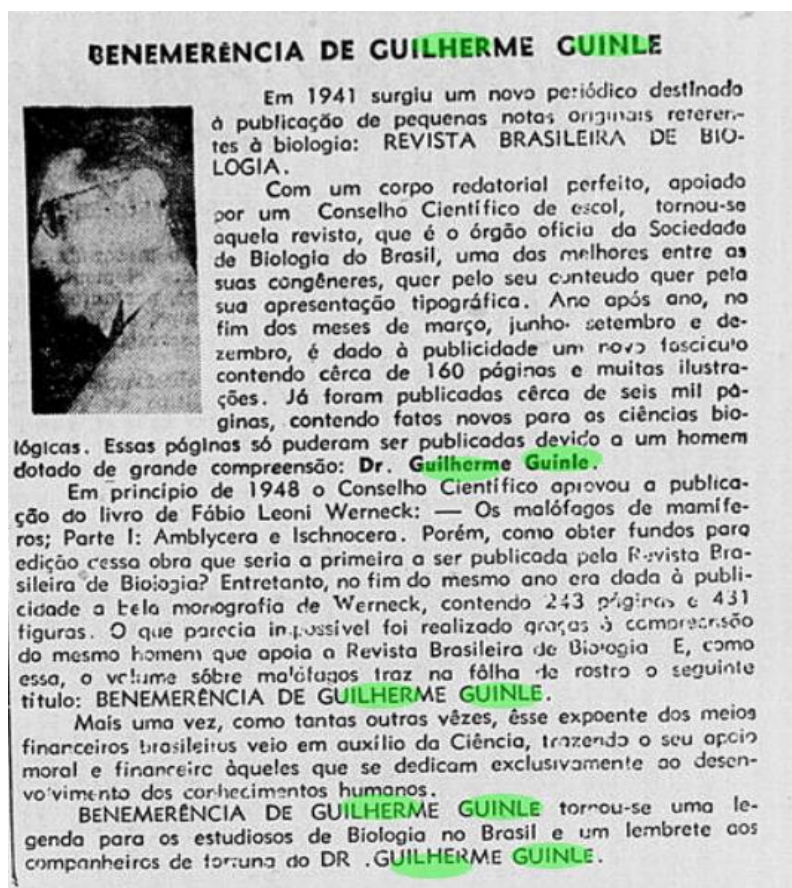


Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

⁹ Para saber mais: <https://www.samn.org.br/quem-somos>. Acesso em: 28 abr. 2023.

¹⁰ Este texto foi produzido a partir da seguinte referência: SANGIARD, Gisele Porto. Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas no de Janeiro, 1920-1940. Fundação Osvaldo Cruz Casa de Osvaldo Cruz Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Saúde (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro 2005.

Figura 2: Ciência para todos, 03 de março de 1949



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Era também membro fundador da Academia Brasileira de Ciência. Como empresário, intelectual, que financiava “o progresso da ciência” no Brasil, Guinle circulou por diversas instituições¹¹, o que justifica sua presença na Sociedade dos Amigos do Museu Nacional. Não foram encontrados nos jornais pesquisados, notícias relacionadas à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, nem notícia que relaciona Guilherme Guinle ao Museu.

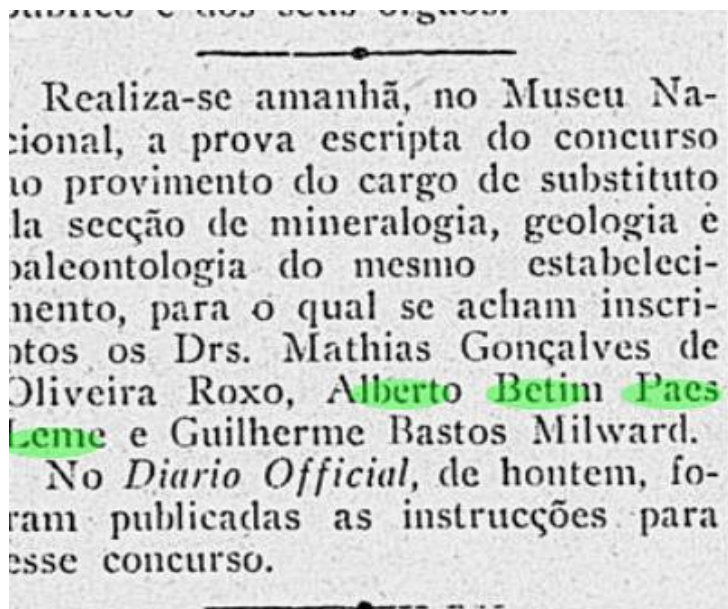
A ausência de referências que relacionam alguns cientistas que compunham a equipe do Museu, assim como de personalidades como Guilherme Guinle que foi amplamente estudado por Sanglard (2005), a partir das relações estabelecidas no âmbito do Museu Nacional, demonstra uma possibilidade de ampliação das pesquisas sobre o Museu Nacional, ainda que já tenha sido amplamente estudado.

À época da publicação da *Uiára*, Alberto Betim Paes Leme, era o diretor do Museu, onde ingressou em 1911 como professor da Seção de Mineralogia e Geologia e Diretor do Museu Nacional entre os anos 1935 e 1938 quando faleceu, período em que foi publicada a *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*. Em 25

¹¹ SANGLARD, 2005.

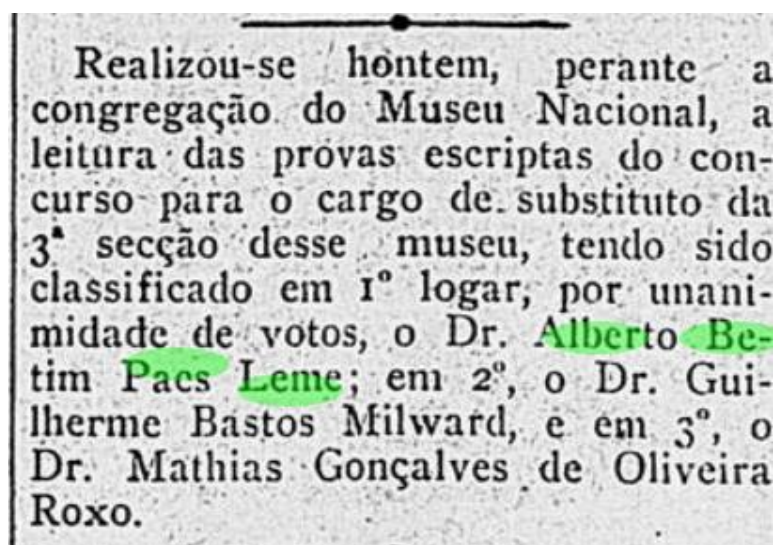
de agosto de 1910, o jornal “O paiz” noticiou o concurso do Museu Nacional para a seção de Mineralogia e Geologia, assim como noticiou também sua aprovação no concurso, conforme a imagens abaixo:

Figura 3: O Paiz, 25 de agosto de 1910, p. 03.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 4: O Paiz, 09 de setembro de 1910, p. 03



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Após realizar o concurso em 1910, iniciou sua trajetória no Museu Nacional em 1911. Após quatro anos, em 1915, tornou-se chefe da Seção de Mineralogia, Geologia e Paleontologia, para a qual foi empossado no museu.¹² *Betim Paes Leme renovou 29 as atividades da Terceira Seção e reorganizou suas coleções. Publicou, em 1924, a*

¹² Este texto foi escrito a partir do seguinte documento: **Os Diretores do Museu Nacional / UFRJ Organizado pela Seção de Museologia Rio de Janeiro 2007/2008**. Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf Acesso em: 20 de abril de 2023.

obra intitulada “Evolução da Terra e Geologia do Brasil vistas através das coleções do Museu Nacional”.¹³

Engenheiro de formação, dedicou-se a pesquisar a formação das rochas da Serra do Mar, temática que aparece na *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*. Suas pesquisas tiveram um importante impacto para a produção científica do Museu Nacional no período, entre essas, a descoberta de germânio em dois meteoritos brasileiros. Alberto Betim Paes Leme¹⁴ é um dos mais reconhecidos engenheiros de minas dedicados à geologia brasileira (Lopes 2020), já na Seção de Mineralogia do Museu Nacional, como chefe da Seção, Alberto Betim organizou um catálogo das coleções de geologia do Museu Nacional (Sily, 2017).

Sucedido por Heloísa Alberto Torres e tendo sucedido Edgard Roquette-Pinto, sua gestão no museu abarca um período interino, uma vez que, quando Roquette-Pinto se afasta da direção, indica Heloísa Alberto Torres para assumir o cargo¹⁵.

Em 1935, o Museu Nacional, após a passagem de Edgard Roquette-Pinto pela direção, estava marcado pelos investimentos em atividades educativas diversas, sendo parte de uma rede de instituições preocupadas com a divulgação do conhecimento científico para a educação da população. Outro aspecto que o museu vinha investido desde a gestão de Roquette-Pinto, o investimento em estudos antropológicos, que mais tarde foram continuados pela gestão de Heloísa Alberto Torres.

O período que compreende a pesquisa corresponde ao governo Vargas, marcado pelas reformas na Educação, das quais o Museu Nacional participava através das articulações de Roquette-Pinto, das quais a iniciativa da publicação da *Revista Nacional de Educação*.

Já entre 1935 e 1938, período que compreende a gestão de Alberto Betim Paes Leme, no contexto das reformas na educação, inicia-se uma série de discussões para a criação da Universidade do Brasil. Nesse momento o Museu Nacional passa a fazer parte do Ministério da Educação e Saúde, pela primeira vez e a Universidade do Brasil absorve o Museu Nacional.

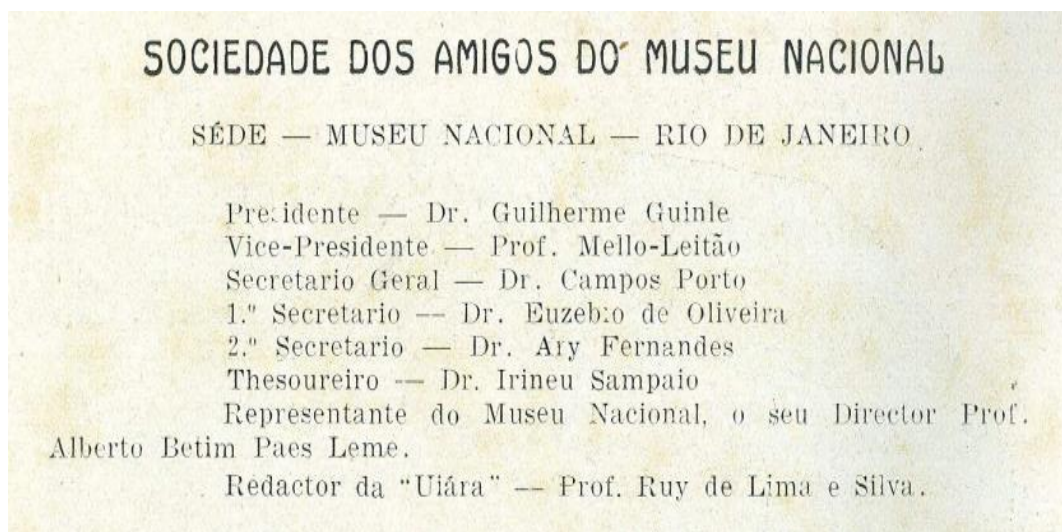
¹³ **Os Diretores do Museu Nacional / UFRJ Organizado pela Seção de Museologia Rio de Janeiro 2007/2008.** Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf Acesso em: 20 de abril de 2023.

¹⁴ Para saber mais sobre Alberto Betim Paes Leme, ver: FIGUEIRÔA, S. F. de M. “Os irmãos [Paes] Leme: Luiz (1881-1943) e Alberto (1883- 1938) Betim Paes Leme, engenheiros nas primeiras décadas do século XX. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Org.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad & FAPERJ, 2010: 357-373.

¹⁵ KEULLER, 2008, p. 223.

São diversas as notícias que circulam nos jornais e que dão conta da insatisfação por parte da equipe do Museu¹⁶, com a incorporação da instituição à universidade. Dessa insatisfação, cria-se, a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, oferece um suporte financeiro e político ao Museu, publicando a *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, para publicizar as pesquisas, as atividades cotidianas que se desenvolviam no Museu, mas também para garantir que a instituição não sofresse perdas em suas coleções e pesquisas, devido à incorporação à Universidade.

Figura 5: *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A seguir, exploramos algumas imagens que são parte do acervo da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, que ainda hoje mantêm suas atividades, as imagens abaixo, foram retiradas do site do Museu Nacional, no domínio correspondente à Sociedade dos Amigos do Museu¹⁷

¹⁶ Diversos jornais da época, referenciados ao final desta dissertação, noticiam a insatisfação por parte dos funcionários do Museu Nacional com a incorporação à Universidade do Brasil.

¹⁷Disponível em: <https://www.samn.org.br/quem-somos?pgid=jo8qrb9v-863f438f-688e-4228-a316-7dcef3e6f> acesso em 26 de abril de 2023.

Figura 6: Primeira Diretoria da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.



Fonte: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, site oficial.

A partir de uma breve leitura das trajetórias profissionais dos membros da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, compreendemos que suas trajetórias e seus interesses também determinaram em partes, o conteúdo presente na Revista.

Alberto José Sampaio por exemplo, foi um preservacionista, preocupado com a manutenção dos recursos naturais. Foi Relator da Primeira Conferência de Proteção à Natureza, organizada pela Sociedade dos Amigos das Árvores.¹⁸ Assim como o Botânico Paulo Campos Porto, dedicado às mesmas questões de preservação da natureza¹⁹

Alguns autores relatam sobre a participação dos cientistas do Museu Nacional na formulação de políticas públicas durante o governo Vargas. Duarte (2010), Casazza (2013), Duarte (2019), Silva (2018) e outros. Desta forma, cientistas como Alberto José Sampaio, Edgard Roquette-Pinto e Heloísa Alberto Torres e Paulo Campos Porto e outros, articulavam publicamente questões a serem pautadas enquanto política pública. Apesar de já circularem diversas produções que tratam os cientistas do Museu Nacional neste período, há outros que carecem de publicização de suas práticas no contexto do Museu Nacional. É esse o caso de algumas das personalidades que compunham a

¹⁸ OLIVEIRA, (2008).

¹⁹ CASAZZA, (2013).

Sociedade dos Amigos do Museu Nacional. Funcionários do Museu Nacional também integravam a sociedade a exemplo de Bertha Lutz (Lopes, 2008).

Figura 7: Boletim de adesão de Bertha Lutz, à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.

D

Sessão do Conselho, _____ de _____ de 193 _____

Sociedade dos Amigos do Museu Nacional

— RIO DE JANEIRO —

BOLETIM DE ADESÃO

Tendo tomado conhecimento dos fins da Sociedade, desejo fazer parte da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, como socio efectivo.

Nome por extenso: Bertha Maria Julia Lutz

Titulos Licenciada e Sr. Universidade de Paris - Naturalista do Museu Nacional

Nacionalidade Brasileira

Endereço Ed. Odem sala 815 - tel: 22-0581 ou Museu Nacional

~~Desejo assinar a Revista~~ Museu Nacional

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 193 7

Bertha Lutz
Assinatura

Socios proponentes

1 Alfredo Brito Pereira

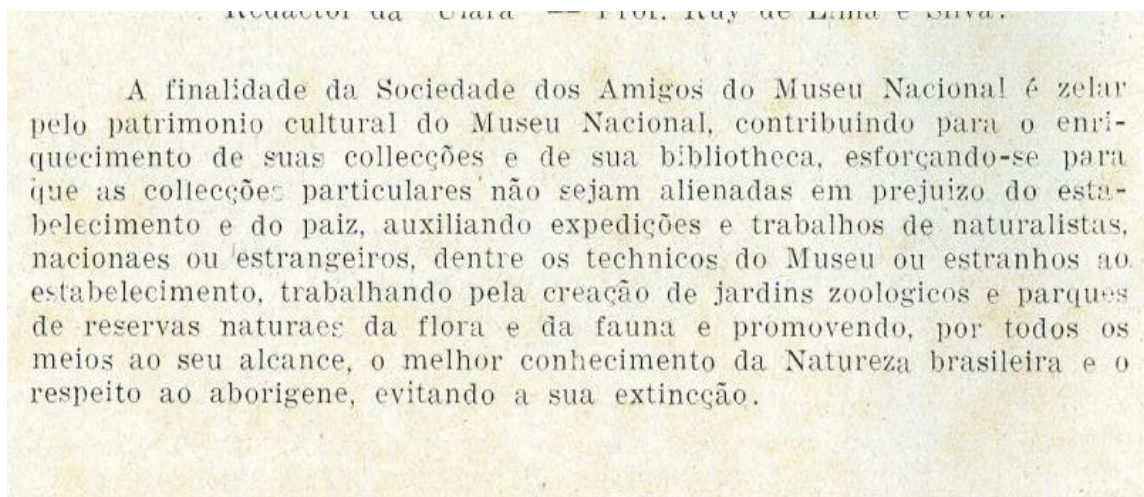
2 Severino da Gathães Pereira

Dirigir este boletim ao Secretario Geral, rua _____

Fonte: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, site oficial.

A função da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, também está publicada na *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional* como se vê abaixo:

Figura 8: *Uiára*: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1937.



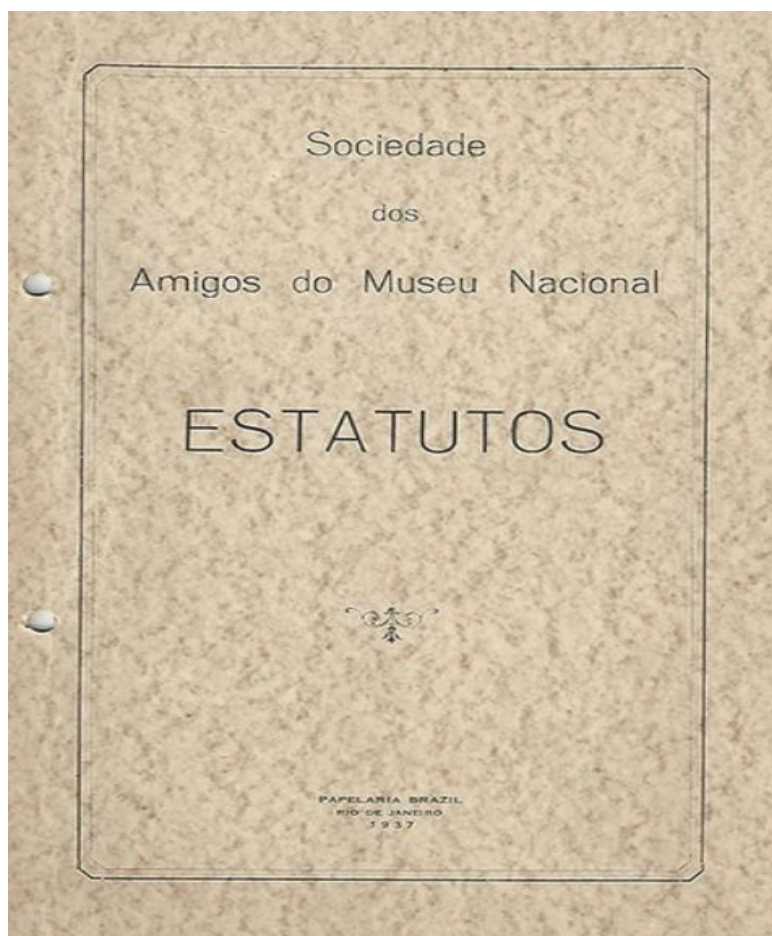
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A partir da descrição que temos sobre a finalidade da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, é possível compreender no período de instabilidade que se instalou, como a possibilidade e posterior efetivação da inserção do Museu Nacional na Universidade do Brasil, determina a criação de uma Sociedade de Amigos, que ao passo que busca proteger o Museu, demonstra uma capacidade de articulação política que demonstra o quanto a instituição consegue se manter a partir do prestígio que construiu ao longo dos anos. Prestígio esse que é reafirmado nas primeiras páginas da *Uiára*, quando a história do Museu Nacional é resgatada.

Entre os objetivos, a proteção das coleções e a preocupação com sua alienação neste processo estavam explícitas na Revista como se vê, a possibilidade de que coleções fossem 'alienadas', isto é, desviadas, removidas do museu de modo que todos os possíveis interessados e o conhecimento científico produzido fosse prejudicado.

No site da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, encontramos uma imagem da capa dos estatutos publicados em 1937. Uma busca pela biblioteca do Museu Nacional, no entanto não nos retornou nenhum resultado referente ao estatuto publicado em 1937, do qual a capa podemos ver a seguir:

Figura 9: Estatutos da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1937 (capa)

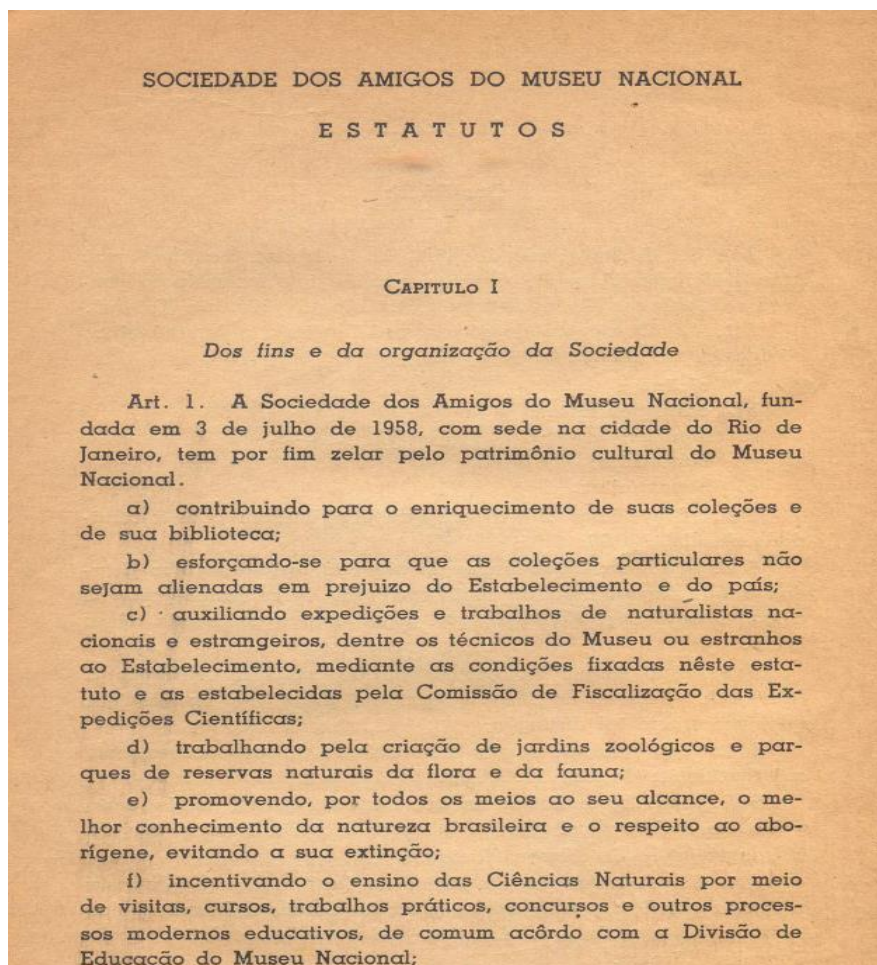


Fonte: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, site oficial.²⁰

Encontramos, no entanto, um estatuto da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, datado de 1960, que diz que a sua fundação data de 1958. Dessa forma, compreendemos que, embora os documentos anteriores nos provem que a Sociedade de Amigos do Museu Nacional foi fundada em 1937, há até 1958 uma lacuna em que não esteve atuante.

²⁰Disponível em: <https://www.samn.org.br/quem-somos?pgid=jo8qrb9v-863f438f-688e-4228-a316-7dcef3e6f> acesso em 26 de abril de 2023.

Figura 10: Estatutos da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1960.



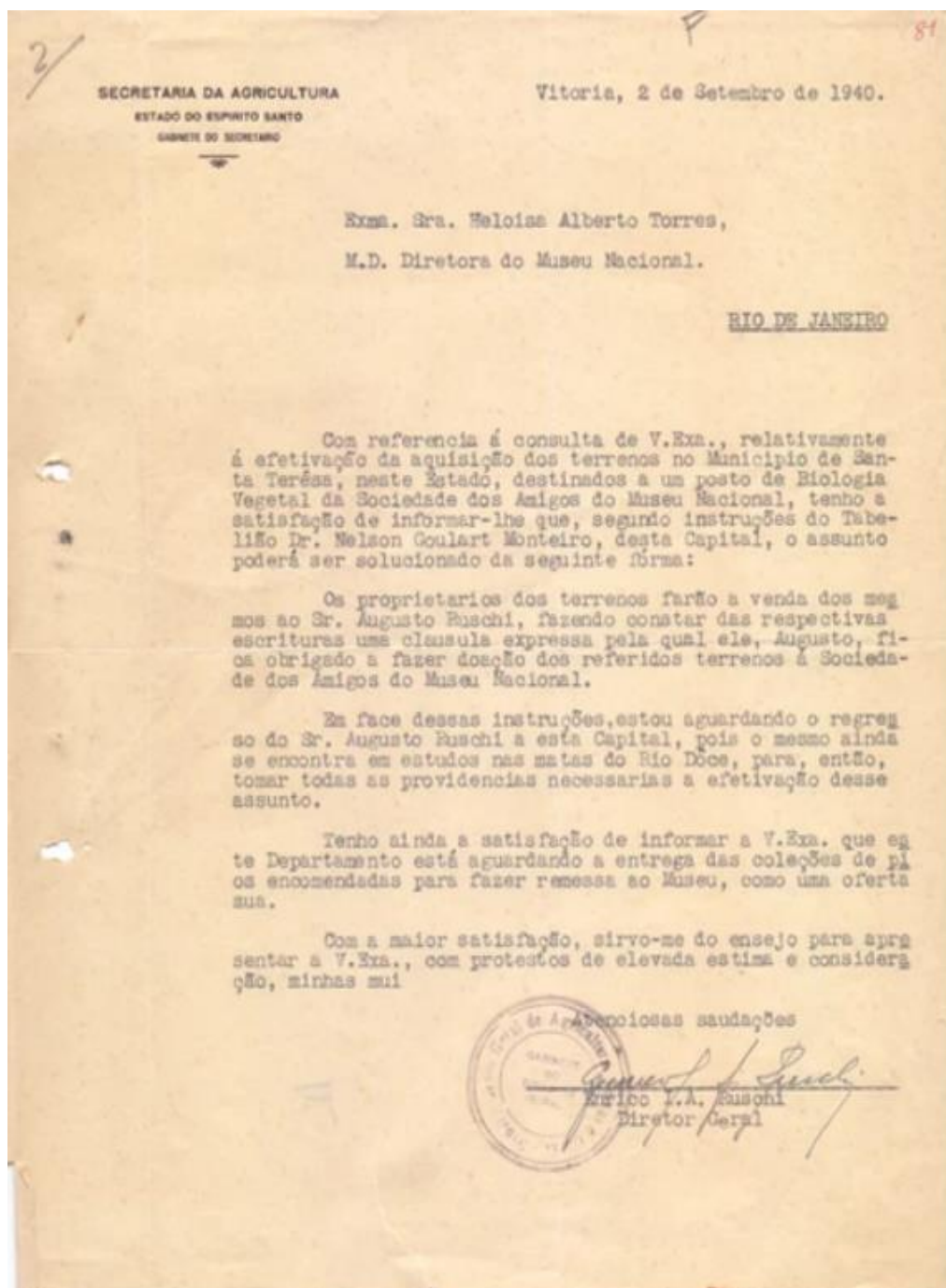
Fonte: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, site oficial.

Apesar do texto acima dizer que a Sociedade dos Amigos do Museu foi criada em 1958, percebemos no texto estampado na imagem, que os itens publicados na *Revista Uiára* em 1937, permanecem os mesmos e ou estão muito parecidos com a primeira versão das finalidades da Sociedade dos Amigos, publicada na *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, ou seja, já uma referência literal ao primeiro estatuto da Sociedade, o que nos leva a compreender que, embora este documento assumira a fundação da Sociedade em 1958, era do conhecimento de todos que redigiram os estatutos acima, do primeiro estatuto publicado em 1937.

Além da publicação da *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, há registros no site do Museu, da doação de terreno e de coleções para a Sociedade dos Amigos do Museu, formalizadas em 1940, como consta no documento abaixo²¹:

²¹Retirado do site do Museu Nacional, disponível em: <https://www.samn.org.br/quem-somos?pgid=jo8qrb9v-863f438f-688e-4228-a316-7dcefcfc3e6f> acesso em 26 de abril de 2023.

Figura 11: Formalização da doação de terrenos e coleções à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 1940.



Fonte: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, site oficial.

Com a impossibilidade de acesso aos documentos históricos do Museu Nacional que se perderam no recente incêndio, não foi possível encontrar maiores informações sobre a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, uma busca pelos jornais presentes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que foram utilizados durante toda a pesquisa também não retornou nenhum resultado.

Compreendemos a partir disso, que com a inserção definitiva do Museu Nacional na Universidade do Brasil, a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional tenha

se desfeito, mesmo tendo sido retomada a diante, em 1958. Acreditamos que sua fundação foi motivada pelo período de instabilidades em que o museu passava em 1937, onde se discutia a inserção do Museu no âmbito da Universidade. Compreendemos que, atravessando este período de instabilidade, a Sociedade dos Amigos do Museu tenha se desfeito e refeito diversas vezes, na primeira delas motivando a descontinuidade da publicação da *Revista Uiára*.

Essa menção à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional sugere também a importância de se salientar em outros estudos o papel que as instituições do tipo sociedades amigas dos museus cumpriram no passado e ainda cumprem nas ações dos museus, tema esse inclusive muito pouco discutido na bibliografia museológica no país.

2.1.2 UIÁRA REVISTA DA SOCIEDADE DE AMIGOS DO MUSEU NACIONAL: ANÁLISE

A *Uiára Revista da Sociedade dos amigos do Museu Nacional* (1937) é uma publicação que possui apenas um número, que corresponde ao período de outubro a dezembro de 1937. A importância de uma análise em detalhes dessa publicação, que como já foi dito, ainda não foi considerada a partir de referenciais museológicos, deve-se também como mencionado anteriormente, que esse é um período em que Alberto Betim Paes Leme era o diretor do Museu e Heloisa Alberto Torres atuava como vice-diretora e que o Museu passou a ser subordinado à Universidade do Brasil, criada em 1937. Também lembramos que foi um período em que o Museu Nacional estava com falta de quadros, uma vez que alguns dos principais pesquisadores deixaram a instituição em função da lei do Estado Novo que passou a impedir a acumulação de cargos (Lopes e Gomes, 2021). Portanto sugerimos que a Revista foi uma iniciativa de continuar a dar visibilidade ao Museu à época. Apesar da edição única, a revista evidencia aspectos das coleções, história e das práticas cotidianas do Museu Nacional.

A iniciativa da Revista surge a partir da fundação da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, como podemos observar, já que a própria publicação faz menção à idealização da Sociedade dos Amigos do Museu, quando Paulo Roquette-Pinto diz que “*Outro fato que merece registro é a criação da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, ideia antiga de Roquette-Pinto, mas só agora posta em prática sobre os auspícios do professor Betim Paes Leme*” (Revista *Uiára*, 1937, p. 08)

Publicada em preto e branco apenas com a capa colorida, trazendo diversas fotografias de acervos e pesquisas do museu, a Revista que possui 34 páginas não foi impressa no museu, diferente da *Revista Nacional de Educação e*

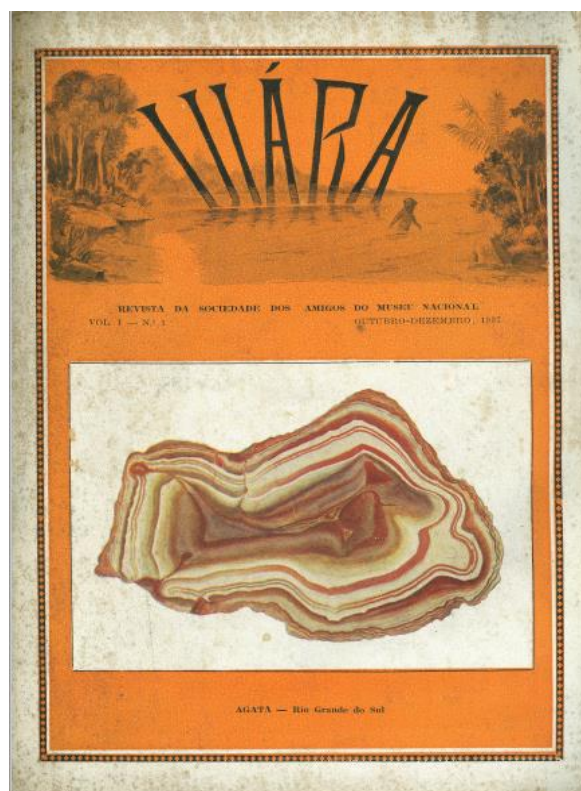
Revista do Museu Nacional, mas por uma encadernadora. Reiteramos que a análise foi feita em ambiente virtual, o que modifica a percepção do papel utilizado e até mesmo da qualidade da impressão, ainda assim, consideramos que as imagens e o papel são de boa qualidade, em função do período em que foi publicada. A *Uiára* tinha um preço de venda, 3\$000 ou três mil réis e era custeada pela Sociedade dos Amigos do Museu.

Nossa análise da *Uiára* parte de sua capa, que carrega características muito particulares do período em que foi publicada, onde houve uma exaltação da identidade nacional incentivada pelo governo Getúlio Vargas. Este período foi marcado por diversas iniciativas que, em conjunto, buscaram forjar uma identidade nacional brasileira. Especialmente no campo dos museus, o decreto-Lei nº 25/ 1937, que conforma a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, publicado a partir anteprojeto de regulamentação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), de que participou Mário de Andrade é também fruto desse período.

Estas características, estão presentes no desenho produzido especificamente para a capa da revista e até mesmo no nome *Uiára*, ou “mãe d’agua”, que fazem referências ao romantismo e à busca por imagens que representem essa nacionalidade. Características essas confirmadas por Fukushiro (2014) que diz sobre as influências do período na tipografia brasileira:

...é preciso ter em mente que, por mais válida que seja uma busca por uma tipografia tipicamente nacional, o próprio apelo nacionalista é algo importado, fruto de um conjunto de transformações sobretudo europeias, e intimamente relacionado ao romantismo nas artes. Uma das características mais evidentes desse movimento é a evocação de figuras de um passado fantasioso que, se na Europa foi o cavaleiro medieval, aqui foi ora o índio, ora o caipira. (FUKUSHIRO, 2014, p. 205).

Figura 12: *Revista Uiára*, Vol. 1, ano 1, capa, outubro /dezembro 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Se por um lado essa é uma leitura possível do nome da revista e do desenho impresso na parte superior da capa, o destaque da capa é para uma imagem de uma ágata do Rio Grande do Sul, que diz bem mais das intenções que identificamos na publicação, isto é, divulgação das coleções e dos trabalhos que continuavam sendo realizados na instituição.

Como uma única publicação, analisamos diversas possibilidades relacionadas à cor usada na capa da revista. São diversas as possibilidades, desde o alaranjado ser a única cor disponível na tipografia no momento da impressão, passando pela possibilidade de ter sido usada esta cor para compor com a cor da própria cor da amostra estampada, uma ágata que tem nuances na cor laranja. Uma possibilidade que defendemos é a de se ter um baixo orçamento para impressão, uma vez que, a capa além de ser toda em tons de alaranjado e escrita em preto, também é a única página colorida da publicação, que possui diversas imagens em seu interior.

A fotografia identificada como “Ágata - Rio Grande do Sul” antecipa as imagens vistas logo em seguida, na página 02 onde encontramos fotografias de minerais que são parte das coleções do Museu Nacional. Os minerais são identificados como ametista e quartzo, sendo que o quartzo ganha destaque com uma imagem maior e uma legenda que nos informa quanto pesa e em qual sala do Museu é possível encontrá-lo como será

possível observar adiante, fornecendo informações sobre a organização das salas do museu no período.

A contracapa da Revista, nos fornece informações sobre a estrutura administrativa do Museu Nacional, seu quadro de funcionários separado por seções e funções, além de seus objetivos, dos quais destacamos:

Divulgar as ciências naturais e os resultados das pesquisas, estudos e explorações por todos os meios ao seu alcance: Publicações (Arquivos, Boletim, guias, tratados, quadros), fotografias, diapositivos, filmes científicos e radiotransmissão de conferências. (*REVISTA UIÁRA*, 1937)

Este objetivo é especialmente importante porque nos diz sobre o caráter de divulgador de suas atividades científicas que o Museu Nacional assume a partir de publicações e suportes diversos e por isso, também compõe o título desta dissertação.

A *Revista Uiára* contém onze artigos distribuídos da seguinte forma: “**Uiára**” é uma apresentação da revista, escrita por Edgard Roquette-Pinto enquanto “**O Museu Nacional**” amplia a visão do leitor para a história e relevância do Museu Nacional, escrito por Paulo Roquette-Pinto. Os dois artigos que abrem a Revista resgatando a história da instituição e conseqüentemente contam também sobre a história dos museus e da Museologia no Brasil.

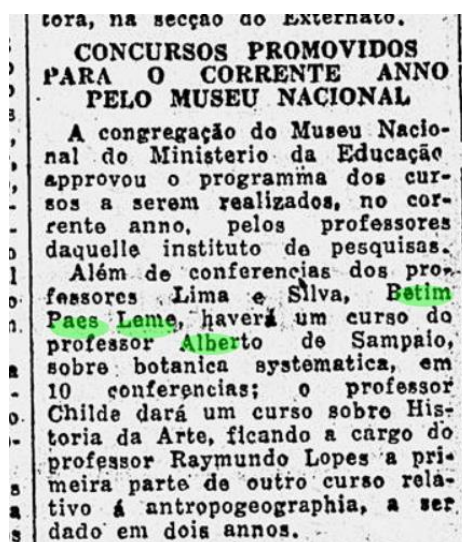
“**Aranhas trogloditas**” é um recorte de uma pesquisa do seu autor, Mello-Leitão, em que ele descreve os modos de vida de uma espécie de aranha; “**A casa histórica do Campinho**” resgata no texto de Magalhães Correia, a importância da manutenção das edificações históricas, a partir da casa do Campinho, uma casa que foi pousada para inconfindentes no Rio de Janeiro e posteriormente demolida; “**Proteção à natureza**” escrito por A. J. Sampaio acompanha o surgimento de uma disciplina dentro do campo da história natural; “**Arqueologia e arquitetura**” escrito por Alberto Childe é um artigo que retoma construções egípcias para fazer um panorama de como as formas construtivas vão se alterando ao longo do tempo de acordo também com o espaço em que ocupam; “**Revela a cachoeira do Imbuí a existência de uma falha?**” escrito por Alberto Betim Paes Leme, estuda as possibilidades da cachoeira ser o principal indício de uma falha tectônica no Rio de Janeiro; “**Ervas de passarinho**” é uma demonstração da relação do Museu Nacional com o público leitor de suas revistas, onde Carlos Vianna Freire orienta sobre uma praga que ataca a plantaçao de um leitor que se corresponde com o Museu; em “**Temperamento e constituição**” Bastos de Ávila discute diferenças no temperamento e no comportamento dos homens em sociedade; em “**Tipitis do Rio de Janeiro**” Raimundo Lopes escreve sobre a recolha de tipitis para compor o acervo do Museu Nacional; e em “**O bagrinho sem olhos das grutas de Iporanga**” Othon

H. Leonardos apresenta uma pesquisa desenvolvida no museu, sobre esta espécie de peixes. Além dos artigos já citados e presentes no sumário, há outro texto publicado na revista, onde o autor assina com suas iniciais, R. L. S. em que traz as características das “**Pedras Preciosas**”.

Desta forma, a revista conta com onze autores, parte do corpo técnico do museu que são descritos, juntamente com outros quatorze funcionários, na contracapa da revista, da seguinte forma: Rui Lima e Silva, redator da revista – e pelas iniciais o autor de Pedras Preciosas - é professor da divisão de Estratigrafia e Paleontologia; Alberto Betim Paes Leme, diretor do museu, é professor na divisão de Mineralogia e Petrografia; Edgard Roquette Pinto é professor na seção de História Natural e Assistência ao Ensino, juntamente com Paulo Roquette-Pinto, professor assistente e Magalhães Correia modelador. Mello Leitão é professor na divisão de Zoologia; Alberto José Sampaio é professor na divisão de Botânica juntamente com Carlos Viana Freire, Naturalista da mesma divisão; Alberto Childe naturalista e Raimundo Lopes Ajudante Técnico na divisão de Etnografia. Bastos de Ávila, Professor na divisão de Antropologia, Othon Leonardos era professor na escola politécnica e também na Escola Nacional de Filosofia.

O jornal Diário de Notícias do dia 08 de agosto de 1937, dava notícias sobre a aprovação dos cursos que aconteceriam nos próximos dois anos no Museu Nacional e que, tinham como professores os mesmos pesquisadores que publicaram na *Revista Uiára*.

Figura 13: Jornal Diário de Notícias, 08 de agosto de 1937, p. 15, segunda seção.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

A notícia reflete o sumário da *Revista Uiára*, nos dando indícios de que as aulas dos cursos previstos no jornal e aprovados pelo Museu, foram transformados em

artigos para serem publicados, ou, que, a própria publicação da síntese desses cursos pela *Revista* era utilizada como divulgação dos cursos que estariam por vir.

A contracapa da *Uiára* também nos fornece informações importantes sobre a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional que nasce em um cenário crítico, quando o museu perde parte dos funcionários de seu quadro e enfrenta também, questões relativas à criação da Universidade do Brasil e à incorporação do museu à Universidade. Este cenário dita a publicação da *Revista Uiára*.

Entre os nomes que compõem esta Sociedade de Amigos estão Guilherme Guinle, seu então presidente como já mencionamos; o vice-diretor da Sociedade dos Amigos era Mello Leitão, então professor do Museu Nacional. Campos Porto, então diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, era secretário geral. Euzébio de Oliveira, geólogo que havia sido diretor do Serviço Geológico e Mineralógico, continuava no DNPM, era membro da Academia Brasileira de Ciências e ocupava o cargo de primeiro secretário; Ary Fernandes era segundo secretário e Irineu Sampaio era tesoureiro. Alberto Betim Paes Leme, então diretor do Museu Nacional era representante do museu e Rui de Lima e Silva, engenheiro, professor e membro da Academia Brasileira de Ciências, era redator da Revista. Ou seja, todos eles eram figuras de destaque no cenário científico nacional que emprestavam seu prestígio ao Museu. Como já destacou Lopes (2008) este foi um período em que os próprios cientistas se dedicaram à divulgação científica em revistas e jornais e à participação em diversas iniciativas de sociabilidade científica como associações, academias visando fortalecer a importância da prática científica tanto na opinião pública como para conseguir maior apoio governamental para suas atividades e instituições.

“O surto de atividades de divulgação científica nesse período correlaciona-se com o aparecimento de um grupo de profissionais ligados à ciência e à educação que tinha como propósito a valorização da pesquisa básica – da pesquisa pura ou desinteressada, como então se denominava. Eram professores, cientistas, engenheiros, médicos e intelectuais, pertencentes em geral às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro.” (Massarani, Moreira, Aranha 2003:47).

No artigo “*Uiára*” ao falar sobre a importância da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, Edgard Roquette-Pinto escreve sobre a relevância do museu para os brasileiros, que têm no museu a “*miniatura da pátria*” evidenciando o caráter científico do museu e a importância de sua produção científica. (Revista *Uiára*, n 1, p.3, 1937). O texto, uma espécie de editorial é uma defesa frente ‘alguns detratores...’, embora o Museu nacional ‘sempre teve muitos amigos’ da importância do Museu Nacional para a pesquisa no país, da organização da Sociedade de Amigos do Museu e da *Revista Uiára* como um grande primeiro passo para ampliar o alcance das produções do museu e

incentivar a prática dos chamados naturalistas amadores, fortalecer esse 'movimento cultural' e enaltecer entre os nomes de prestígio o apoio patriótico de Guilherme Guinle. Roquete Pinto como já foi mencionado foi um grande entusiasta de todos os meios de divulgação científica, (Moreira et al. 2008)

O próximo artigo, intitulado "O Museu Nacional" traz um extenso histórico do Museu Nacional, escrito por Paulo Roquette-Pinto (irmão de Edgar Roquette-Pinto). Neste texto, o autor retoma a história do Museu Nacional desde a Casa de História Natural, estabelecendo marcos históricos importantes para a instituição, entre eles o primeiro prédio anteriormente ocupado pelo Museu, no Campo de Santana, que então à época era ocupado pelo Arquivo Nacional, suas primeiras coleções, como a coleção Werner, de referência para análise dos recursos minerais do país.

Outro marco é a passagem de diversas personalidades pelo Museu, a criação do cargo de membro correspondente e a abertura à visitação pública três vezes por semana, que ocorreu por decreto em 9 de fevereiro de 1876. Já em março de 1876 o acontecimento destacado no texto é a criação da revista *Arquivos do Museu Nacional* que foi durante muitos anos, a partir das trocas institucionais, porta-voz da pesquisa que se produzia no Museu para o exterior, tendo circulado por diversos países do mundo.

A criação do Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880, em prédio anexo ao museu dirigido por Luis Couty e Batista de Lacerda também é destacada por Paulo Roquette-Pinto, e a mudança do Museu Nacional, em 25 de julho de 1892 definitivamente para a Quinta da Boa Vista. A gestão de Edgar Roquette-Pinto iniciada em 1926 e encerrada em 1935 é outro destaque como a reforma do prédio, em 1927. Além disso, a reorganização do Museu em 1931 também é ressaltada 'como um instituto cientificamente autônomo e administrativamente dependente do Ministério da Educação e saúde Pública' mencionando os detalhes das funções das 9 seções em que o Museu passou a se organizar, a criação de cursos, e outros, que são citados a fim de conferir legitimidade e elevada importância ao Museu Nacional.

Este texto nos traz detalhes das práticas estabelecidas no Museu Nacional, como a separação das coleções expostas das coleções de estudo também como metodologia de ensino da História Natural, a abertura à visitação pública que em 1937 já acontecia todos os dias da semana com uma média diária de 400 visitantes, as cerca de quinhentas perguntas que chegaram ao Museu Nacional de diversos lugares e que foram todas respondidas, entre outras. E na mesma linha de Edgar Roquette Pinto, do incentivo a maior visibilidade pública do Museu este artigo com todos os detalhes está aqui considerado como uma estratégia de prestação de contas das atividades desempenhadas pelo museu e que justificam, juntamente com sua história, a criação de

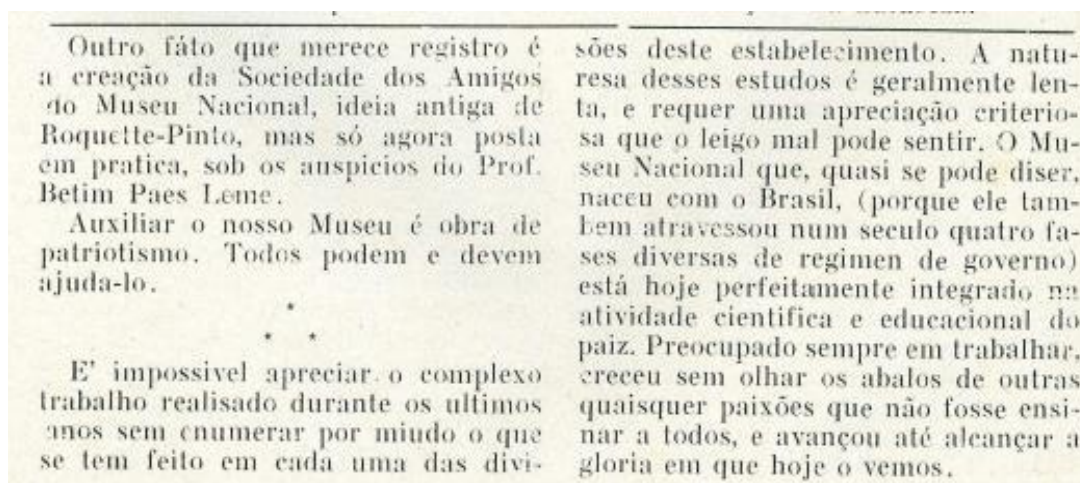
uma Sociedade dos Amigos do Museu e para que seja reforçada a importância na sociedade e para o governo da atuação do Museu.

Em 1937 o Museu Nacional já começa a ser integrado à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e como consta na matéria publicada no Jornal Diário de Notícias de terça-feira, 12 de janeiro de 1937, em sua página 4, como já mencionamos há um descontentamento por parte de diversos setores da sociedade, que se manifestam continuamente contra a decisão de integrar o Museu Nacional, à Universidade do Brasil, transformando-o na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A edição da *Revista Uiára* corresponde ao período entre os meses de outubro e dezembro de 1937. Abaixo, recorte do Jornal Diário de Notícias, que demonstra esse contexto.

Figura 14: Jornal Diário de Notícias, p. 4, 12 de janeiro de 1937, primeira seção.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 15: *Revista Uiára*, p. 8, outubro /dezembro, 1937.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Desta forma, acreditamos que os artigos “*Uiára*” e “*O Museu Nacional*” são uma alternativa para se reafirmar a importância do Museu Nacional enquanto lugar de produção do conhecimento e a publicação da *Revista Uiára* uma atitude para reafirmar o lugar do Museu Nacional e tornar pública a importância do Museu Nacional publicizar o descontentamento com a incorporação do Museu Nacional à Universidade do Brasil, o que justifica também a criação da Sociedade dos Amigos do Museu já que tanto a Sociedade dos Amigos quanto a publicação da *Uiára* seria o “*primeiro passo para a criação destas belas tropas de reserva*” (tratam-se dos naturalistas amadores e demais possíveis interessados) explicitamente um ato em defesa do Museu Nacional.

Figura 16: Museu Nacional, *Revista Uiára*, n. 1, p. 4, 1937.

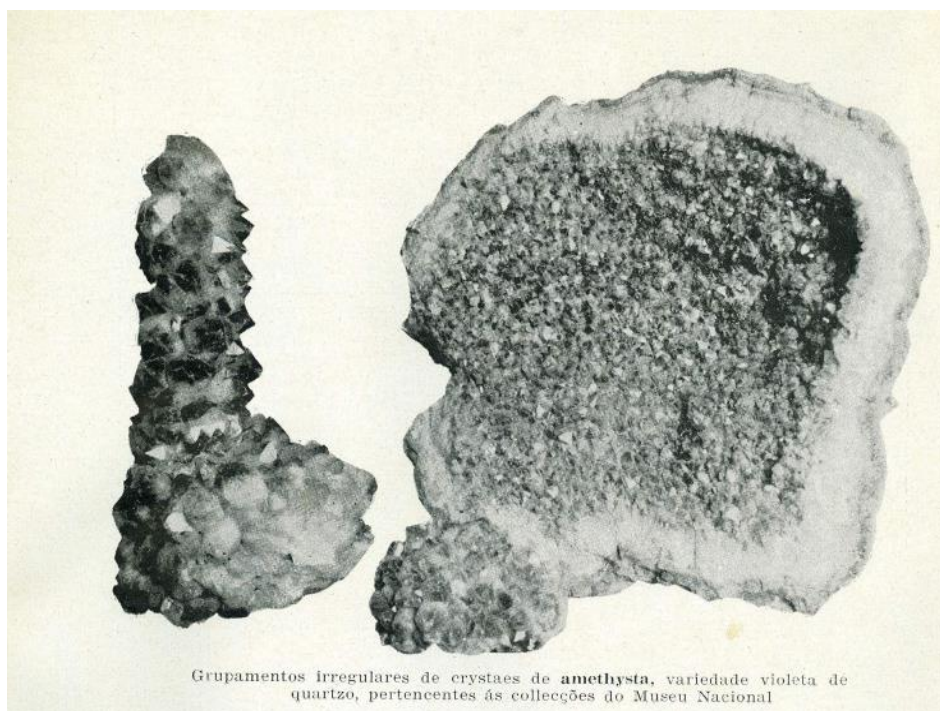
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A imagem acima, é a fachada do Museu Nacional utilizada para ilustrar este artigo, numa apresentação do museu. Chama a atenção a forma com que a figura foi destacada na página da revista, tomando conta de toda a face superior da página, certamente uma forma de demonstrar também sua grandiosidade.

O artigo “*O uso das pedras preciosas na antiguidade*” que está assinado com as iniciais R. L. S, possivelmente de Rui Lima e Silva, destaca os usos que diversos povos fizeram das pedras ao longo da antiguidade enquanto adornos corporais. Este artigo então apresenta em poucas linhas como que cada sociedade em sua época, hindus, egípcios, gregos, romanos, persas e hebreus utilizavam das pedras preciosas e cada povo tinha suas preferências em relação ao uso das pedras preciosas como adornos corporais. Desde Plínio, com sua importante obra sobre a história natural e o primeiro anel produzido a partir de pedras preciosas, passando pelo uso do diamante pelos hindus, “*2000 anos antes de nossa era*” onde os povos orientais produziram registros dos usos de diamante, rubi, esmeralda, topázio, safira, pérola, zirconita e olho de gato (Revista *Uiára*, p. 8, 1937).

Além deste tema ser um tema de interesse da mineralogia e geologia, o artigo é uma forma de dar visibilidade e demonstrar a importância que os usos das pedras preciosas possuem, em diferentes contextos, complementando as imagens que estão logo nas primeiras páginas da revista, que foram feitas a partir da coleção de mineralogia do museu como mencionado na imagem.

Figura 17: *Revista Uiára*, Vol. 1, ano 1, p. 02, outubro /dezembro 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nesta fotografia o que chama atenção é a fotografia feita a partir de vistas diferentes do mesmo item, uma ametista violeta. Outra questão importante aqui, é a presença de informações a respeito desta ametista, pelo fato da imagem ser preto e branco, acrescentou-se a cor da pedra e a sua procedência, integrada às coleções do Museu Nacional.

Figura 18: *Revista Uiára*, Vol. 1, ano 1, p. 02, outubro /dezembro 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Com a publicação dos minerais, parte das coleções do Museu Nacional, pretendia-se dar destaque à coleção do Museu, inclusive indicando em qual sala do museu o leitor poderia encontrar esta coleção. O peso e a variação de cor (já que a imagem não é colorida) também são informações que agregam valor aos itens do acervo. Interessante perceber que estas informações, além de agregar valor às imagens e aos itens do acervo, permitem que pessoas que não conhecem o Museu Nacional, quando forem visitar, saibam exatamente onde encontrar parte do acervo visto na Revista.

Rui Lima e Silva foi o provável autor de *“Pedras Preciosas”* e de *“O uso das pedras preciosas na antiguidade”*. Neste texto, o autor aborda o uso das pedras preciosas como ornamentos em uma outra perspectiva, trazendo propriedades que tornam as pedras mais valiosas, e conseqüentemente, usadas para adornar joias e corpos. Há uma diferenciação inclusive relacionada à preciosidade da pedra, umas menos nobres usadas em joias mais populares, comuns ao uso coletivo. Algumas pedras também estão associadas às crenças espirituais e religiosas, usadas em joias para dar sorte, outras dão azar, outras têm propriedades terapêuticas.

Compreendemos que os dois artigos se complementam e acreditamos que há uma intencionalidade no foco que a *Revista Uiára* coloca nas pedras preciosas - um tema de interesse que poderia contribuir para um alcance mais amplo - como uma forma de dar visibilidade e conferir valor às coleções e aos itens do acervo que estão reproduzidas na Revista.

Acreditamos que estes itens do acervo mostrados na *Revista Uiára*, foram escolhidos de forma simbólica, como uma representação do valor simbólico do Museu Nacional, uma vez que Roquette-Pinto em seu artigo “*Uiára*” que abre a revista, ao referir-se à sua trajetória no museu, fala que “... consagrei, contente como um escravo apaixonado, à guarda e *embelezamento* daquela *miniatura preciosa*.” Os grifos são nossos. Quando o autor se refere ao Museu Nacional como *miniatura preciosa*, ele diz que o museu é uma representação do Brasil, a partir de suas coleções.

“*Aranhas Trogloditas*”, artigo escrito por Mello-Leitão – o conhecido zoólogo -, é um artigo que detalha as formas de viver de uma determinada espécie de aranha. Ilustrado com diversas imagens que documentam a maneira que estas aranhas constroem suas casas, este artigo culmina então, na imagem do próprio ninho, já inserido nas coleções no Museu Nacional, feito um corte para que seja possível perceber o interior e as formas construtivas desse ninho.

Figura 19: Ninho de *Stenteromata Macuata*, Fotografia. *Revista Uiára*, p. 10, 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 20: Ninho de *Idiops germaini* com a porta fechada
 Figura 21: Ninho de *Idiops germaini* com a porta aberta



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 22: Ninho de *Idiops germaini* cortado longitudinalmente. Fotografia. *Revista Uiára*, p. 13, 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

As imagens acima, ao ilustrar o artigo, nos dizem sobre metodologia de pesquisa científica e sobre as práticas de pesquisa e de colecionismo instituídas no museu. A coleção que aparece nas imagens acima, além de ser uma coleção que se

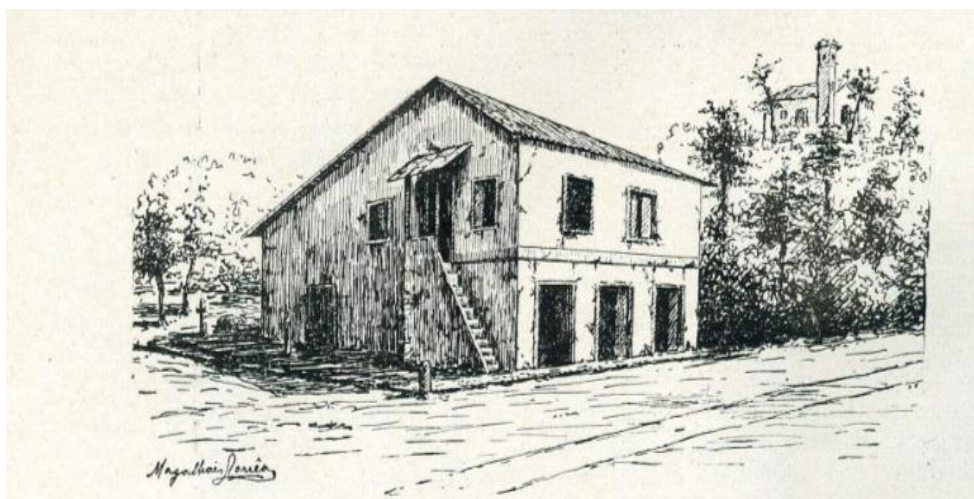
constitui a partir de uma pesquisa específica, também tem um propósito didático. O corte feito na longitudinal ninho, demonstra uma preocupação com a divulgação científica, à medida que consegue mostrar com detalhes toda a estrutura do ninho, uma informação que só o pesquisador possui. Dessa forma, podemos perceber a presença das coleções científicas e também das coleções didáticas no Museu Nacional.

Marandino et all (2014) falam sobre as potencialidades e possibilidades dos objetos e coleções no ensino das ciências. Compreendemos, assim como as autoras, a importância de coleções como esta comunicada na *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, porque estas coleções ilustram de maneira didática a informação científica que precisa chegar ao leitor. Ao mesmo tempo que as autoras falam sobre o quão explicativas são as coleções, evidenciam também a importância do colecionismo para a formação de coleções didáticas.

...no ensino de ciências os objetos possuem funções variadas pois ilustram, demonstram, apoiam, provocam, explicam, transformam, expressando práticas pedagógicas e pensamentos sobre o ensino que se desenvolvem. Promover experiências de produção coleções e usar objetos nas estratégias didáticas tem o potencial de não somente ensinar ideias, conceitos e processos da ciência, mas a própria história do conhecimento científico. Coletar é algo existente desde a constituição desse campo de conhecimento, sendo um elemento fundamental na pesquisa científica até os dias atuais. No ensino, as coleções de objetos podem promover a motivação e aprendizagem, além de ser um eixo interessante para o desenvolvimento da interdisciplinaridade. (MARANDINO, et all, 2014, p. 06)

O artigo “*A casa histórica do campinho*” escrito por Armando Magalhães Corrêa, naturalista da seção de História Natural e reconhecido por sua habilidade como desenhista, fala sobre a casa que era pouso de tropeiros que estavam de passagem pelo Rio de Janeiro. A casa que seu antigo morador Américo Marmello tinha um bar no térreo, uma oficina onde oferecia serviços de ferrador aos tropeiros nos fundos e a sua residência no andar superior. A casa foi demolida entre 1925 e 1926 porque foi condenada. A casa também é reconhecida por ter hospedado Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), em 1789, quando esteve no Rio de Janeiro organizando pessoas para participarem da independência mineira que aconteceria ainda naquele ano.

Figura 23: Casa histórica do Campinho, *Revista Uiára*, p. 15, 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Magalhães Correia é quem ilustra o texto a partir de uma primeira ilustração que recebeu, em que podemos ver além da casa, algumas árvores e uma igreja ao fundo da imagem. O Largo do Campinho é localizado onde atualmente se situa o bairro Campinho, na zona norte do Rio de Janeiro. A igreja ao fundo da imagem, seria a igreja de Nossa Senhora da Conceição, conforme é possível comparar abaixo:

Figura 24: Detalhe da ilustração de Magalhães Correia na *Uiára*, p. 15, 1937

Figura 25: Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Campinho, Rio de Janeiro. Imagem reproduzida da página da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Facebook.



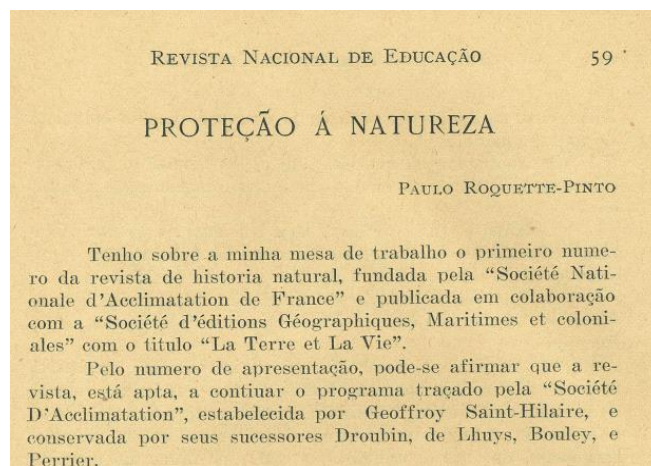
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional. E Imagem reproduzida da página da Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Facebook.

Ao finalizar o texto, Magalhães Correia diz que o texto foi escrito como uma forma de registro dessa ilustração que é o único documento que restou, da casa que é um testemunho histórico e que já não existe mais, tendo apenas os relatos de algumas pessoas que a conheceram e que ajudaram a reconstruir essa ilustração a partir de uma primeira que foi recebida por ele. Este é também um indício de uma mensagem nas entrelinhas da revista sobre a importância da preservação de bens patrimoniais, em um momento em que o Museu Nacional era integrado à Universidade do Brasil e o SPHAN estava se consolidando como a instituição responsável pela preservação do patrimônio nacional, inclusive com forte apoio de Heloísa Alberto Torres (Lopes e Abreu 2021).

O artigo “*Proteção à natureza*” escrito por A. J. Sampaio discorre sobre uma nova disciplina com o mesmo nome do artigo, que, segundo o autor, tem a particularidade de ser acessível, em uma linguagem de fácil entendimento e que oferece às pessoas noção de preservação da fauna, flora, sítios, riquezas minerais e naturais.

O mesmo tema, em um artigo de mesmo nome, escrito por Paulo Roquette-Pinto, foi publicado na *Revista Nacional de Educação*, em seu número 16/17, em 1933. Nesse caso, de acordo com o texto, esse tema é abordado a partir de publicações francesas. A seguir, a imagem que ilustra a presença do artigo na *Revista Nacional de Educação*:

Figura 26: *Revista Nacional de Educação*, nº 16/17, p. 39, 1933.

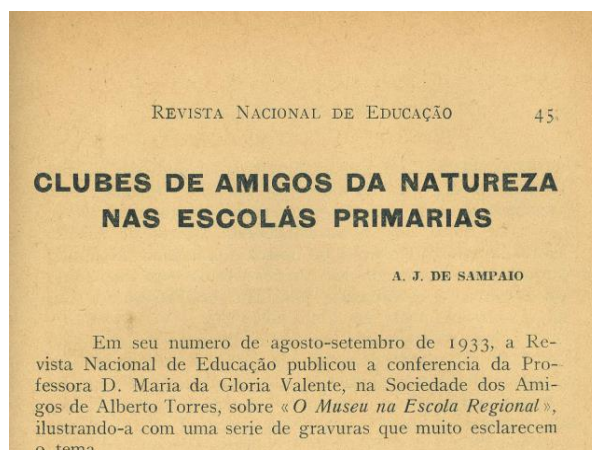


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Também na *Revista Nacional de Educação*, em seu número 13/14, publicada anteriormente, mas também em 1933, um artigo escrito por A. J. Sampaio, “*Clube de amigos da natureza nas escolas primárias*” já falava da importância de ensinar às crianças o amor à natureza e a importância de sua preservação, através das aulas e do incentivo para que os próprios alunos criem suas coleções de botânica e também

da criação de clubes dos amigos da natureza, assim como da previsão de se fazer em abril de 1934, a primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza. Outra demanda que este artigo apresenta é a possibilidade de se criar parques estaduais e municipais para a proteção à natureza, como uma política pública para o futuro.

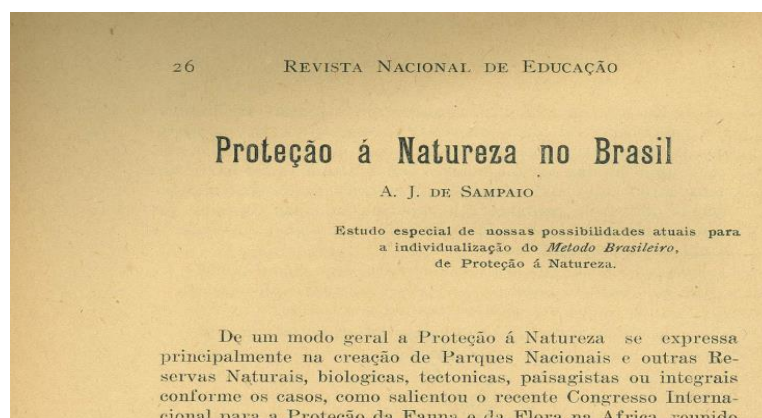
Figura 27: *Revista Nacional de Educação*, nº 13/14, p. 45, 1933.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Também na *Revista Nacional de Educação*, em seu número 15 também publicado em 1933, A. J. Sampaio escreveu o artigo “*Proteção à natureza no Brasil*”, onde o autor retoma algumas iniciativas internacionais de proteção à natureza para propor que o Brasil tenha seu próprio método de proteger a natureza, como pode ser visto abaixo:

Figura 28: *Revista Nacional de Educação*, nº 15, p. 26, 1933



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Este assunto aparece ainda, em outras publicações do Museu Nacional, como a própria *Revista Nacional de Educação*, em seu número 18, quando A. J. Sampaio descreve a experiência da primeira conferência de proteção à natureza do Brasil²²

²² ver em: *REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, nº 18, p. 31, 1934. Disponível em: https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/Rev_Nac_Edu_15/5-SAMPAIO.pdf acesso em 04 de abril de 2023.

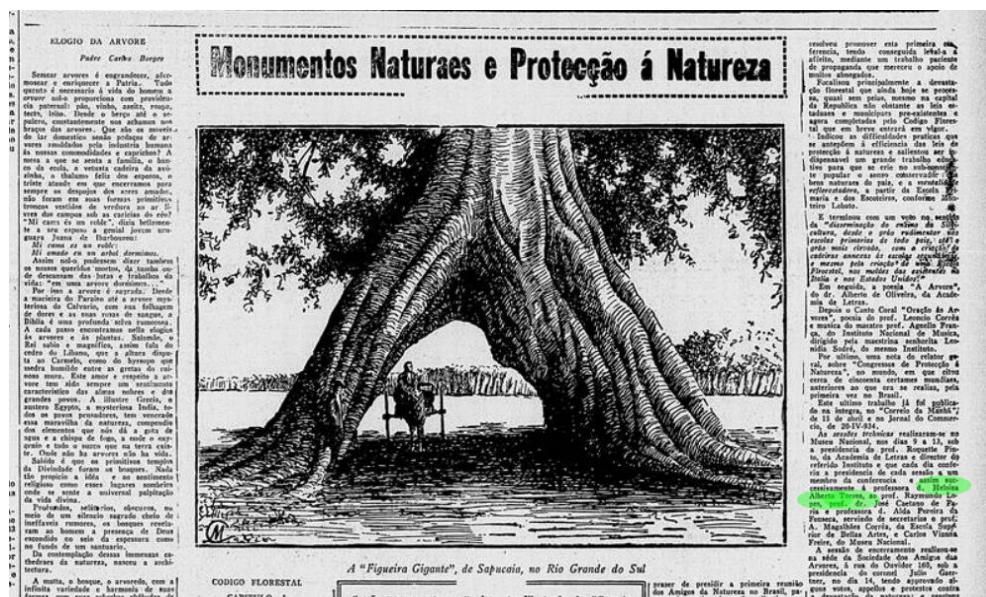
como o Boletim do Museu Nacional²³. A partir da literatura especializada e considerando a quantidade de publicações que foram produzidas a respeito da proteção da natureza em tão curto espaço de tempo, consideramos que as publicações do Museu Nacional à época, também eram uma ferramenta para pautar determinados assuntos, de interesse comum à sociedade, a partir do que acreditavam os cientistas do museu e também, a partir de interlocuções que esses cientistas faziam com diversas instituições no exterior, fato explicitado nos recortes de revistas aqui ilustrados e que ainda é pouco explorado pela literatura especializada no assunto.

Este tema, a proteção da natureza, é um exemplo deste fato. Franco (2007) diz sobre a participação dos intelectuais na criação de políticas de proteção à natureza:

O grupo empenhou-se em articular propostas relacionadas ao conceito de proteção à natureza com um projeto político mais amplo, de cunho nacionalista. Data dessa época a edição da primeira geração de leis brasileiras de proteção da natureza – o Código Florestal, o Código de Caça e Pesca, o Código de Águas, o Código de Minas e o Código de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, instituídos entre maio de 1933 e outubro de 1934. Além disso, a própria Constituição de 1934 encarregava os governos central e estaduais de proteger as “belezas naturais” e os “monumentos de valor histórico ou artístico”. (FRANCO, 2007, p. 1267)

Para além das publicações nas revistas, este tema também estava presente nos jornais, a exemplo da matéria a seguir, que cita o tema e fala sobre as articulações que aconteciam em função da criação de legislação que protegesse a natureza.

Figura 29: Correio da Manhã, 20 de maio de 1934.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

²³ ver em: Boletim do Museu Nacional, vol XI, nº 2, junho de 1935.

No artigo “*Proteção à natureza*”, A. J. Sampaio destaca que este é um tema relevante para a proteção dos nossos recursos naturais, fala sobre a relevância internacional do tema, reproduzindo a capa de uma revista que traz em sua capa uma chamada sobre os estudos da natureza na África Equatorial Francesa. Destaca ainda, que o Brasil já estaria contribuindo no que diz respeito à proteção da natureza, tendo um Código de Caça e Pesca, um Código Florestal, e uma Lei de Expedições Científicas (Revista *Uiára*, p. 16, 1937). Sabemos também, que Paulo Campos Porto, membro da Sociedade dos Amigos do Museu, teve uma trajetória profissional dedicada à natureza e sua proteção. Genro de Barbosa Rodrigues, secretário do Museu Botânico do Amazonas, foi diretor do Jardim Botânico e defensor das medidas de proteção à natureza.

Alberto Childe escreve o artigo “Arqueologia e Arquitetura” que discute a Arquitetura enquanto objeto da Arqueologia. Para tanto, disserta sobre as primeiras construções arquitetônicas ainda no Egito antigo, fala sobre suas estruturas e materiais utilizados como “*tijolos secados ao sol e paredes reforçadas por pilastras pouco distantes umas das outras*” (Revista *Uiára*, p. 18, 1937).

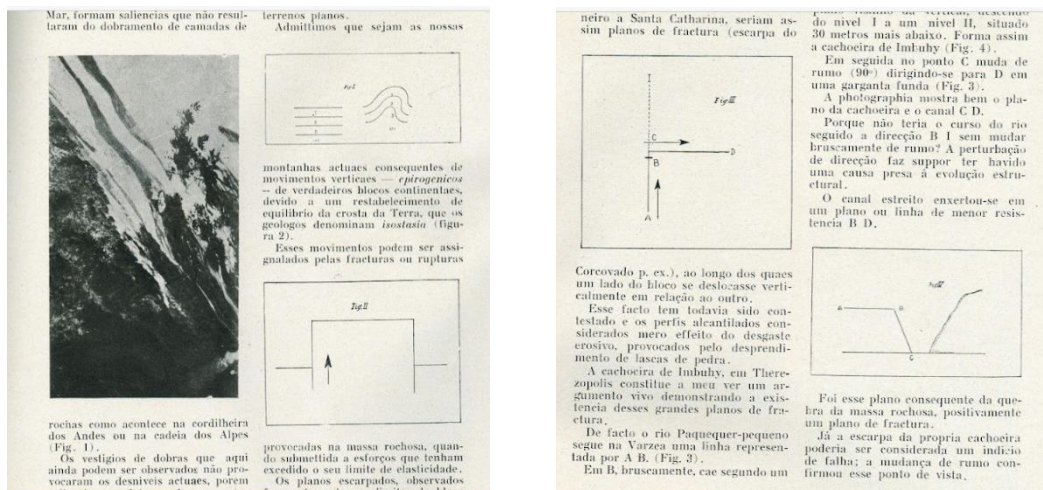
Entre os argumentos de Childe, o fato de que estas construções, assim como outros objetos estudados pela arqueologia, são testemunhos de uma época, de um contexto social e cultural, tecendo relações até mesmo com o meio ambiente em que está inserido. Entre estas, as tendências, o modo de pensar e de viver determinado pelo povo, responsável pela produção deste objeto. Estas edificações seriam então resultado de uma necessidade de se obter construções sólidas e robustas. Ao longo dos anos essas tecnologias para a construção de prédios monumentais foram sendo adaptadas a estruturas simplificadas de construções como residências. Desta forma Alberto Childe tece uma série de argumentos para mostrar ao leitor da *Revista Uiára* que é possível identificar características herdadas da arquitetura do Egito antigo em construções comuns ao cotidiano dessas pessoas. Aqui as características foram ressaltadas, para se deixar evidente as comparações feitas pelo autor, quando compara esses modos construtivos e suas heranças culturais.

Dando sequência aos artigos publicados na *Revista Uiára*, “*Revela a cachoeira do Imbuy a existência de uma falha?*” Escrito por Alberto Betim Paes Leme, o autor se dedica a explicar ao seu leitor as particularidades que o conjunto de montanhas da Serra do Mar possui em relação ao conjunto de montanhas da Cordilheira dos Andes (Argentina) ou nos Alpes (Suíça). Para ilustrar este estudo, o exemplo dado é a “Cachoeira do Imbuy” ou mais recentemente Cascata do Imbuí, localizada em Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro.

O autor então propõe comparações a partir de uma imagem dos Alpes e alguns esquemas de desenhos, como se pode ver a seguir:

Figura 30: Conjunto de imagens proposto por Paes Leme para explicar a diferença entre as montanhas brasileiras e os Andes e Alpes. *Revista Uiára*, p. 21, 1937

Figura 31: Conjunto de imagens proposto por Paes Leme para explicar a diferença entre as montanhas brasileiras e os Andes e Alpes. *Revista Uiára*, p. 21, 1937.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nas imagens acima, podemos observar a fotografia da “Cachoeira do Imbuhy” e dois esquemas que explicam na figura I o desdobramento de camadas de rocha que acontece nos Andes e nos Alpes e na figura II que explica os consequentes movimentos verticais de blocos continentais que em um movimento de restabelecimento de equilíbrio da crosta terrestre, formaram as montanhas da Serra do Mar (REVISTA UIÁRA, p. 21, 1937).

Alberto Betim Paes Leme tem sua trajetória marcada pelos estudos de rochas e suas características em diversas regiões do Brasil, já no Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro, como destaca Oliveira (2015):

Inicia, então, sua trajetória profissional ao lado de Derby, no SGMB, no qual foi um dos primeiros brasileiros a se interessar pela origem das rochas cristalinas da Serra do Mar. Depois, necessitando de um método de análise quantitativa dos minerais, desenvolveu, quando professor do Museu Nacional, um novo processo de análise espectral. Da gênese das rochas, da sua 15 constituição e decomposição, os trabalhos de Paes Leme revelam sua preocupação com as linhas gerais do conhecimento geológico, fruto de inspiração vinda de seus mestres franceses, como por exemplo o professor Albert Lapparent. Tendo realizado seus estudos da geologia em diversas regiões brasileiras, terminou sua obra contando a história da Terra dentro de um contexto de eventos ocorridos em algumas regiões do globo terrestre com casos e exemplos oriundos do Brasil. (OLIVEIRA, 2015, p. 14)

O que mais nos interessa neste artigo é o uso das imagens para ilustrar esses artigos científicos, de forma a tornar mais acessível o tema abordado. A partir da junção

de todas essas imagens, um tema complexo fica visualmente compreensível, inclusive quando comparamos a fotografia da cachoeira, com a figura IV. O autor argumenta e exhibe estudos científicos, colocando esse debate ao alcance do leitor da *Revista Uiára*.

O artigo “*Hervas de Passarinho*” onde Carlos Viana Freire disserta sobre os parasitas que atacam os pomares e apodrecem as árvores frutíferas que são muito procuradas pelos pássaros para se alimentarem. No texto, o autor descreve os problemas causados pelo parasita. O texto foi escrito a partir do envio de exemplares de goiabeira e jabuticabeira ao Museu Nacional por um fazendeiro da região de Teresópolis, no Rio de Janeiro. Carlos Vianna Freire identifica a erva de passarinho e orienta sobre como ela ataca a planta, sobre os cuidados e conclui que neste caso é mais fácil tratar a planta adocida do que nos casos em que a erva se espalha por toda a planta.

Este é um bom exemplo do que pretendiam as propostas explicitadas no editorial por Roquette Pinto para ampliar o alcance e a participação de pessoas interessadas em ciências. O Museu recebe uma colaboração e a ressalta dando publicidade a um doador de coleções para o Museu, divulgando a ideia de que as doações ao Museu são valorizadas. Este artigo também foi replicado na *Revista do Museu Nacional*, em seu segundo número, com a devida referência da publicação na *Revista Uiára*, no rodapé da página.

A seguir, estão as ilustrações, produzidas por Francisco Manna, então ilustrador do Museu Nacional. As ilustrações científicas mediam o conhecimento científico produzido e publicado na revista, desta forma, facilitam a compreensão do texto por parte do leitor. Especialmente neste artigo, as ilustrações produzidas como cortes das partes da jabuticabeira, permitem que o leitor tenha acesso a detalhes da estrutura da planta que não são visíveis a olho nu, como destacam Salgado et, al (2015):

Ao combinar o conhecimento científico com técnicas de observação, desenho e representação, a ilustração clarifica factos, explica conceitos e salienta as características importantes. Em simultâneo, omite toda a informação redundante que possa distrair o observador dos conteúdos principais. Disciplinas como a Arqueologia, a Antropologia, a Paleontologia e a Biologia servem-se destes desenhos interpretativos para desconstruir objetos e representar aspetos que não são visíveis a olho nu, recorrendo para tal a vistas seccionadas, transparências e diagramas com diferentes graus de complexidade. Assim, qualquer forma ou detalhe que não possa ser transmitido por palavras torna-se inteligível através da sua tradução visual. (SALGADO et al, 2015, p. 381).

As ilustrações produzidas por Francisco Manna para o artigo “*Hervas de Passarinho*” mostram diversos cortes e legendas que facilitam a compreensão do leitor, como se pode observar a seguir:

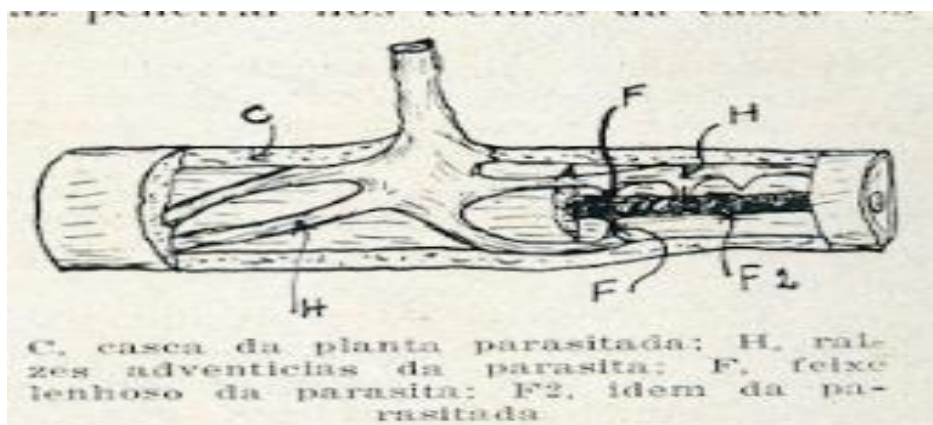
Figura 32: Caule da Goiabeira atacado pelas hervas de passarinho, *Revista Uiára*, p. 23, 1937).



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

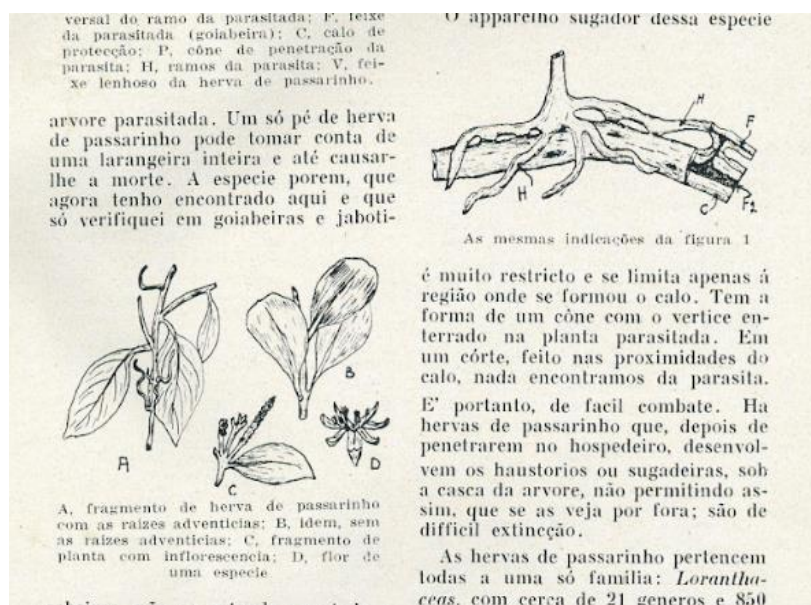
Figura 33

Figura 33: Caule da Goiabeira atacado pelas hervas de passarinho, *Revista Uiára*, p. 23, 1937).



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 34: Fragmentos da Goiabeira atacada pelas hervas de passarinho, caule e folhas. *Revista Uiára*, p. 24, 1937).



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Na imagem acima destacamos a presença das ilustrações científicas e o formato que a página da revista assume ao incluí-las no texto. Neste sentido, as ilustrações são apresentadas de forma a darem continuidade ao discurso apresentado, integradas ao texto. Ao mesmo tempo que o leitor passa os olhos pelo texto ele precisa retomar às ilustrações e legendas. Estes aspectos reafirmam a importância que as mais diversas formas de registro tiveram, sobretudo na constituição das coleções e nas práticas instituídas nos museus de História Natural.

Além dessas questões, algo que destacamos neste artigo é o fato dele ilustrar uma parceria do Museu com seu público, o que vem reforçar a escuta para com o leitor da *Revista Uiára*, reforçando os laços do Museu com seu público e colocando em evidência as possibilidades de parceria com o público que o Museu desejava somar.

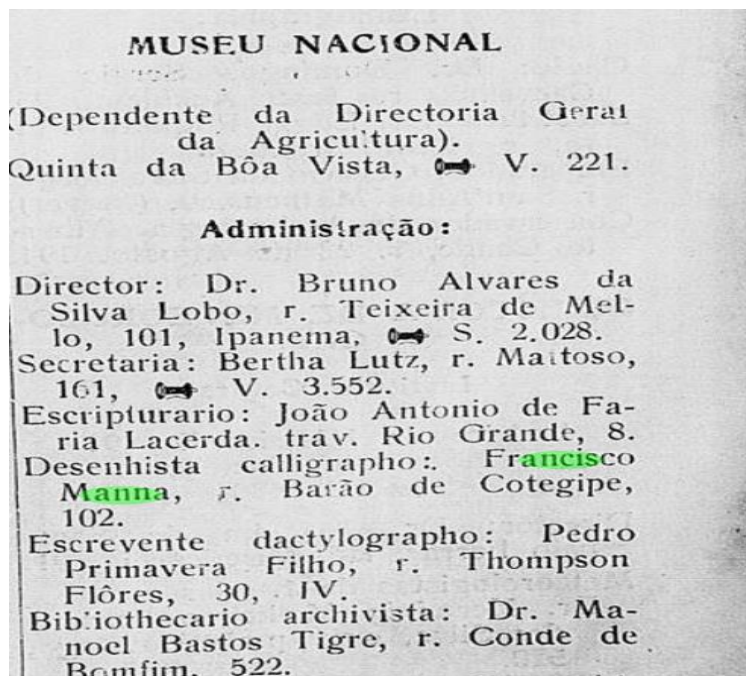
Não foram encontradas bibliografias que tratem de Francisco Manna, estudando suas relações com o Museu Nacional. Algumas referências tratam sobre o pintor/desenhista no campo das Artes, são algumas delas: Ayala (1992), Braga (1942), Damasceno (1971) e PINACOTECA do Estado de São Paulo (1978)²⁴.

Sabemos, que Francisco Manna foi desenhista do Museu Nacional, já que suas ilustrações aparecem nas *Revistas do Museu Nacional* e *Uiára*. Abaixo, vimos uma relação de funcionários do Museu, onde aparece o nome de Manna com a descrição de

²⁴ FRANCISCO Manna. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa284161/francisco-manna>. Acesso em: 30 de abril de 2023. Verbete da Enciclopédia.

seu cargo “Desenhista, calígrafo”. Este é o primeiro registro encontrado (que nos dá indícios da data) em que se estabelece o vínculo entre Francisco Manna e o Museu.

Figura 35: Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial, 1922, vol 1.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Importante pintor do século XX, Francisco Manna foi aluno da Escola Nacional de Belas Artes, membro da Sociedade Brasileira de Belas Artes, onde conviveu com Bruno Lobo²⁵, então Diretor do Museu Nacional. Participou de diversas exposições, que foram amplamente divulgadas, no mesmo período e diversas críticas são publicadas nos jornais, a respeito do destaque que Francisco Manna ganha nos salões de arte, como é o caso do texto publicado abaixo:

²⁵ Para ver mais: Jornal Dom Quixote, edição 00233 de 1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095648&pesq=%22Francisco%20Manna%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=7081> Acesso em: 18 de abril de 2023.

Figura 36: Dom Quixote, 1920, edição 00172.

SO DOS SEUS quadros
Francisco Manna bate o «record» no actual Salão, com o seu «Ocio de estudante», genero caricatura, onde ha mãos deslocadas e troncos sem pernas, fazendo o professor Amoedo afirmar :
 — Este é o melhor quadro do «Salon», esquecendo por modestia os quadros catalogados sob os numeros 7 e 8.
Francisco Manna tem mais: «Recreio Matinal», que são duas crianças sentadas num banco de jardim publico.
 As pernas do menino devem ter bem contadas, 8 cabeças e meia !...

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.
 Figura 37: O Imparcial, p. 7, 22 de setembro de 1923.

✽

Francisco Manna vae fazer, em outubro, uma exposição na Galeria Jorge. E' um motivo de satisfação para os raros que aqui se preocupam com essas coisas de arte. Manna é um pintor distinto e esforçado. Honesto e trabalhador. No "Salão" já obteve menção honrosa de 1º grau em 1906, medalha de prata em 1909 e varios premios de consolidação. E' da Sociedade Brasileira de Bellas Artes. A arte do pintor do "Tarde de sol" é agradável e suggestiva, cheia de sentimento e de belleza. A exposição de **Francisco Manna**, por tudo isso, alcançará o successo merecido.

CARLOS RUBENS.

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

O destaque de Francisco Manna nas exposições de arte, justamente em um momento em que é contratado como desenhista do Museu Nacional, nos chama a atenção para o fato de que o museu buscava colocar em seu quadro, profissionais de excelência. A trajetória do artista no museu foi longa, uma vez que, suas ilustrações estão presente na *Revista do Museu Nacional*, publicada nos anos 40, ou seja, aproximadamente vinte anos após o primeiro registro que encontramos de seu vínculo com o museu.

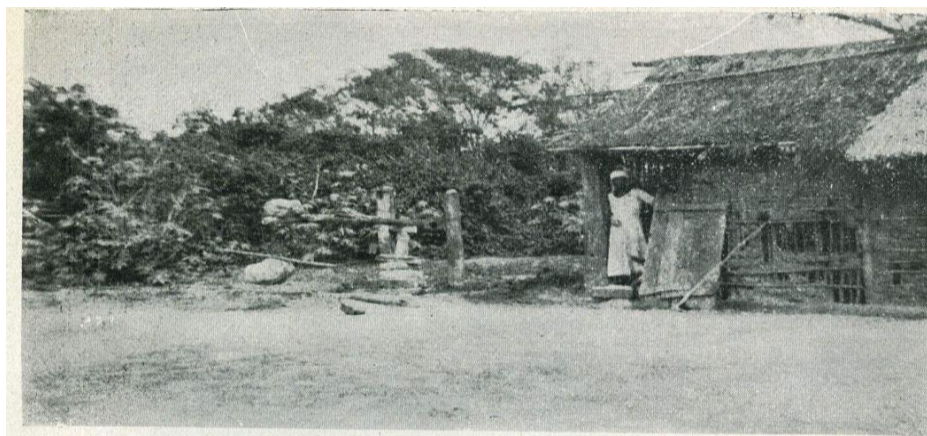
Não foram encontrados nos jornais pesquisados, maiores informações que relacionam Francisco Manna ao Museu Nacional, sua passagem pela instituição também não é explorada em publicações científicas que tratam sobre sua vida e obra, Ayala (1992), Braga (1942), Damasceno (1971) e PINACOTECA do Estado de São

Paulo (1978). por isso, consideramos importante destacá-lo em relação ao Museu Nacional, justamente porque faltam referências que fazem isso e também porque assim compreendemos o contexto de publicação da Revista.

Outros artigos da Uiara são “Temperamento e constituição” em que Bastos Ávila discute a diferença do temperamento ou das formas em que os homens se portavam em sociedade, a partir das figuras de Dom Quixote e Sancho Pança; e “Tipitis do Rio de Janeiro” em que Raimundo Lopes fala sobre os Tipitis que são parte do acervo do Museu Nacional, sobre como eles foram coletados, no interior do estado do Rio de Janeiro em 1936 e as características com que foram produzidos. O autor também detalha as suas formas e usos, o que é possível perceber no trecho a seguir que detalha o funcionamento da prensa de Tipitis usada na produção de farinha, ilustrada pelo texto e fotografia abaixo:

Prensa de vara armada ao lado de casa de forno de farinha em um sítio de lavradores negróides, na estrada entre Porto do Carro e Campos Novos, município de Cabo Frio, Estado do Rio. Excursão R. Lopes, 1936. A prensa consta de dois postes que suportam um eixo transversal, ao qual é adaptada a vara acionada por pesos, comprimindo dois tipitis redondos por meio de uma peça vertical que se vê entre os dois postes. (REVISTA UIÁRA, 1937, p. 28)

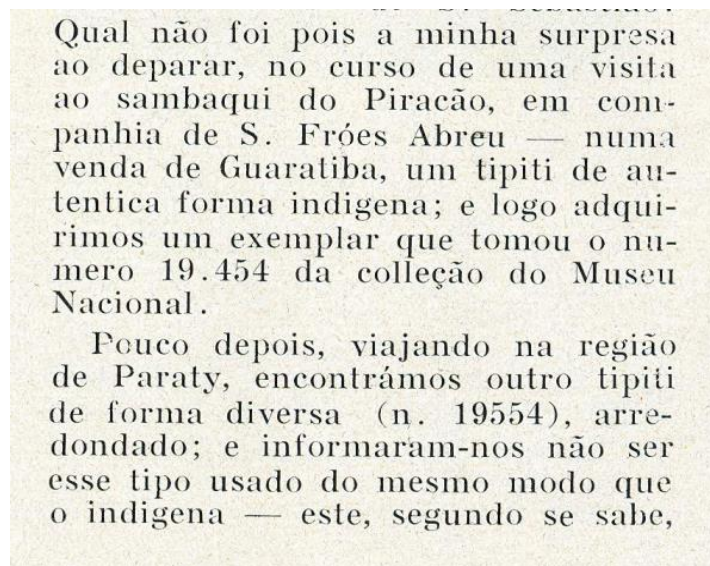
Figura 38: No canto esquerdo da fotografia, à porta da residência de uma senhora, a prensa dos tipitis. *Revista Uiára*, 1937, p. 28.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

O fato de Raimundo Lopes explicar o modo de funcionamento desses objetos encontrados e recolhidos ao museu, evidencia a prática do registro, onde consolidou-se que, a recolha do maior número de informações acerca do objeto em seu ambiente de origem ajuda a contar a história e a trajetória deste objeto, que não fala por si e que carrega símbolos importantes da nossa herança cultural.

Figura 39: Trecho do texto em que Raimundo Lopes narra a recolha de objetos para o acervo do Museu Nacional. *Revista Uíára*, 1937, p. 28.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Detalhes como os descritos acima, evidenciam a importância das práticas que se estabeleciam nos museus e o fato dessas práticas estarem descritas em uma revista de grande circulação, diz sobre a intencionalidade dessa publicação, aproximar o leitor das suas práticas e também oferecer a ele possibilidades de localizar o acervo no museu, inclusive através de sua numeração. Isto também valoriza as coleções do museu, à medida que comunica ao público sua multiplicidade e suas características. Interessante percebermos como um único artigo nos apresenta uma multiplicidade de formas para objetos diferentes com mesmo nome e função, que é o caso da diferenciação entre o tipiti arredondado e o tipiti alongado, ilustrados pelas imagens abaixo:

Figura 40: Tipiti redondo, *Revista Uíára*, 1937, p. 29.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 41: Tipiti alongado, *Revista Uiára*, 1937, p. 29.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Algo interessante deste artigo, é que ele indica uma outra publicação a respeito do mesmo tema, desta vez na *Revista Nacional de Educação*, publicada em 1933, como segue: “A esses e outros aspectos da antropogeografia dos objetos usuais da nossa terra, referimo-nos em artigo da *Rev. Nac. de Educação*, n. 11 - 12, Ag. Set. 1933.” (REVISTA UIÁRA, 1937, p. 28). Esta referência é interessante porque ela oferece ao leitor mais possibilidades de aprender sobre um mesmo tema, analisando a publicação na *Revista Nacional de Educação*. Posteriormente, um artigo que também trata sobre este acervo aparece no primeiro número da *Revista do Museu Nacional*, escrito por Raimundo Lopes, como forma de replicar uma palestra oferecida na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, aqui sem data registrada, publicada na *Revista Nacional de Educação* descrita acima.

Não aparece, porém, na *Revista do Museu Nacional*, nenhuma referência ao artigo publicado na *Revista Uiára*. O desdobramento desta análise acontece adiante no texto, com contribuições da teoria da Museologia, quando analisamos a *Revista do Museu Nacional* e onde poderemos acompanhar outras imagens referentes a este mesmo acervo.

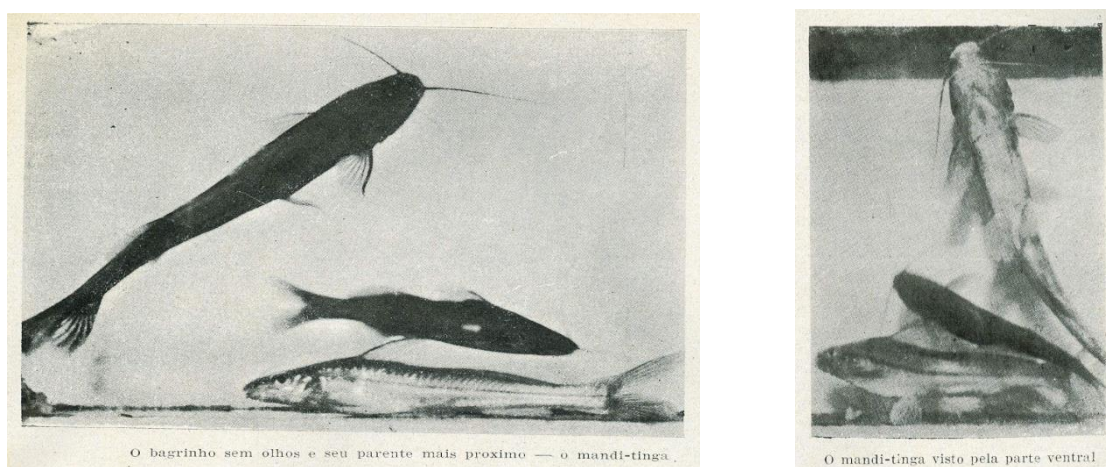
Em “O bagrinho sem olhos das grutas de Iporanga” Othon Henry Leonardos, fala sobre uma espécie de peixe que não possui olhos. Localizamos o artigo que

descreve o bagrinho sem olhos na revista Kosmos publicada em 1907, de acordo com a referência citada por Maria Rosa Lopez Cid (2009, p. 151).

O texto, além de apresentar as condições em que o peixe sobrevive, foi escrito porque pretende chamar a atenção para o fato de outros animais da mesma espécie terem sido encontrados em diferentes localidades, uma vez que, este foi o primeiro peixe de caverna descrito no Brasil. Nos chamam atenção os registros no conjunto de imagens a seguir:

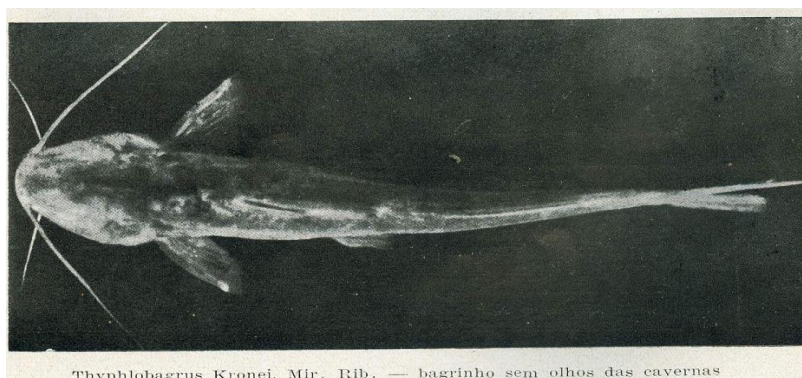
Figura 42: “O Bagrinho sem olhos e seu parente mais próximo” em duas vistas diferentes. *Revista Uiára*, 1937, p. 30.

Figura 43: “O Bagrinho sem olhos e seu parente mais próximo” em duas vistas diferentes. *Revista Uiára*, 1937, p. 30.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

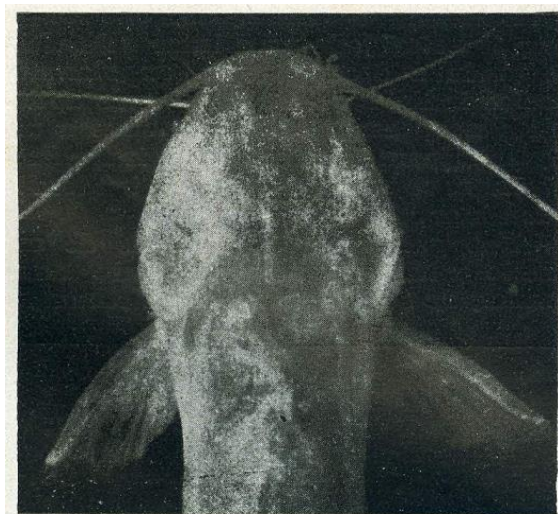
Figura 44: O bagrinho sem olhos em diferentes vistas. *Revista Uiára*, 1937, p. 31 - 32.



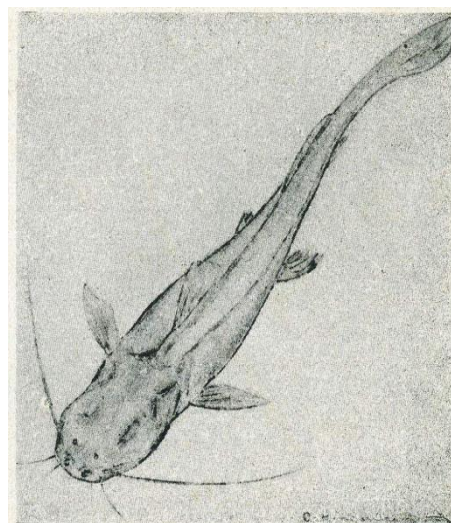
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 45: O bagrinho sem olhos em diferentes vistas. *Revista Uiára*, 1937, p. 31 - 32

Figura 46: O bagrinho do Iporanga, esboço ao natural. *Revista Uiára*, 1937, p. 32



Cabeça de *Typhlobagrus* mostrando a ausência de olhos



O bagrinho sem olhos de Iporanga. Esboço do natural

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Esse conjunto de imagens nos chama a atenção pelo fato de ter sido produzido para este artigo, a partir das práticas usadas no museu para registro dos seus acervos, registrando diversas vistas do mesmo animal. Acreditamos que esta quantidade de imagens feitas a partir do mesmo animal, além de pressupor a identificação de outros animais com características similares, identifica e replica uma prática comum aos museus, de registrar de diversas vistas seus acervos. Esta prática não foi encontrada, na *Revista Kosmos*, quando Miranda Ribeiro publica apenas uma imagem do peixe, podemos ver a seguir:

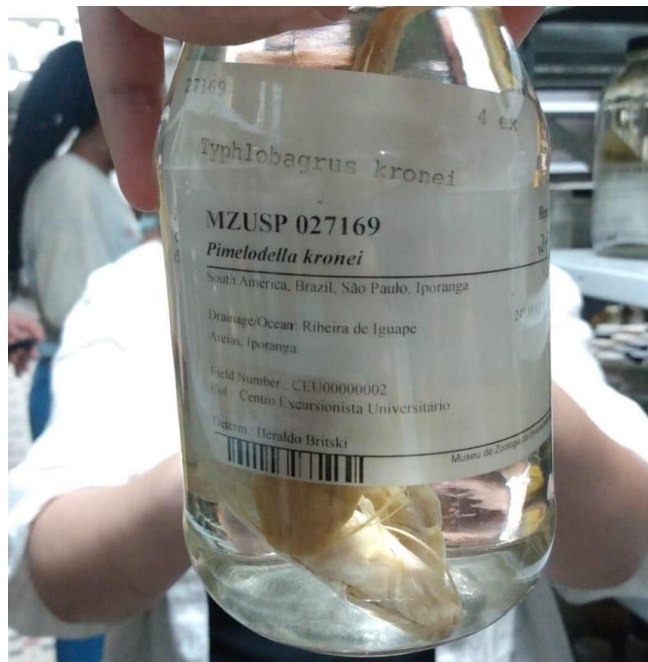
Figura 47: *Revista Kosmos*, número 1, janeiro de 1907.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Exemplares de peixes como os que ilustram e são tema do artigo, são parte também do acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 48: Acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Fotografia da autora.



Fonte: Acervo do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Comentados os artigos da *Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional*, a seguir, aprofundamos em algumas questões inerentes à prática museológica presentes na Revista do Museu Nacional.

CAPÍTULO 3: A REVISTA DO MUSEU NACIONAL

As Revistas do Museu Nacional, não serão analisadas em sua totalidade, foram selecionados artigos que nos ajudam a pensar sobre a presença das práticas museológicas na revista. Dessa forma, alguns números são mais explorados, enquanto outros possuem uma quantidade de artigos como por exemplo, notas de falecimento e outras, que nós decidimos tirar do escopo das análises.

A *Revista do Museu Nacional* (1944 - 1945) é a última das Revistas publicadas dentro do conjunto analisado nesta dissertação. É uma publicação que conta com cinco números impressos, publicados em agosto e dezembro de 1944 e abril, agosto e dezembro de 1945, publicados pela Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional.

Assim como a *Revista Uiára*, a *Revista do Museu Nacional* também foi pouco explorada em seu potencial de pesquisa, não tendo sido até o presente momento, objeto

de análise sob o olhar da museologia. Acreditamos que este é um diferencial desta pesquisa, pois ela enxerga a Revista para além de um exemplar bibliográfico e permite que a percebamos como lugar de registro das práticas que se conformavam especialmente no Museu Nacional.

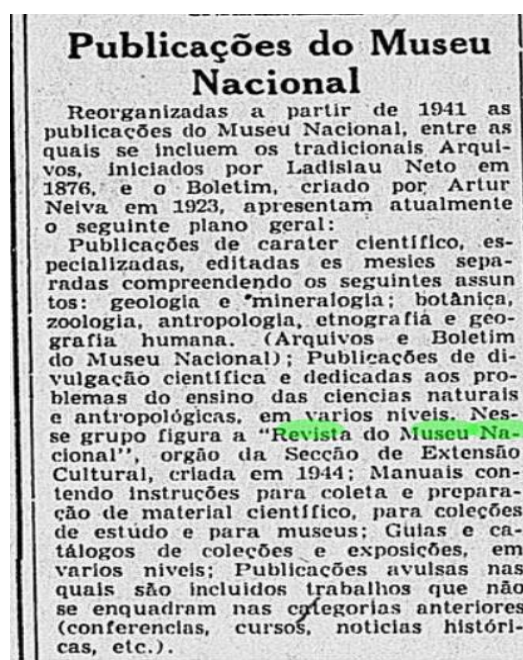
O período ao qual corresponde a circulação da *Revista do Museu Nacional*, corresponde a um momento de reformas do edifício, em que o Museu se encontrava fechado à visitação pública, recebendo pontualmente professores e pesquisadores, presencialmente ou por correspondências. Sob a direção de Heloísa Alberto Torres, o Museu Nacional fecha para reformas em outubro de 1941. Durante o período em que circulou, a *Revista do Museu Nacional* cumpriu a função de comunicar à sociedade, as atividades que aconteciam no Museu no período em que não havia exposição pública. A seguir recortes de jornal que falam sobre o fechamento do museu e a circulação da Revista.

Figura 49: Diário de Notícias, 30 de maio de 1945.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 50: Diário de Notícias 11 de junho de 1946, p. 08



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Em seus cinco números publicados pela seção de extensão cultural, a *Revista do Museu Nacional* contou com uma publicação a cada três meses, circulando em edições dos meses de abril, agosto e dezembro, somando cinco números. Com uma tiragem inicial de 5 mil exemplares distribuídos em Instituições de ensino e pesquisa, impressa no próprio Museu Nacional, contendo 34 páginas, acrescidas de uma prancha com reproduções de pinturas e desenhos diversos, a revista foi impressa em papel de boa qualidade, com imagens em preto e branco, também de alta qualidade. Apenas as capas da *Revista do Museu Nacional* são coloridas.

A *Revista do Museu Nacional* então, surge no contexto do fechamento do Museu Nacional para as obras de reforma do prédio, aproximadamente quatro anos após o início das obras assumidas por Heloísa Alberto Torres e abarca um período importante porque a publicação das Revistas justifica para a sociedade que mesmo fechado, o museu continua em pleno funcionamento. Este é um período em que a Diretora do Museu Nacional recebe muitas críticas, espalhadas pelos jornais, em razão do longo período de fechamento do Museu.

Para compreendermos melhor este contexto institucional, exploramos a seguir, a trajetória de alguns profissionais que circulam pelo Museu neste momento e que colaboram com a publicação da Revista. Iniciamos por Heloísa Alberto Torres e discorreremos sobre a relação da Diretora do Museu com algumas personalidades que trabalhavam na instituição, porque consideramos que, a partir da costura dessas

trajetórias e relações, podemos compreender os caminhos que muitas vezes ditam o editorial da Revista.

Explorar a trajetória da Heloísa Alberto Torres, já amplamente estudada por diversos pesquisadores sob os mais distintos olhares, é fundamental para compreendermos as relações que se estabelecem no Museu Nacional durante o período de publicação das revistas. Isso porque Heloísa constrói toda sua trajetória profissional no Museu Nacional e assume a diretoria durante o período estudado. As relações estabelecidas entre Heloísa e outros intelectuais do Museu Nacional também nos são caras, porque elas refletem de diversas formas na publicação das Revistas.

Heloísa Alberto Torres foi diretora do Museu Nacional durante o período que compreende os anos de 1938 e 1955. Anterior a esse período, sua trajetória no Museu inicia-se como estagiária, com Edgard Roquette-Pinto e mais tarde, em 1925, quando prestou concurso para professora que substituiria Roquette-Pinto na Seção de Antropologia e Etnografia (Lopes e Abreu, 2018).

Ao descreverem o período em que Heloísa Alberto Torres assume a direção do Museu Nacional (Lopes e Abreu, 2021) destacam as diversas turbulências pelas quais Heloísa passou:

Heloisa Alberto Torres havia acabado de assumir a direção do Museu Nacional, depois de dois períodos como vice-diretora, de 1935 a 1937. Sem dúvida deveria estar muito ocupada. Nesse período de 1937 a 1941, o museu estava subordinado à Universidade do Brasil, criada em 1937. Foram anos em que o Museu Nacional foi esvaziado de alguns dos principais pesquisadores em função da “Lei do Estado Novo”, que passou a impedir a acumulação de cargos. Por iniciativa da diretora, jovens pesquisadores passaram a ser integrados ao museu. O edifício, quase em ruínas, seria outra das preocupações da diretora, que conseguiu apoio do Sphan para seu tombamento em 1938 e para as reformas do prédio a partir de 1941; não sem críticas de seus opositores, uma vez que estas levaram ao fechamento das exposições públicas (LOPES E ABREU, 2021, p. 06)

Sabemos que Heloísa, compõe sua trajetória ocupando diversos espaços, como parte de uma rede de intelectuais que se estabelecia, quando são justamente essas relações que nos interessam. Lopes e Abreu (2018) escrevem sobre sua passagem pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN):

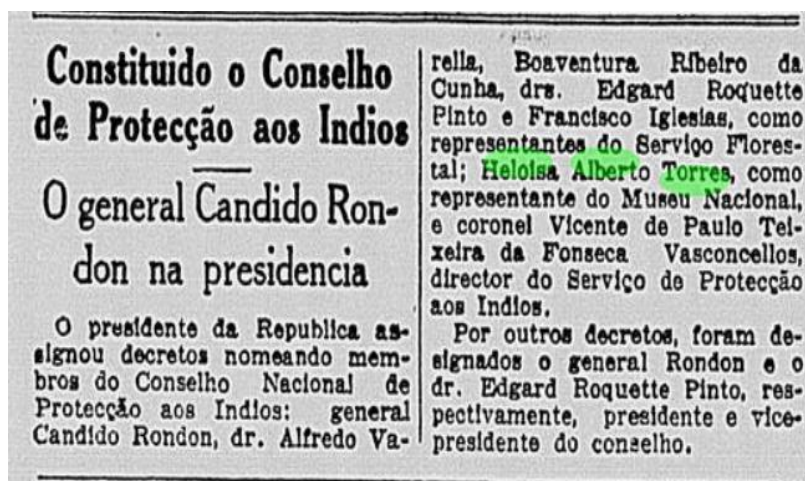
Destacamos aqui sua filiação científica a Roquette-Pinto porque ela é bastante esclarecedora do posicionamento tomado por Heloisa Alberto Torres quando da criação de uma nova agência cuja competência seria cuidar e zelar pelo patrimônio artístico e histórico nacional, mas cujo anteprojeto elaborado por Mário de Andrade atingia em cheio a competência dos museus já existentes. (LOPES; ABREU, 2018, p. 89)

A passagem de Heloísa pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é explorada adiante, quando analisamos o único artigo de sua produção publicado nas Revistas. Trata-se do artigo “*Vaso Marajoara*” publicado na *Revista do*

Museu Nacional, nº 4 de 1945. Interessa sobretudo, esta filiação da Heloísa Alberto Torres com Edgard Roquette-Pinto porque ela se desdobra em resultados que podemos acompanhar nas revistas estudadas, onde a figura de Roquette é homenageada e suas iniciativas no âmbito do Museu Nacional sempre lembradas. Acreditamos que esta parceria acontece também com outros autores que figuram nas revistas e de certo modo determina seus conteúdos. Isso porque cada profissional que escreve para a Revista apresenta ali parte de seu trabalho. As Revistas *Uiára* e *Do Museu Nacional* também são influenciadas como veremos adiante, pela *Revista Nacional de Educação*, tendo a figura de Roquette-Pinto uma importante participação.

Ao falarmos das relações que Heloísa Alberto Torres estabeleceu com seus colegas de trabalho, podemos citar recortes de jornais que ilustram esta parceria, como a seguir:

Figura 51: Correio da Manhã, 3 de dezembro de 1939.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Em dezembro de 1939, como podemos ver acima, o Correio da Manhã noticiava que Heloísa Alberto Torres iria compor o *Conselho de Protecção aos Índios*, onde Edgard Roquette-Pinto era presidente. Lopes e Abreu (2021) escrevem sobre o Museu Nacional neste contexto em que Heloísa Alberto Torres integra o *Conselho de Protecção aos Índios*:

Em novembro desse ano, Heloísa Alberto Torres estava deixando o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, e, em dezembro assumiu o cargo de conselheira do recém-criado Serviço de Protecção aos Índios. A partir de seu protagonismo nessas instituições e de seu novo cargo no museu, sua atenção voltava-se para o início da cooperação internacional com a Universidade de Columbia e controlava com assiduidade –como evidenciam suas inúmeras cartas do período– os trabalhos de campo em Etnologia de jovens estadunidenses, como Buell Quaine Charles Wagley, além de Ruth Landes e do jovem estagiário do Museu Nacional, Eduardo Galvão.¹⁷ Acompanhava de perto a colaboração da seção de antropologia do museu com os estudos e trabalhos de tombamento da arquitetura regional do Maranhão do Serviço do Patrimônio Histórico

e Artístico, do qual integrou também o Conselho Consultivo, em cargo vitalício desde 1938, exercendo o papel de “mão direita” de Rodrigo Melo Franco de Andrade. (LOPES E ABREU, 2021, p. 7)

A trajetória de alguns dos jovens antropólogos trazidos por Heloísa para o Museu Nacional, é explorada rapidamente à diante, para enfocar como essas parcerias refletiam o contexto cotidiano do Museu.

Diversos autores enfocam em seus trabalhos a trajetória de Heloísa Alberto Torres, entre esses, Silva (2018), fala sobre a colaboração de Heloísa para a manutenção do círculo de intelectuais do qual fez parte:

O resgate de sua trajetória contribui com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina. Seu desempenho no mundo público contribuiu para rotinização e normatização das atividades do campo das ciências sociais, sua trajetória a partir dos diferentes círculos sociais a que pertenceu evidencia o modo como colaborou para a manutenção e crescimento do círculo intelectual responsável ao longo do tempo pela formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com outras pioneiras. (SILVA, 2018, p. 36).

Círculo esse que é afirmado na matéria abaixo publicada no jornal “A noite” no ano de 1947, que cita uma mesa redonda de intelectuais que discutiam diversos assuntos e dá destaque à figura de Heloísa Alberto Torres, como abaixo:

Figura 52: “À noite”, 1947.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Em sua trajetória profissional, sobretudo à frente do Museu Nacional, Heloísa recebeu inúmeras críticas que por vezes estavam estampadas nos jornais de grande circulação. Em 1946, Heloísa teve um embate com Othon Leonardos, que após uma série de matérias questionando Heloísa sobre os motivos de sua permanência na Direção do Museu Nacional:

O engenheiro civil e de minas, Othon Henry Leonardos, por ocasião das eleições de 1946 para a diretoria do Museu Nacional—quando ganhou as eleições, mas não levou—, fez inúmeras e sérias críticas à diretora. Entre essas, acusou Heloisa Alberto Torres de não ter dado a devida atenção à Exposição dos Centenários Portugueses, e enviado a Portugal "os mostruários que chegaram a ser arrumados no pavilhão brasileiro mas não foram exibidos ao público porque a comissão julgou deprimente apresentar o Brasil como um país de negros e macumbas". Em resposta, Heloisa Alberto Torres denunciou como antidemocrático e anticientífico o conceito de superioridade de raça e a tentativa de se esconder o "elemento negro", a quem o país devia em muito, que continuava a ser explorado, e que deveria necessariamente ser destacado quando se tratasse das questões antropológicas brasileiras. (LOPES, ABREU, 2021, p. 04)

Seja pelo seu embate público com Othon Leonardos, pelo seu posicionamento frente às obras no edifício do museu, seja pelo seu trabalho junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

No período em que ocupou a direção do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres implementou uma série de atividades voltadas para a institucionalização da disciplina antropológica, a começar pela criação da carreira de antropólogo, à qual atribuiu um caráter eminente prático, voltado para a pesquisa de campo e para a coleta de objetos de cultura material, principalmente na área indígena. O treinamento de pesquisadores nas rotinas do trabalho de campo foi conduzido por meio de convênios internacionais como os celebrados com a Universidade de Columbia, cuja dinâmica pode ser recuperada através da correspondência mantida com pesquisadores estrangeiros e brasileiros envolvidos nestes trabalhos, entre os quais podemos citar Charles Wagley, Charles Watson, Buell Quain e William Lipkind, do lado internacional, e Eduardo Galvão, Luiz de Castro Faria, Nelson Teixeira e Rubens Meanda, entre outros, do lado brasileiro. (HOFFMANN, [200-?], p. 1)

Alguns desses, são autores na *Revista do Museu Nacional*, é o caso de Luiz de Castro Faria²⁶, Eduardo Galvão e Charles Wagley. Dessa forma, ao pensar o editorial da revista, Heloísa estava preocupada sobretudo em divulgar os resultados de suas parcerias e treinamento de pesquisadores em antropologia.

Charles Wagley foi um Antropólogo norte-americano, naturalizado brasileiro que estudava populações indígenas. A partir da parceria que estabeleceu com Heloísa

²⁶ Ver: DOMNIGUES, Heloísa Maria Bertol; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.). FARIA, Luiz de Castro. Paisagens culturais e gêneros de vida. Rio de Janeiro, Editora Ouro Sobre Azul, 2022, 528p.

Alberto Torres fez diversas viagens pelo Brasil²⁷. A partir dessas viagens estabeleceu contato com também diversos povos indígenas produziu artigos que publicou no *Boletim do Museu Nacional*, na *Revista do Museu Nacional*, na *Revista do Instituto Brasil Estados Unidos*. e em diversas outras revistas especializadas, no Brasil e no exterior, especialmente entre os anos de 1943 e 1945. No Jornal "O Jornal" Charles Wagley publicou uma série de textos.

Um indício da importância de sua passagem pelo Museu Nacional e de Heloísa Alberto Torres em sua trajetória como antropólogo, de acordo com Pace (2014) foi a partir de seus interesses por estudar etnografia indígena, é que Heloísa Alberto Torres teria o levado para o Museu Nacional, parte desta pesquisa foi publicada na *Revista do Museu Nacional*.

Wagley foi inspirado pelo interesse de Linton em aculturação e, para sua segunda pesquisa etnográfica, procurou estudar um grupo remoto que passava por rápidas mudanças. Este desejo chamou a atenção de Heloísa Alberto Torres, do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que estava recrutando pessoas formadas em Columbia para realizar pesquisas no Brasil. Com o apoio administrativo de Torres e uma sugestão de Alfred Métraux sobre que grupo pesquisar, Wagley viajou pelo rio Araguaia, em 1939, para passar 15 meses estudando os Tapirapé. Ele publicou vários artigos sobre esta pesquisa (...). (PACE, 2014, p. 598).

No texto abaixo, Edgard Roquette-Pinto escreve sobre a ida de Charles Wagley para estudar indígenas Tapirapé. Em um texto que se chama "Os francos atiradores da diplomacia", Roquette-Pinto vê com desconfiança o interesse e o acesso de estudantes estrangeiros no território indígena brasileiro.

Figura 53: Diretrizes: Política, Economia, Cultura, 1939, edição 0014, p. 20.

Charles Wagley partiu há pouco (1939) para estudar os índios Tapirapé, do Araguaia.
 J'en passe...
 A presença de tantos jovens estudantes norte-americanos no coração do Brasil, enviados por mestres de alta responsabilidade mostra o interesse que a nossa terra vai despertando na grande república do norte.
 O Concurso Cultural de "DIRECTRIZES" — vem, pois, na hora certa...

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷ PACE, Richard. O legado de Charles Wagley: uma introdução. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/qBLkvM8HjfxhdMxqyf7Rnjx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

Esta relação de Charles Wagley com Heloísa Alberto Torres nos interessa, porque dela, podemos também dizer sobre a relação estabelecida com Curt Nimuendaju e outros. Escrever sobre esta relação, nos ajuda a contar como Heloísa Alberto Torres articula seus projetos para o Museu Nacional. A relação de Heloísa com Charles Wagley e Curt Nimuendaju, por exemplo, nos diz sobre as parcerias e relações que a diretora do Museu Nacional faz, para que o museu passe a investir na formação de antropólogos, uma característica marcante da gestão de Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional.

João Moojen de Oliveira, nasceu em Minas Gerais e iniciou seus estudos no colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde também se tornou farmacêutico e cursou algumas cadeiras no curso de medicina, ambos na Universidade do Rio de Janeiro.²⁸ Sua trajetória como professor de diferentes disciplinas: *“História Natural, Ciências Naturais, Física, Química, Francês, Inglês, Geometria, História do Brasil e História das Civilizações”* e *“Zoologia e Biologia Geral, Parasitologia e Entomologia”*. Ávila-Pires (2005, p. 07) foi fundamental para sua carreira que se estabelece no Museu Nacional, a partir de 1938²⁹.

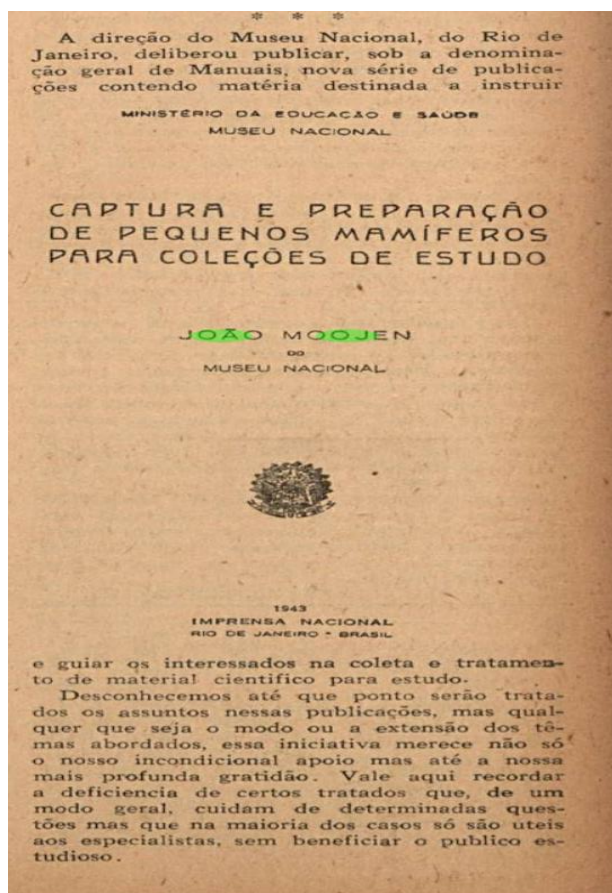
João Moojen teve uma importante contribuição para os estudos da Zoologia, especialmente no que diz respeito às aves. Destacou-se no campo da Zoologia e era reconhecido publicamente pelo seu trabalho como zoólogo. Um de seus trabalhos foi publicado em uma revista que circulou em São Paulo, a “Chácaras e Quintais”, como forma de divulgar tanto o trabalho científico de João Moojen, mas também, fazer circular manuais com instruções para preparação de coleções.

A revista, apesar de ressaltar a importância da publicação não deixa de apresentar alguma reserva ao tratamento de alguns temas:

²⁸ AVILA-PIRES, Fernando Dias De. JOÃO MOOJEN (1904-1985). Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.63, n.1, p.7-12, jan./mar.2005. Acesso em: 19 de abril de 2023.

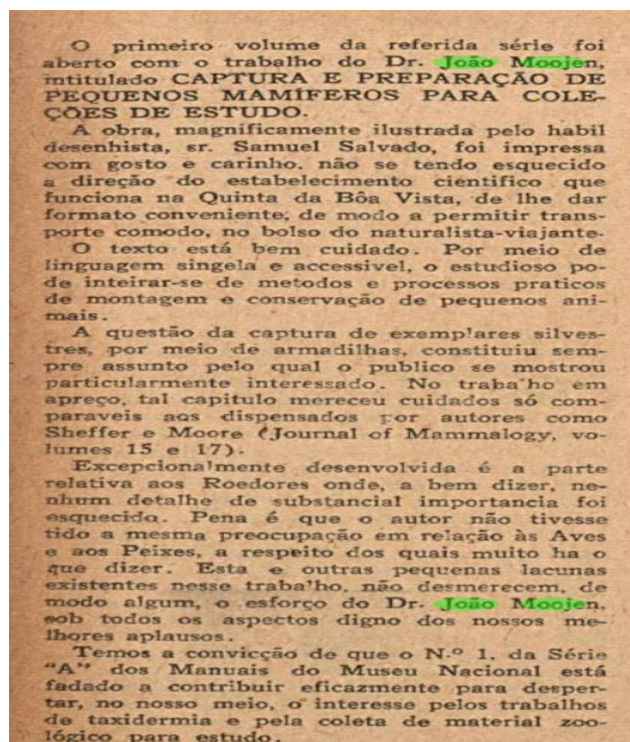
²⁹ AVILA-PIRES, Fernando Dias De. JOÃO MOOJEN (1904-1985). Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.63, n.1, p.7-12, jan./mar.2005. Acesso em: 19 de abril de 2023.

Figura 54: Chácaras e Quintais, vol. 70, p. 333, 15 de setembro de 1944.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 55: Chácaras e Quintais, vol. 70, p. 333, 15 de setembro de 1944.

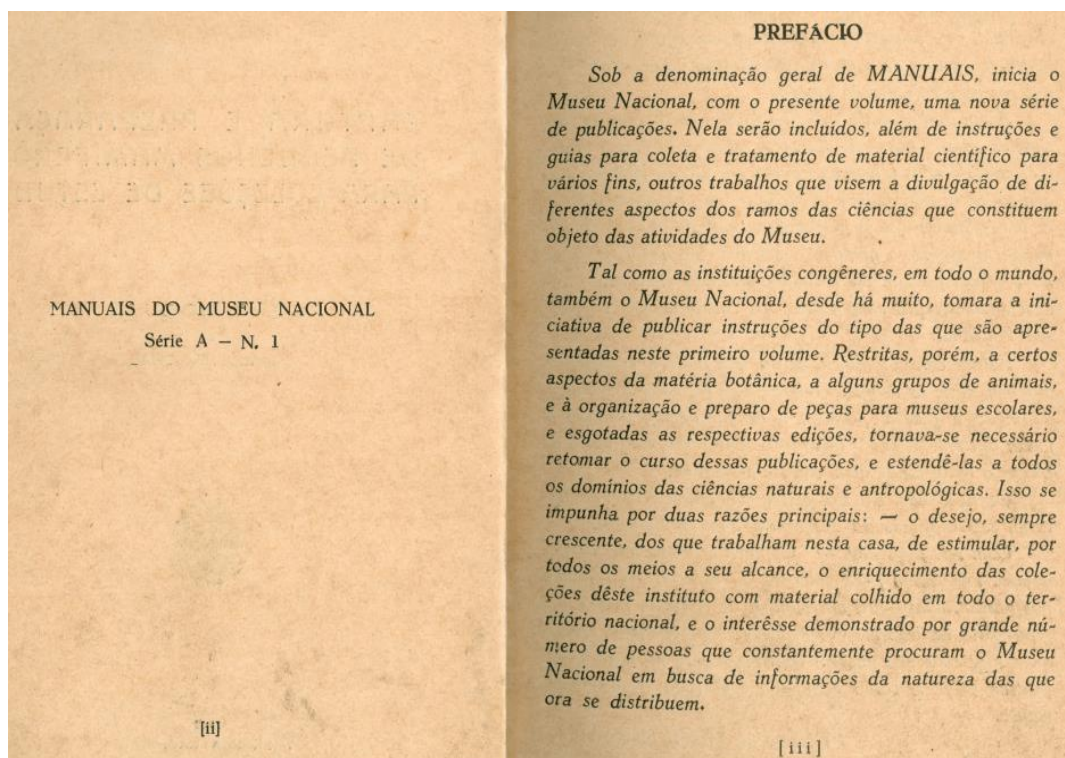


Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

O catálogo acima, é a primeira publicação de uma série de manuais que pretendiam ser publicados pelo Museu Nacional com temáticas de estudo de seus pesquisadores. Além desse, foi publicado em 1957 o 'Manual de transcrição fonética', escrito por João Matoso Câmara Júnior.

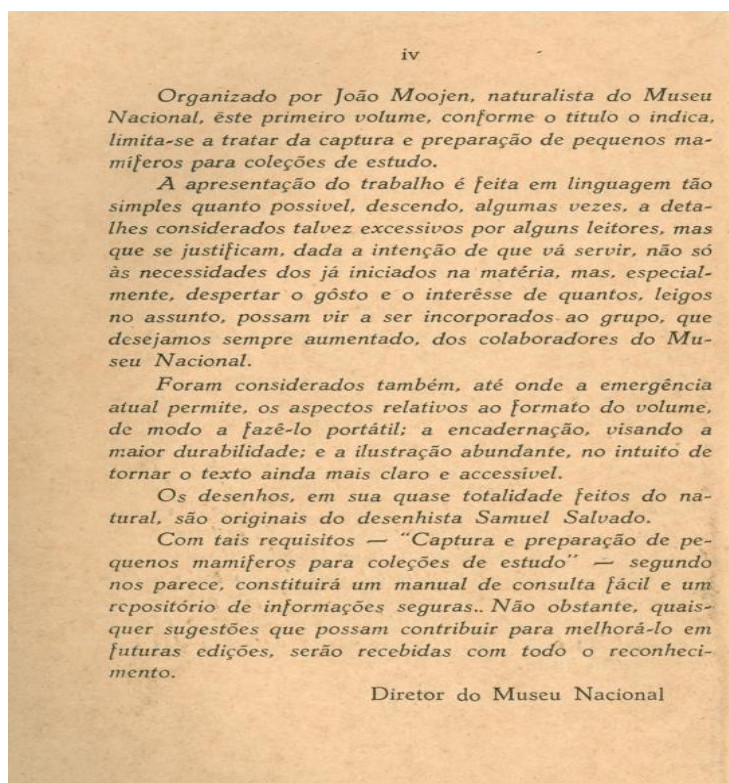
O primeiro manual, em seu prefácio detalha as motivações para a publicação, que retomam a publicação de orientações para museus escolares e para a preparação de coleções botânicas, instruções estas, presentes nas revistas estudadas. Outra questão que motiva a publicação do manual, é que esta é uma prática nas grandes instituições de pesquisa, com isso, o Museu Nacional espera se destacar também neste sentido e dar continuidade às ações de publicação de manuais.

Figura 56: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943



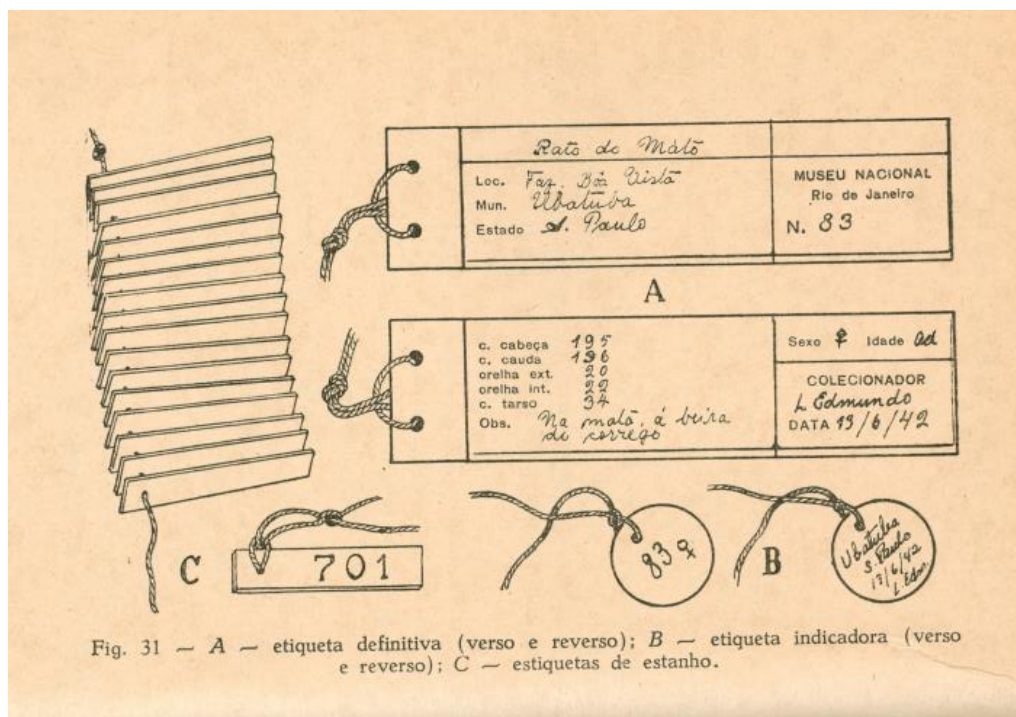
Fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Site.

Figura 57: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943.



Fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Site.

Figura 58: Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo. Museu Nacional, 1943.



Fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Site.

A publicação de manuais pelo Museu Nacional, como a própria publicação resgata é uma prática, que embora em outras proporções de tamanho, esteve presente nas *Revistas Nacional de Educação, Uirá e Revista do Museu Nacional*. Em 1943, a *Revista do Museu Nacional* circulava, e a publicação deste manual em formato de livro de bolso, mas de expandir também o alcance dessas instruções, no sentido de abarcar outras áreas do Museu, para além das coleções de Botânica e das instruções para os museus escolares, como podemos ver na imagem acima.

No prefácio do primeiro volume há também explícita, uma preocupação com o formato do manual, a encadernação é mais resistente e durável, além de facilitar o transporte, ser um manual de bolso. O segundo manual foi publicado já em 1957.

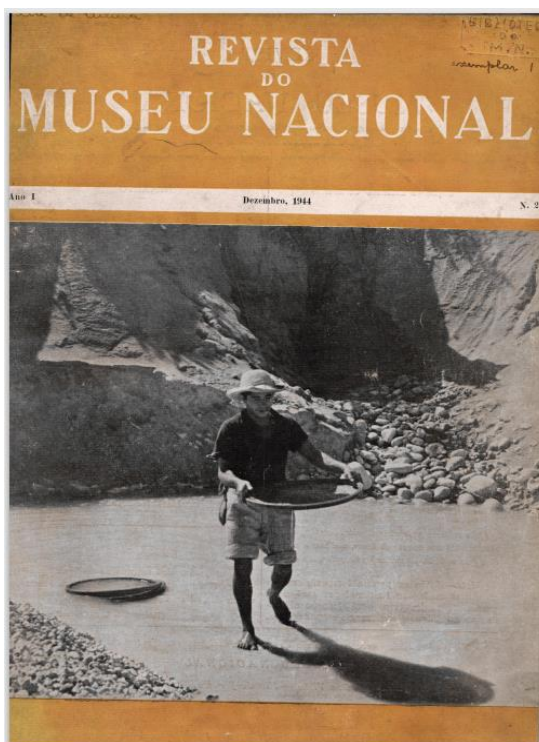
A importância desse manual comentado aqui relaciona-se justamente a um dos aspectos que hoje podemos incorporar nos processos de cadeia operatória, etapas de curadorias dos processos museológicos como se pode ver na figura anterior, uma vez que se pretende organizar uma coleção seja para os museus escolares seja para orientar possíveis doadores para o próprio Museu Nacional é fundamental que todas as etapas desse procedimento sejam cientificamente seguidas, quer na captura como na preparação como no caso desse manual de pequenos mamíferos para coleções de estudo, ou seja coleções científicas.

3.1. AS CAPAS E A ORGANIZAÇÃO DA REVISTA DO MUSEU NACIONAL

Iniciamos nossas observações sobre a *Revista do Museu Nacional* a partir de suas capas e, sugerimos que seja importante considerar essas capas em um conjunto, uma vez que eram diferentes umas das outras e sempre traziam imagens que remetiam para a primeira matéria publicada em cada número. Das cinco edições, três capas apresentam parte da coleção do Museu Nacional. Em seu primeiro número a capa exibe uma das conchas da sua coleção, no segundo há uma fotografia de um garimpeiro trabalhando com sua bateia, no terceiro número, há uma fotografia de partes do meteorito Bendegó, no quarto número foram estampadas vitórias régias e no quinto número, a capa traz um animal preparado: uma jaguatirica preparada para compor a exposição de reabertura do museu. A seguir, observamos o conjunto de capas da Revista:

Figura 59: *Revista do Museu Nacional*, n. 1 e n. 2, agosto e dezembro de 1944, capa.

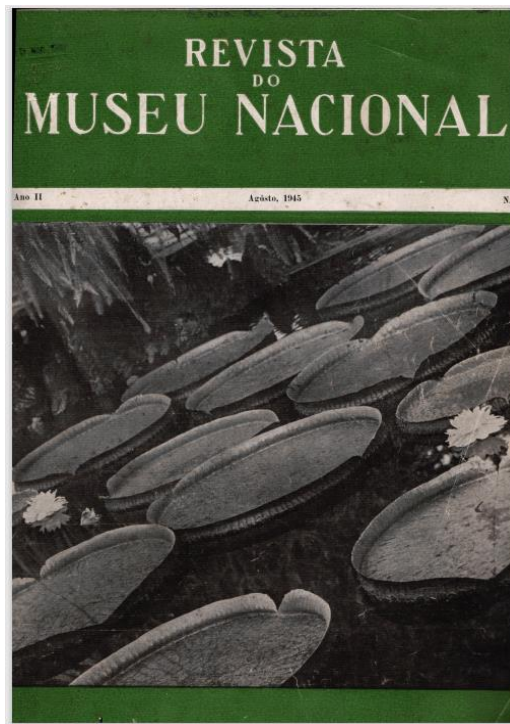
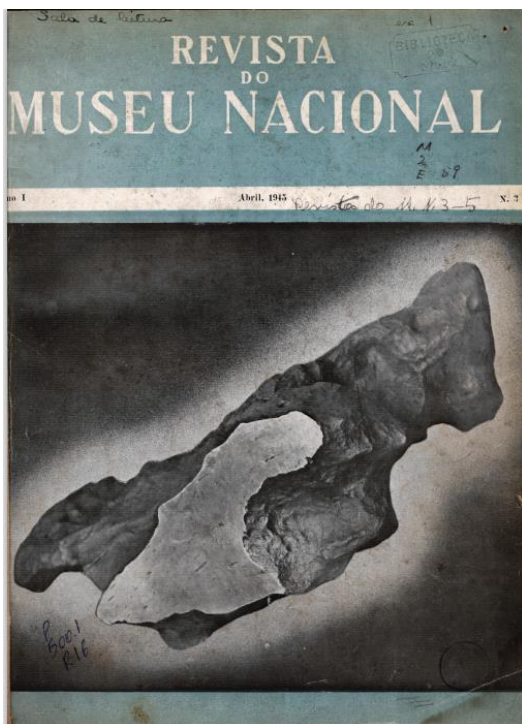
Figura 60: *Revista do Museu Nacional*, n. 1 e n. 2, agosto e dezembro de 1944, capa.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

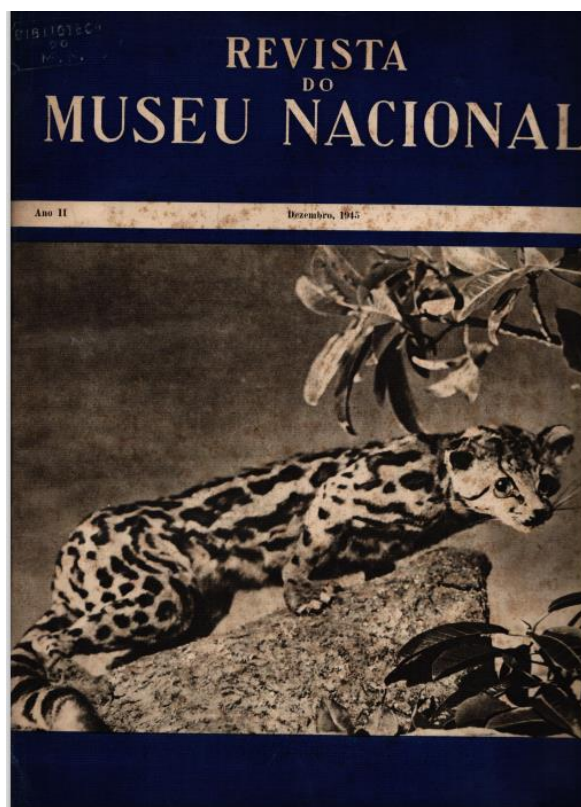
Figura 61: *Revista do Museu Nacional*, n. 3 e n.4, abril e agosto de 1945, capa.

Figura 62: *Revista do Museu Nacional*, n. 3 e n.4, abril e agosto de 1945, capa.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 63: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, dezembro de 1945, capa.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

O primeiro aspecto que observamos nas capas da *Revista do Museu Nacional*, são as cores que as capas carregam e podemos considerar que as cores utilizadas foram pensadas estrategicamente para realçar cada imagem escolhida para a capa. Por exemplo a primeira capa na cor vermelho escuro valoriza a foto da concha, a cor amarela na segunda capa é facilmente associada à ouro, recursos minerais; a capa com as vitórias régias tem a cor verde; a cor azul clara ressalta a filmagem do Bendegó e a capa azul escuro ressalta as manchas da jaguatirica.

Cada capa evidencia um aspecto do Museu Nacional. A capa número 1 tem em sua capa uma concha proveniente das coleções do Museu. Já no segundo número, a capa é uma fotografia de um garimpeiro trabalhando no garimpo das pedras preciosas, a fotografia é de Luiz de Castro Faria, antropólogo, naturalista do Museu Nacional. Para a terceira edição, a capa estampa uma fotografia do meteorito Bendegó, tirada no saguão de entrada do Museu Nacional e tratada por Moacir Leão, fotógrafo do Museu Nacional. Na edição de número 4, as vitórias régias foram fotografadas no lago do Museu também por Moacir Leão, no intuito de ser possível observar através da fotografia, as superfícies internas e externas da folha. Na quinta edição da *Revista do Museu Nacional*, a capa traz um exemplar de jaguatirica preparado para fazer parte da exposição do museu que está prestes a reabrir.

Todas as capas antecipam os artigos iniciais da *Revista*, que tratam sobre as relações do homem com as conchas marinhas, sobre as condições de trabalho e sobrevivência das pessoas que trabalham no garimpo, sobre a recolha de acervos para o Museu, como é o caso do meteorito de Bendegó e sobre detalhes dos acervos a serem expostos, além de todo trabalho de organização da exposição.

No canto inferior de todas as contracapas da *Revista do Museu Nacional* também encontramos uma descrição da capa escolhida para tal número, um aviso de que o museu encontrava-se fechado para reformas do seu prédio e um endereço para envio de correspondências, uma vez que elas eram a principal opção de contato direto com o público neste período.

A partir da análise das capas, seguimos para a análise das *Revistas do Museu Nacional*, sob o ponto de vista da forma com que elas se organizavam. Partimos do exemplo da revista número 1 e adiante, tratamos cada uma separadamente, sem que seja nossa intenção esgotar todo o conteúdo, mas priorizando os artigos que corroboram para que possamos perceber as práticas museológicas sendo comunicadas nas Revistas.

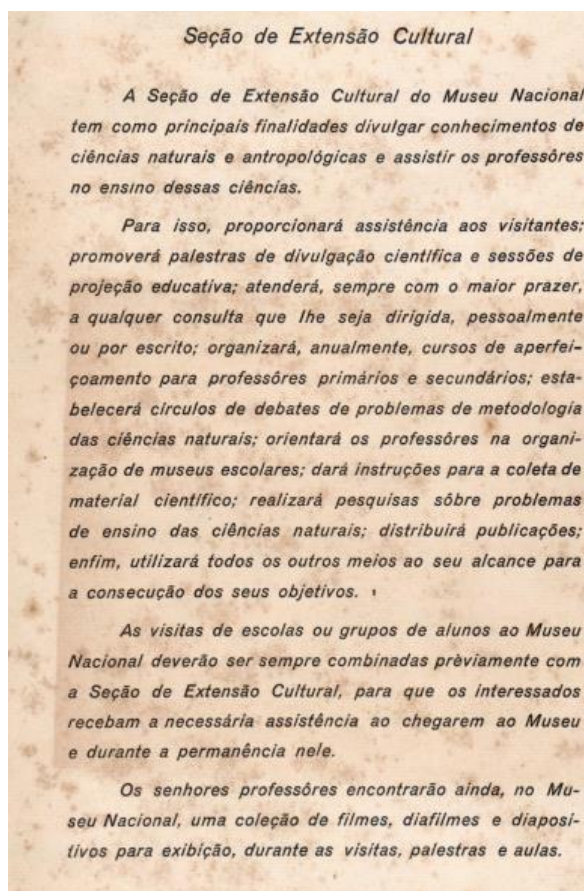
A primeira página da *Revista* fornece informações pertinentes à sua organização como um todo. A primeira informação é de que a *Revista do Museu Nacional* é publicada pela Seção de Extensão Cultural do Museu, desta forma, vincula-se a publicação às atividades de divulgação, uma vez que, a própria publicação traz um texto padrão replicado em todas, explicando a função desta seção, que tem como principal finalidade a divulgação das atividades do museu e o auxílio aos professores, através do contato mais direto com professores que vão ao museu com suas escolas ou para fazer pesquisas e preparar aulas. A seguir, uma imagem que demonstra as funções da seção de extensão cultural:

Figura 64: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, 1944, contracapa.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 65: Sobre a seção de extensão cultural do Museu Nacional, *Revista do Museu Nacional*, n. 1, 1944, contracapa.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Um dos objetivos que a *Revista do Museu Nacional* traz em sua primeira página, diz respeito ao auxílio dos professores, como segue: “A *Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional* tem como principais finalidades divulgar conhecimentos de ciências naturais e antropológicas e assistir os professores no ensino dessas ciências.” Dessa forma, é explicitada a intenção da Seção de Extensão Cultural do museu, do qual a *Revista do Museu Nacional* é parte, de oferecer auxílio aos professores, nas suas atividades no contexto escolar.

A Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional, foi criada em 1941, pelo regimento interno do Museu Nacional sob a gestão de Heloísa Alberto Torres, sendo que suas funções envolviam diversos aspectos da divulgação das atividades do museu, especialmente entre professores. Desta forma, o museu se aproxima mais do seu público e investe nas atividades educativas. Entendemos a Seção de Extensão Cultural como uma forma de suprir essa necessidade de divulgar as ações que aconteciam nesse período em que o museu estava fechado para obras de reforma do prédio, sobretudo para o seu público alvo: os professores. Interesses esses, que são

reafirmados a partir da citação abaixo, que evidencia o principal objetivo da *Revista do Museu Nacional*.

A REVISTA DO MUSEU NACIONAL aparece especialmente para se pôr a serviço de um variado grupo de leitores: crianças de nossas escolas primárias e secundárias, professores primários e secundários, público em geral. Procurará atender a todos, na esfera de seus interesses especiais, pela natureza e forma pela qual a matéria será apresentada, uma vez que seria prematuro pensar em fazer publicações especializadas para cada um desses grupos de interessados. (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, n. 1, p. 2, 1944).

Partimos então para os outros itens que constam na contracapa da *Revista do Museu Nacional*, além da relação do sumário que tem onze artigos e autores que vão se alterando a cada número, três seções que se repetem, a primeira delas não é propriamente uma seção, mas são pranchas, em tamanho A3 contendo ilustrações que vinham no meio da Revista e que correspondem sempre ao artigo que está aproximadamente na página 15. Estas ilustrações serão exploradas adiante.

“*Sugestões para professores*” publica uma série de sugestões com o intuito de que elas sejam trabalhadas em sala de aula pelos professores, com os alunos da disciplina Ciências Naturais.

“*Das estantes do Museu Nacional*” publicou nos cinco números uma série de indicações de livros que constam na biblioteca do museu, acompanhado de uma breve descrição de cada um.

“*Instruções para a organização de pequenos museus escolares*” é uma série de instruções dadas às escolas para a criação dos seus próprios museus escolares. As instruções contam com 12 itens numerados e resumidos que orientam a constituição dos museus escolares e são replicados em todos os números da *Revista do Museu Nacional*.

As “*Sugestões Para Professores*” são compartilhamento de metodologias a serem utilizadas em sala de aula. Osvaldo Frota Pessoa, autor que se dedicou a esta seção - renomado biólogo e geneticista brasileiro, foi autor de 36 livros didáticos e 17 guias para professores. Ainda em 1938, já tendo iniciado um curso de medicina, concluiu um curso de história natural e se tornou professor da rede pública no Rio de Janeiro³⁰. A notícia abaixo, foi publicada no jornal “Ciência para todos”, e comenta a biografia de Osvaldo Frota Pessoa, destacando suas contribuições com a *Revista do Museu Nacional*.

³⁰Texto produzido a partir da entrevista concedida por Osvaldo à Fiocruz, disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=93&sid=31>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

Figura 66: Ciência para todos, 25 de janeiro de 1948.

A BIOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

OS ÁTOMOS DA VIDA



O prof. Oswaldo Frota-Pessoa, que inicia hoje esta nova seção de «CIÊNCIA para TODOS», diplomou-se em 1938 como professor de História Natural pela Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal, hoje extinta e substituída pela Faculdade Nacional de Filosofia.

Em 1938-1939 trabalhou como biólogo da Estação Experimental de Pirassununga (S. Paulo), sob a orientação do naturalista brasileiro Rodolfo von Ihering.

Desde 1938 é professor das Escolas Técnicas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal, tendo ensinado nas Escolas «Paulo de Frontin», «Rivadavia Correas» e «João Alfredo». Em 1944 foi nomeado, por concurso, professor do Instituto de Educação.

É atualmente assistente de Biologia Geral da Faculdade Nacional de Filosofia, estando encarregado dos cursos, na ausência do catedrático.

Oswaldo Frota-Pessoa tem trabalhos publicados sobre a sistemática dos drosophilídeos (insetos muito estudados em genética) e se dedica presentemente a pesquisas sobre morfologia e genética desses insetos.

No campo da divulgação científica escreveu a parte de Biologia da «Enciclopédia do Lar», coleção argentina da Editora Jaciison, atualmente no prelo em Buenos Aires, além de vários artigos para a futura edição do «Tesouro da Juventude», da mesma editora. Em diversas revistas e jornais tem publicado artigos de divulgação científica e sobre metodologia da biologia. Escreveu na Revista do Museu Nacional.

É sócio efetivo da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de Entomologia. Possui também o curso de medicina da Faculdade Nacional de Medicina e o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

No início de sua carreira como professor da rede pública, já dedicado a fazer os guias para professores, passou a escrever e a apresentar, a partir do terceiro número da revista, a princípio em todos os próximos números, aos professores de ciências naturais do ensino secundário, o que ele descreve como soluções para problemas cotidianos de metodologia. Ou seja, o objetivo é oferecer aos professores suporte com metodologia para as aulas práticas de ciências naturais.

Já na apresentação de seu primeiro artigo, o autor demonstra a preocupação em manter esta seção da revista como permanente para que seja um espaço de contato direto com o professor que possa ter dificuldade com a metodologia do ensino de ciências naturais ou que busque alternativas que possam ser utilizadas em suas aulas. Veja a imagem que segue:

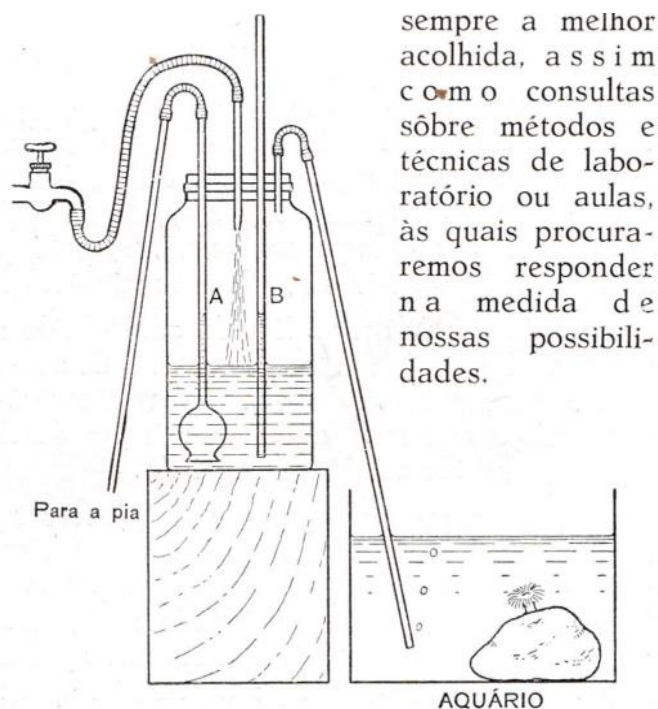
Figura 67: Revista do Museu Nacional, n. 3, p. 21, 1945.

SOB êsse título procuraremos oferecer aos professores de ciências naturais, especialmente de ensino secundário, e se possível em todos os números da REVISTA DO MUSEU NACIONAL, sugestões sobre pequenas técnicas a serem usadas em aulas práticas, improvisação de aparelhagem para aumentar a eficiência dos laboratórios, e, enfim, possíveis soluções para certos problemas de natureza metodológica.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

No primeiro artigo sob este título, o autor dá dicas variadas de experimentos e manuseio de equipamentos de laboratório. Os textos são sempre ilustrados por imagens simples e de fácil entendimento, como as imagens que seguem, em que a 63 orienta sobre a limpeza de aquários e a 64 e 65 orientam sobre experiências que o professor pode optar por fazer com seus alunos, veja abaixo:

Figura 68: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 21, 1945.



sempre a melhor acolhida, a s s i m c o m o consultas sôbre métodos e técnicas de laboratório ou aulas, às quais procuraremos responder na medida de nossas possibilidades.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 69: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 21, 1945.

Prepare-se o seguinte material:

a) goma de amido — feita recentemente cozinhando em água uma pitada de maizena ou outra farinha amilácea; o mais prático é fazê-la relativamente grossa e diluí-la depois conforme as necessidades.

b) água iodada — diluir a tintura de iodo das farmácias em cerca de 10 vezes seu volume em água (ou empregar lugol diluído).

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

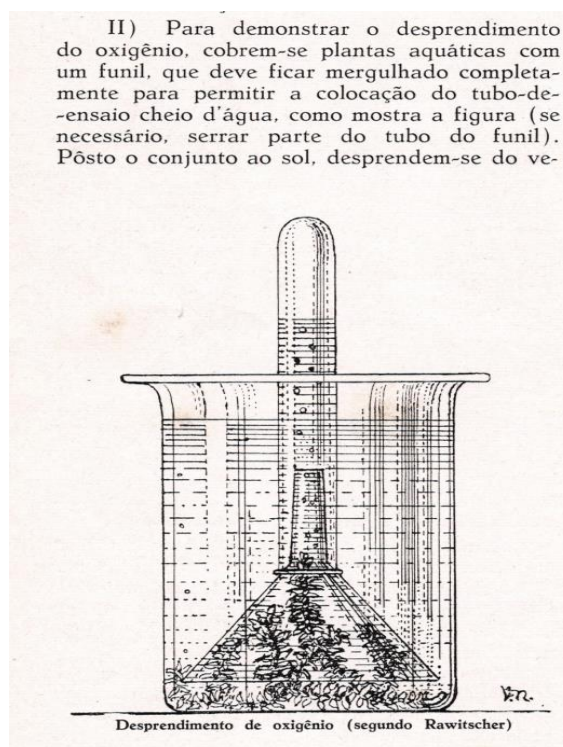
Figura 70: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 21, 1945.

c) ácido clorídrico ou outro ácido diluído.
 d) saliva — o mais prático é recolher o professor alguns mililitros de sua própria saliva num cálice, antes da aula. A ensalivação pode ser acelerada colocando-se na bôca uma pitada de sal. Para evitar o aspecto desagradável da saliva escorrendo pelas paredes do tubo, deve-se manipular em aula com conta-gôtas ou pipeta.

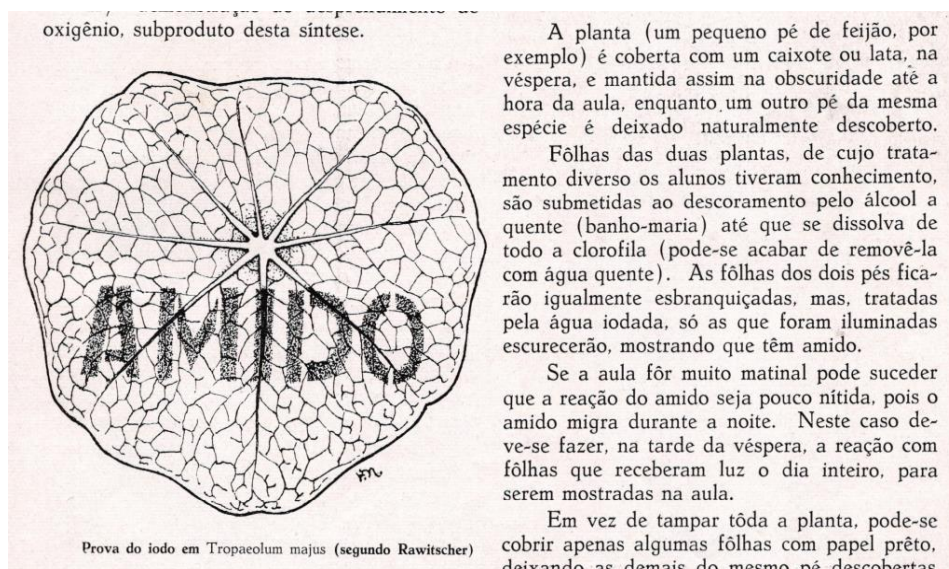
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

No quarto número da *Revista do Museu Nacional*, as sugestões são experiências referentes à fotossíntese e a produção de amido por plantas. As imagens abaixo ilustram o artigo:

Figura 71: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 26, 1945.

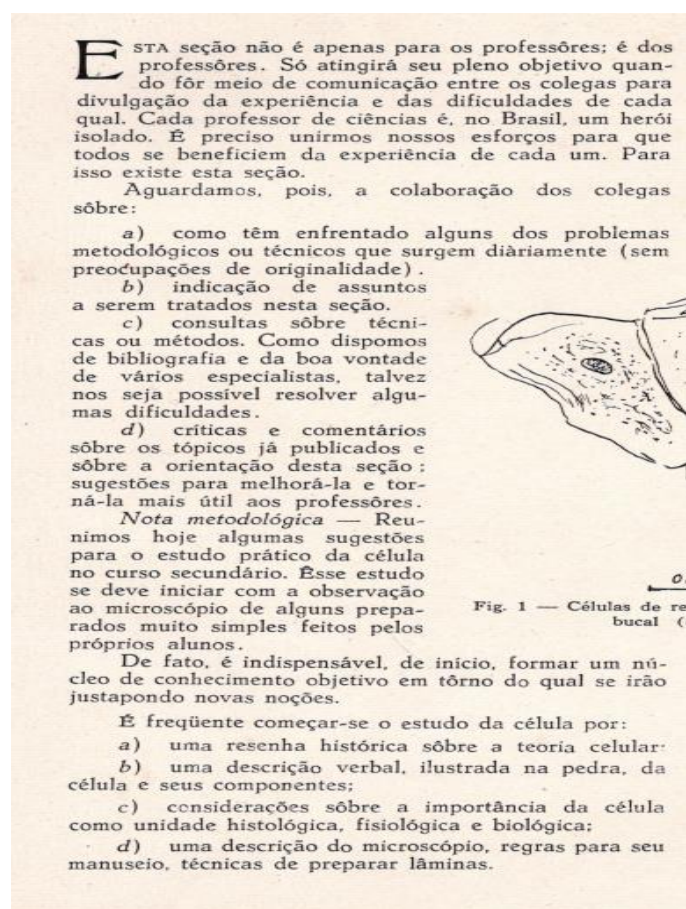


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 72: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 26, 1945.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

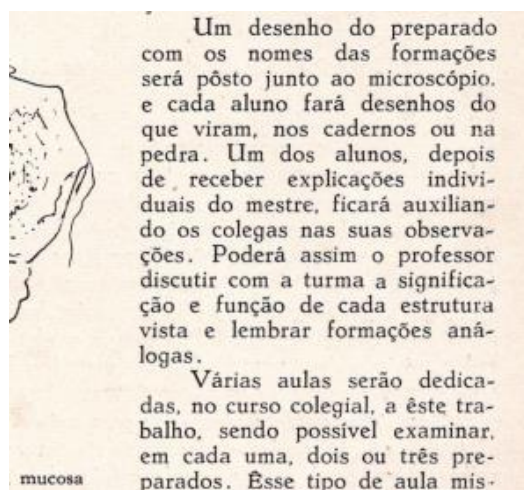
No quinto número da *Revista do Museu Nacional*, esta seção inicia-se com a solicitação de que os professores colaborem sugerindo temas, enviando questões, contando suas experiências.

Figura 73: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 23, 1945.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Em seguida as orientações são sobre o estudo da célula, que acompanham diversas dicas sobre como propor experiências em que os alunos possam compreender o funcionamento das células do próprio corpo.

Figura 74: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 23, 1945.

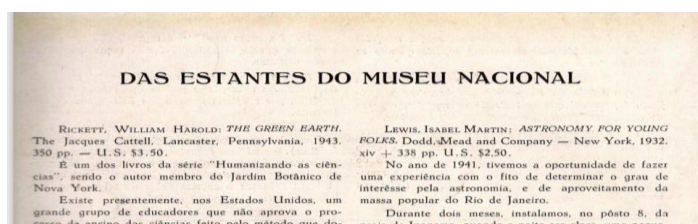


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A outra seção que se mantém nas 5 edições da Revista tem o título de “Das estantes do Museu Nacional” e será tratada a seguir. Assim como esta, a próxima seção também é voltada ao compartilhamento com professores, porém, desta vez, tratam-se de referências bibliográficas. Importante percebermos como a *Revista do Museu Nacional* vai se estruturando a partir da sua comunicação com os professores.

A seção *Das Estantes Do Museu Nacional* é um compartilhamento de referências bibliográficas sobre o ensino das ciências naturais e teve como objetivo apresentar aos professores indicações de leituras atualizadas que colaborassem com suas práticas em sala de aula. De modo geral, tratam-se de livros voltados à educação e às práticas científicas, bibliografias de grande circulação internacional, o que, considerando-se o contexto brasileiro, colocava-se como alternativa para direcionar o interesse e facilitar o acesso de professores e instituições, para mais conceituadas bibliografias.

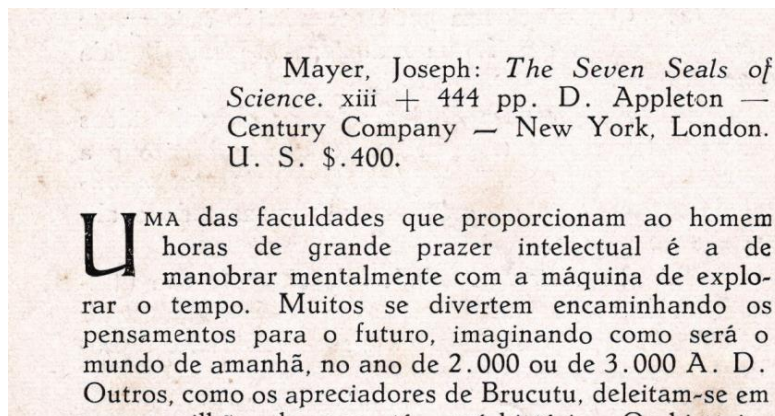
Figura 75: Das estantes do Museu Nacional, uma das seções fixas da *Revista do Museu Nacional*. Revista do Museu Nacional.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

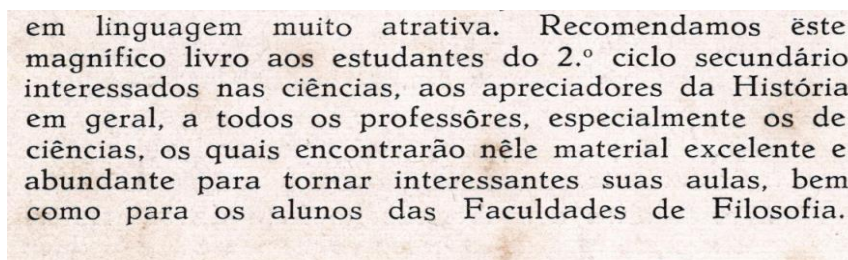
Cada referência era acompanhada por um breve comentário sobre a obra e uma indicação do seu uso em sala de aula, como é possível observar nas imagens a seguir:

Figura 76: *Revista do Museu Nacional*, p.32, N 4, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 77: Recomendação de leitura, *Revista do Museu Nacional*, N 4, p. 32, 1945



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nas figuras acima, podemos observar de perto as informações que eram publicadas a respeito de cada obra indicada pela seção. Foram publicadas informações suficientes para que a publicação fosse encontrada pelo leitor no mercado, além de título, autor, página e local de publicação, também era disponibilizado seu custo em dinheiro. Essas informações eram acompanhadas por um comentário a respeito do livro como se pode observar. A figura 64 é um recorte que destaca a recomendação de leitura de acordo com o perfil do aluno e a complexidade da obra. Esta recomendação é importante porque assim, ao ler esta seção o professor consegue escolher a melhor indicação de acordo com a série, idade e perfil do seu aluno.

A seguir, alguns recortes das indicações de bibliografia publicadas nesta seção, no intuito de fazer conhecer a revista:

Figura 78: *Revista do Museu Nacional*, N 3, p. 33, 1945.

SCIENCE IN GENERAL EDUCATION —
 Suggestions for science teachers in secondary schools and in the lower division of colleges. Report of the Committee on the function of science in general education. Commission on secondary school curriculum. D. Appleton — Century Company, Inc. New York, 1938, xiv + 591 pp. U. S. \$3.25.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 79: *Revista do Museu Nacional*, N 3, p. 33, 1945.

Este livro, embora destinado aos que estudam pedagogia, é escrito numa linguagem corrente, o que o torna acessível a qualquer pessoa que tenha curso secundário. A leitura amena e interessante convida o leitor a ir até o fim. É especialmente recomendado para todos aqueles que se interessam por uma educação melhor.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 80: *Revista do Museu Nacional*, N 5, p. 33, 1945.

o ponto de vista cultural! Desnecessário se torna dizer que a leitura é interessantíssima e a apresentação a melhor possível. A todos aqueles que desejarem saber em que consiste a nova filosofia da educação, especialmente a sua aplicação ao ensino da biologia, este livro é mais do que indicado.

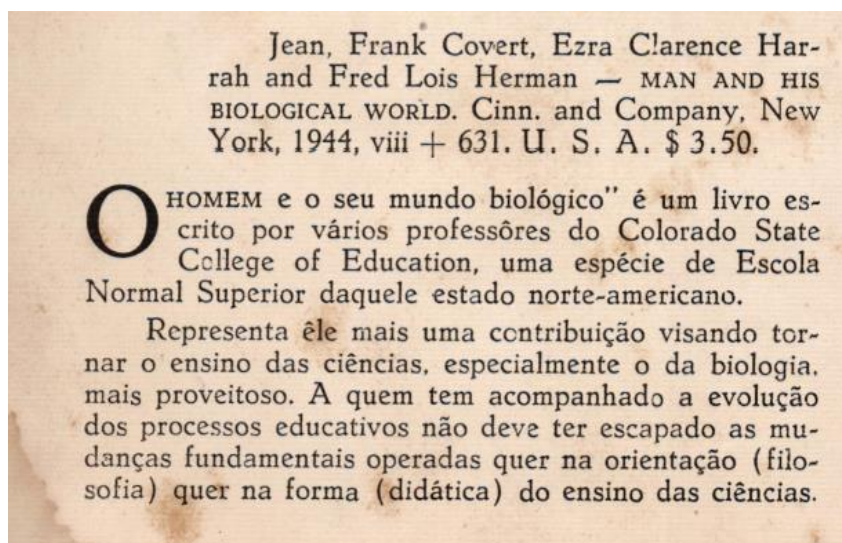
Quanto não lucraria o ensino brasileiro se o nosso professorado passasse uma vista de olhos em livros deste gênero!

REVISTA DO MUSEU NACIONAL

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Para além disso, a seção é utilizada para valorizar tanto a biblioteca do Museu e demonstrar sua importância diante da qualidade das obras, quanto demonstrar que a equipe dispõe de obras que circularam pelas grandes instituições de sua época, oportunizando assim, uma produção científica atualizada em sintonia com grandes instituições e cientistas.

Figura 81: *Revista do Museu Nacional*, N 5, p. 33, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Cada seção "*Das Estantes do Museu Nacional*" corresponde a uma página da revista e o número de obras indicadas em cada número varia, de acordo com as obras indicadas, a intencionalidade por trás de cada indicação e sobretudo, o tamanho do resumo publicado. Percebemos que no primeiro número os livros indicados são mais introdutórios e sua complexidade aumenta ao longo dos números da *Revista do Museu Nacional*.

Outra seção permanente da *Revista do Museu Nacional* refere-se às instruções para a organização de pequenos museus escolares. Esta seção, segue o intuito da Revista de orientar diretamente o trabalho dos professores, oferecendo-os suporte para suas aulas práticas. Também era interesse do Museu Nacional, que a história natural e o hábito de colecionar fosse incentivado nas escolas, sendo possível que essas ações desdobrassem em maior conhecimento da natureza e maior número de coleções, ainda que localizadas nas escolas e não nos limites do Museu Nacional.

As *Instruções para a organização dos museus escolares* foram replicadas em todos os cinco números da *Revista do Museu Nacional*, não foram feitas alterações no texto, porém, a repetição desta seção inalterada reforça a importância dessas instruções alcançarem o maior número de leitores.

De acordo com Silly (2012) coube ao Museu Nacional, definido por seu regulamento de 1890, oferecer às escolas materiais didáticos para suprir a criação dos museus escolares, o que facilitaria o acesso aos materiais e evitaria que as instituições nacionais precisassem exportá-los. O autor cita ainda que instituições de ensino em diversos lugares do país se correspondiam com o Museu Nacional com o objetivo de que lhes fossem enviadas amostras de coleções para compor seus próprios Museus.

Destacamos ainda, a criação do Serviço de Assistência ao Ensino (SAE) que produziu coleções destinadas a compor museus escolares, os mapas murais e as coleções didáticas que circularam por diversas instituições, em grande parte do país. Retomamos a criação do Serviço de Assistência ao Ensino para reafirmar que a *Revista do Museu Nacional*, ao resgatar o diálogo com os professores e dedicar-se a orientar suas práticas em sala de aula, segue uma tendência que já era parte da história da instituição seguida inclusive pela publicação da *Revista Nacional de Educação*.

Como podemos observar o Museu Nacional em 1945, a pelo menos 20 anos já se envolvia na produção, empréstimo e circulação de coleções para a constituição dos museus escolares e se dedicava ainda a ensinar práticas de História Natural, que correspondiam às práticas que naquele momento se conformaram nos museus de história natural e que dariam origem ao que mais tarde, a partir da constituição da museologia como campo do conhecimento, passamos a determinar como práticas museológicas.

A partir das instruções abaixo, é possível compreender todas as etapas do ciclo da **curadoria** e da **cadeia operatória dos processos museológicos**.

Como disse Bruno (2009):

A história dos museus, de uma forma geral ou pelo menos como a bibliografia referencial tem evidenciado, pode ser reconhecida como a sequência de momentos de mudança e/ou rupturas em relação, por um lado, à superação de paradigmas referentes aos estudos de cultural material e, por outro, à identificação das possibilidades de inserção social das ações museológicas. Nessa perspectiva é possível considerar que os museus, desde o século XVIII, deram início ao estabelecimento de um **modelo institucional hegemônico, organizado a partir do entrelaçamento e dependência entre um edifício, as ações técnicas e científicas de pesquisa** (diferentes campos de conhecimento), **salvaguarda (conservação, documentação e armazenamento) e comunicação (exposição, ação educativo-cultural) e o potencial do público**. Esses vetores, até hoje presentes na sustentação das instituições museológicas, têm ampliado e desdobrado os horizontes de atuação dos museus com vistas a propiciar melhor definição e enquadramento em relação aos compromissos preservacionistas e educacionais. (BRUNO, 2009, p.18)

Cristina Bruno no texto acima, evidencia que entre rupturas e desafios, a história dos museus desde o século XVII, carrega um modelo hegemônico que padroniza suas práticas e sustentam ainda hoje, as instituições. Os grifos são nossos.

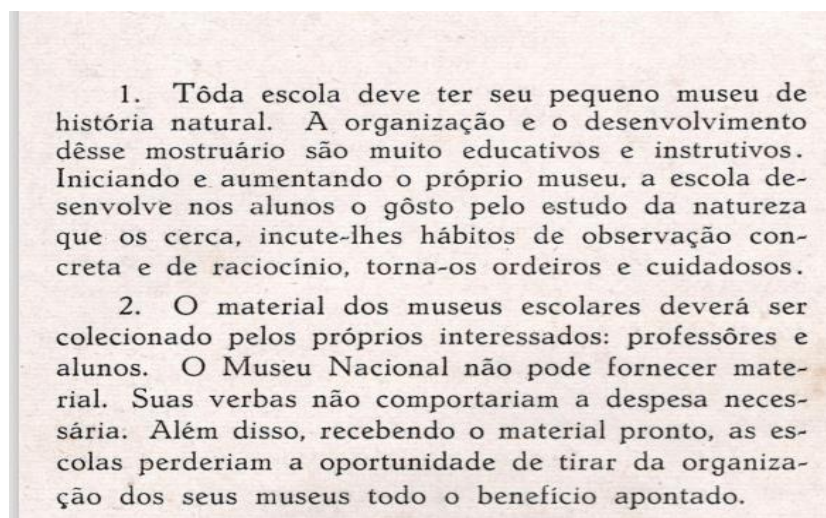
Figura 82: Instruções para a organização de pequenos museus escolares. Uma das seções fixas da *Revista do Museu Nacional*. *Revista do Museu Nacional*, n. 2, 1945, p. 33.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A imagem acima é importante para que tenhamos a compreensão de como era a configuração desta seção dentro da revista. Essas doze instruções foram replicadas neste mesmo formato em todos os números da *Revista do Museu Nacional*. É possível perceber na imagem acima, como essas orientações, mesmo que tenham sido passadas em um formato reduzido do texto, até mesmo para caberem em uma única página, mas ainda assim perpassam todas as etapas do ciclo de trabalho prático da instituição. A seguir, destacamos alguns desses itens para sua melhor compreensão:

Figura 83: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 33, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Percebemos pelos itens 1 e 2 que o Museu Nacional neste momento se dedica a orientar as instituições para que elas consigam constituir seus próprios museus, identificando o caráter educativo desta proposta e argumentando a inviabilidade do Museu Nacional enviar coleções. É evidente que há um esforço para replicar, da maneira mais adequada (dentro do que os profissionais do Museu acreditam) toda a base da formação em História Natural.

A partir do momento em que os alunos são formados para aprenderem a coletar e preparar as coleções, naturalmente espera-se que o número de coleções cresça. Ou seja, há também um investimento por parte do Museu, na formação de novos colecionadores, o que poderia tirar da Instituição a centralidade da formação de coleções e que poderia resultar também, em novas coleções para o Museu Nacional, a partir de parcerias estabelecidas. Para além disso, quanto mais se coleta e formam-se coleções de História Natural, mais se conhece da natureza. Desta forma, enfatizamos o destaque que o museu dá à dimensão educativa da coleta e organização das coleções e do museu, na prática.

Figura 84: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 33, 1945.

cidas pelo Museu Nacional. Devem ser preferidos para o ensino, vegetais que crescem espontaneamente, devendo as plantas ser colhidas completas, e na época de sua floração. Assim, os vegetais herbáceos (ervas) serão conservados inteiros. Dos arbustos ou das árvores bastam os ramos (fôlhas, flores e frutos). A flor é essencial para a classificação. As plantas muito carnosas são postas em frascos, com álcool.

Cada planta, convenientemente disposta na sua pasta de papel, receberá o rótulo respectivo e entrará a fazer parte da seção de botânica ou herbário escolar. Os frutos de certo tamanho devem ser conservados à parte, secos ou no álcool.

Ao lado de cada exemplar sêco é conveniente colocar um desenho colorido da planta viva.

7. Os animais (vermes, aranhas, sapos, cobras, peixes, ratos, aves, etc.) serão postos em vidros de boca larga, contendo álcool. Para melhor conservação basta praticar uma pequena incisão no ventre dos animais de certo volume. Os insetos (borboletas, besouros, gafanhotos, etc.), serão facilmente conservados em caixas com um pouco de naftalina em pó.

Sempre que o professor quiser mostrar aos alunos um verme, um peixe, uma ave, etc., colocará o material em um prato, onde, com uma pinça, ou mesmo um lapis, indicará as minúcias que deseja fazer observar.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Os itens 6 e 7 dizem sobre o método de acondicionamento das plantas e animais recolhidos, as plantas em pasta e com rótulo que ofereça informações sobre sua origem e os animais maiores em vidro de boca larga conservados em álcool, com uma pequena incisão em suas barrigas e as borboletas em caixas com naftalina. Também diz sobre o manuseio dos animais conservados para apresentar aos alunos.

Outra indicação presente nas instruções é a presença de textos e imagens que contextualizam aos alunos informações gerais a respeito das plantas e animais. As instruções indicam ainda, a importância de ensinar aos alunos o respeito e a importância de se preservar a natureza. Este conteúdo especificamente, extrapola o trabalho de tratamento das coleções para se preocupar com a comunicação das coleções, pois instrui sobre os textos e imagens que precisam contextualizar as coleções expostas.

Diante desta descrição geral sobre as instruções, percebemos que, mesmo estando publicadas em apenas uma página e de parecerem uma imprimir uma visão geral sobre como se deveria criar um museu escolar, as instruções perpassam pontos importantes da prática que se constituiu nos museus. Desde a seleção dos objetos, passando pela recolha, acondicionamento e comunicação aos alunos.

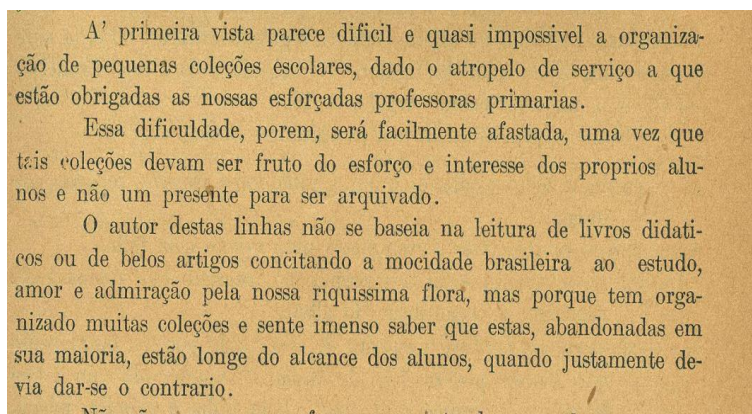
O *International Council of Museums Brasil (ICOM)*, publicou em 1977 um livro que trata das aproximações entre a Museologia e as práticas nos museus, o livro foi citado por Carvalho (2019) para tratar a conservação de coleções museológicas:

Não podemos esquecer do mecanismo que o museu necessita para sua sobrevivência e, é aí que está o trabalho do museólogo: na documentação, na classificação, na leitura museológica, na pesquisa, na manutenção e conservação das coleções, no planejamento das exposições, na cooperação de apoio a ação educativa e cultural integrada, bem como na planificação dos museus (ALMEIDA; NOVAES, 1977, p. 11. Apud: CARVALHO, 2019, p. 08).

Desta forma, compreendemos o trabalho do Museólogo e, em consequência, da Museologia é intrínseco à existência do Museu. Logo, as práticas orientadas, que detalham métodos de trabalho com as coleções, nas Instruções para *Organização dos Museus escolares*, e que remetem ao trabalho prático nos museus e com as coleções, também refletem as práticas museológicas.

A *Revista Nacional de Educação* por sua vez, já publicava em seu primeiro número um artigo que tinha como objetivo a instrução para a organização de Museus escolares, com o artigo “*Toda escola deve possuir uma coleção de botânica*” Carlos Viana Freire parte de sua prática com a organização da coleção de botânica do museu, para orientar aos professores em seu contato direto com os alunos, como organizar em conjunto com as crianças em idade escolar, as coleções de botânica, como se pode observar no recorte a seguir:

Figura 85: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 23.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Algo que nos chama a atenção é o quanto este texto tem em comum com a instrução número três publicada na *Revista do Museu Nacional*, este item diz sobre a importância de o aluno conhecer o meio em que vive, nesse sentido, é importante que o aluno construa um vasto repertório da natureza que está em sua volta, como uma formação de base. Além de tratar da importância da formação em História Natural, a

Revista Nacional de Educação, já publicava orientações relativas à organização de museus escolares.

Figura 86: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 33.

3. À primeira vista parece muito difícil a organização de um pequeno museu escolar. Na realidade, porém, é apenas questão de boa vontade, iniciativa, cuidado e paciência... Porque, no museu escolar, ninguém espera ver espécies raras; minerais, plantas ou animais exóticos; tipos de difícil ou dispendiosa aquisição. O museu escolar deve ter o que há de mais comum na região em que vivem as crianças para a qual êle é criado. Os seres vivos de outras regiões serão ali representados por fotografias ou estampas, o que está ao alcance de todos.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Em função desse objetivo de instruir para as escolas a criação das coleções de botânica, Carlos Vianna Freire descreve diversas etapas da organização de um álbum para acondicionamento da coleção, e, além de ilustrar cada etapa do processo, descreve minuciosamente em uma linguagem acessível, reproduzindo informações e práticas científicas para que sejam amplamente utilizadas:

Figura 87: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 25

Daremos aqui apenas as principais noções e orientações sobre os diversos modos de colher, preparar e colar as plantas no álbum.

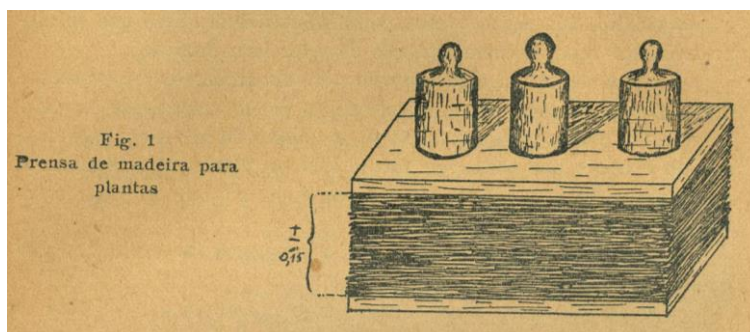
Raízes, caules finos e herbáceos como os do capim, da tiririca, folhas que não sejam muito carnosas, flôres de poucas pétalas, a preparação é muito fácil. Uma vez colocadas entre duas camadas de papel de jornal (o melhor e o mais barato) e apertadas por uma taboa com peso de 10 a 15 quilos (fig. 1) ou com paralelepípedos, esses órgãos secam e ficam lisos, isto é, bem preparados para uma coleção e posterior estudo. O peso não deve ser exagerado para não esmagar as flôres. A planta deve ir secando aos poucos e á proporção que isso acontece, o peso vai descendo. Chama-se, por isso, prensa automática. Pode-se também substituir os pesos por dois cadarços fortes, apertados por meio de fivelas (fig. 2).

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A seguir, acompanhamos uma série de ilustrações que acompanham o artigo e que orientam em detalhes as etapas de acondicionamento e colheita da coleção de botânica. Essas etapas, como escreveu o autor no início do seu artigo, são suas próprias práticas cotidianas no tratamento das coleções do museu que servem como orientação pedagógica aos professores, a princípio para argumentar sobre a importância de as

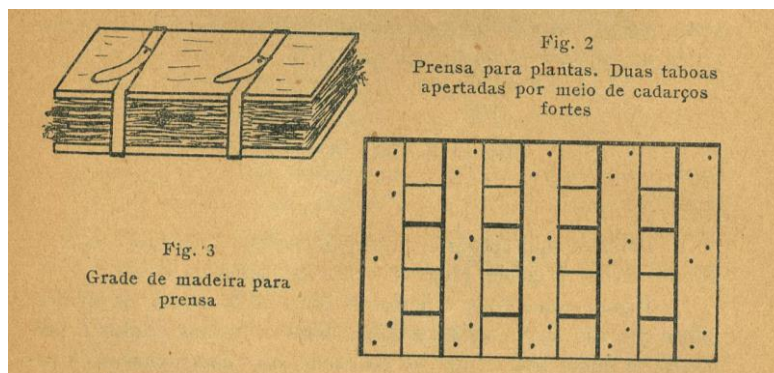
próprias escolas criarem seus museus escolares, mas também para demonstrar o que é possível fazer para ensinar Botânica nas escolas.

Figura 88: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 26



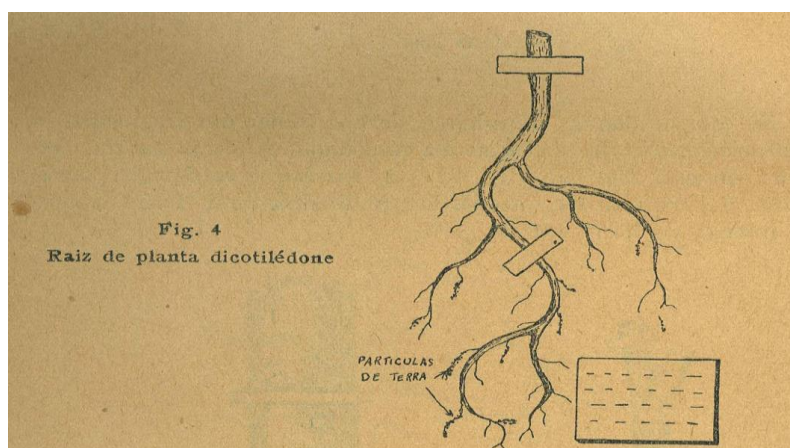
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 89: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 26.



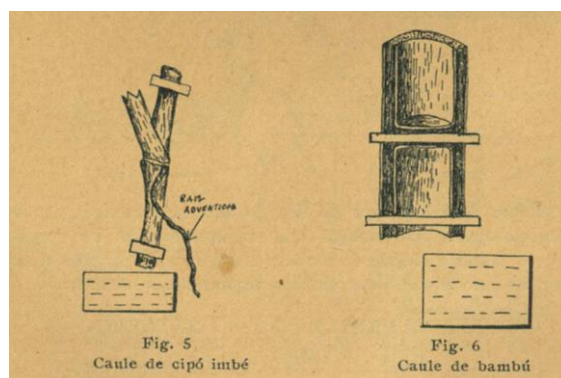
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 90: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 27.



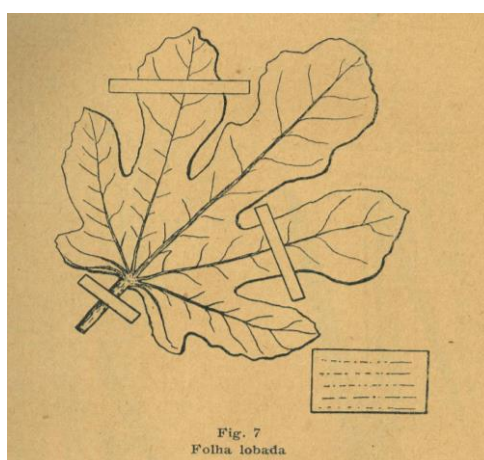
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 91: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 28.



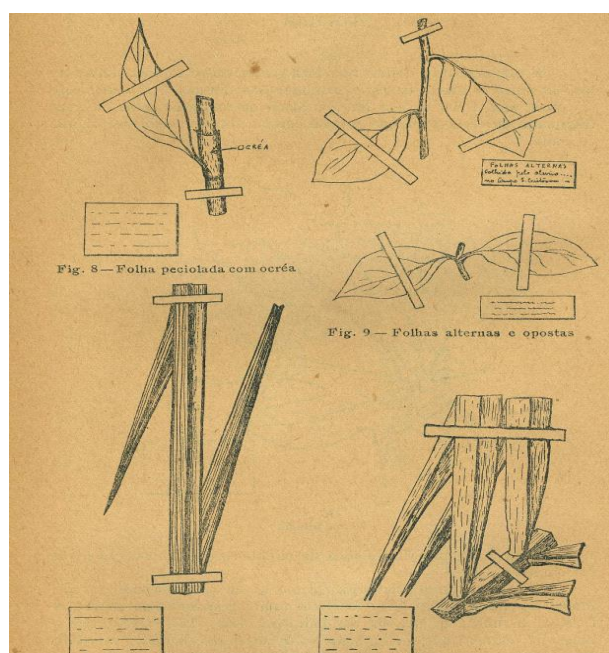
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 92: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 29



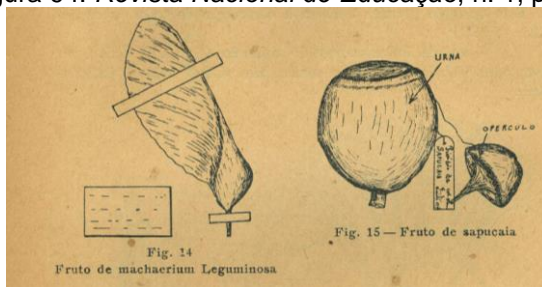
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 93: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 30



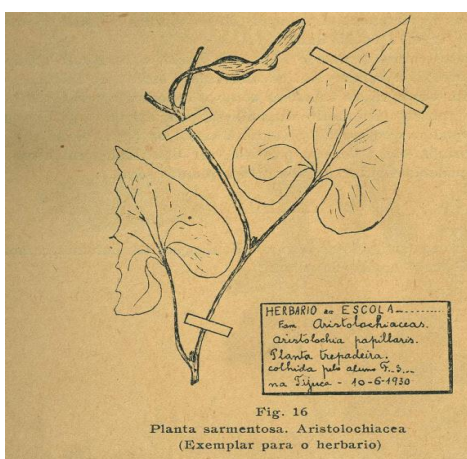
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 94: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 32



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

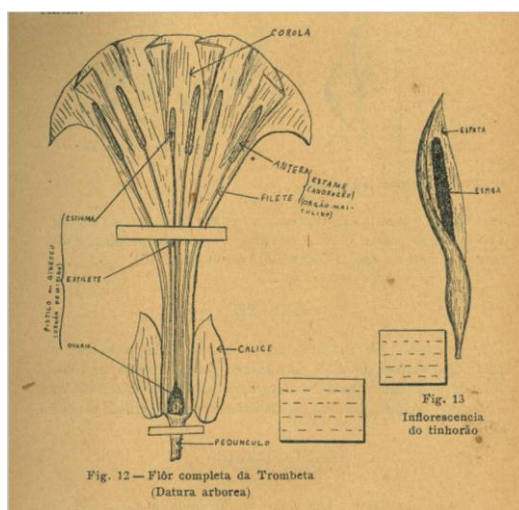
Figura 95: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 33.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Na figura acima, destacamos a orientação de como deveria ser feita a identificação da planta. Começando pela identificação da instituição, o nome científico seguido pelo popular da planta, a identificação do aluno que colheu com seu nome, o local e a data em que foi feita a colheita. Tal qual uma etiqueta que se encontra nas coleções dos próprios museus.

Figura 96: *Revista Nacional de Educação*, n. 1, p. 31



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Diversos autores já trataram sobre este artigo a partir da perspectiva de sua importância para o ensino da botânica nas escolas, como é o caso de Silly (2012), Horta (2010), Wanick (2018). Esta relação é aqui destacada pela imagem acima, onde estão evidentes as legendas presentes no desenho, que demonstram partes da anatomia das plantas. Nós, no entanto, queremos destacar neste artigo a divulgação das práticas existentes no museu para conservação de suas coleções. Compreendemos que ao se preocupar em divulgar e tornar acessível a leitura de suas práticas cotidianas no trato das coleções, o Museu Nacional torna públicas práticas comuns ao campo científico, colabora para a consolidação dessas práticas no campo dos museus no país, amplia o alcance dessas práticas incentivando que elas sejam replicadas nas escolas e evidencia sobretudo sua preocupação com a formação, ampliação e manutenção de coleções, para além de imprimir à instituição uma vocação para a educação.

O fato de percebermos que esta é uma temática que ganha espaço nas três Revistas demonstra que é também uma preocupação que atravessa alguns períodos dentro da instituição e que ao longo dos anos, se mantém até mesmo nos formatos muito próximo em que esses textos recebem em cada publicação.

3.2. AS PRNACHAS DE DESENHO: A IMPORTÂNCIA DE FALARMOS SOBRE OS DESENHISTAS DO MUSEU.

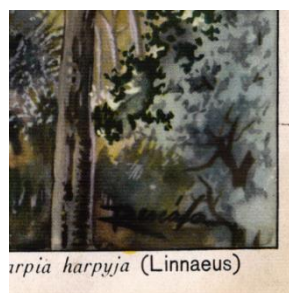
Outra das seções regulares da Revista, é composta pelas pranchas de desenho. Compreendemos que não se trata exatamente de uma seção, mas de uma prancha de desenho em cada Revista, pela regularidade em que esses desenhos aparecem, compreendemos que eles são uma parte importante da Revista, e para fim de análise, reunimos todos e tratamos como uma seção. Esta seção da *Revista do Museu Nacional* é composta por pranchas no tamanho A3 posicionadas no meio da revista. Estas ilustrações acompanham sempre o texto que as antecede, estando relacionados de acordo com o tema proposto. Desta forma,

No primeiro número as pranchas coloridas são de capivaras ambientadas em seus habitats à beira de cursos de água, ilustrando artigo de mesmo nome, escrito por J. Moojen, naturalista do Museu Nacional. No segundo número da *Revista do Museu Nacional* o destaque da prancha é para Harpia - *Harpia harpja* (Linnaeus) conforme a menção ao lado direito inferior da ilustração. No terceiro número a prancha traz Índio tapirapé na dança da maioria, a que já nos referimos no capítulo 2. O Vaso com

gravuras "au champ N.º 8.346 da Coleção do levê". Ilha de Marajó, Museu Nacional, com Desenho de Sandig estampa o quarto número da Revista. O quinto número, a estampa é do Uacari Branco. As ilustrações desta seção foram produzidas por três ilustradores: Sandig, Rescalas, e o terceiro ilustrador não foi identificado de acordo com a sua assinatura na Revista e o quarto ilustrador foi Eládio Lima, foi homenageado tendo um de seus desenhos figurado na Revista. A prancha correspondente à Revista número 4, de 1945, o "Vaso Marajoara" não foi reproduzido nesta seção, pois trataremos do desenho e do artigo que o originou, mais detalhadamente à diante

Figura 97: Prancha com ilustração de Harpia, descrita por Lineu acompanhada do detalhe da assinatura do ilustrador. *Revista do Museu Nacional*, n. 2, 1944.

Figura 98: Prancha com ilustração de Harpia, descrita por Lineu acompanhada do detalhe da assinatura do ilustrador. *Revista do Museu Nacional*, n. 2, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 99: Prancha com ilustração de capivaras, descritas por Lineu e ilustradas na *Revista do Museu Nacional*, n. 1, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 100: Detalhe que mostra a assinatura do artista que ilustrou a revista. *Revista do Museu Nacional*, n. 1, 1944.



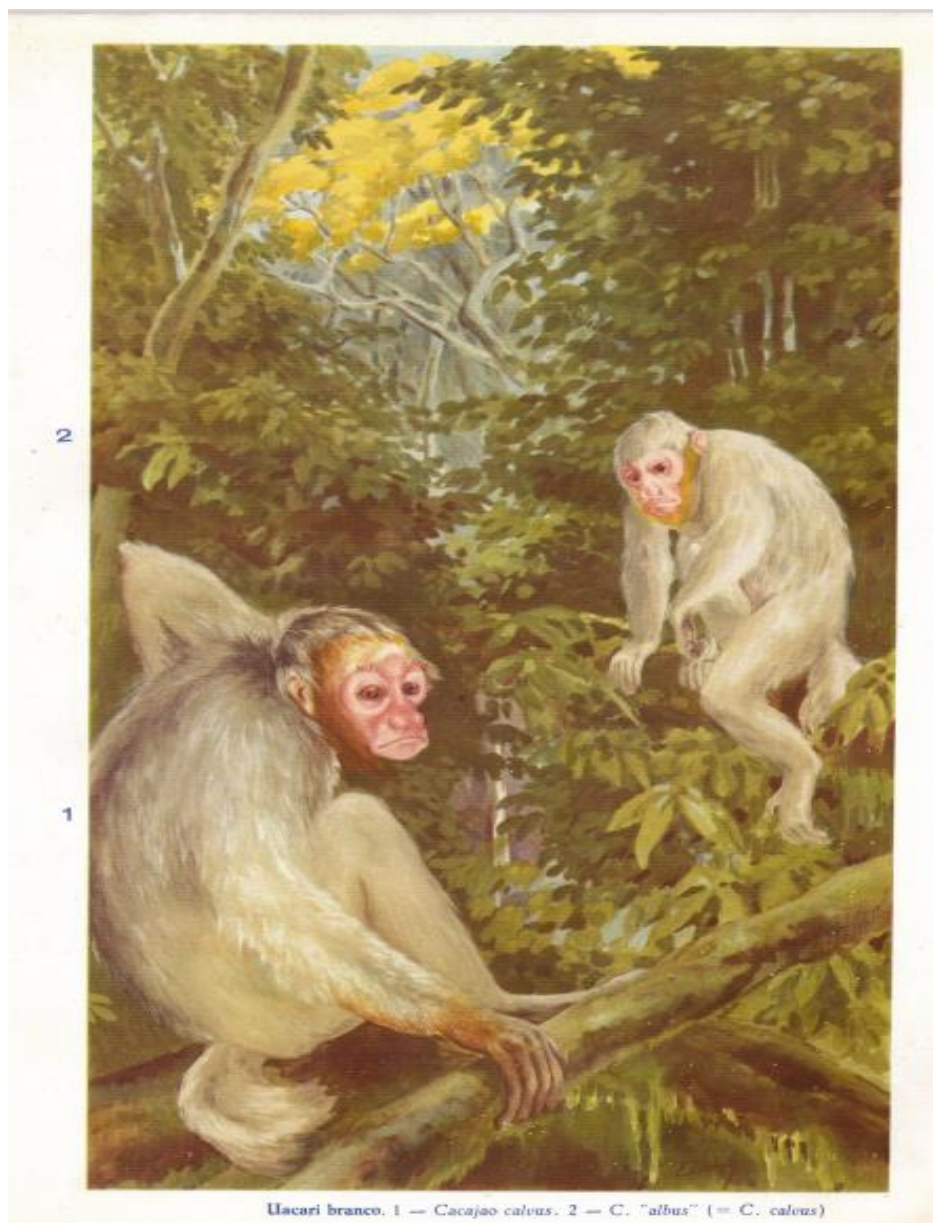
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 101: “Índio Tapirapé na dança da maioridade”. *Revista do Museu nacional*, N2, Prancha, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 102: Uacari Branco, ilustração, *Revista do Museu Nacional*, n. 5, prancha, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Compreendemos a importância de destacarmos nas Revistas, as ilustrações e seus ilustradores, pois entendemos que as mais diversas formas de registro estão muito presentes nas práticas da história natural e que foram se adaptando aos museus e ainda hoje, são importantes dentro da cadeia operatória dos processos museológicos, estando presentes nas práticas de documentação. São esses registros que ajudam a contar a trajetória dos objetos dentro das instituições.

Anterior à prática da documentação museológica, a prática que se estabelece, sobretudo nos museus de história natural é registrar o máximo de informações sobre o acervo que entra para o museu, antes mesmo de sua institucionalização, no campo.

Sobre as práticas de registro nos museus de história natural, Lopes e Podgorni (2013), ao analisarem os museus de História Natural na América Latina, citam as práticas de registro de entrada de coleções, colocando como exemplo, o Field Museum de Chicago.

Todo se registraba en unos finos cartones de un tamaño determinado, llamados cards por lo que los catálogos adoptaban el nombre de card-catalogue. Se podía saber inmediatamente de qué lugar del planeta, coleccionista, mecenas o vendedor procedían las colecciones. A través del número de entrada podría llegarse a las actas (listas, correspondencia), al libro de inventario o al fichero (descripción, localidad). Por otro lado, el número de cada ejemplar conducía directamente al libro de inventario, o gracias al número de ingreso, se llegaba a la correspondencia de las actas. Solo de esta manera, la colección se podía constituir verdaderamente en un todo. Este complejo sistema de inventario y de registro le daba sentido a las colecciones del siglo que se iniciaba. El recorrido científico por las colecciones del museo no se hacía en las salas sino a través del registro en las fichas. Para ello se necesitaba una increíble cantidad de trabajo burocrático a alto costo para el empleador (LOPES; PODGORNÝ, 2013, p. 20)

Nos interessa sobretudo, destacar na citação acima, o fluxo do registro do objeto na coleção, para que esteja evidente a importância do registro como prática no campo da Museologia. De acordo com Cerávolo e Tálamo (2007):

Durante séculos a prática do registro de informações sobre as coleções, visando à execução das operações de controle e de acesso ao seu conteúdo, ficou a cargo de pessoas ilustradas. O conhecimento da matéria, intui-se, subsumia o conhecimento das operações envolvidas no tratamento da informação. Se a documentação de museus é prática antiga, no entanto, de acordo com Paulette Olcina, é recente como disciplina. (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2007, P. 02)

Compreendemos este investimento em artistas/desenhistas de renome, por parte do Museu Nacional, como um entendimento da importância que tiveram esses registros, em se tratando da forma como se constituiu a História Natural, como disciplina. Por isso, e para destacar artistas reconhecidos nas artes plásticas, mas ainda não estudados em suas relações com os museus, seguem as biografias dos desenhistas da Revista e suas relações com o Museu Nacional.

João José Rescalas foi pintor, ilustrador, desenhista, professor e restaurador. Nascido no Rio de Janeiro, estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes. Artista premiado no Salão Nacional de Belas Artes por quatro vezes, em 1934 e 1939 com a medalha de prata e 1937 e 1943 prêmios de viagem ao país e ao exterior. Com as premiações Rescalas ganha notoriedade enquanto pintor, compõe o grupo Bernardelli³¹ de arte moderna carioca e circula em diversas exposições. Abaixo,

³¹ Grupo de pintores brasileiro formado nos anos 1930.

uma matéria publicada em 1943 pelo periódico *Vamos Ler!*³² que narra sua trajetória, mostra sua obra e destaca seus feitos como artista em expansão.

Figura 103: *Vamos Ler!* Ed. 0385, sem página, 1943.



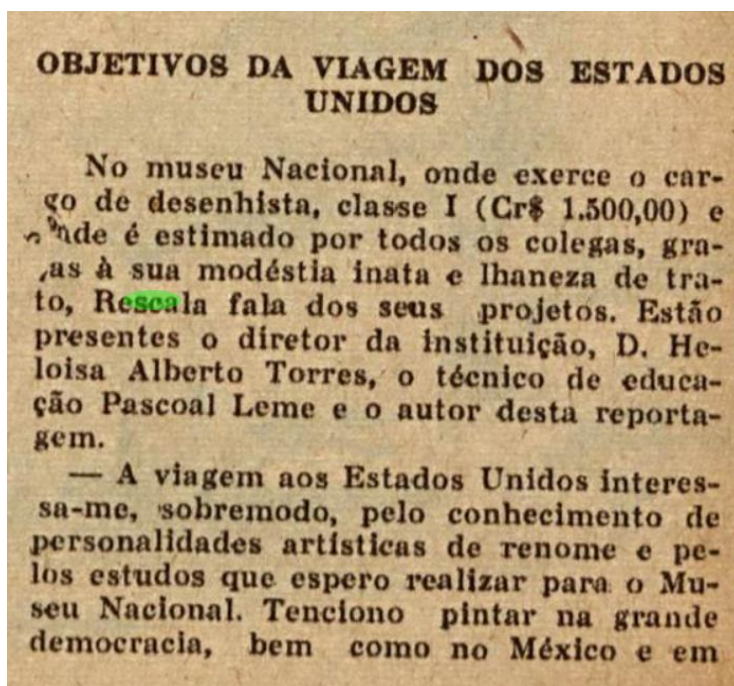
Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Nesse contexto, em que sua produção artística ganha destaque com as premiações Rescalas se aproxima de Rodrigo Melo Franco de Andrade e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que solicita ao artista que esteja atento à possíveis descobertas, documente-as e envie ao órgão. Sabe-se que o artista faz inúmeras incursões por diversos estados brasileiros a fim de registrar e inventariar bens patrimoniais a serviço do SPHAN.

Nesse momento também é contratado como desenhista do Museu Nacional, com o salário de Cr\$ 1.500,00. Sabemos das relações de Heloísa Alberto Torres com Rodrigo Melo Franco de Andrade e de sua atuação junto ao SPHAN nesse período, o que nos indica que uma colaboração entre Heloísa, Rodrigo e Rescalas resultou em sua contratação como desenhista do Museu Nacional. A contratação acontece antes da viagem de premiação internacional aos Estados Unidos, um dos prêmios de viagem recebido pelo artista, como é possível observarmos no recorte abaixo:

³²Periódico publicado entre 1936 e 1948 no Rio de Janeiro.

Figura 104: Vamos Ler! 16 de dezembro de 1943, p. 56.

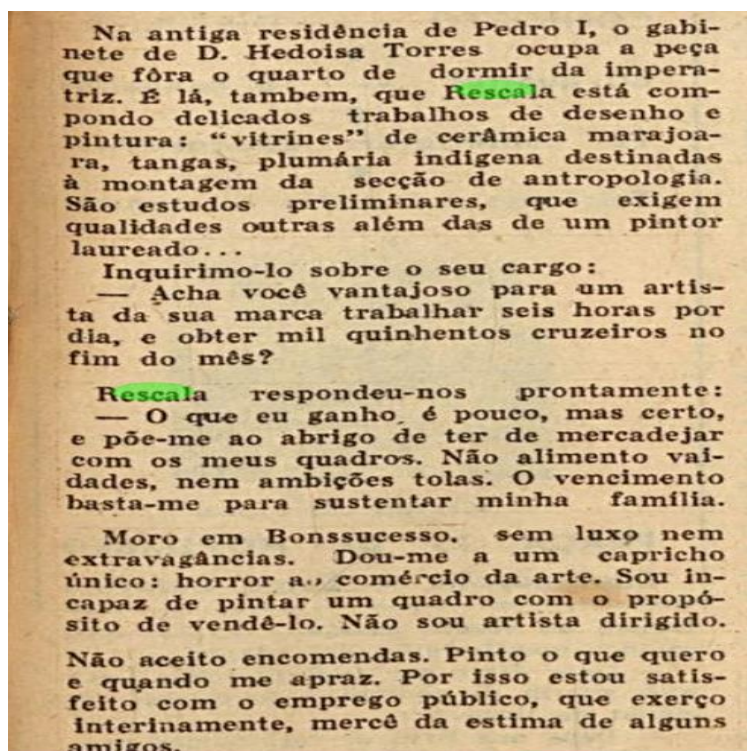


Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

No recorte a seguir, é possível localizar o ambiente em que a entrevista acontece: Na sala da diretora Heloísa Alberto Torres, o quarto de dormir da Imperatriz Leopoldina durante o período em que o prédio do Museu Nacional foi residência da Corte, acompanhado ainda de Pascoal Leme³³.

³³ para conferir a informação do jornal, sobre a reconstrução dos espaços ocupados pelos imperadores do Brasil antes da ocupação do edifício pelo Museu Nacional ver: DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador**: Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2007.

Figura 105: Vamos Ler! 16 de dezembro de 1943, p. 59.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

A entrevista descreve alguns dos trabalhos que Rescalas produzia nesse momento e que, pela descrição da entrevista, correspondem às pranchas da *Revista do Museu Nacional*.

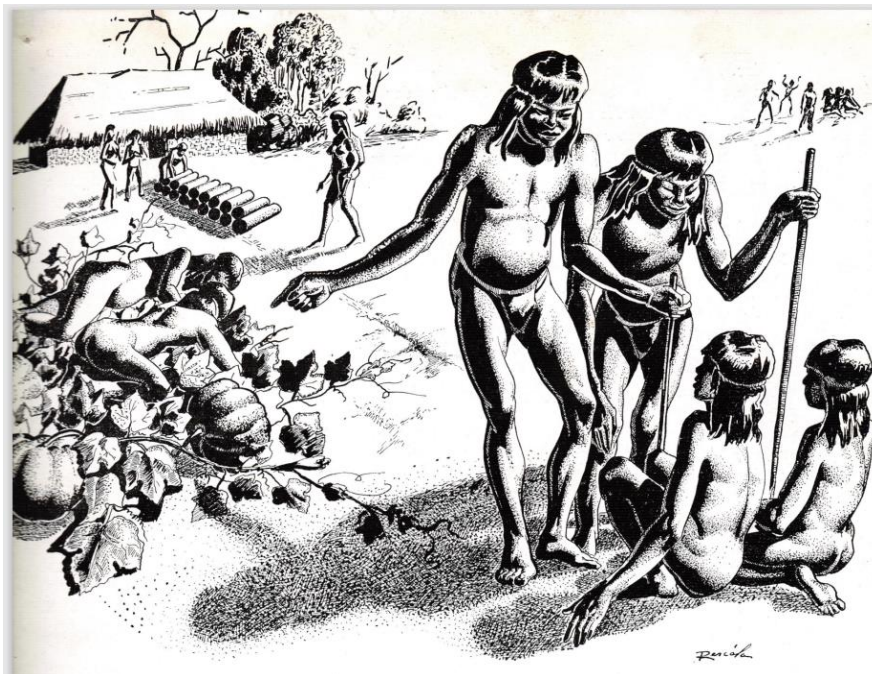
Desta forma, entende-se que "as plumárias indígenas" correspondem à imagem publicada pela *Revista do Museu Nacional*, trata-se da Ilustração "Índio Tapirapé na dança da maioria", *Revista do Museu Nacional*, N 3, 1945, já estampada acima. Outra informação importante é a origem dessa imagem, que de acordo com o recorte da entrevista, é parte de um conjunto de estudos preliminares para obras que iriam compor a seção de Antropologia. Essas imagens, então, não teriam sido produzidas exclusivamente para compor a *Revista do Museu Nacional*.

Outras questões podem ser exploradas, como o salário do artista no Museu Nacional, que viu no trabalho de desenhista uma opção de renda fixa, já que ele não tinha como intenção vender seus quadros³⁴. Rescala permanece no Rio de Janeiro, com funções no Museu Nacional e no SPHAN até 1952, quando é convidado a ir para a

³⁴ Para ver mais: Vamos Ler! 16 de dezembro de 1943. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=183245&pesq=&pagfis=1> Acesso em 18 de abril de 2023.

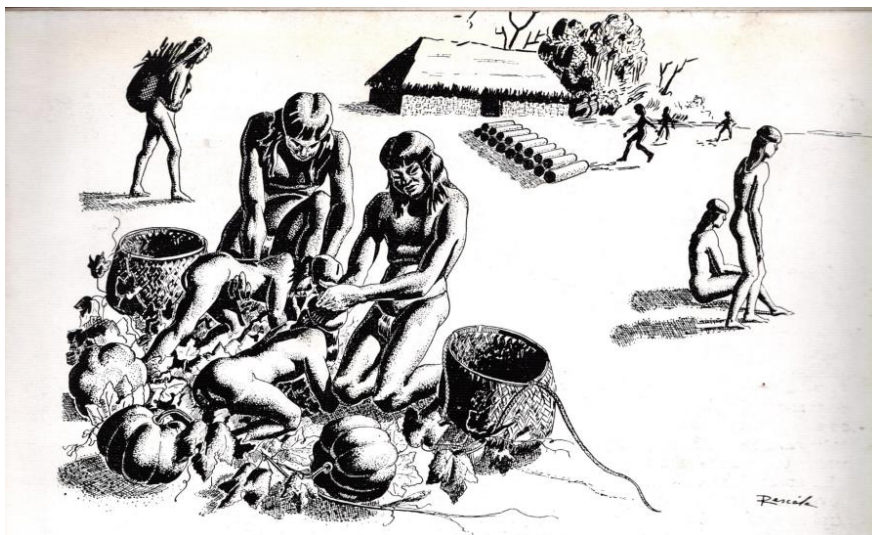
Universidade Federal da Bahia (UFBA)³⁵ para lecionar disciplinas de restauração, resultado de seus trabalhos junto ao SPHAN. Permaneceu vinculado à universidade até seu falecimento, em 1986.

Figura 106: *Revista do Museu Nacional*, p. 10, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 107: *Revista do Museu Nacional*, p. 11, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

³⁵ Dicionário Manuel Querino de arte na Bahia / Org. Luiz Alberto Ribeiro Freire, Maria Hermínia Oliveira Hernandez. – Salvador: EBA-UFBA, CAHL-UFRB, 2014. Acesso através de <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br> em: 18 de abril de 2023.

Figura 108: *Revista do Museu Nacional*, p. 11, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

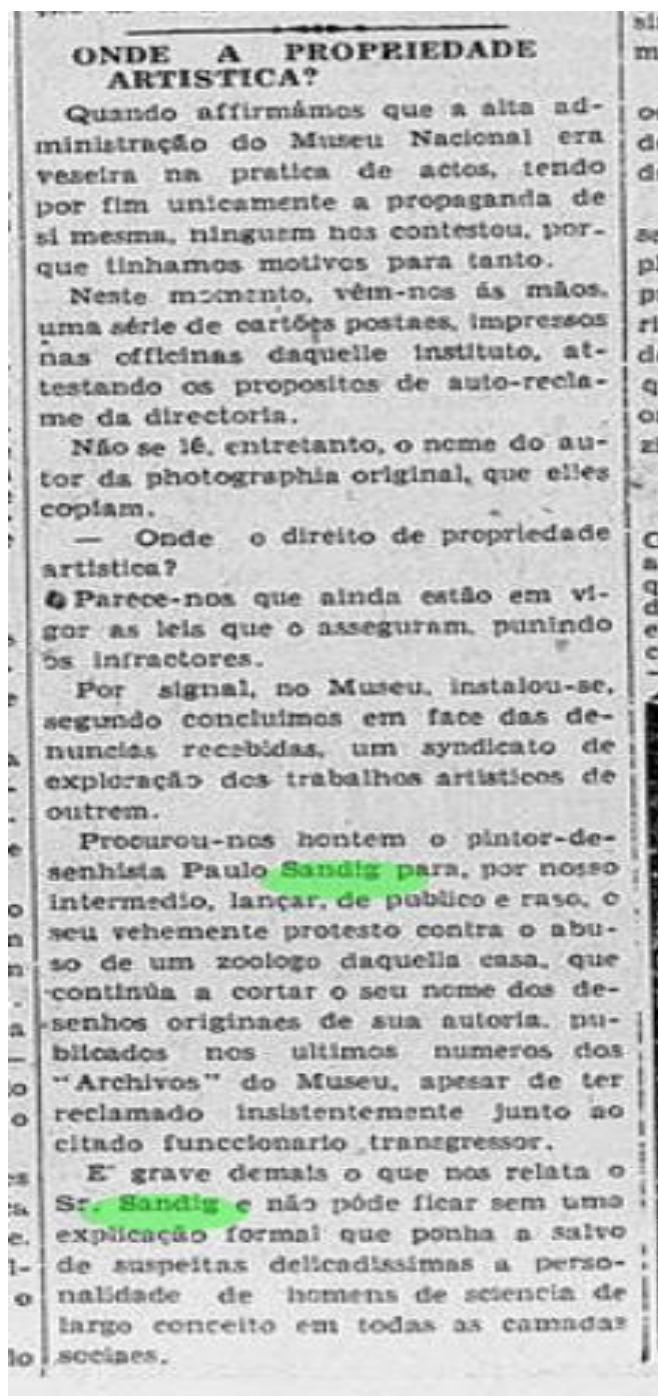
As imagens acima são ilustrações que foram produzidas por Rescala para compor um artigo na *Revista do Museu Nacional* em seu número três, em 1945. Acompanham o artigo “*Brinquedos dos nossos índios*”³⁶ Escrito por Curt Nimuendaju.

Paulo Sandig é outro artista / desenhista que assina desenhos nas revistas estudadas. Foi contratado pelo Museu Nacional na década de 1920 e também foi ilustrador de mapas murais de antropologia (Faria, 2017), fez carreira acompanhando Adolfo Lutz e produzindo ilustrações científicas, especialmente de Zoologia.

Poucos são os registros que encontramos sobre Paulo Sandig, suas referências se limitam à sua assinatura em diversas publicações renomadas relacionadas à zoologia. Porém, uma publicação datada de 1934 no jornal “O Paiz” relata reclamações por parte de Sandig em relação ao fato do seu nome não constar em publicações da *Revista Arquivos do Museu Nacional*:

³⁶ A grafia respeita o título do artigo da forma com que foi publicado na *Revista do Museu Nacional*, no entanto, sabemos que o termo correto a ser utilizado atualmente é indígena.

Figura 109: Jornal O Paiz, p. 3, 25 de março de 1934.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

O jornal "O Paiz" também publicou em 1934, o anúncio de uma exposição feita a partir das obras de Sandig, destacando a presença de seus trabalhos de ilustração científica em revistas como a *Arquivos* e também *Manguinhos*³⁷.

³⁷ A referência que diz respeito à publicação por Sandig em Revistas como a do Instituto Manguinhos está disponível no jornal "O Paiz", de , p. 3, 06 de maio de 1934.

Figura 110: Jornal O Paiz, p. 3, 06 de maio de 1934.

Exposição de pinturas de animais do Brasil — A partir de 15 de maio do corrente mez realizar-se-ha no salão "Pró Arte" a primeira exposição parcial de aquarellas de animais sylvestres do Brasil, executadas pelo pintor Paulo Sandig. Não se trata de uma exposição commum. O Sr. Sandig é um artista especializado em assumptos zoologicos e, dispondo de uma technica perfeita, que lhe permite cópiar a natureza viva com perfeição de fórmãs e côres, apresenta quadros de rara excellencia. E' um nome mundialmente conhecido. Redroducções de alguns de seus desenhos e pinturas encontram-se tambem nas publicações do Instituto de Manguinhos e do Museu Nacional. As suas ultimas concepções foram dirigidas por um dos maiores conhecedores da vida animal do Brasil, Dr. Paulo Schirch. Mais uma razão para chamarmos a atenção dos especialistas e do publico para esta exposição, num momento em que a protecção á natureza se intensifica cada vez mais e por necessidade urgente. Porque antes de proteger é necessario conhecer.

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Diante das duas notícias que envolvem Sandig, concluímos que uma exposição com seu nome é também uma forma de demarcar seu campo de trabalho, inclusive no que diz respeito ao Museu Nacional.

A seguir, o conteúdo publicado pelas Revistas será explorado individualmente, sem que seja necessário esgotar todo ele, uma vez que há um recorte voltado às práticas cotidianas do Museu Nacional. Neste momento há uma escolha por compreender sobre formação de acervos, conservação, comunicação, práticas que tiveram origem sobretudo nos museus de História Natural.

O primeiro número da *Revista do Museu Nacional* conta com dois onze artigos dedicados a *Edgard Roquette-Pinto*, com "**A Revista do Museu Nacional**" que introduz a publicação, uma vez que, trata-se de seu primeiro número e "**A História Natural dos Pequeninos**" escrito pelo próprio *Roquette-Pinto*.

Os artigos que seguem, "**As conchas**" escrito por *Emanuel A. Martins*, "**Os mistérios da pirâmide de Cheops**", escrito por *Alberto Childe*, "**A formação geológica do Distrito Federal**", escrito por *Alberto Betim Paes Leme*, "**Pigmentos vegetais**", de autoria de *Melo-Leitão*, "**Capivaras**", de *J. Moojen*, *Naturalista da Divisão*

de *Zoologia que ingressou no Museu Nacional em 1939*. “**Antropogeografia**”, escrito por Raimundo Lopes, “**Freire Alemão**”, escrito por Venâncio Filho, “**O ensino das ciências**” escrito por Waldemar Kempffert, “**O conceito de espécie no curso colegial**”, escrito por Osvaldo Frota Pessoa, “**Das estantes do Museu Nacional**” de autoria de Vitor Starviaski e “**Instruções para a organização de pequenos museus escolares**”.

A *Revista do Museu Nacional* número dois foi publicada em dezembro de 1944, ainda no seu primeiro ano e tem a seguinte estrutura no sumário: Dois comunicados que não foram assinados, “**Declaração de princípios**” aprovada pela Associação Britânica para o Progresso da Ciência. A presença deste tipo de texto, sempre como uma possibilidade de visibilizar o que se tem feito em outras instituições, reforça a articulação que o Museu Nacional promovia com diversas instituições. “**Revista do Museu Nacional**” é um comunicado sobre a tiragem da *Revista do Museu Nacional* que pretende ser aumentada em face da grande procura para remessas individuais que foram impossibilitadas em razão do compromisso que o museu assume de enviar as revistas para instituições de ensino e bibliotecas. “**Garimpos**” de Luiz Castro de Faria, Naturalista do Museu Nacional, antropólogo, arqueólogo, bibliotecário, detalha “**As grandes conquistas da humanidade: A conquista do ar**” escrito por Francisco Venâncio Filho; “**O peixe-boi**” escrito por Aurora Ramos de Moraes Rêgo, professora do colégio estadual do Amazonas; “**Mimetismo**” de Cândido Melo de Leitão; “**Uiraçu**” escrito por J. Moojen; “**Em busca de um fóssil**”, artigo de Victor Starviask, técnico da sessão de extensão cultural do Museu Nacional; “**Hervas de passarinho**” escrito por Carlos Viana Freire; “**Linguística e etnologia**”, escrito por J. Matoso Câmara Júnior³⁸, então professor do ensino secundário no Rio de Janeiro, que mais tarde se tornaria funcionário do Museu Nacional e ajudaria a fundar ali um setor de linguística.

A *Revista do Museu Nacional* em seu número três, foi publicada em abril de 1945 e tem como capa uma fotografia do meteorito Bendegó. Seus artigos seguem o seguinte sumário: “**Aspectos das atividades do Museu Nacional**”, traz uma série de detalhes sobre as atividades que acontecem no museu, entrevistas com os funcionários onde eles explicam suas atividades no museu, informações a respeito das coleções, como incorporações de peças ao acervo, entre outras. Compreendemos este artigo como uma evidente justificativa da importância do trabalho que estava sendo executado no museu, inclusive com imagens dos seus funcionários executando suas tarefas cotidianas.

³⁸ Para saber mais sobre Joaquim Mattoso Câmara Júnior: [0004.p65 \(scielo.br\)](https://doi.org/10.1590/0004-0130-2022-0004.p65) Acesso em: 06 de fev. de 2023.

“Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros”, escrito por Ney Vidal, naturalista do Museu Nacional responsável pelo traslado do meteorito Santa Luzia ao Museu. **“O dia da árvore”** de Jean Désy, **“Brinquedos dos nossos índios - Os ladrões de jurumum”**, foi escrito por Curt Nimuendaju, especialista em linguagens indígenas e contratado pelo Museu Nacional durante a direção de Heloísa Alberto Torres³⁹. Trata-se da descrição de um jogo comum entre crianças indígenas e que é apresentado em passos e à medida que é descrita a forma de brincar, é também ilustrada pelo desenhista do Museu, Rescalas.

O artigo **“Aranhas caranguejeiras”** é mais um da série de artigos do autor, que, oferece ao leitor, a partir de uma leitura acessível informações científicas sobre as aranhas caranguejeiras e para finalizar, incentiva que as escolas tenham animais para fazerem demonstrações pedagógicas, no caso das aranhas caranguejeiras, orienta-se que estejam vivas e que sejam usadas em sala de aula. O artigo é ilustrado por fotografias de aranhas que interagem entre si, feitas por Moacyr Leão.

Em **“Um Tapirapé atinge a maioridade”** Charles Wagley antropólogo norte-americano que percorre diversas regiões habitadas por populações indígenas, a serviço do Museu Nacional, escreve sobre um dos rituais dos indígenas Tapirapé. Este artigo descreve toda a ritualística que marca a sua transição para a fase adulta e é ilustrado pela figura do indígena Tapirapé, na prancha colocada sempre no centro da revista.

Em **“Lacerda de Almeida um precursor de Livingstone”** Venâncio Filho, então professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, escreve uma breve biografia de Lacerda de Almeida, destacando seus grandes feitos profissionais como uma forma de referenciar uma publicação que acabara de ser lançada pelo Instituto Nacional do Livro das obras de Lacerda de Almeida.

“O Currupião” escrito por J. Moojen, são notas e fotografias produzidas sobre o pássaro corrupião e seu comportamento na vida doméstica.

“Novos territórios” é um texto retirado da Revista Brasileira de Estatística, em seu número 16, de 1943 e fala sobre os novos territórios federais criados naquele ano.

“Os metais” escrito por Sir Lawrence Bragg é um artigo extenso que trata desde como a sociedade se apropria dos metais quanto sua composição química em diferentes estados, sua resistência, entre outros. O texto é ilustrado por diversos gráficos e tabelas que facilitam a compreensão do leitor.

³⁹ Para saber mais sobre:

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, **Mapa Etno-Histórico De Curt Nimuendaju**. editado em colaboração com a Fundação Nacional Pr6-Memória, Rio de Janeiro, p. 29 - 35, 1981. Disponível em: [A Ortografia dos Nomes Tribais no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju \(wdfiles.com\)](http://www.wdfiles.com) Acesso em: 15 de fev. 2023.

O número três da *Revista do Museu Nacional* é encerrado com a seção **“Das estantes do Museu Nacional”** que a cada número apresenta novos livros da biblioteca do museu, e as **“Instruções para a organização de pequenos museus escolares”**, que se repetem em todos os números.

A *Revista do Museu Nacional* número 4 inicia com o artigo **“Vitória Régia”** escrito por Luiz Emídio de Melo Filho, naturalista do Museu Nacional, onde o autor explica detalhes das origens das plantas e de sua classificação. Este artigo inclusive deu origem à capa da Revista, as vitórias-régias do jardim do Museu.

A seguir, **“A formação de um naturalista”**, escrito por Newton Dias dos Santos, também naturalista do Museu Nacional. Como parte do artigo, o autor fala sobre sua trajetória enquanto naturalista do Museu Nacional, explicando os motivos que o levaram a ingressar na instituição, parte deste artigo, segundo o próprio Newton é um depoimento a partir da proposta que a *Revista do Museu Nacional* fez para que ele contasse sobre suas atividades no Museu. Sua trajetória é parecida com a de outros colegas que ingressaram no Museu Nacional, como por exemplo, Osvaldo Frota Pessoa.

Já o Artigo **“A conquista da Terra”** escrito por Venâncio Filho, então professor da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, um dos expoentes da educação, membros dos Pioneiros da Educação Nova⁴⁰ é voltado para a historiografia da ciência, conta como os grandes cientistas alcançaram seus feitos científicos, além de trazer bibliografia sobre a história da ciência. **“Brinquedos dos nossos índios”** escrito por Theodor Koch-Grumberg um texto que apresenta as brincadeiras praticadas pelos indígenas no Brasil, além desta, o próximo número também tem um item que ensina como brincar como os indígenas brincaram.

“Vaso Marajoara”, por sua vez, detalha as características de um vaso de cerâmica Marajoara, coletado por Heloísa Alberto Torres, sua autora, e incluído nas coleções do Museu Nacional. **“Caramujos do mato”** escrito por Emanuel A. Martins, naturalista do Museu Nacional, explica as características físicas dos caramujos e suas formas de vida. **“Quando as galinhas criarem dentes”** escrito por Carlos de Paula Couto, naturalista do Museu, fala sobre as aves, suas características e suas aproximações com os dinossauros. O artigo é seguido pelas **“Sugestões para professores”** e **“O ensino das ciências nas escolas primárias”**, escrito por Vitor

⁴⁰ Manifesto que aconteceu em 1932, tinha como um dos seus pontos de partida a defesa da escola pública. Envolveu diversos intelectuais do período. Para saber mais sobre: VIDAL, Diana Gonçalves. **80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**: questões para debate. Educ. Pesqui. [on-line]. 2013, vol.39, n.03, pp.577-588.

Starkias, em que o autor dá uma série de orientações aos professores sobre o ensino das ciências nas escolas. O último artigo é o **“Das estantes do Museu Nacional”**.

A *Revista do Museu Nacional* número 5, inicia com o artigo **“O Museu Nacional prepara-se para a reabertura”** que retoma a trajetória da instituição e de seus antigos preparadores, descreve as atividades que têm sido desenvolvidas para a reabertura do Museu, apresentando detalhes de como o trabalho é feito, quais as técnicas utilizadas e quais são os profissionais responsáveis pelo trabalho. Trata-se de um artigo que tem muito a nos oferecer no que diz respeito à publicação das práticas museológicas na Revista e também, mais um que justifica a existência de trabalho constante no Museu durante seu fechamento à visitação pública. Em seguida, temos o artigo **“Os Paguros”**, escrito por Emanuel A. Martins, que também detalha as formas de vida e as características físicas do animal, totalmente ilustrado com as coleções do museu, assim como o artigo escrito por Emanuel A. Martins no número anterior da Revista.

O artigo **“Como se escreve sobre folhas de palmeira”**, escrito por Carlos Werneck, que neste momento assina como professor aposentado do serviço público do Rio de Janeiro, ensina uma técnica de se escrever nas folhas das palmeiras. O artigo que dá continuidade à Revista é escrito por Venâncio Filho, foi intitulado **“Euzébio de Oliveira”**, uma biografia do geólogo e também uma homenagem à sua trajetória. O artigo a seguir, **“Brinquedo de nossos índios”** escrito por Theodor Koch-Grumberg, é mais um da série de dois artigos publicados em que é possível que o leitor aprenda as brincadeiras dos indígenas. Outra biografia que aparece na *Revista do Museu Nacional* número 5, é a **“Julius Arp”** que não foi assinada e homenageia o doador de uma coleção de Lepdópteros ao Museu Nacional, por ocasião de seu falecimento. O artigo **“Uacari Branco”** também não foi assinado, no entanto, trata sobre as formas de vida do animal, o artigo é também uma homenagem a Eládio Lima que desenhou o **Uacari Branco** (prancha que consta nesta edição da Revista e que era um estudioso da zoologia nacional. O artigo é uma homenagem em razão também do falecimento de Eládio Lima.

O artigo que segue **“Geologia histórica e seus fins”** escrito por José Lacerda de Araújo Feio, naturalista do Museu, explica a geologia e seus métodos. **“O tigre dos dentes de sabre”** escrito por Carlos de Paula Couto, é mais um dos artigos que conta aspectos físicos do animal extinto, como sobreviveu na natureza e sobre seus parentescos. O artigo que segue, intitulado **“Alexandre Parko”** é uma homenagem póstuma ao colecionador de insetos e doador para as coleções do Museu Nacional, em razão da sua morte. A seguir, **“Sugestões para os professores”** e **“Das estantes do Museu Nacional”** fecham a Revista.

De acordo com nossos objetivos, privilegiamos comentar os artigos que nos interessam dentro do recorte das práticas museológicas, estes artigos nos dizem sobre as práticas, que na atualidade correspondem à documentação museológica, comunicação, conservação, aquisição de coleções separadamente, mas também nos falam sobre a cadeia operatória como um todo, uma vez que se resgatam aspectos da formação do museu e conseqüentemente de suas coleções. Importante ressaltarmos a preocupação por parte do Museu Nacional, de tornar a informação científica acessível ao leitor, não somente

A partir da seleção que fizemos, elencando alguns dos artigos para serem estudados, que serão apresentados a seguir, é possível compreender que, entre os esforços de uma produção científica comunicada de maneira acessível à compreensão dos professores e sobretudo dos alunos, há uma evidente intenção de demonstrar que as atividades dos Museu nacional neste período continuavam acontecendo.

Diversas são as vezes em que as práticas museológicas estão expostas nas revistas, por vezes nas imagens e publicadas, nas numerações intencionalmente expostas, nos artigos que ensinam a prática da história natural aos professores, nas metodologias replicadas que por vezes identificamos como um compartilhamento de métodos usados nas próprias coleções do museu, nos artigos que contam sobre a história das coleções que abarcam desde sua seleção até a entrada no Museu. Todos esses aspectos são práticas museológicas, de acordo com o que já discutimos em relação à cadeia operatória dos processos museológicos Bruno (2020) e também o conceito de Curadoria Menezes (1994) em consonância com Cerávolo (2004) que diz sobre os registros das práticas museológicas, antes mesmo delas se institucionalizarem com a disciplina Museologia.

O primeiro artigo do número 1 da *Revista do Museu Nacional* é dedicado à publicação da Revista e seu histórico, porém traz uma homenagem à administração de Edgard Roquette-Pinto. Um trecho do texto faz referência ao fato de que foi na gestão de Roquette-Pinto que o Museu Nacional começa a se dedicar ao ensino de História Natural se utilizando dos mais diversos meios e suportes. (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, 1944).

Este texto, então, vem reafirmar os motivos que levaram à publicação da *Revista do Museu Nacional*, comprometida com o ensino da História Natural e sobretudo, para se aproximar do seu público, especialmente durante o período de reformas do edifício. Para isso, resgata-se toda uma tradição que a instituição já possui de lançar mão de recursos diversos, como publicações, quadros, mapas murais, entre outros.

Nos chama a atenção a diagramação da página 1 em especial, porque ela foi feita a fim de destacar a figura de Roquette-Pinto no seu centro como observa-se:

Figura 111: Diagramação da página 1 do primeiro número da *Revista do Museu Nacional*, dedicada a Roquette-Pinto.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Em um resgate das práticas institucionalizadas na gestão de Roquette-Pinto, o texto demonstra que a publicação desta Revista é uma forma de dar continuidade ao trabalho a essas práticas. “*A Seção de Extensão Cultural, dentro das tradições de uma casa como o Museu Nacional, arca, pois, com a grande responsabilidade de sucessora dessa obra esplêndida de Roquette-Pinto.*” (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, n. 1, p. 2, 1944)

Este artigo reforça a rede de contatos que Roquette-Pinto fez parte e que estabeleceu sobretudo durante o período em que manteve vínculo de trabalho com o Museu Nacional, seus esforços em função da educação, no Museu Nacional, mas que extrapola os limites institucionais e vão de encontro a diversas instituições e intelectuais. Ihe renderam bons frutos, relações de proximidade e sobretudo respeito por parte dos colegas⁴¹. Sabe-se também, que Heloísa Alberto Torres entrou para o Museu Nacional

⁴¹ A trajetória de Edgard Roquette-Pinto não é um foco nesta dissertação, porque seu período como diretor do Museu Nacional corresponde ao período de publicação da *Revista Nacional de Educação*, quando nosso foco principal é o período das Revistas *Uiára* e *Do Museu Nacional*. Além disso, sua trajetória já foi amplamente discutida.

em um concurso para trabalhar com Roquette-Pinto e isso orienta toda a trajetória da Heloísa no Museu Nacional.

O artigo “As Conchas” de Emanuel A. Martins, Naturalista do Museu Nacional, que aborda as características das conchas, aspectos físicos, onde e como sobrevivem. O texto aproxima-se do leitor, à medida que inclui em sua escrita aspectos do cotidiano das pessoas, apresentando por exemplo, um parágrafo que traz as características das conchas que “as crianças coletam na praia”.

Figura 112: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 5, 1944



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

As imagens marcadas pelo autor na legenda como “modernas” ilustram a preocupação que o museu possui de se comunicar de forma clara com seu público, utilizando na ilustração do texto, itens do uso doméstico, cotidiano das pessoas.

Destacam-se neste artigo a presença de conchas que são parte do acervo do Museu Nacional, como as que seguem:

Figura 113: Concha pertencente ao acervo do Museu Nacional em fotografia publicada na *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 3, 1944



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Neste caso, chamamos a atenção para a linguagem acessível que é usada no artigo, que evidencia a intenção da Revista que é estar mais próxima do seu público e oferecer-lhe interpretações dos temas abordados a partir de aspectos de sua vida cotidiana, uma vez que ele não poderá frequentar o museu. Neste caso, justifica-se o grande número de imagens, que serão aqui replicadas, pois nos interessa especialmente discutir a comunicação das práticas do museu nas revistas estudadas.

O que nos interessa neste texto, sempre partindo do olhar sensível para as práticas e o cotidiano do museu e suas coleções é a publicação de várias conchas pertencentes às coleções do Museu, referenciadas como tal, no corpo do artigo:

O Museu Nacional possui uma numerosa, bela e valiosa coleção de conchas de moluscos provenientes de todas as regiões do mundo e que é exibida ao público interessado em uma de suas grandes salas. As seguintes fotografias ilustram alguns exemplares, tomados ao acaso, dentre as conchas do Museu. (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, ano I, n. 1, p. 06, agosto de 1944).

Figura 114: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 05, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A publicação desta uma concha, parte do acervo do Museu Nacional, deixa à mostra inclusive a numeração que o museu atribui às peças do seu acervo. Esta é uma informação científica e não se constitui como uma prática comum aos museus expô-la. Há uma intencionalidade por parte do museu, seria mais uma possibilidade de aproximação do público com o seu cotidiano. O mais importante nesta imagem dentro do nosso recorte é perceber como o museu explicita ao seu público várias etapas dos seus processos de preparação de seu acervo para a exposição.

Alguns autores discutem o caráter social do museu vinculado às práticas científicas, no que diz respeito à Divulgação Científica, a este respeito Loureiro (2009) diz:

Ratificamos, portanto, o caráter social da informação científica e do museu, o que confere a este último o compromisso com a divulgação da ciência. Entre os muitos argumentos usados pelos defensores da divulgação científica, destacamos duas: o primeiro é o fato de que a ciência e a tecnologia afetam sensivelmente o cotidiano das pessoas. Vista por tal ótica, a divulgação científica, mais que uma necessidade, é, sobretudo, um direito. O segundo é a necessidade de desmistificar a atividade científica. Nesse sentido, tem sido constantemente defendido que se desloque o foco de interesse dos produtos da ciência para a ciência como processo. Coleções de museus são capazes de colaborar para a percepção do impacto da ciência e da tecnologia no nosso cotidiano, facilitar a compreensão da ciência como processo e da prática científica como trabalho. (LOUREIRO, 2009, p. 108)

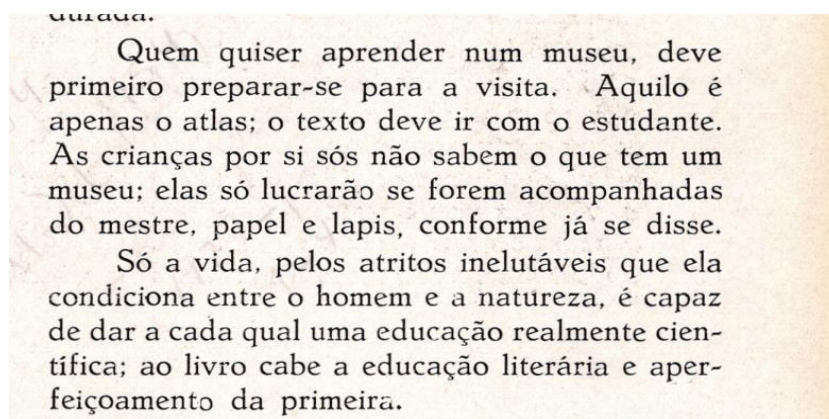
Ao nos dedicarmos ao estudo das Revistas a partir da perspectiva da Museologia e de suas práticas, buscamos colocar em evidência a prática científica enquanto processo publicizada nas Revistas.

“*A História Natural dos Pequeninos*” foi escrito por Roquette-Pinto, ex-diretor do Museu Nacional, editor da *Revista Nacional de Educação* e homenageado no primeiro número da *Revista Uiára* e também no primeiro número da *Revista do Museu Nacional*. O texto foi transcrito de “*Seixos Rolados*”. De acordo com a referência da própria Revista, este artigo teve ampla divulgação, tendo sido publicado outras vezes, na *Revista Nacional de Educação*.

No texto “*A história natural dos pequeninos*” o autor assume para si a responsabilidade de orientar o ensinar história natural, orienta o leitor sobre aspectos importantes do processo de ensino aprendizagem pautada na lição de coisas⁴², abaixo é possível observar tais orientações:

⁴² Para mais informações sobre a relação desse método de ensino e Museus veja: POSSAMAI, Zita Rosane. "Lição de Coisas" no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 20, n. 43, 2012.

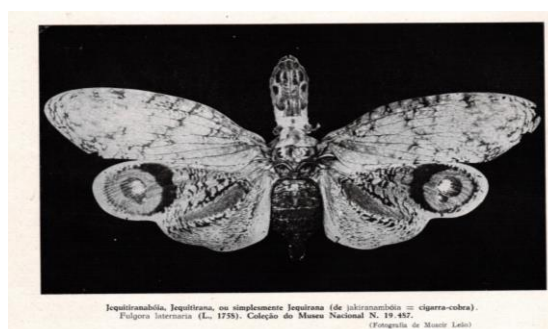
Figura 115: *Revista do Museu Nacional*, Nº1, p. 9, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

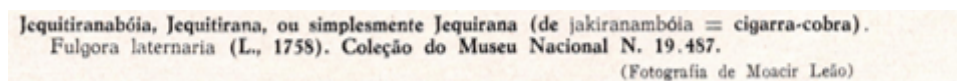
Neste artigo a intenção é incentivar, mas sobretudo, orientar o ensino de História Natural para crianças, podemos perceber, como o autor fala sobre a importância da visita orientada das crianças ao museu de história natural. Sutilmente, são inseridos neste texto elementos que sempre remetem à importância das coleções do Museu Nacional, funcionando também como uma estratégia para incentivar a visita das crianças ao museu.

Figura 116: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 8, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 117: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 8, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

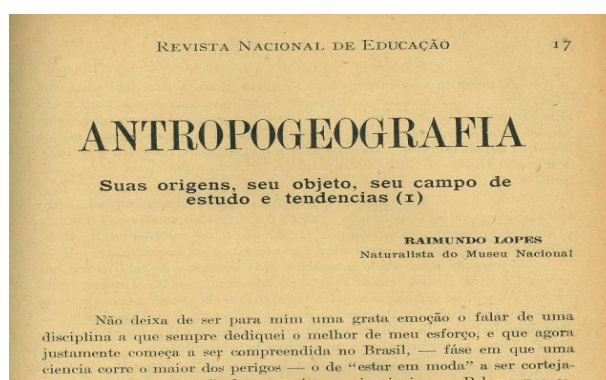
É importante percebermos, como, aos poucos, começam a aparecer na *Revista do Museu Nacional*, cada vez mais dados das coleções, que até então eram restritas aos funcionários do Museu Nacional. Como que esses dados vão sendo inseridos de uma forma sutil entre os artigos que buscavam comunicar aspectos, sobretudo das pesquisas desenvolvidas pelo Museu e das práticas cotidianas que eram exercidas no Museu Nacional, para conhecimento de seu público. Acima, vimos pela primeira vez na

Revista do Museu Nacional, a publicação de dados referentes à localização e classificação da coleção, o que reafirma o que destacamos anteriormente.

Em “*Os mistérios das pirâmides de Cheops*,” escrito por Alberto Childe e “*A formação geológica do Distrito Federal*” escrito por Alberto Betim Paes Leme são textos que são frutos de pesquisas desenvolvidas pelos autores e que de alguma forma têm um ponto de contato com o museu, uma vez que são assuntos, como a formação geológica do Rio de Janeiro e arquitetura antiga foram temas de outros artigos publicados por Betim Paes Leme e Alberto Childe, respectivamente, na *Revista Uiára*. Podemos dizer, que a *Revista do Museu Nacional*, por diversas vezes trouxe artigos, assuntos já debatidos nas revistas publicadas anteriormente. Se na *Uiára* a localidade abordada pelo artigo é a Cachoeira do *Imbuy*, na *Revista do Museu Nacional*, é a Baía de Guanabara.

O artigo “*Antropogeografia: Suas origens, seu objeto, seu campo de estudo e tendências*” é um dos artigos que já circulou por suportes e Revistas diversas. Originalmente uma palestra ofertada por Raimundo Lopes na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, posteriormente foi publicada na *Revista Nacional de Educação* (n. 11 / 12, de 1933) conforme referência da própria *Revista do Museu Nacional*. A *Revista Uiára* publicou uma versão atualizada desse mesmo artigo, como já vimos anteriormente em “*Tipityts do Rio de Janeiro*” embora o texto tenha diferenças do original, há uma referência que indica ao leitor, a publicação feita na *Revista Nacional de Educação* como um indicativo de como conhecer melhor o tema.

Figura 118: *Revista Nacional de Educação*, n. 11 / 12, 1938

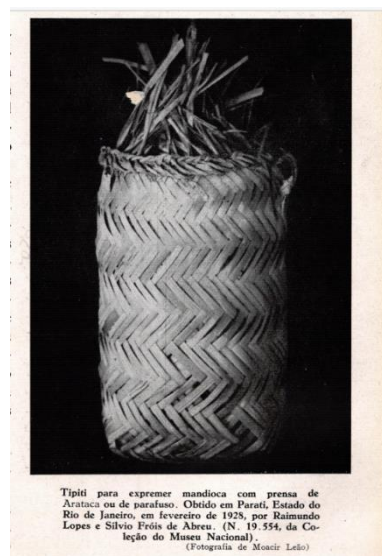
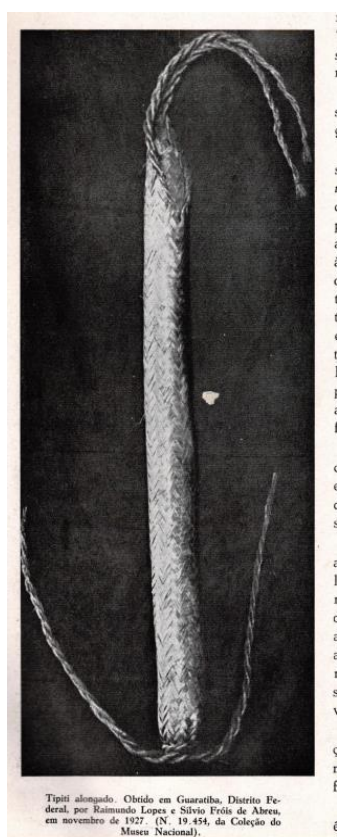


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Raimundo Lopes, ao atualizar o texto na *Revista Uiára*, insere imagens e desenhos de itens do acervo do museu, algo que ele também atualiza na *Revista do Museu Nacional*. Nesta versão, a palestra é replicada no texto original e os desenhos e imagens que acompanharam “*Tipityts do Rio de Janeiro*”, publicado na *Revista Uiára* analisada anteriormente e, foram substituídos por fotografias, dos mesmos itens. O que é possível acompanhar abaixo:

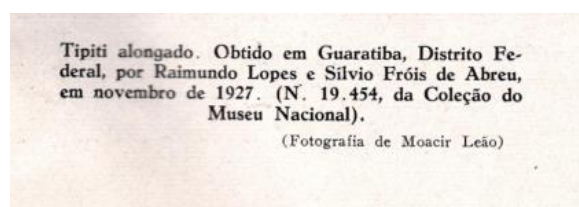
Figura 119: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 18, 1944.

Figura 120: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 19, 1944.



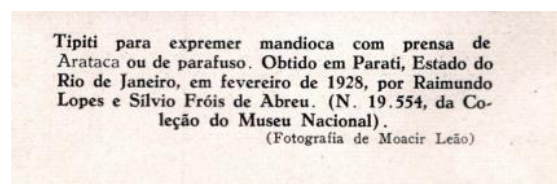
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 121: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 18, 1944



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 122: *Revista do Museu Nacional*, n. 1, p. 19, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Estes dados relativos à localização do acervo nas coleções; procedência, data de incorporação / coleta, e numeração do acervo nas coleções do Museu eram dados de acesso restrito, voltado a um público especializado.

Sabemos que os processos de incorporação de acervos aos museus estão dentro das atividades que abarcam sua cadeia operatória, com isso, podemos dizer que todo processo de incorporação de acervos ao Museu Nacional, que figura nas Revistas estudadas, é parte de um processo de valorização do objeto para que ele possa compor a coleção do Museu:

Para compreender o processo que transforma um objeto de variados suportes, funções e usos específicos em um objeto museológico, é necessário reconhecer as etapas que o caracterizam como documento de valor patrimonial e informacional e que, portanto, deve ser salvaguardado. Quando o objeto museológico é identificado, passa a compor uma coleção determinada pela instituição e assim se torna elemento de algo ainda maior, denominado acervo museológico. São muitos os motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo: por ser raro, pela sua fabricação, pelo valor científico e cultural, pela preciosidade do material ou pela sua antiguidade. No entanto, é notório que qualquer uma dessas causas está vinculada às possibilidades de informação que os objetos carregam consigo, bastando analisá-los para que apareçam respostas sobre seus usos, seus materiais, suas relações sociais, sua história, entre outros. (PADILHA, 2014, p. 19).

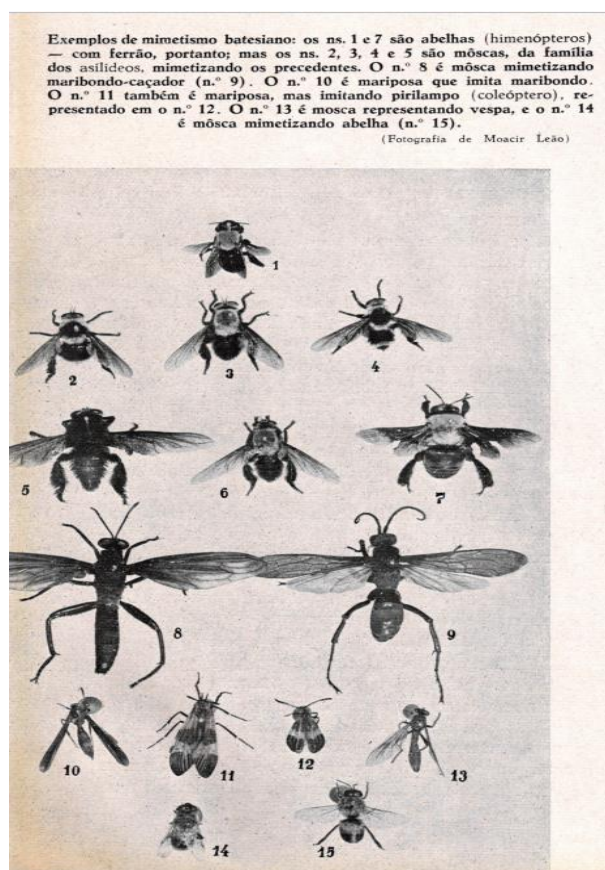
Para além das motivações para que um objeto componha a coleção de um Museu, Padilha (2014), fala também sobre a biografia do objeto. Identificamos que a *Revista do Museu Nacional* em diversos momentos trata sobre a biografia dos objetos de sua coleção. Para discutir a trajetória e valorização dos acervos nas coleções Padilha (2014), mobiliza Ferrez (1994), a saber:

Ao longo de sua trajetória, perde e ganha informações como consequência de sua funcionalidade, de seu uso, reparo e de sua deterioração. Quando introduzido na instituição museológica, inicia uma nova história, que deverá continuar a ser documentada (FERREZ, 1994). Assim, o objeto passa a ser descrito sob duas circunstâncias: sua vida útil antes de fazer parte do museu e depois, quando ganha novos usos e sentidos dentro do espaço de salvaguarda. (FERREZ, 1994 apud PADILHA, 2014, p. 20)

Com isso reiteramos nosso argumento de que o Museu Nacional torna público diversos aspectos que compõem as práticas museológicas que aconteciam no contexto do Museu, durante o período de publicação das Revistas. No caso dos relatos de entrada e seleção de acervos, trata-se dos primeiros procedimentos listados na cadeia operatória dos processos museológicos.

No segundo número da *Revista do Museu Nacional*, nos interessam especialmente os seguintes artigos: *Mimetismo* escrito por Cândido Mello Leitão, em que o autor escreve sobre a capacidade que alguns animais possuem de mimetizar, ou de adquirir características que podem confundir com animais de outra espécie ou com o próprio ambiente. Para a ilustração deste texto, também foram utilizadas imagens das coleções do Museu Nacional, sem que dessa vez elas possam ser identificadas:

Figura 123: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 14, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nesta imagem é possível identificar que as abelhas e moscas representadas na imagem, podem ser das coleções do Museu Nacional. Esta é uma coleção comum aos museus de História Natural, mas nesse caso, trata-se de uma coleção científica, para estudos e não para a exposição. Ao mesmo tempo em que comunica conhecimentos diversos ao leitor, a publicação também possibilita que ele conheça coleções que, não são utilizadas nas exposições de maneira usual.

“Em busca de um fóssil”, escrito por Victor Starviask técnico de educação da sessão de extensão cultural do museu, abre uma série de publicações, com um intuito em comum, que é impactar o ensino de história natural, demonstrado a partir de relatos de experiência vividos pelo próprio Museu Nacional, que o ensino da disciplina pode refletir melhor suas práticas em campo, ao passo que extrapolar os programas propostos naquela altura para orientar a prática do docente de história natural. Pretende-se então, oferecer aos professores ferramentas para que as aulas de história natural tenham novos formatos e conteúdo. Há no texto, assim como em outros números da *Revista do Museu Nacional*, uma evidente crítica ao modo vigente de se ensinar História Natural.

Figura 124: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 17, 1944.

logia e ainda outros que se enquadravam na metafísica. Esperamos que, de alguma forma, venha esta narração servir de estímulo a outros professores de história natural, que, como nós, lutaram e estão lutando ainda contra um sem número de dificuldades de tôdas as ordens, a fim de poder transmitir aos seus alunos conhecimentos de real valor, concorrendo para o estabelecimento de uma correta filosofia de vida, fugindo desse antiquado método de ensino, tão usado em nosso meio, qual seja o de repetir uma série de fatos biológicos, sem quase nenhuma ligação filosófica entre si, com o estrito objetivo de cumprir um programa, cuja finalidade única é a obtenção de graus mínimos para a promoção e, por fim, permitir o acesso às faculdades superiores.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A seguir, analisamos esta série composta por outros três artigos, que compõem os números seguintes da *Revista do Museu Nacional*, escritos com este mesmo intuito. Reforçamos que, ao escrever seus relatos de campo, os profissionais do Museu Nacional, nos oferecem um rico material que conta sobre o primeiro contato do museu com seus acervos e o percurso percorrido desde então até sua incorporação ao museu. Assim, aspectos muito caros para que seja possível compreendermos a história e a trajetória dos objetos dentro da instituição, podem ser vistas em imagens como a que se segue, que ilustra o artigo **“Em busca de um fóssil”** e demonstra a forma de vida das pessoas no local em que foram feitas as buscas, nesse caso do fóssil.

Figura 125: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 18, 1944.

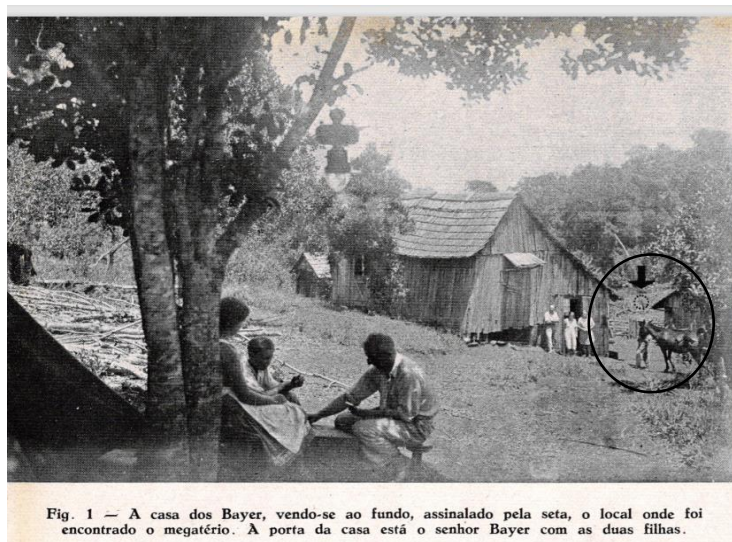


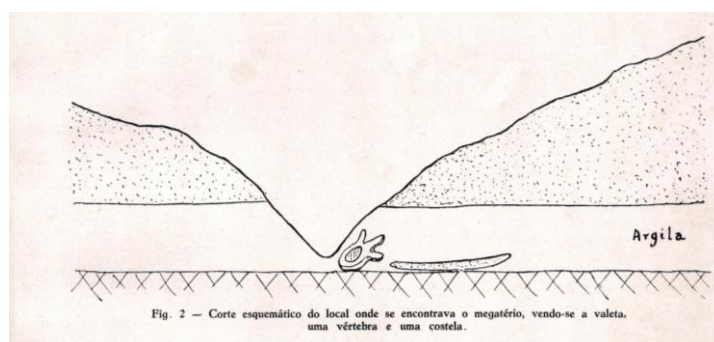
Fig. 1 — A casa dos Bayer, vendo-se ao fundo, assinalado pela seta, o local onde foi encontrado o megatério. A porta da casa está o senhor Bayer com as duas filhas.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

O fóssil em questão foi encontrado pela família alemã que se mudou para o interior do estado do Paraná e traz consigo, o interesse e o hábito de estudar fósseis.

Durante anos após a descoberta pela família, que desacreditada pela população local não havia recebido nenhum tipo de apoio especializado para retirar o fóssil encontrado, chegou ao autor do artigo, uma correspondência que contava a história e dizia sobre a possibilidade de tratar-se de algo do seu interesse. Indo até lá, em 1935, seis anos após a descoberta, Victor Starviask mobilizou a família e a população local para a retirada do fóssil que foi transportado ao Rio de Janeiro, para o laboratório da escola em que Victor trabalhava, e posteriormente, com sua entrada no Museu Nacional, foi transportado novamente, dessa vez aos laboratórios da instituição. A ilustração abaixo, demonstra onde parte da ossada do megatério foi encontrado em meio à argila que cobria o terreno.

Figura 126: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 19, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

As imagens que seguem demonstram o trabalho executado pela comissão que recolhe o fóssil:

Figura 127: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 23, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

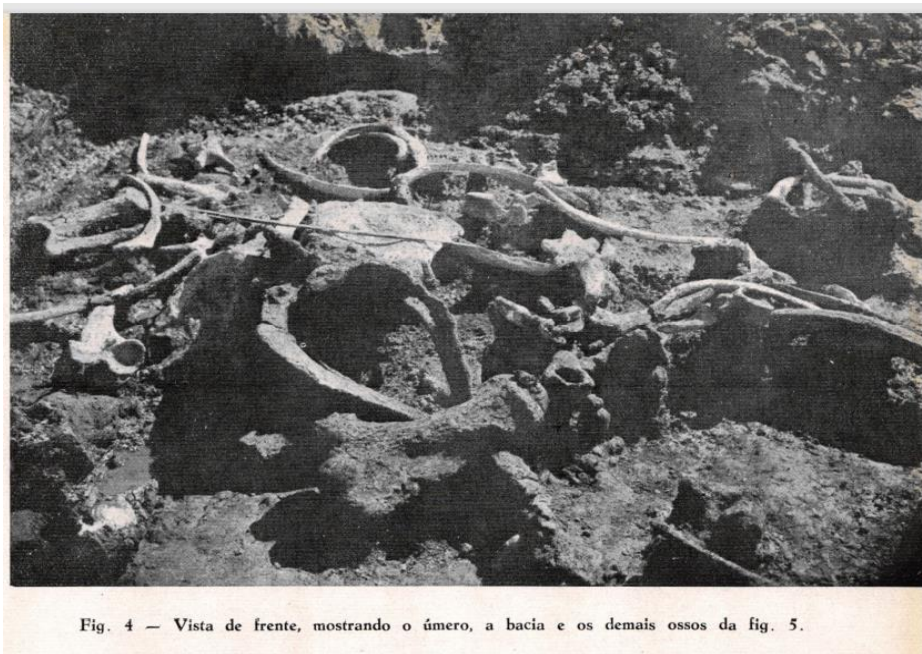
Figura 128: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 20, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A imagem abaixo, mostram o próprio fóssil ainda enterrado na argila, em seu local de origem:

Figura 129: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 21, 1944.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Além de toda a história contada minuciosamente, há também neste artigo, a descrição de como foram retirados e qual era seu estado de conservação, como se pode ver abaixo:

Figura 130: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 24, 1944.

Finalmente todo o fóssil estava completamente exposto, como podemos ver nas figuras 5 e 6. Nos primeiros dias os ossos se apresentavam completamente brancos e muito pouco consistentes, a ponto de não ser possível a sua retirada. Não houvera a impregnação de sílica ou de qualquer outro elemento que os petrificasse, como é comum em outros fósseis. Surgiu com isto a primeira dificuldade. A rigor, tôdas as peças deveriam ser envolvidas em gesso e retiradas depois. Mas não havia gesso na região e para mandar vir de Curitiba levaria tempo e a verba separada para a exploração não comportaria tal despesa. Ficou resolvido então preparar-se uma grande quantidade de cola de carpinteiro e, enquanto quente, passar duas ou três mãos sôbre as peças. Com isto obter-se-ia a necessária consistência.

Nesse meio tempo, a côr dos ossos de branca passou para azul intenso, mostrando que, com a ação do ar, houvera uma oxidação. Um exame posterior revelou que os ossos estavam inteiramente transformados em vivianita (fosfato de ferro).

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

É possível encontrar ainda, ao longo do texto, detalhes precisos como dimensão, peso e meio de transporte do fóssil até o Rio de Janeiro, como segue:

Figura 131: *Revista do Museu Nacional*, n. 2, p. 24, 1944.

pedaços menores, sendo então possível sua remoção para um grande caixote, onde ficou bem protegida por serragem de madeira, bem como os demais ossos. Ao todo eram três caixotes pesando, depois de fechados, cêrca de 600 quilos, dos quais os ossos deviam corresponder a uns 200. Note-se que era apenas uma parte do animal, visto só terem sido encontrados a bacia, um úmero, uma tibia com o perônio, 16 vértebras, 20 costelas, um fêmur e mais 10 ossos, incluindo alguns tarsianos.

Após muitas outras peripécias, o megatério, veio para o Rio de Janeiro, ficando durante um ano e meio no gabinete de história natural do colégio onde trabalhamos, provocando grande curiosidade, não só entre os alunos e professores, mas também, em tôda a vizinhança.

Após êsse período foi feita a remoção para o Museu Nacional.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Informações que tradicionalmente seriam úteis somente aos pesquisadores do Museu, neste momento são tornadas públicas com um viés educativo, e, apesar de destinadas a um público especializado, composto sobretudo por professores de história natural, possuíam um caráter inicialmente formador, mas, ao se tornarem públicas, também poderiam ser acessadas pelo público em geral e tornarem-se compreensíveis para este público. Assim, a *Revista do Museu Nacional* trouxe uma popularização do discurso e da pesquisa científica, porque leigo ou não-leigo, obtinham ali, informações de seu interesse.

O número três da *Revista do Museu Nacional*, por sua vez, detalhou todo o ambiente em que o meteorito de Bendegó foi encontrado e como foi retirado de seu local de origem e transportado até o Museu Nacional. O artigo **“Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros (O Bendegó)”⁴³⁴⁴** foi escrito por Ney Vidal, Naturalista do Museu Nacional enviado pelo Museu Nacional para campo para recolher o meteorito, assim como também foi enviado a recolher o Santa Luzia.

Figura 132: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 04, 1945.



Chegada do carretão e trem de transporte, aos 29 de setembro de 1887

(Fotografia reproduzida do Relatório do Almirante José Carlos de Carvalho. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1888).

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

⁴³ Também citado por: ALVES; Mirley Cristiane Mendes. PEYERL. Drielli. **Meteoritos no Brasil: Trabalhos de Geocientistas, instituições e divulgação científica.** IN: CANDEIRO et al. Carlos Roberto A (org). **Exposição: Meteoritos do Pontal no triângulo mineiro.** Ituiutaba - Uberlândia. c. IV, Letra Capital, p. 31, 2016.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa e KUBRUSLY, Ricardo Silva. **A Pedra que caiu do céu e foi para a Literatura de Cordel.** In: Livro de Anais do Congresso Scientiarum História IV. Rio de Janeiro: Stamppa, 2011. p. 645-653.

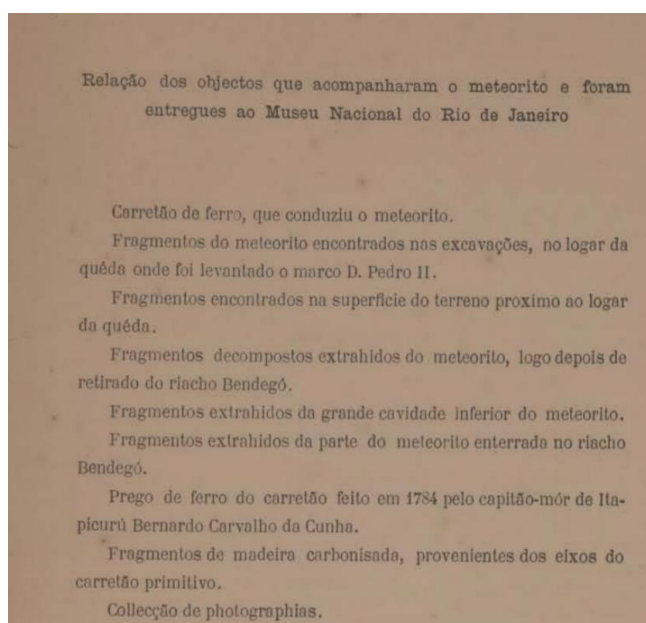
Destacamos na imagem acima, um aspecto importante, que é a referência que foi feita sobre a origem das imagens, um recorte do relatório produzido pelo Almirante José Carlos de Carvalho, publicado pela Imprensa Nacional em 1888. Trata-se de um relatório que tem como finalidade, registrar todo o trabalho de remoção do meteorito de Bendegó que foi entregue ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Esta referência e o exercício de escrever sobre a história do meteorito Bendegó é também uma oportunidade para reunir informações sobre o seu acervo, no âmbito do próprio Museu, uma vez que, o artigo traz em suas imagens, um recorte do relatório que, por sua vez, referencia, entre outros itens, uma coleção de fotografias que teria sido entregue, acompanhando o meteorito de Bendegó e outros itens ao Museu Nacional, como é possível observar abaixo:

Ou seja, o que hoje poderíamos identificar como uma Documentação Museológica densa, com o máximo de informações possíveis, como proposto por exemplo por Lourenço e Gessner (2014).

Susan Pearce diz que:

Os objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade: nossa tarefa é a elucidação de abordagens através das quais isso possa ser recuperado, uma contribuição única que as coleções museológicas podem dar para a compreensão de nós mesmos. Os possíveis produtos dessa reflexão são bastante fascinantes por si sós, mas muitos subprodutos podem surgir nos caminhos pelos quais abordamos as exposições e o ensino museológico. (PEARCE, 2005, p. 12 – 13.)

Figura 133: Relatório apresentado ao Ministério da agricultura, comércio e obras públicas e à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro sobre a remoção do meteorito de Bendegó do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional. Imprensa Nacional, p. 79, 1888.



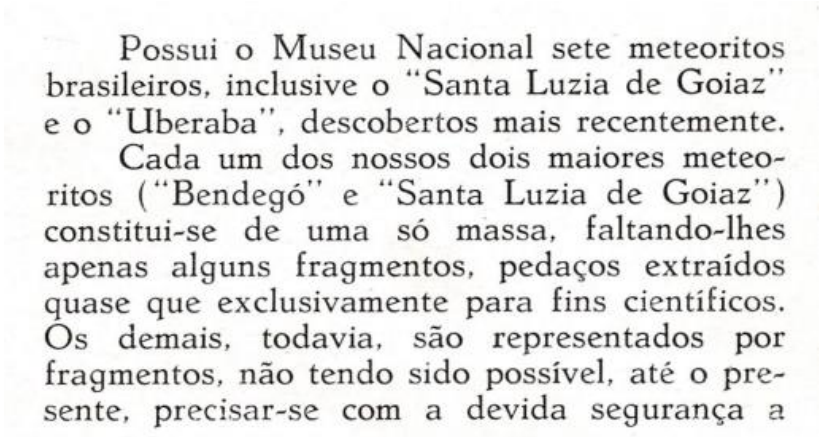
Fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Site.

As imagens que compõem o relatório foram entregues ao Museu Nacional em uma coleção separadas do relatório impresso que também foi entregue ao Museu, conforme trecho do relatório, na imagem acima. Produzir esses textos também é registrar de diferentes formas e reunir evidências em torno da história do próprio museu, retratando a biografia do objeto. O meteorito de Bendegó, assim como os outros meteoritos da coleção do museu, também foi tema da *Revista Nacional de Educação*, em artigo publicado no seu quarto número, no ano de 1933.

As coleções de meteoritos já eram, na *Revista Nacional de Educação*, foco para publicação na revista. Dessa forma, contava-se brevemente sobre como foi encontrado cada item, acompanhado de seu desenho e de suas características físicas. A exemplo disso, temos no artigo “Os meteoritos” escrito por Mello-Leitão, no quarto número da revista.

Abaixo observamos um recorte da *Revista do Museu Nacional* que aborda o meteorito de Bendegó:

Figura 134: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 4, 1945.

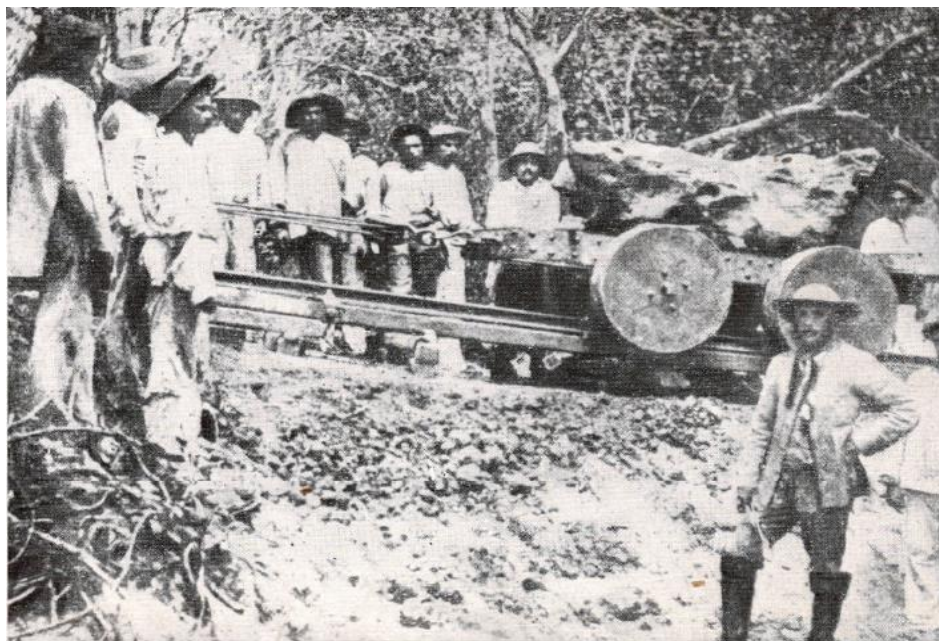


Possui o Museu Nacional sete meteoritos brasileiros, inclusive o “Santa Luzia de Goiaz” e o “Uberaba”, descobertos mais recentemente. Cada um dos nossos dois maiores meteoritos (“Bendegó” e “Santa Luzia de Goiaz”) constitui-se de uma só massa, faltando-lhes apenas alguns fragmentos, pedaços extraídos quase que exclusivamente para fins científicos. Os demais, todavia, são representados por fragmentos, não tendo sido possível, até o presente, precisar-se com a devida segurança a

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Seguindo adiante com a mesma linha do artigo anterior, Ney Vidal propõe, em um texto exclusivo para a *Revista do Museu Nacional*, recontar a história em torno da recolha do meteorito Bendegó para o Museu, não tendo deixado de citar os demais meteoritos brasileiros. Abaixo observamos imagens da recolha do meteorito Bendegó. Destacamos a semelhança entre estas imagens e as imagens da recolha do fóssil, já tratadas acima.

Figura 135: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 4, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 136: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 6, 1945.



Passagem do alto da serra do Acaru, 753 m sôbre o mar

(Fotografia reproduzida do Relatório citado)

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 137: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 5, 1945.



Marco D. Pedro II, levantado no lugar onde
caiu o meteorito
(Fotografia reproduzida do Relatório citado)

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

As imagens acima, testemunham a trajetória do meteorito de Bendegó e todo o esforço dedicado na sua remoção de seu lugar de origem. A descoberta do Bendegó era algo tão importante para a comunidade científica neste momento, que foi levantado um marco, como um registro para a posteridade de onde caiu o meteorito.

A história de como se deu este marco importante, a descoberta e transporte do meteorito de Bendegó, também foi contado por Dantas (2012) que escreveu sobre a trajetória do Meteorito de Bendegó, de sua origem, na Bahia, até o Museu Nacional (Rio de Janeiro):

Ao analisarmos os documentos existentes na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/SEMEAR podemos acompanhar a chegada do meteorito, como por exemplo, o Auto de recebimento do meteorito de Bendegó no Museu Nacional do Rio de Janeiro, registra que o material foi transportado ao meio dia de 27 de Novembro de 1888 para esta capital, “pela comissão encarregada pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, composta do cidadão José Carlos de Carvalho [Tenente da Marinha de Guerra] e dos engenheiros Umberto Saraiva Antunes e Vicente José de Carvalho Filho.” Nos livros de Ofícios da instituição constam informações sobre as despesas de seu transporte da Bahia para o Rio de Janeiro, custeado pelo Barão de

Guahy (Joaquim Elysio Pereira Marinho), até a estação mais próxima da Estrada de Ferro da Bahia de São Francisco, com auxílios indiretos do Governo Imperial e os serviços gratuitos tanto da Companhia Inglesa da estrada de ferro quanto do vapor “Arlindo”.

Informações que nos fazem conhecer a trajetória do objeto até ser incorporado às coleções do Museu Nacional, e que, a partir de documentos como o relatório replicado na *Revista do Museu Nacional* e outros, expande nosso olhar, para além das informações replicadas na Revista. Nesse sentido, citamos mais uma vez Dantas (2012) que escreveu ainda, sobre a presença de uma réplica do Bendegó na Exposição Universal de Paris. De acordo com a autora:

O Bendegó representava o maior meteorito do mundo exposto em um museu no ano de 1889 e por sua dimensão, composição e história, participou (em réplica) no térreo do Pavilhão do Brasil na Exposição Universal em 1889. Parte integrante do acervo da terceira seção do Museu, o meteorito foi um objeto de estudos da instituição naquela época, o que justifica apresentá-lo como ícone dos meteoritos existentes no Museu Nacional e representado por réplica naquela Exposição. Diante de seu peso de 5.360 Kg, uma réplica em madeira do meteorito foi confeccionada pelo Arsenal de Marinha e enviada à Paris pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro para compor a exposição no Pavilhão do Brasil na mostra universal francesa de 1889 (O AUXILIADOR, 1889, n. 11, Mar, p. 49). Cabe destacar que a diretoria da Sociedade foi contemplada com medalha de prata pela participação da réplica no evento. (O AUXILIADOR, 1889, n. 11, Out, p. 246). (DANTAS, 2012, p. 115)

A descoberta e o transporte do meteorito de Bendegó teriam oportunizado inúmeras pesquisas pelo Museu Nacional, além de toda articulação por meio da comissão para seu transporte e depósito no Museu Nacional, que, justificava-se assim, a presença de uma réplica do meteorito na Exposição Universal de Paris. (DANTAS, 2012).

Compreendemos que a abordagem feita pela *Revista do Museu Nacional* para a trajetória do Bendegó, faz com que o leitor se aproxime do cotidiano do museu, assim como ajuda a contar a história da instituição e nos mostra como as práticas aconteceram no contexto do Museu Nacional. O que o museu se propôs a fazer em diversos momentos, é utilizar as revistas para comunicar a um número maior de pessoas as suas atividades. Tanto as que aconteciam durante o período de circulação da *Revista do Museu Nacional* que se encontrava fechado, quanto às atividades anteriores, que testemunham a trajetória de trabalho na instituição. Diante disso, pensamos que esta estratégia de comunicação adotada pela revista é a opção que o museu faz para comunicar seu acervo durante este período, uma vez que não pode fazê-lo através da exposição.

Outro exemplo já na revista de número 4, é a publicação da urna marajó, que traz consigo a sua história e detalhes de onde e como foi encontrada. O artigo foi escrito por Heloísa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional. Sabemos que Heloísa foi reconhecida pelo seu trabalho com a cerâmica Marajó, sendo especialista no assunto. Domingues (2010), Silva (2018).

Na imagem abaixo, evidenciamos os riscos gráficos que são utilizados no título do artigo, antevendo a ornamentação do objeto em questão, outra forma de tornar mais acessível e lúdico esse conteúdo para o leitor da revista.

Figura 138: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 16, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 139: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, 1945. Prancha de desenho colocada entre as páginas 16 e 17.



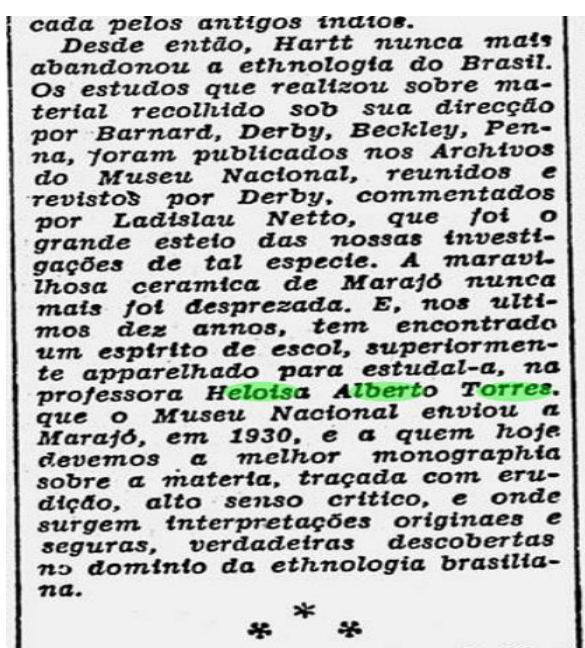
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A imagem acima já foi reproduzida quando falamos sobre uma seção da *Revista do Museu Nacional* em que as pranchas de desenho são reproduzidas, no entanto, compreendemos que é importante contarmos com a imagem novamente, porque ela nos diz muito sobre o artigo a ser analisado.

As informações que acompanham esta figura detalham onde e como o objeto pode ser encontrado, seus ornamentos, o contexto em que ele foi produzido, informações referentes à pesquisa para identificar seus usos e local de produção. No entanto, não é possível identificar no artigo em questão detalhes de como foi sua entrada para o acervo do Museu Nacional, o que nos permite explorar uma série de possibilidades, como a seguir:

Sabe-se que Heloísa Alberto Torres foi ao Marajó, região onde foi encontrado o vaso, no ano de 1930, para realizar uma expedição científica, e trouxe consigo uma monografia sobre a cerâmica marajoara, exploramos esta informação, a partir do seguinte recorte de jornal:

Figura 140: Jornal Diário de Notícias, p. 15, terceira seção, ed. 03821, 1938.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Outro recorte de jornal, dessa vez do *Correio da Manhã*, escreveu em 1940, que Heloísa Alberto Torres teria publicado em um dos números da *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Atual IPHAN), em seu número 6, pranchas da coleção proveniente de sua viagem ao Marajó em 1930, como é possível observar nas imagens abaixo:

Figura 141: Jornal Correio da Manhã, 30 de novembro de 1940, p. 3, ed. 14134(1), 1940.

Figura 142: Jornal Correio da Manhã, 30 de novembro de 1940, p. 3, ed. 14134(1), 1940.

Vianna e Pereira da Silva."

ARTE INDIGENA DA AMAZONIA

Uma publicação documentaria do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, organizada por **Heloísa Alberto Torres**

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cumprindo o seu programma de zelar e conservar tudo que dá valor ao nosso patrimônio histórico e artístico, acaba de promover mais uma publicação documentaria, em que reúne photographias de peças e objectos que definem o esplendor singular, ingenuo, da expressão artística de populações indígenas do valle amazônico. Essa publicação foi feita



Torres. Traçando a orientação do trabalho, diz **Heloísa Alberto Torres** que se apresenta um album de photographias de objectos de arte, feltos por populações indígenas do Brasil, especialmente pelas que, em tempos precolombianos, habitaram as terras da ilha de Marajó, na foz do rio Amazonas.

A nossa consagrada technica em museus allude, a proposito da maestria e precisão dos ornatos dos trabalhos de ceramica desenterrados na ilha de Marajó, á hypothese suscitada por alguns autores, de que accusa um nível de civilização mais elevado do que o geralmente dominante entre os selvícolas brasílicos ao tempo da descoberta da America. Mas logo pondera, com autoridade, que uma analyse mais cuidadosa do caso não confirma a suposição. E conclue por apresentar a arte de Marajó como uma resultante das condições historicas especiaes, em que se teria processado o desenvolvimento cultural dos seus realizadores.

A publicação n. 6 do Serviço do Patrimônio tem o merito de pôr em equação o problema desse aspecto da arte indígena da Ama-

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Acreditamos que esta seja a publicação, uma reprodução parcial do caderno de campo que Heloísa Alberto Torres trouxe da expedição pela Ilha do Marajó e que Gomes (2020) cita ter desaparecido após ser transferido para a tutela do IPHAN. Isso porque a autora diz que:

Infelizmente Heloísa Alberto Torres não publicou nenhum relatório sobre essa expedição arqueológica ao Marajó. Seu diário de campo permaneceu inédito, sendo o mesmo sempre referido em trabalhos que abordam a carreira dessa pesquisadora (CORRÊA, 1997; RIBEIRO, 2000). O documento original, antes parte do arquivo existente em sua antiga residência em Itaboraí, RJ, hoje Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres, não consta do conjunto de documentos atualmente em processo de digitalização pelo MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins. A informação por nós obtida nessa instituição foi que esse caderno de campo havia sido transferido para o IPHAN, antes mesmo do projeto de salvaguarda documental. Entretanto, após consulta ao Arquivo Central do IPHAN, no Rio de Janeiro, constatamos que o mesmo não faz parte do fundo documental “Heloísa Alberto Torres” lá existente. A conclusão foi que esse diário de campo em algum momento se extraviou. (GOMES, p. 16, 2020)

Nosso argumento colabora com o que diz Gomes (2020), uma vez que, propomos que este diário de campo, mesmo tendo sido extraviado, não é mais inédito por ter sido publicado em parte na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

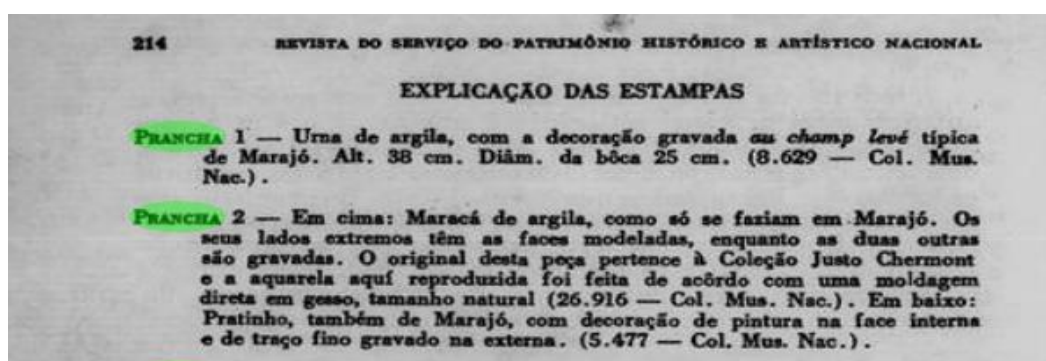
Nacional, em seu sexto número, ainda em 1940. As imagens abaixo vêm corroborar com este argumento, porque são recortes da revista do SPHAN com as pranchas de parte da coleção recolhida por Heloísa na Ilha do Marajó.

Figura 143: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)*, n. 6, prancha n. 1, 1942



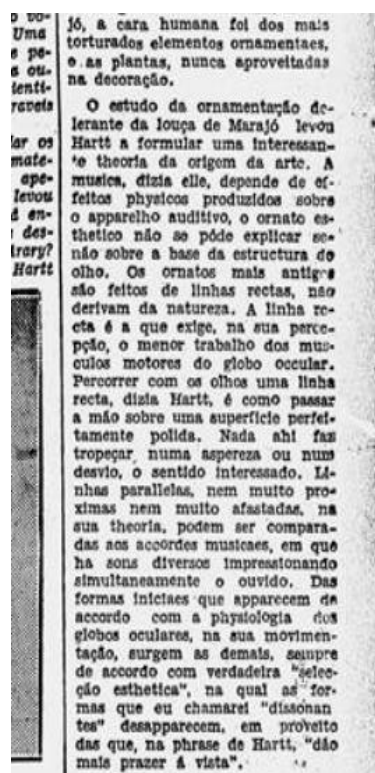
Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

A estampa acima, apesar de ser parecida com a estampa da *Revista do Museu Nacional*, não retrata a mesma peça. Além de pequenas diferenças de proporção do desenho, o número de registro na coleção que as duas publicações trás não são iguais, porém, também pela numeração aproximada, sabe-se que as duas urnas compõem a mesma coleção. O vaso marajoara publicado na *Revista do Museu Nacional* possui a numeração 8.346 enquanto o vaso marajoara publicado na *Revista do SPHAN* possui numeração 8.629, como vemos abaixo.

Figura 144: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (SPHAN), n. 6, 1942, p. 214

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Parte desta coleção estampada na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, é publicada no Jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em julho de 1938, quando Edgard Roquette-Pinto escreve uma página inteira do jornal, o que seria sua conferência no Instituto Brasil - Estados Unidos, no dia 28 de junho do mesmo ano. A conferência em questão é sobre Hart, geólogo, ex-funcionário do Museu Nacional, que também pesquisou sobre as cerâmicas marajoara. Desta forma, Roquette-Pinto cita em seu texto, além de Hart, Heloísa Alberto Torres Abaixo, um trecho do texto em que Roquette-Pinto comenta a abordagem dos dois autores. No primeiro recorte fala sobre Hart e no segundo sobre Heloísa Alberto Torres:

Figura 145: Jornal *Diário de Notícias*, p. 15,16 de julho de 1938, terceira seção.

Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 146: Jornal Diário de Notícias, Jornal Diário de Notícias, p. 15,16 de julho de 1938, terceira seção.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Além de dizer que Heloísa tem uma importante contribuição para os estudos da cerâmica marajoara, Roquette-Pinto discorda de Hartt que, propõe que os indivíduos que produziram a cerâmica marajoara teriam determinados sentidos mais aguçados que outros, nesse caso especificamente a visão. Enquanto Heloísa dizia que a ornamentação da cerâmica marajoara derivava de cestarias, sendo assim a peça era produzida para carregar esses ornamentos ou "*tinha horror ao vazio*".

Para ilustrar a conferência de Roquette-Pinto sobre Hartt, são publicadas no Jornal Diário de Notícias imagens de itens do acervo do Museu Nacional, pertencentes à coleção de cerâmica marajoara, que são descritas como "Coleção Roquette-Pinto". Um desses itens, como podemos observar abaixo, é a mesma peça que consta na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

Figura 147: Jornal Diário de Notícias, 16 de julho de 1938, p. 15



Figura 148: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), n. 6, prancha n. 2, 1942.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

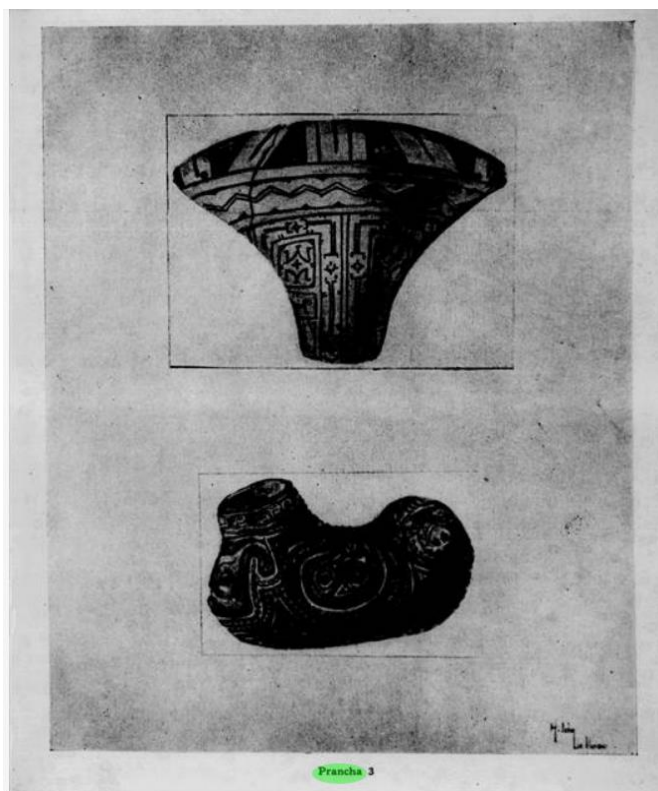
Outro item, provavelmente da mesma coleção, pela proximidade das peças, que foi publicado na mesma matéria do jornal, mas que não está na Revista do SPHAN, assim como o vaso marajoara publicado pela *Revista do Museu Nacional* é o objeto da imagem abaixo, outro item parecido com ele foi encontrado na Revista do SPHAN, como é possível comparar os dois itens a seguir:

Figura 149: Jornal Diário de Notícias, 16 de julho de 1938, p. 15



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 150: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (SPHAN), n. 6, prancha n. 2, 1942.



Fonte: Hemeroteca Digital, Fundação Biblioteca Nacional.

Retomando o texto de Heloísa na *Revista do Museu Nacional*, é possível identificar em toda a publicação acerca do vaso marajoara, as práticas que se estabeleciam no Museu Nacional para o registro e identificação do objeto, passando pelo registro em imagem, com o desenho produzido pelo ilustrador do Museu Nacional, como a figura acima, suas medidas e o histórico do objeto dentro e fora da instituição. Nas imagens abaixo, temos detalhes como numeração da coleção no acervo, medidas de altura e circunferência. Também conseguimos obter no texto, informações a respeito do tipo de ornamento e de como ele foi produzido:

Figura 151: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 16, 1945.

Este vaso, que pertence às coleções do MUSEU NACIONAL (N.º 8.346), mede 38 cm de altura, e respectivamente 22,5 cm e 29,5 cm nos máximos diâmetros externos da boca e do bôjo. É uma urna funerária e tem a forma geral tão freqüente em Marajó: bôjo globular, encimado por amplo gargalo cilíndrico. A decoração pode ser considerada como clássica da arte de Marajó, não só porque apresenta uma técnica de gravura com peculiaridades características de execução, como pela maestria com que estão elaborados os ornatos e pelo espírito geral que presidiu o planejamento.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 152: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 16, 1945.

...os e pelo espírito geral que presidiu o planejamento. Consta essa ornamentação da gravura, na pasta ainda não cozida do barro, dos motivos escolhidos e desbastamento da superfície negativa por meio de um estilete que, a julgar pelas ranhuras que restam, deveria ter a extremidade espatulada. Essas ranhuras, feridas no campo negativo, são conservadas intencionalmente, produzindo nítido contraste entre as duas superfícies e dando à faixa positiva do desenho realce especial. É modalidade da chamada gravura "au champ levê", particularizada por uma técnica de execução que, até hoje e em toda a região amazônica, só foi encontrada na ilha de Marajó.

O desbastamento ranhurado de um dos campos do desenho é um dos múltiplos recursos dos artistas marajoaras, para variantes decorativas de número limitado de motivos básicos, que constituem o fundamento dos seus ornatos.

Assentados na superfície do vaso os motivos essenciais da decoração, o desenhista revestiu-he de ornatos acessórios todo o campo.

Esta peça prova aquele característico do espírito clássico da arte de Marajó: ela tem *horror ao vazio*.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Já na imagem acima, Heloísa Alberto Torres, descreve aspectos estéticos da peça em questão, os modos de fazer a sua ornamentação, as intencionalidades explícitas na produção do ornamento e do vaso, entre outros aspectos que, ao serem descritos, nos aproxima de seus importantes estudos sobre a cerâmica marajoara e desse acervo que é uma valiosa coleção pertencente ao museu. Outro aspecto importante que é acrescido ao texto por Heloísa Alberto Torres, é que o desenhista do museu acrescentou detalhes de ornamentação no vaso, tendo mantido os elementos essenciais da cerâmica marajoara, é possível observarmos abaixo, além da descrição da técnica empregada na feitura do vaso e explicações referentes aos ornatos marajoaras, também este aspecto da liberdade que o desenhista teve ao produzir sua ilustração.

Sobre a publicação do mesmo acervo por diferentes revistas, percebemos a intencionalidade nas duas ocasiões, ao publicar o acervo do Museu. A princípio, destacamos a proximidade de datas em que o acervo foi publicado, inicialmente na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* em 1942 e posteriormente na *Revista do Museu Nacional*, em 1945. O primeiro texto orientado pela Heloísa e o segundo assinado por ela. Dessa forma compreendemos que, o fato de as duas publicações trazerem dados referentes à localização do acervo na coleção do museu, inicialmente é uma tendência que acompanha sua orientadora / autora e também sua época. Dito isso, ressaltamos que a intencionalidade das revistas é diferente, a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* possui uma linguagem mais técnica e uma produção mais robusta, no sentido se ser um relatório das atividades do órgão e também estar direcionada a um público especializado. Já a *Revista do Museu Nacional*, voltada à divulgação das atividades do museu e também às proposições educativas que o Museu assume nas décadas que antecedem a publicação da revista.

Outra análise a ser feita é a seguinte, que retrata a publicação pela *Revista do Museu Nacional*, no seu quarto número do artigo “*Caramujos do mato*”, escrito pelo naturalista Emanuel A. Martins. Neste artigo o naturalista produz um texto informativo extenso, onde nos conta diversas características desses caramujos, demonstrado seu trabalho de pesquisa e ilustra este artigo com algumas imagens de itens do acervo do Museu Nacional, como é possível ler no trecho a seguir

Figura 153: *Revista do Museu Nacional*, n. 4, p. 20, 1945.

Valendo-nos da oportunidade que nos oferece a *Revista do Museu Nacional* é com satisfação que apresentamos aos seus leitores e, mui particularmente, aos nossos concidadãos alguns caramujos que ocorrem no Brasil, inclusive os das matas do Distrito Federal. As fotografias que ilustram o presente artigo são de exemplares pertencentes à Coleção Malacológica do Museu Nacional, em cuja sala de exposição poderão ser vistos juntamente com muitos outros espécimes, provenientes das mais diversas localidades.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

O texto acima, que evidencia que todas as fotografias correspondem a itens do acervo do museu e identifica a coleção a qual pertencem e onde o leitor visitante pode encontrá-las juntamente com outros itens diversos, desta forma, o artigo torna pública sua coleção em um momento em que o museu estava fechado às visitas. Neste sentido, a principal imagem que analisamos neste artigo, é a concha a seguir:

Figura 154: *Revista do Museu Nacional*, ano II, N 4, p. 17. Agosto de 1945.

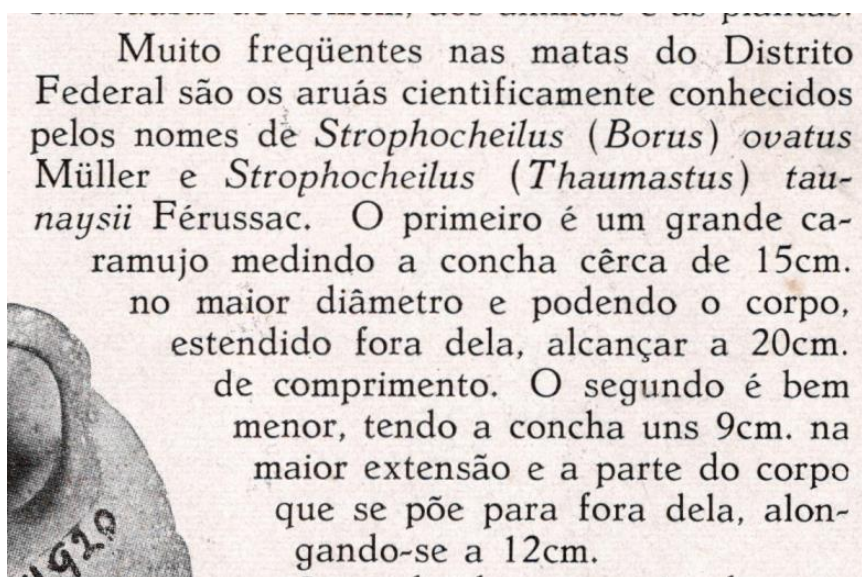


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Esta imagem vem reafirmar nosso argumento sobre as escolhas dos acervos que compõem não somente este artigo, mas as duas revistas, tanto *Uiára*, quanto do *Museu Nacional*. Há uma intencionalidade ao se publicar estes acervos, ao se escolher seus ângulos para serem fotografados. Na imagem acima, há a presença de uma

numeração, que é o número de registro desta concha na coleção do museu, que não é amplamente divulgada pelos museus. Por se tratar de uma informação científica, um registro de uma prática científica em que o leitor não especializado não possui uma chave de leitura para sua compreensão, acreditamos que a escolha por registrar este ângulo desta concha especialmente perpassa a questão da divulgação das práticas cotidianas no Museu Nacional. A seguir, é possível encontrar no texto as dimensões deste caramujo e também dos caramujos que ilustram adiante o artigo:

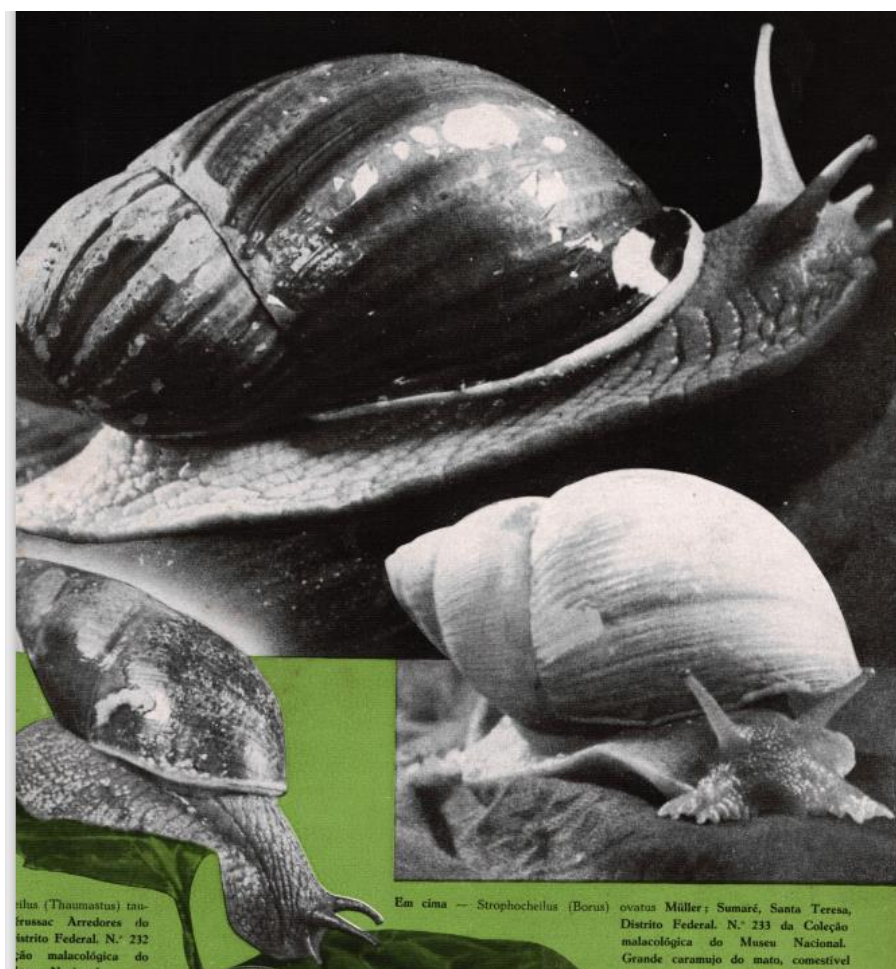
Figura 155: *Revista do Museu Nacional*, ano II, n. 4, p. 17, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

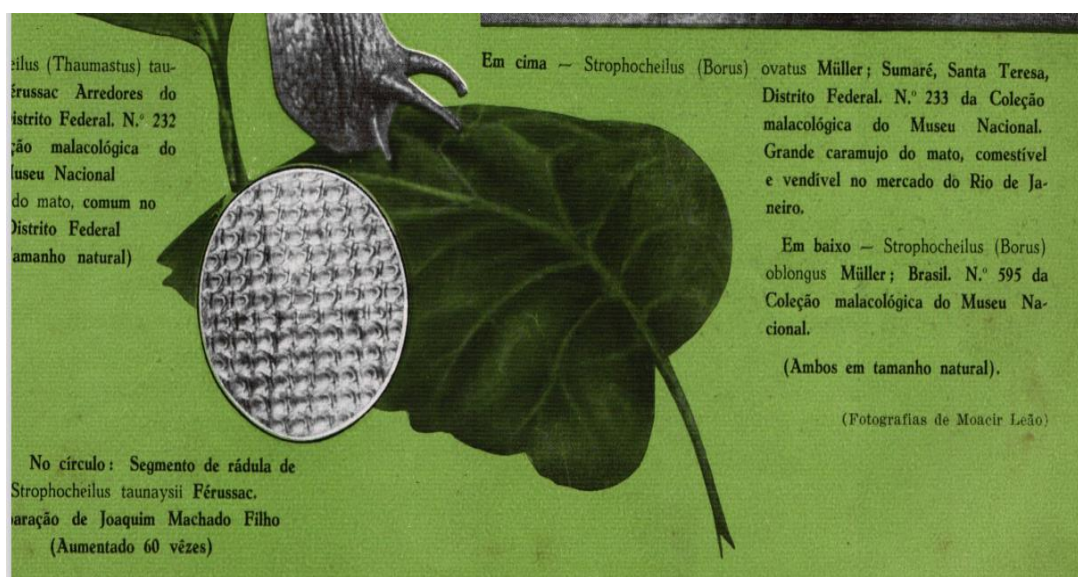
Informações como estas também são muito caras no contexto das práticas que se estabeleciam no museu, que são a origem das práticas museológicas de registros de detalhes, da documentação museológica como conhecemos na atualidade, porque elas carregam registros de dados que são fundamentais na identificação e localização dos acervos no contexto dos museus e das coleções e são mais uma das diversas formas de registro que se conformam sobretudo a partir dos museus de história natural. Nas figuras abaixo, as demais imagens de itens da coleção de malacologia do Museu Nacional, tendo sido registrados também, seus números de registro.

Figura 156: *Revista do Museu Nacional*, ano II, n. 4, p. 19, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 157: *Revista do Museu Nacional*, ano II, n. 4, p. 19, 1945.

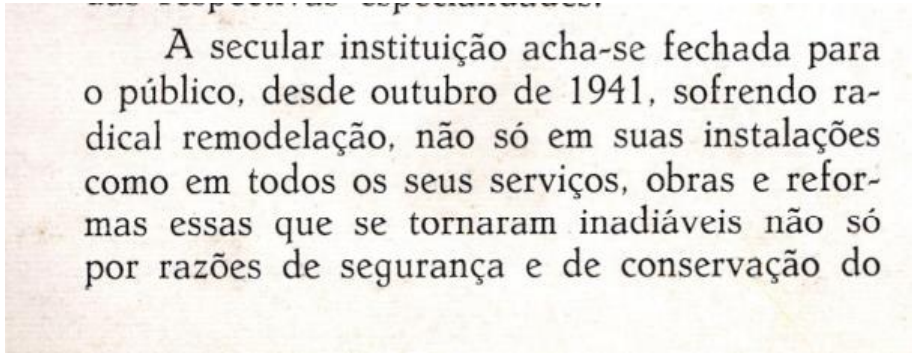


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Os aspectos das atividades do Museu Nacional abrem a revista número 3 porque são importantes para fazer compreender as atividades que os pesquisadores

continuaram a desenvolver durante o período de fechamento do Museu ao público, como já dissemos anteriormente.

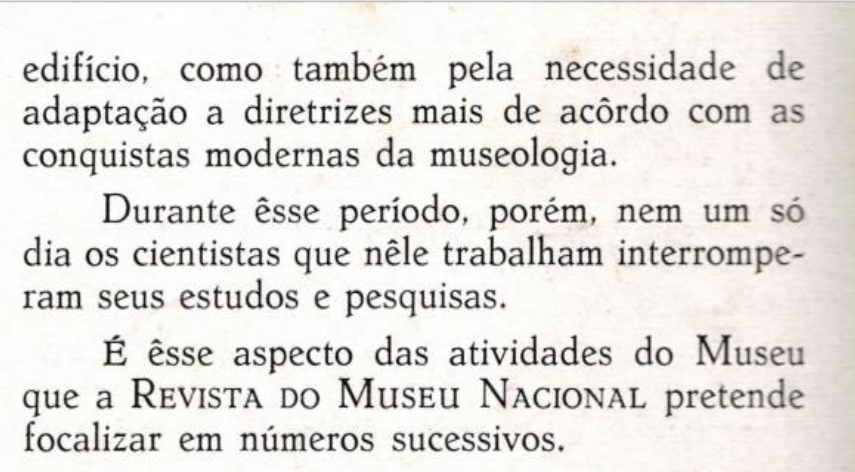
Figura 158: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 01, 1945



A secular instituição acha-se fechada para o público, desde outubro de 1941, sofrendo radical remodelação, não só em suas instalações como em todos os seus serviços, obras e reformas essas que se tornaram inadiáveis não só por razões de segurança e de conservação do

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 159: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 1, 1945.



edifício, como também pela necessidade de adaptação a diretrizes mais de acôrdo com as conquistas modernas da museologia.

Durante êsse período, porém, nem um só dia os cientistas que nêle trabalham interromperam seus estudos e pesquisas.

É êsse aspecto das atividades do Museu que a REVISTA DO MUSEU NACIONAL pretende focalizar em números sucessivos.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

O fato da revista nos contar sobre o cotidiano do museu, reflete os mais diversos aspectos da história da museologia enquanto campo de estudo, fato que podemos perceber, quando pela primeira vez nas revistas estudadas aparece o termo museologia. Compreendemos o Museu Nacional como uma instituição como ela é, que atravessa longos períodos e que acompanha uma transição entre as práticas desempenhadas no museu e as práticas museológicas como conhecemos. A seguir, recortes do texto que nos contam sobre a formação da coleção de lepidópteros do Museu Nacional, um relato feito por Eduardo May, naturalista do museu, que inclusive menciona os processo de aquisição por compra de particulares cujos nomes são mencionados, por coleta do próprio naturalista do museu e por doações de particulares, além da aquisição – possível compra - também da coleção particular do próprio naturalista do Museu e mesmo a quantidade de exemplares que à época o Museu possuía, que segundo o autor seria comparável as coleções de grandes museus internacionais :

Figura 160: *Revista Do Museu Nacional*, n. 3, p. 2, 1945

Durante a direção do Dr. ARTUR NEIVA foram adquiridas duas coleções da região de Joinville, Santa Catarina, uma coletada por CARL SCHMITTS e outra da viúva BRÜCKNER, a primeira com 4.121 exemplares e a segunda com cêrca de 2.700 insetos em geral, dos quais 1.800 lepidópteros.

Também foram adquiridas ao Sr. J. F. ZIKAN, diversas coleções parciais de zonas em Minas Gerais (Passa Quatro e Itatiaia), Espírito Santo e Amazonas.

Tive a oportunidade de fazer diversas excursões aos estados do Pará, Amazonas, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, coletando abundante e valioso material, montando a muitos milhares, durante as gestões dos Drs. ARTUR NEIVA e ROQUETE PINTO.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 161: *Revista Do Museu Nacional*, n. 3, p. 2, 1945.

Posteriormente, foi incorporada às coleções do Museu a rica coleção doada pelo industrial Sr. JULIUS ARP, montando a cêrca de 25.000 espécimes, entre os quais muitos *tipos* por êle adquiridos a alto preço.

Minha coleção particular, contendo mais de 25.000 exemplares, começada há quase 60 anos, possuindo grandes raridades e alguns *tipos*, foi também adquirida pelo Museu. Essas duas coleções em conjunto representam nossa fauna como poucas outras no continente americano.

Com os pequenos lotes adquiridos nos intervalos e as ofertas de pessoas amigas do Museu, o número de lepidópteros do Museu Nacional eleva-se atualmente a cêrca de 100.000 exemplares, só excedido por alguns dos grandes museus europeus e norte-americanos.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

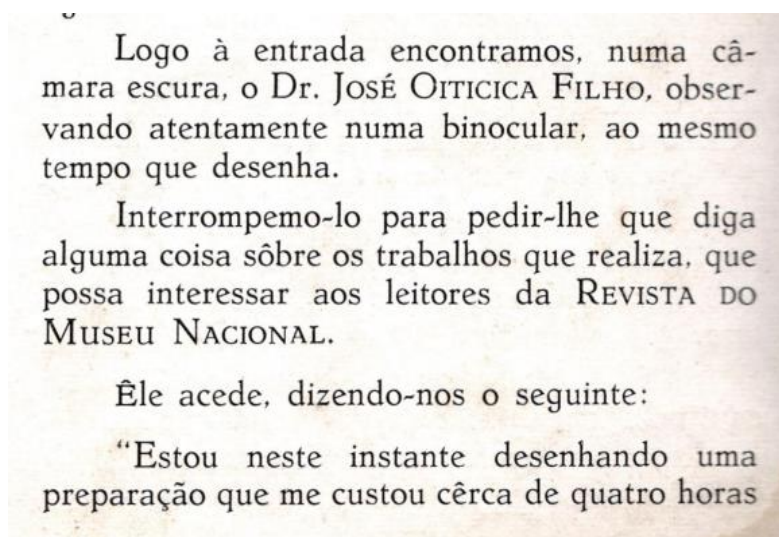
Como podemos observar nas imagens acima, este texto também nos possibilita conhecer detalhes sobre a formação das coleções, outro aspecto para o qual pedimos atenção quando relatamos a composição das revistas estudadas nesta pesquisa. Comprendemos que, essas práticas que nasceram nos museus e têm se transformado

ao longo dos anos. Conhecer o histórico que as coleções adquirem dentro das instituições museológicas também reflete a história da instituição e tem ficado cada vez mais evidente a importância que os museus não têm dado para sua memória institucional na contemporaneidade.

Compreendemos, a partir dessas observações, que o resgate da história dos museus e das práticas museológicas, é também função da museologia enquanto campo de estudo, nesse sentido, ao resgatar tais práticas colaboramos não apenas com a história do Museu Nacional, mas dos museus e da Museologia no Brasil. Ao resgatar essas práticas, percebemos também, as correspondências entre as práticas que se estabeleciam anteriormente à Museologia, com as práticas que nosso campo adota na contemporaneidade, inseridas na cadeia operatória dos processos museológicos (Bruno, 2020).

Para além da formação das coleções, um aspecto que deve ser destacado neste artigo é o esforço por parte dos pesquisadores de mostrar exatamente o cotidiano do museu. Então, são diversas as descrições que apresentam pequenos diálogos a partir dos quais foi construído o artigo e que transmitem esse contexto de intimidade e de informalidade, justamente para que o leitor perceba que o pesquisador entrevistado está inserido no seu ambiente cotidiano de trabalho.

Figura 162: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 1, 1945.



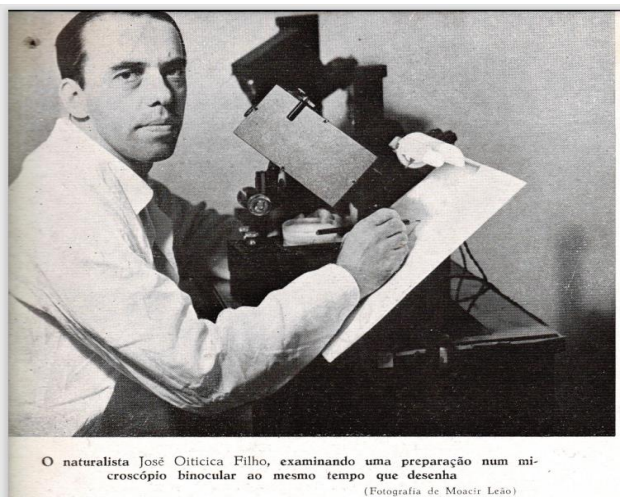
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Essa descrição minuciosa soa como uma comprovação de que os cientistas do Museu Nacional continuam seus trabalhos de pesquisa, descrevendo as quatro horas de trabalho e o “observa enquanto desenha”, são indícios dessa preocupação. Percebemos nesse sentido uma intencionalidade e uma necessidade de reafirmar o trabalho dos pesquisadores, tendo sido estes fotografados enquanto trabalhavam para

publicar-se na revista. A escolha pela coleção de lepidópteros (borboletas) é justificada pelo nível de organização da coleção e pelo quanto este trabalho teria avançado durante esses anos em que o museu permanecia fechado.

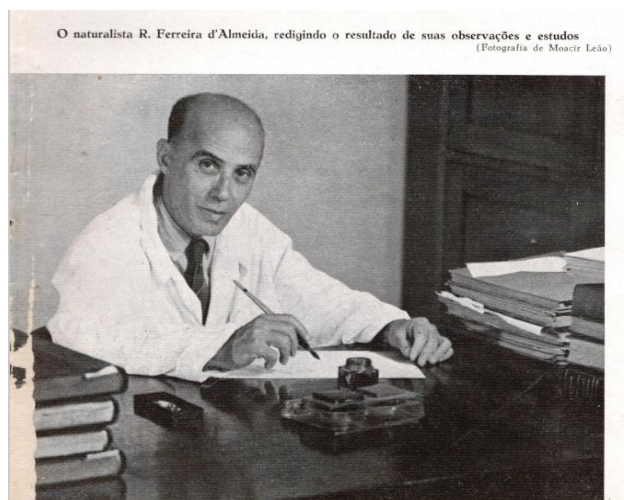
As imagens abaixo, testemunham este fato, nas imagens podemos ver José Oiticica Filho, Ferreira de Almeida e Eduardo May, naturalistas do Museu Nacional, em seus trabalhos de pesquisa com a coleção de Lepidópteros:

Figura 163: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 2, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 164: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p. 3, 1945



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 165: *Revista do Museu Nacional*, n. 3, p.3, 1945.



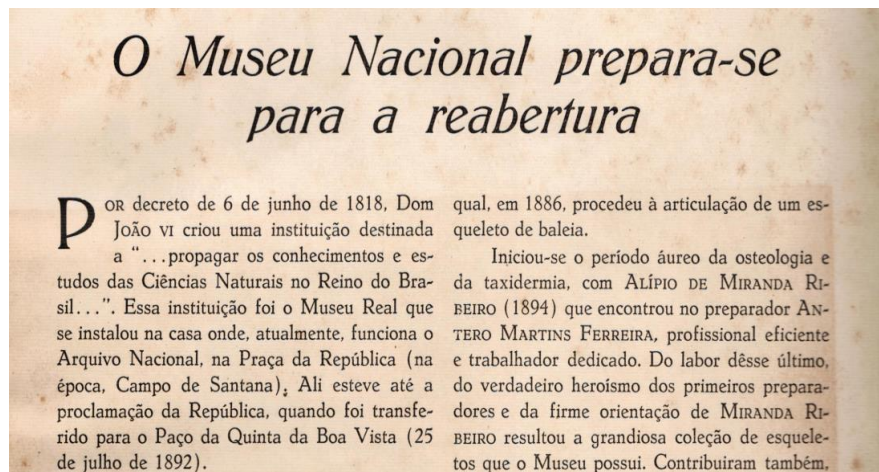
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

A *Revista do Museu Nacional* inicia seu quinto número anunciando a reabertura do Museu Nacional após período de reforma no prédio. Enquanto em seu terceiro número optou-se por apresentar o trabalho de pesquisa que os naturalistas do museu estavam envolvidos, a partir da coleção de Lepidópteros, assumindo um discurso de que as atividades cotidianas do museu ultrapassam as questões de conservação da coleção, o quinto número assume o discurso inverso e apresenta o trabalho de conservação dos esqueletos para que eles pudessem retornar para a exposição.

Esta diferença no discurso entre uma revista e outra, é justificada pelo fato de que no número três, a intencionalidade era publicizar os trabalhos de pesquisa que ocorriam naquele momento, pois, era preciso mostrar que para além da preparação das exposições, os funcionários do museu continuavam suas atividades. Já em seu número cinco, publicado oito meses após o número três, o discurso se inverte porque é preciso demonstrar que a exposição estava próxima de reabrir.

Em um texto que retoma a história da instituição e seus profissionais, demonstra-se a importância das práticas de conservação do seu acervo, como é possível observar nos recortes abaixo:

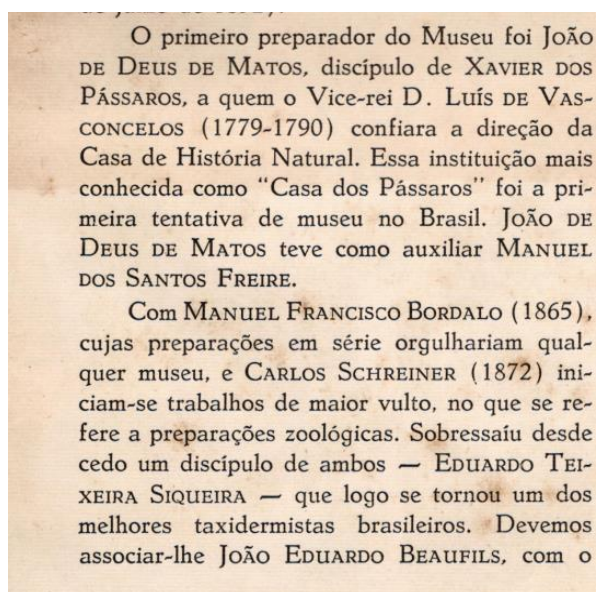
Figura 166: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 1, 1945



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

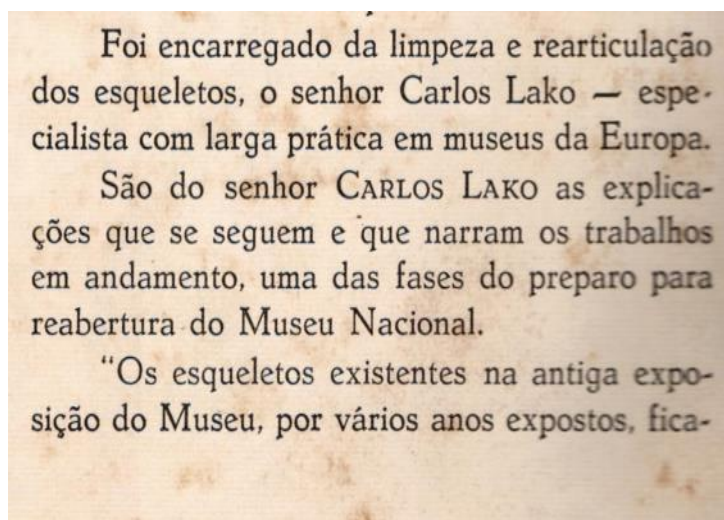
O recorte seguinte cita João de Deus Matos e Xavier dos Pássaros, já conhecidos preparadores do museu, como uma forma de reconhecê-los com suas contribuições ao museu e também como uma forma de demonstrar o quão consolidado é este trabalho de preparação, tendo passado pelo museu, importantes nomes desde sua criação. Cita-se também, Carlos Lako, então preparador do Museu Nacional, responsável pelo trabalho de conservação dos acervos que estariam em exposição. Detalhes que podemos observar nas duas imagens que seguem:

Figura 167: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 1, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 168: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 1, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Enquanto o texto inicia falando sobre os profissionais que passaram pela instituição e também dos que estão à frente dos trabalhos de conservação, a revista segue mostrando detalhes do manuseio e das técnicas utilizadas para realização deste trabalho. Reiterar a excepcionalidade dos profissionais que sempre estiveram à frente das atividades de conservação é uma forma de informar o leitor quanto a seriedade do trabalho desenvolvido e também, fazê-lo compreender sua complexidade, que exige tempo e dedicação.

Nas imagens abaixo, veremos as atividades de conservação em seu pleno desenvolvimento, à medida que foram fotografadas elas também foram descritas. Aqui lembramos da importância que a *Revista do Museu Nacional* atribuiu à divulgação das práticas científicas de modo que possam ser replicadas especialmente na constituição dos museus escolares. Desta forma, compreendemos que, a divulgação e a descrição dessas práticas na revista cumprem um objetivo de torná-las acessíveis ao seu público.

Para nós, é muito evidente que são práticas científicas que se estabeleciam no campo dos museus e sobretudo, nos museus de história natural que se consolidam junto com os museus e também compõem a história da museologia.

As legendas ao lado das fotografias abaixo elencam uma sequência de imagens que documentam o passo a passo do processo de higienização de parte do acervo do museu. Posteriormente, todo o processo de higienização é descrito como segue:

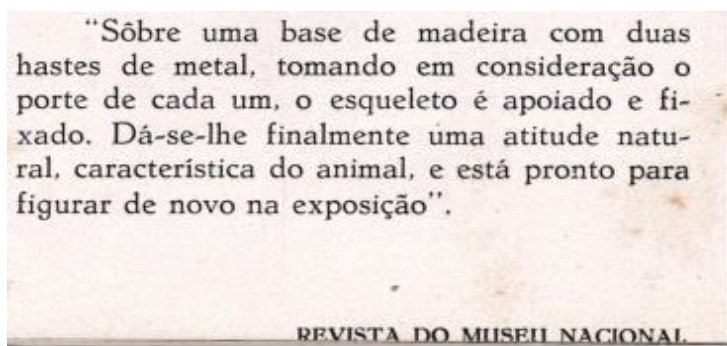
“Os esqueletos existentes na antiga exposição do Museu, por vários anos expostos, ficaram conseqüentemente cobertos de poeira, engordurados e, muitos dêles, com o material de montagem mais ou menos prejudicado. Por isso, são desmontados completamente, retiradas as ferragens, antes de sofrerem o processo de limpeza e

desengorduração. "Os ossos, já desarticulados, são postos em soluções de potassa ou de soda e aguçados conforme a necessidade e a resistência dêles. Em seguida são escovados com a mesma solução com que foram aquecidos. (REVISTA DO MUSEU NACIONAL, N 5, p. 2)

Entendemos que a presença das questões de preservação do acervo nas revistas, não configuram apenas como uma estratégia de comunicação, mas uma iniciativa de documentar todos esses processos e apresentá-los ao público.

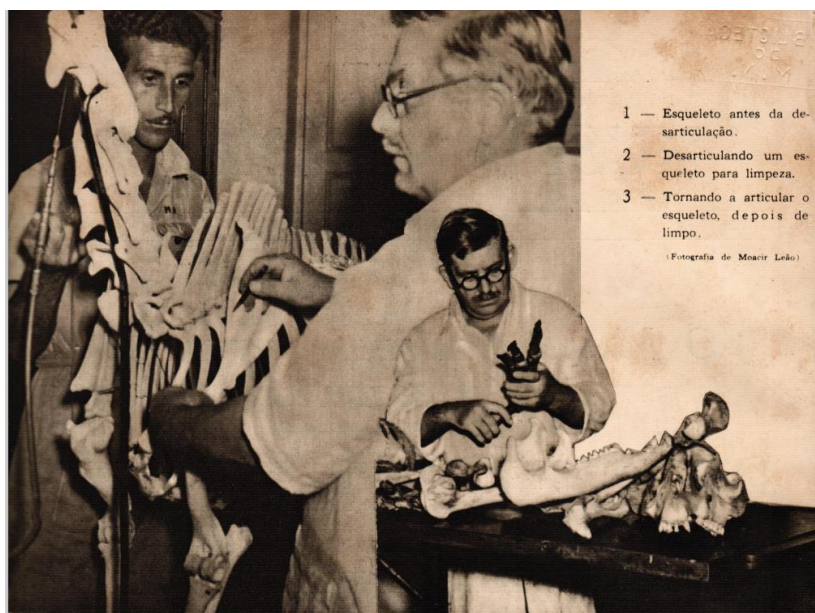
Desta maneira, no intuito de documentar uma grande expressão das atividades desenvolvidas no Museu Nacional durante a sua preparação para a reabertura, que acontece apenas dois anos após a publicação do quinto número da *Revista do Museu Nacional*, diversas etapas de preparação do acervo aparecem neste número:

Figura 169: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 4, 1945.



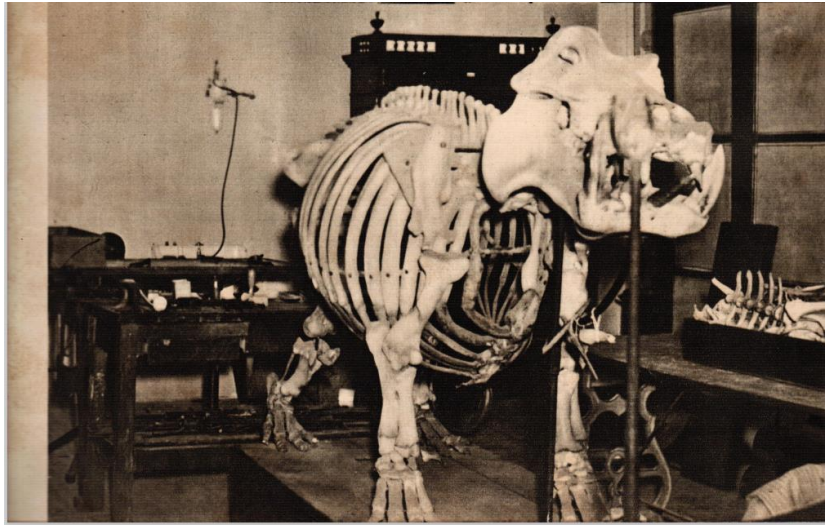
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 170: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 2, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

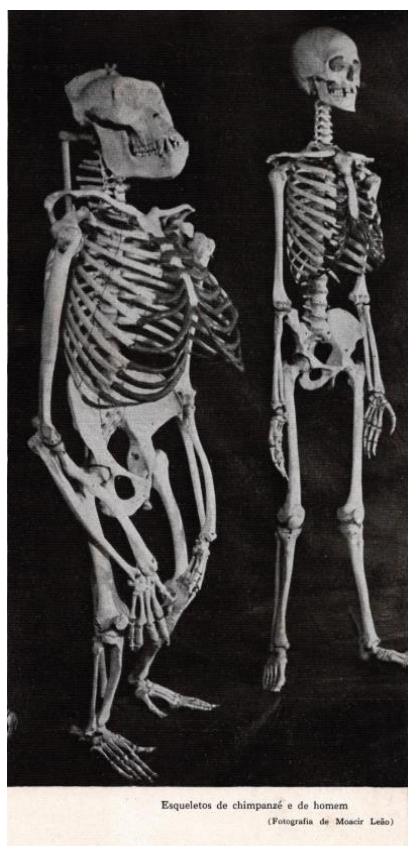
Figura 171: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 2, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 172: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 3, 1945.

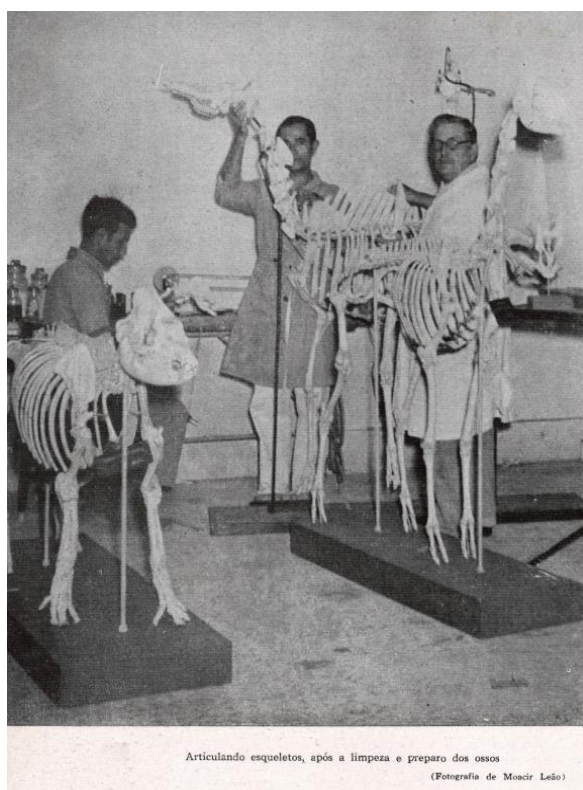
Figura 173: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 3, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 174: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 4, 1945.

Figura 175: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 4, 1945.



ção de ácido acético para neutralizar as soluções de soda, potassa ou amônia que penetraram no interior dos ossos.

"Retirados da solução indicada, já limpos e desengordurados, são colocados em uma bandeja e expostos ao sol até completa secagem. Isto serve também para clareá-los.

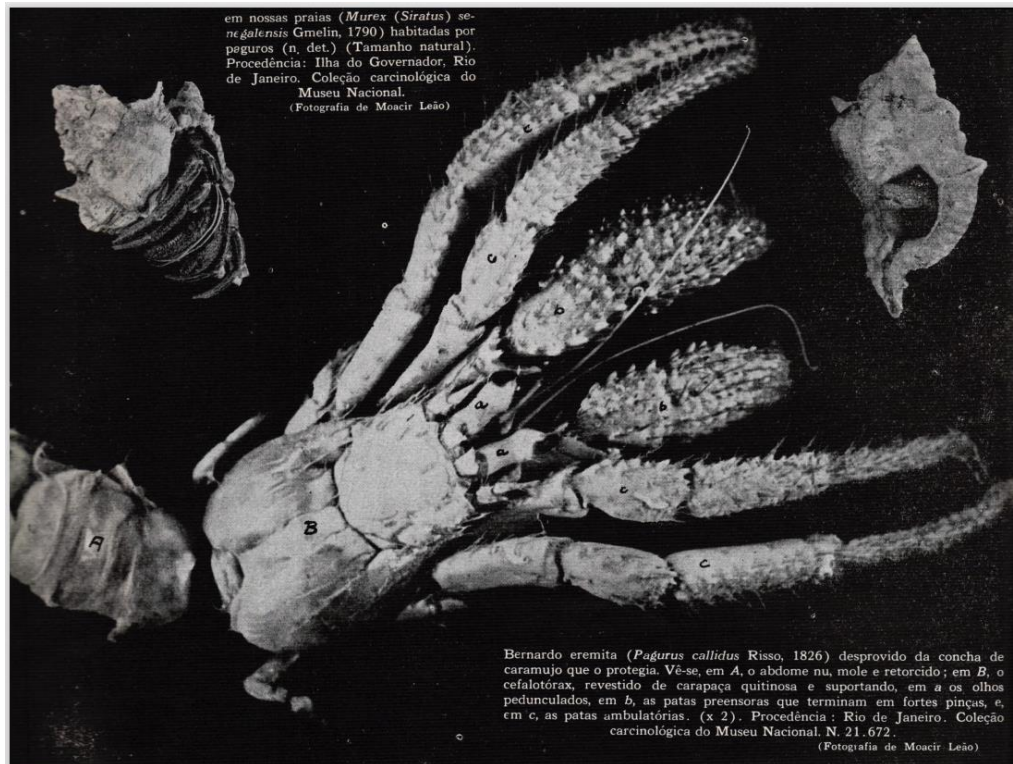
"Depois de limpos, desengordurados e bem secos, são postos dentro de cubas com solução de água oxigenada a 5%, permanecendo durante 15 horas ou uma noite, em lugares escuros e frescos, para evitar que a água oxigenada se estrague rapidamente. Daí vão as peças novamente ao sol, numa bandeja.

"Depois de completamente secos,

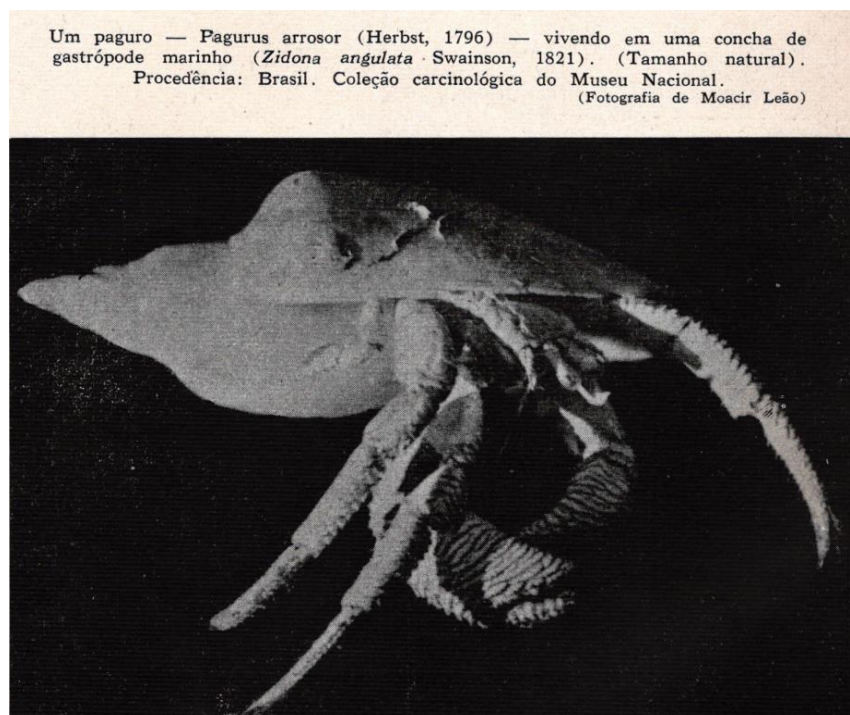
Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Além de percebermos pelas imagens, que se trata de um trabalho de reorganização da exposição, também podemos destacar que se trata de um modelo diferente de organização do acervo. Se na revista número 3 percebemos as coleções sendo tratadas dentro dos laboratórios para permanecerem no ambiente de pesquisa, neste artigo vemos que este acervo em especial, não é necessariamente um acervo composto para pesquisa e sim, para a exposição.

O próximo artigo da "*Revista do Museu Nacional*" em seu quinto número é "**Os Paguros**" escrito por Emanuel A. Martins. Trata-se de um crustáceo que compõe as coleções do Museu Nacional e que é apresentado ao leitor. Suas características são descritas no texto, seus modos de sobrevivência, a composição e formato dos seus corpos, entre outras informações. Abaixo vemos as imagens que compõem este artigo e que são fotografias feitas a partir das coleções do Museu Nacional:

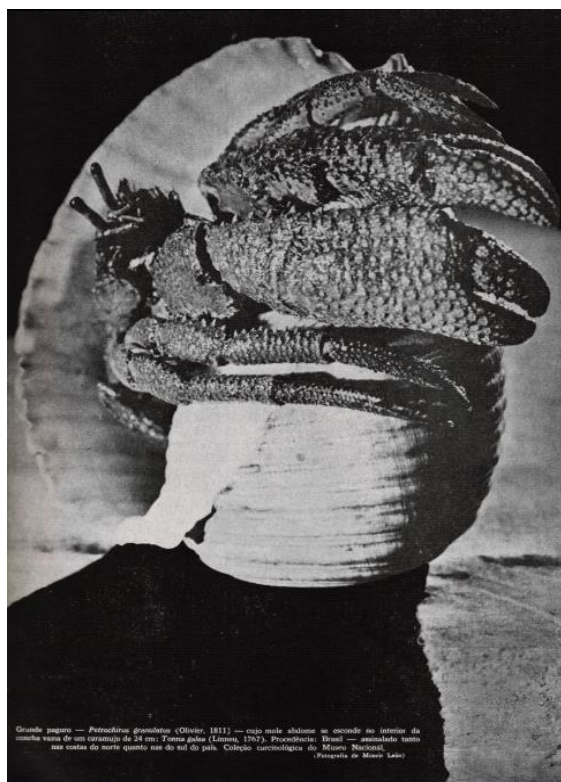
Figura 176: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 6, 1945.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 177: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 6, 1945.

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 178: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 6, 1945.

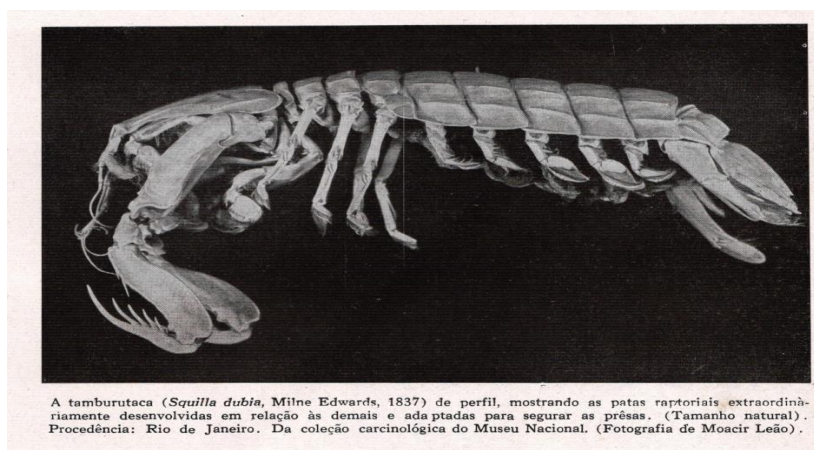


Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nas imagens acima, as imagens dos itens do acervo do museu acompanham breves explicações, como origens, as regiões onde pode ser encontrado e em alguns casos, também a numeração do item no acervo do museu.

O próximo artigo também apresenta o acervo do museu com esse mesmo formato, trata-se do artigo “**A Tamburutaca**”, de autoria de Alceu Lemos de Castro, que também disserta sobre um crustáceo, suas características e seus modos de vida. Abaixo, vemos imagens dos crustáceos que também são parte do acervo do Museu Nacional.

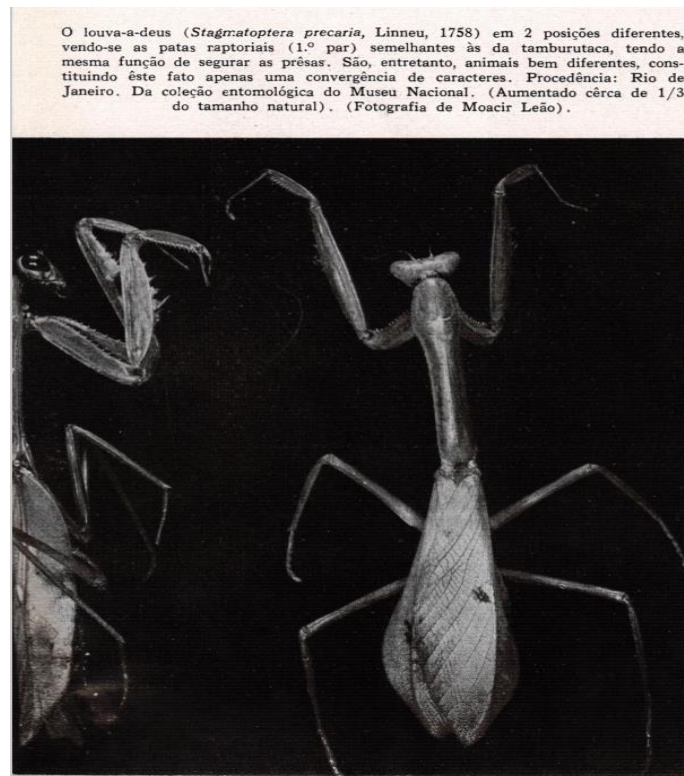
Figura 179: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 29, 1945.



A tamburutaca (*Squilla dubia*, Milne Edwards, 1837) de perfil, mostrando as patas raptorais extraordinariamente desenvolvidas em relação às demais e adaptadas para segurar as presas. (Tamanho natural). Procedência: Rio de Janeiro. Da coleção carcinológica do Museu Nacional. (Fotografia de Moacir Leão).

Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 180: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 29, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Figura 181: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 31, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Nestas imagens se repetem alguns aspectos que temos insistido em demonstrar neste capítulo, o principal deles é a reprodução dos acervos a partir de vistas diversas, sua reprodução em tamanho natural ou não, a numeração do acervo dentro das coleções. Nas imagens acima, também temos a cor do fundo da imagem. A partir disso compreendemos a publicação destes artigos, na mesma revista, como uma iniciativa que visa destacar essas coleções entre todas as outras do Museu Nacional.

O artigo **“Como se escreve sobre folhas de palmeira”** escrito por C. Werneck, então professor aposentado no Rio de Janeiro, foi replicado no jornal *Ciência para Todos*, do dia 31 de julho de 1949, quatro anos após a *Revista do Museu Nacional* sair de circulação. O artigo, como se pode ver abaixo, descreve uma técnica utilizada para se escrever sobre as folhas da palmeira e posteriormente, para fazer uma encadernação. Trata-se de uma técnica que era muito utilizada no território que atualmente corresponde ao Sri Lanka, onde escrever nas folhas das palmeiras era um hábito. Abaixo, podemos ver abaixo, um recorte que demonstra a publicação pela *Revista do Museu Nacional*.

Figura 182: *Revista do Museu Nacional*, n. 5, p. 9, 1945.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Este artigo é importante e ganha destaque porque foi replicado no jornal *“Ciência para Todos”*, que é um suplemento de Divulgação Científica do jornal *“A*

manhã” no item “Clássicos da Ciência”. Este mesmo suplemento faz referência à *Revista do Museu Nacional* em outras oportunidades, como veremos adiante.

Figura 183: Ciência para todos, p. 11, 31 de julho de 1949.



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

3.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DAS REVISTAS

Nesta dissertação partimos do ponto da investigação de indícios da história e do cotidiano do Museu Nacional, nas entrelinhas dos artigos publicados nas *Revistas Nacional de Educação, Revista Uiára e Revista do Museu Nacional*. Compreendemos que assim, contamos a história ou parte dela, da constituição das práticas em museus e sobretudo, do Museu Nacional.

Destacamos que as *Revistas Uiára e do Museu Nacional* foram tratadas com mais atenção pelo fato de que a *Revista Nacional de Educação* já foi amplamente estudada e divulgada, enquanto as outras duas são revistas ainda pouco exploradas. No entanto, optamos por tratá-las como um conjunto de revistas e dessa forma, a *Revista Nacional de Educação* aparece apenas em alguns momentos no texto, especialmente quando se estabelecem pontos de contato entre as três revistas, no intuito de evidenciá-los.

Perceber as relações que se estabeleciam entre os sujeitos que compunham os diversos espaços de produção científica foi um norte para compreender e estabelecer essas relações e seus impactos na publicação dessas revistas. Compreender que na tessitura dessas relações, firmaram-se redes de cooperação profissional e intelectual, para além da consolidação não apenas do Museu Nacional, mas de diversas outras instituições pelas quais estabeleceram-se uma circulação de sujeitos e ideias. Assim, é impossível escrevermos sobre a publicação dessas revistas pelo Museu Nacional, sem falar desses sujeitos, que em diversos momentos se encontram no texto.

Como toda escrita em processo, diversos caminhos se abrem diante dos nossos olhos atentos, compreendemos nesse percurso, que perceber essas *Revistas* apenas como instrumento de divulgação das pesquisas científicas produzidas pelo Museu Nacional seria passar despercebido pela potencialidade que elas carregam, uma potencialidade ainda pouco explorada pelas pesquisas acadêmicas no campo da Museologia, olhar com afinco para revistas a partir da lente da Museologia. Perceber como a formação do museólogo pode direcionar esse olhar para os objetos e para as práticas que os envolveram e envolvem no âmbito dos museus e da história da Museologia. Esses detalhes, sob os quais estendemos a lupa do museólogo, dizem respeito às práticas que ajudam a contar parte da história do que é o Museu Nacional e, sobretudo, sua relevância para a história dos museus e da Museologia não somente no Brasil.

Dessa forma, nos propomos a percorrer caminhos pouco explorados até então, no que diz respeito ao estudo dessas *Revistas*, de perceber questões que são caras à

Museologia e aos museus, como as práticas que são gestadas sobretudo nos museus de história natural, e que vão nos contar sobre formação de coleções, circulação de acervos, divulgação de suas práticas científicas e compreender como que é possível percebermos que as práticas que aconteciam no Museu Nacional estavam na origem do que mais tarde, com a constituição da museologia como um campo e em processo, hoje tratamos no contexto da cadeia operatória dos processos museológicos.

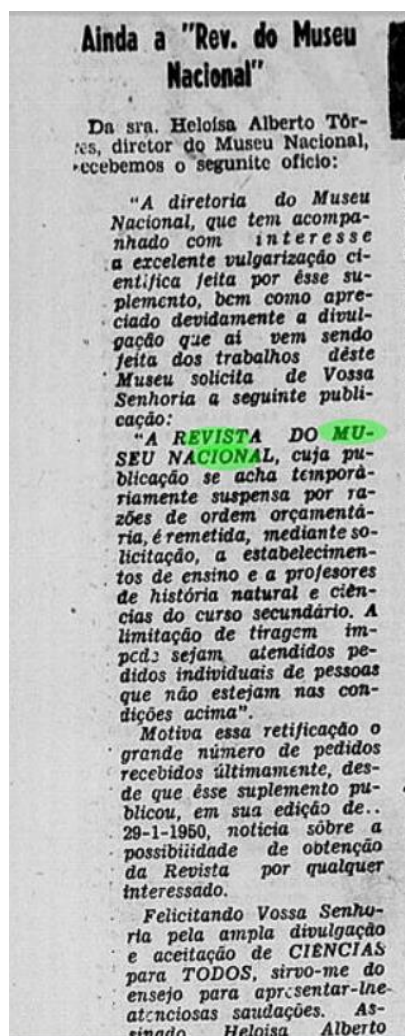
Sobre o estudo das Revistas, escolhemos tratá-las como um conjunto porque percebemos muitas similaridades entre elas. Para formar-se um conjunto, é importante perceber um possível ponto de contato. Mais do que apontarmos diferenças, aqui apontamos semelhanças. O primeiro ponto que se percebe é a publicação das pesquisas pelo Museu, que já tinham a experiência de publicar a Revista Arquivos do Museu Nacional, vocacionada à publicação das pesquisas produzidas no âmbito do Museu. O segundo ponto que se percebe é a vocação educativa dessas revistas, que estavam preocupadas com uma tendência herdada dos museus europeus, que era a educação, em evidência no início do século XX. O Museu Nacional dedicou-se à educação e as Revistas eram também um instrumento a esse dispor.

Nosso olhar, porém, direciona-se para as coleções e para as práticas do museu que foram publicadas nessas revistas, para as informações científicas trazidas por objetos publicados carregando suas numerações do acervo, pelos diversos relatos de constituição de suas coleções, para procedimentos de preparação dos acervos que não aparecem apenas em imagens, mas foram ensinados nessas revistas.

Conseguimos neste processo, compreender como se deu a publicação dessas Revistas, mas ainda não conseguimos perceber exatamente quais são os fios que determinam a interrupção de suas publicações. Sabemos que a *Revista Nacional de Educação*, a revista que deste conjunto, teve maior número de exemplares publicados e distribuídos circulou a partir do financiamento que somente foi possível pela censura dos filmes. Sabemos que a *Revista Uíára* nasce a partir da articulação e criação da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional e que a *Revista do Museu Nacional* nasce como uma alternativa de comunicação do Museu com seu público em um período de fechamento do museu para obras no prédio. Talvez a reabertura do Museu justificasse a interrupção da publicação.

A partir dessas colocações compreendemos que as três revistas deixam de ser publicadas a partir do corte de gastos, isso fica mais evidente com a *Revista do Museu Nacional*, onde circulam informações pelos jornais da época, que a sua descontinuidade acontece por corte de verbas na então Universidade do Brasil, como segue:

Figura 184: Ciência para todos, 26 de fevereiro de 1950, p. 02



Fonte: Biblioteca Digital do Museu Nacional.

Já a *Revista Uiára* que foi publicada pela Sociedade dos Amigos do Museu, nasce de uma verba que é externa ao museu, de sua sociedade de amigos, e que, com a incorporação do museu à universidade perde força e deixa de existir.

A Sociedade dos Amigos do Museu Nacional nos parece ter passado por períodos controversos, onde deixou de existir por alguns momentos e posteriormente retornou suas atividades, com isso, não estão claros os contornos que determinam a interrupção da circulação da *Revista Uiára*. Há ainda a impossibilidade de acesso à documentação arquivística do Museu que se perdeu no incêndio do Museu e que ainda poderia nos trazer algum esclarecimento.

CONCLUSÕES

Caminhamos para a finalização da dissertação, e enquanto caminhamos compreendemos que se trata-se de uma dissertação em processo, que a cada descoberta se transforma, que a cada fragmento novo, abre-se para um universo de possibilidades. Desta forma, compreendemos que é preciso no futuro continuar a revelar, explorar e examinar todo esse acumulado de fontes.

O estudo das *Revistas Uiára: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional* parte de uma necessidade de se compreender aspectos históricos que envolvem a formação de coleções, a constituição das práticas museológicas e da própria história da Museologia, como argumentamos ao longo da dissertação.

Não há outro caminho possível para uma museóloga que estuda Revistas. Há que se olhar a partir da lente da Museologia. A compreensão do que as revistas podem nos oferecer enquanto objeto de estudo da Museologia, fez com que esta dissertação ganhasse forma e atravessasse tantas potencialidades de pesquisa.

Mobilizamos autores que são referências na teoria da museologia e buscamos neles, aporte para evidenciar que as Revistas estudadas publicaram práticas museológicas que se conformaram no contexto do Museu Nacional e publicadas entre os anos 1930 e 1950. Para tanto, foi preciso retomar importantes referências do campo da Museologia, como Cerávolo (2004), que escreve sobre os usos dos termos Museologia e práticas museológicas para determinar atividades que aconteciam antes da consolidação da disciplina Museologia, isso porque, as práticas se transformam e acompanhando as tendências dos tempos que atravessam, mantendo muitas de suas características primeiras, a exemplo disso, as práticas museológicas estampadas nas Revistas estudadas até aqui.

Uma pesquisa como esta atravessa diversas áreas, pode mobilizar uma infinidade de conhecimentos que extrapolam até mesmo os limites do texto. A partir disso, compreendemos este estudo das Revistas publicadas pelo Museu Nacional entre as décadas de 1930 e 1950, como um ponto de partida para pensarmos como é potente o estudo de publicações diversas: Revistas, livros, catálogos, manuais... pela Museologia, um pouco para contar a sua história e mais ainda para que possamos ter a licença para olhar para objetos que historicamente não são valorizados nos estudos da Museologia e perceber neles caminhos possíveis para a pesquisa.

É impossível, no entanto, não abordemos questões que atravessam a publicação das três Revistas. Diferentes considerações podem ser feitas a partir do

mesmo tema, até mesmo sobre os formatos do artigo publicados, o que se escolheu publicar em cada revista, mas algo chama especialmente nossa atenção: O motivo pelo qual alguns assuntos são recorrentes nas três revistas. A exemplo disso, a constituição dos museus escolares, as relações entre sujeitos e diversas outras que pudemos perceber ao longo do texto. Estes atravessamentos na pesquisa também são importantes porque evidenciam diversas oportunidades de continuidade da pesquisa.

Neste sentido, percebemos que, há diversas possibilidades de atuação do pesquisador que pretende estudar a publicação das *Revistas do Museu Nacional e Uiára*. Por mais que tenhamos tratado exaustivamente a maioria de seus artigos, recortes diversos podem ser explorados.

O período que corresponde à inserção do Museu Nacional na Universidade de Brasil e a publicação da *Revista Uiára* é importante para que possamos compreender os impactos que o Museu recebe dos arranjos políticos, reafirmando o papel dos intelectuais que ocupavam o Museu, mas também outras instituições nesse processo. Podemos ainda, compreender qual papel o Museu Nacional exercia nesse contexto que justifica um período de instabilidades, acarretando inclusive a descontinuação da publicação da *Revista Uiára*.

Também nesse contexto de instabilidades do Museu Nacional, destacamos a importância da pesquisa relacionada à Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, a primeira associação de amigos que se organiza em um museu brasileiro, hoje Associação de Amigos do Museu Nacional. Importante destacar, como escreve Lopes (2008), que a Sociedade de Amigos do Museu também era composta por parte dos seus funcionários.

Percebemos por exemplo, que alguns cientistas e artistas que trabalharam no Museu Nacional no período de publicação das Revistas não foram estudados a contento em suas relações com o museu, percebemos que há uma possibilidade interessante de se estudar, a partir das relações entre as Artes Visuais e a Museologia, uma produção de artistas ainda pouco reconhecidos em sua atuação profissional nos museus.

Percebemos que os catálogos e os manuais e sua circulação nos contam sobre as práticas museológicas e sobre a conformação da Museologia, identificamos diversos manuais que replicam as práticas comuns aos museus, em diferentes formatos, que são terreno fértil para o estudo das práticas museológicas.

Há ainda diversas outras possibilidades para se pensar sobre a publicação das Revistas, seja pelo ponto de vista da diagramação, do editorial, ou até mesmo explorar os artigos em outros formatos.

Ao fim da dissertação, compreendemos que nada está definitivamente acabado, esgotado, amarrado. Mesmo a Revista sendo uma publicação, com formato fechado, nossa intenção é, para além de evidenciar as práticas museológicas nas Revistas, abrir os horizontes da pesquisa, fazer perceber as contribuições que estudos como esses podem ter para a Museologia e, da mesma forma, como a museologia pode contribuir com os estudos de Revistas e publicações diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA FILHO, J. **Guia da Impermanência Das exposições**: Uma investigação Sobre Transformações do Museu Nacional do Rio de Janeiro nos anos 1940. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

ARANHA, Jaime; MASSARANI, Luísa; MOREIRA, Ildeu de Castro. **Roquette-Pinto e a Divulgação Científica**. In: DE SÁ, Dominichi Miranda; LIMA, Nísia Trindade (Org.). *Antropologia Brasileira: Ciência e educação na obra de Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

AVILA-PIRES, Fernando Dias De. **JOÃO MOOJEN (1904-1985)**. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.63, n.1, p.7-12, jan./mar.2005. Disponível em: [João Moojen \(1904-1985\) | Avila-Pires | Arquivos do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#) Acesso em: 19 abr. de 2023.

BRUNO, M. C. O. **Definição de Curadoria**: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. IN: **Cadernos de Diretrizes 2– Mediação em Museus: Curadorias, Exposições e Ação Educativa**, Belo Horizonte: SUM, 2008. Disponível em: http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2015/07/Unidad1Texto_Definicao-de_Curadoria.pdf Acesso em: 18 jun. 2021.

BRUNO, M. C. O. Museologia e museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 25, p. 5-20, 2006. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419> Acesso em 17 jul. 2021.

BRUNO, M. C. O. Museologia entre o abandono e o destino. **Revista do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**, Museologia e Interdisciplinaridade, vol. 9, n. 17, jan. / Jul/ de 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Estudos de cultura material e coleções museológicas**: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio. *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. Disponível em: <http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/3%20Artigo%20Cristina%20Bruno.pdf> Acesso em: 29 abr. de 2023.

BUENO, Wilson Costa. **Comunicação Científica e Divulgação Científica**: Aproximações e Rupturas Conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1 - 12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/6761>. Acesso em 13 abr. 2021.

CARVALHO, Ana Paula Corrêa de. **Patrimônio, Museu, Museologia E Conservação**: Interfaces E Natureza Interdisciplinar. Recife, Petrópolis e Rio de Janeiro, 6º Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus, pesquisa e patrimônio. 2009. Disponível em: https://arqimuseus.arq.br/seminario2019/pdf/artigos/eixo_4-patrimonio_e_educacao/e4a2_carvalho.pdf Acesso em: 30 de abr. de 2023.

CASAZZA, I. F. **Desenvolvimentismo e conservacionismo na Era Vargas, 1930-1945**: a atuação científica e política de Paulo Campos Porto. *História, ciências, saúde--Manguinhos*, v. 27, n. 2, p. 411-430, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/JP8njvSNVLZ8Ms5f6jfJrWs/?format=pdf> Acesso em: 01 nov. 2022.

CERÁVOLO, Suely Moares. **Delineamentos para uma teoria da Museologia**. São Paulo, *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.12. p. 237-268. jan./dez. 2004.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação Museológica**: Uma Perspectiva Teórica E Metodológica De Recepção. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Escola de Artes e Comunicação ECA / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/MariliaCury/publication/259866616_Comunicacao_Museologica_Uma_Perspectiva_Teorica_e_Metodologica_de_Recepcao/links/0c96052e38f99eb32a000000/Comunicacao-Museologica-Uma-Perspectiva-Teorica-e-Metodologica-de-Recepcao.pdf. Acesso em 15 de abr. 2021.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: Concepção, Montagem e Avaliação. Centro de Documentação e Informação Polis Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, ed. Anablume, São Paulo, SP, 2006.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **CASA INCA OU PAVILHÃO DA AMAZÔNIA?** A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://obidig.ufri.br/10/teses/807980.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2022.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa e KUBRUSLY, Ricardo Silva. **A Pedra que caiu do céu e foi para a Literatura de Cordel**. In: Livro de Anais do Congresso Scientiarum História IV. Rio de Janeiro: Stamp, 2011. p. 645-653.

DANTAS, R. M. M. C.; DOS SANTOS, N. P. O Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889. In: LOPES, M. M.; HEIZER, A. (org.). **Colecionismos, práticas de campo e representações**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2011.p. 227-238.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em 05 de jan. 2022.

DICIONÁRIO MANUEL QUERINO DE ARTE NA BAHIA / Org. Luiz Alberto Ribeiro Freire, Maria Hermínia Oliveira Hernandez. – Salvador: EBA-UFBA, CAHL-UFRB, 2014. Acesso através de <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br>. Acesso em 22 de jan. 2023.

DUARTE, Regina Horta. **A Biologia militante**: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil - 1926-1945. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, 219 p.

DUARTE, Regina Horta. **"Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte"**: A *Revista Nacional de Educação* e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, 2004, v. 11, p. 33-56.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1960. Disponível em:

<https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/EstatutosSAMN/EstatutosSAMN.pdf>.
Acesso em: 01 mai. de 2023.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. **Cândido de Mello Leitão**: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida. Rio de Janeiro, Hist. cienc. saúde-Manguinhos, 14, dez 2007. Disponível em: SciELO - Brasil - Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida. Acesso em 21 de abril de 2023.

GUARNIERI, W. R. C. Interdisciplinaridade em Museologia In: BRUNO, M. C. O. (Coord.). **Waldisa Russio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, v. 1, 2010. p. 203-210. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/publicacoes-do-sisem-sp/> Acesso em 20 jul. 2021.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo e Ciência no Brasil**: Museus, pesquisadores e publicações 1870-1915. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2001.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915). In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. (org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 45-96.

HOFFMANN, Maria Barroso. Coleção Heloísa Alberto Torres. Rio de Janeiro, Museu Nacional, [200-?], p. 1). Disponível em: [Apresentacao_Colecao_Heloisa_Alberto_Torreslibre.pdf\(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](Apresentacao_Colecao_Heloisa_Alberto_Torreslibre.pdf(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)) Acesso em: 23 de abril de 2023.

LIMA, Nísia. Trindade; SÁ, Dominichi Miranda De (org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgar Roquette-Pinto**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica**: Os Museus e as Ciências Naturais No Século XIX. Brasília: Editora HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 2. Ed. 2009.

LOPES, Maria Margaret. **Proeminência na mídia, reputação em ciências**: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.73-95, jun. 2008.

LOPES, Maria Margaret. GOMES, Ana Lúcia de Abreu. “O Mistério dos Orixás e das bonecas” e o “Mapa Geológico”: Histórias Particulares De Uma Exposição Em Preparação. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, vol. 54, p. 1-28, 2021 Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/202/132>. Acesso em: 12 de abr. 2021.

LOPES, Maria Margaret. A busca de petróleo no Brasil nas obras de Euzébio Paulo de Oliveira (1917-1940). Rio de Janeiro, 17º Seminário Nacional de Ciência e Tecnologia, UNIRIO, 2020. Disponível em: https://www.17snhct.sbhct.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1588697339_ARQUIVO_c37dec39a5d6183b12228923361e2358.pdf Acesso em: 01 mai. 2023.

LOPES, M. M. I., PODGORNÝ &. (2013). Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de historia natural en América Del Sur . *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 21(1), 15-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/68795> Acesso em: 28 abril. 2023.

LOURENÇO, Marta; GESSNER, Samuel. **Documenting collections: cornerstones for more history of science in museums.** *Science & Education*, v. 23, p. 727-745, 2014. Disponível em: Acesso em: 29 de abr. 2023.

MASSARANI, Luísa. **A Divulgação Científica no Rio de Janeiro: Algumas Reflexões Sobre a Década de 20.** 1998.127f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26368370_A_divulgacao_cientifica_no_Rio_de_Janeiro_alguas_reflexoes_sobre_a_decada_de_1920. Acesso em: 12 abril 2021.

MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958).** 2006. 256 f. Tese (Doutorado em História das Ciências). Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/MartaAbdalaMendesTese.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Do Teatro Da Memória Ao Laboratório Da História: A Exposição Museológica e o Conhecimento Histórico.** São Paulo, **Anais do Museu Paulista**, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ncv0s5v> Acesso em: 21 Out de 2021.

MOOJEN, João. **Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo.** Rio de Janeiro, Museu Nacional, Ministério da Educação e Saúde Pública, Imprensa Nacional, 98p. 1943. Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](http://biblioteca.digital.museu.nacional.br/). Acesso em: 23 de abril de 2023.

NAVARRO, Alexandre Guida; PROUS, André. **Os muiraquitãs das estearias do lago Cajari Depositados no Museu Nacional (RJ): Estudo Tecnológico, Simbólico e de Circulação de Bens De Prestígio.** *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2. 2020. p. 66 – 91. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/742/50>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

OLIVEIRA, S. S. **A função educativa da Sessão de Extensão Cultural do Museu Nacional na Gestão do educador Paschoal Lemme (1943 - 1946).** Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/9923/1/dissertacao_CEHD.pdf Acesso em 20 nov. 2022

OLIVEIRA, Jaqueline de Freitas. **Alberto Betim Paes Leme (1883-1938) e o papel dos geocientistas e instituições na exploração de recursos minerais no Brasil.** Campinas, UNICAMP, (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015, 68p. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1045176> acesso em: 21 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Arthur Henrique de. **Alberto José de Sampaio (1881-1946): contexto, vida e obra de um conservacionista brasileiro.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduados em História da Ciência, (Dissertação de

Mestrado), 2009. 119 p. Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/semear/docs/Teses_dissertacoes_tcc/Dissertacao_OLIVEIRA.pdf Acesso em: 29 abr. de 2023.

OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL / UFRJ ORGANIZADO PELA SEÇÃO DE MUSEOLOGIA RIO DE JANEIRO 2007/2008. Disponível em: https://museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf Acesso em: 20 de abril de 2023.

PACE, Richard. **O legado de Charles Wagley: uma introdução.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set. Dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/qBLkvM8HjfxhdMxqyf7Rnjx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

PEARCE, Susan M. Pensando sobre os objetos. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (org.). *Museus Instituições de Pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST: 2005, p. 11-21. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/437399243/02-PEARCE-Susan-Pensando-Sobre-Os-Objetos-2005#> Acesso em: 29 abr. 2023.

ROCHA, Mariana Vieira Da. **A Rádio Sociedade E A Educação Para Roquette-Pinto.** Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8PKLTQ/1/disserta_o.pdf Acesso em: 12 de abr. 2022.

REIS, José. **José Reis: Reflexões sobre a divulgação científica (e-book).** Organização de Luísa Massarani e Eliane Monteiro de Santana Dias, Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2008, 240 p. Disponível em: http://portal.sbpnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf. Acesso em: 10 de abr. 2021.

SALGADO, Pedro; BRUNO, Joana; PAIVA, Mafalda; PITA, Xavier. A ilustração científica como ferramenta educativa. Lisboa, *Revista Interações*, 11(39), Vol. 11 N.º 39 (2015): NÚMERO ESPECIAL - XV Encontro Nacional de Educação em Ciências. Disponível em: [A ilustração científica como ferramenta educativa | Revista Interações \(rcaap.pt\)](http://www.rcaap.pt/revista/interacoes/11(39)/vol11n39). Acesso em 20 de abril de 2023.

SANTOS, Maria Cristina Ferreira. **A Biologia de Cândido de Mello Leitão e a História Natural de Waldemiro Alves Potech: Professores autores e livros didáticos—conhecimento e poder em disputa na constituição da Biologia escolar (1931-1951).** Tese (Doutorado em Educação) UFF. Niterói, 2013.

SANGLARD, Giselle. P. **Entre os salões e o laboratório: filantropia, mecenato e práticas científicas no Rio de Janeiro, 1920-1940.** Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Saúde: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2005. Disponível em: https://node1.123dok.com/dt05pdf/123dok_br/pdf/2019/02_14/jzz9ao1600034369.pdf?X-Amz-Content-Sha256=UNSIGNED-PAYLOAD&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=7PKKQ3DUV8RG19BL%2F20221120%2F%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20221120T181416Z&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Expires=600&X-Amz-Signature=2845b1849f76cb295e6bf0d28c8ea2302626ed3933f9589764ce3cf169510219. Acesso em: 03 nov. 2022.

SILLY, Paulo Marques. **Casa de Ciência, Casa De Educação: Ações Educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiana/media/paulorogerosily.pdf>. Acesso em: 12 de nov. de 2021.

SILVA, Maria do Socorro Lopes Sousa da. **Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil: Heloísa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ**. Rio de Janeiro, Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Programa De Pós-Graduação Em História Das Ciências E Das Técnicas E Epistemologias (Dissertação de mestrado), 2018. Disponível em: [MPSLSSilva.pdf \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

SPIGUEL, Juliana; SELLES, Sandra Escovedo. **Cândido Firmino De Mello Leitão E O Ensino De História Natural Na Década De 1930: Um Intelectual A Serviço Da Escola**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, nº 53, p. 115-132, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312655352_Candido_Firmino_de_Mello_Leitao_e_o_ensino_de_historia_natural_na_decada_de_1930_um_intelectual_a_servico_da_escola/link/58d48b3345851533784fe131/download. Acesso em: 09 de abr. 2022.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **Museus De Ciências E Tecnologia No Brasil: Uma História Da Museologia Entre As Décadas De 1950-1970**. 2008. Tese (Doutorado)– Programa de Pós Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra, IG/UNICAMP, Campinas, 2009.

WANICK, Mariana Calazans. **Projetos De Educação E Divulgação Científica No Brasil: Edgard Roquette-Pinto E A Revista Nacional de Educação (1932-1934)**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, 2018. Disponível em: <http://dspace3.ufes.br/handle/10/9298>. Acesso em: 13 abr. de 2022.

REVISTAS CONSULTADAS:

ARQUIVOS DO MUSEU NACIONAL, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública / Museu Nacional, Imprensa Nacional, vol. XXXVII (1943). Disponível em: [Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro \(wikimedia.org\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública/Museu Nacional, N. 1, agosto (1944). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública/Museu Nacional, N. 2, dezembro (1944). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública/Museu Nacional, N. 3, abril (1945). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública/Museu Nacional, N. 4, agosto (1945). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

REVISTA DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública/Museu Nacional, N. 5, dezembro (1945). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

UIÁRA: REVISTA DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Museu Nacional, N. 1, outubro - dezembro (1937). Disponível em: Biblioteca. Acesso em: 23 de abril de 2023.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde Pública / Museu Nacional, N. 1 - 21. outubro de (1932) - maio / junho (1934). Disponível em: [Biblioteca Digital do Museu Nacional \(ufrj.br\)](#). Acesso em: 23 de abril de 2023.

KOSMOS REVISTA ARTÍSTICA, CIENTÍFICA E LITERÁRIA. Rio de Janeiro, número 1, janeiro de 1904. Disponível em: [Kosmos - Revista Artistica, Cientifica e Liiteraria \(RJ\) - 1904 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 20 de abril de 2023.

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro, Órgão do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Educação e Saúde, número 6, 1942. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat06_m.pdf Acesso em 01 mai. De 2023.

JORNAIS CONSULTADOS:

ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL, Rio de Janeiro, 1922, vol. 1. Disponível em: [Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial \(RJ\) - 1891 a 1940 - DocReader Web \(bn.br\)](#) acesso em: 20 de abril de 2023.

A NOITE. Rio de Janeiro, 1947. Disponível em: [A Noite \(RJ\) - 1940 a 1949 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 21 de abril de 2023.

CHÁCARAS E QUINTAIS. São Paulo, vol. 70, p. 333 e 334, 15 de setembro de 1944. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=214957&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=0>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

CIÊNCIA PARA TODOS: SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ" Rio de Janeiro, 02 de Janeiro de 1949. Disponível em: [Ciência para Todos: Suplemento de Divulgação Cientifica de "A Manhã" \(RJ\) - 1948 a 1950 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 21 de abril de 2023.

CIÊNCIA PARA TODOS: SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ" Rio de Janeiro, 31 de julho de 1949. Disponível em: [Ciência para Todos: Suplemento de Divulgação Cientifica de "A Manhã" \(RJ\) - 1948 a 1950 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 21 de abril de 2023.

CIÊNCIA PARA TODOS: SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ" Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1950, p. 2. Disponível em: [Ciência para Todos: Suplemento de Divulgação Cientifica de "A Manhã" \(RJ\) - 1948 a 1950 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 21 de abril de 2023.

CIÊNCIA PARA TODOS: SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ". Rio de Janeiro, 03 de março de 1949. Disponível em: [Ciência para Todos:](#)

Suplemento de Divulgação Científica de "A Manhã" (RJ) - 1948 a 1950 - DocReader Web (bn.br). Acesso em 21 de abril de 2023.

CIÊNCIA PARA TODOS: SUPLEMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE "A MANHÃ". Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=085782&pagfis=202&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em 21 de abril de 2023.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1939. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1936 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) acesso em: 21 de abril de 2023.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1940, p. 3, ed. 14134(1), 1940.. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1936 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) acesso em: 21 de abril de 2023.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1934. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1936 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) acesso em: 21 de abril de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1930 - 1939, segunda seção, p. 15. Ed. 03821. Disponível em: [Diário de Notícias \(RJ\) - 1930 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 20 de abril de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1937, p. 15, segunda seção. Disponível em: [Diário de Notícias \(RJ\) - 1930 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) Acesso em 20 de abril de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 4, 12 de janeiro de 1937, primeira seção. Disponível em: [Diário de Notícias \(RJ\) - 1930 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) Acesso em 20 de abril de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 15,16 de julho de 1938, terceira seção. Disponível em: [Diário de Notícias \(RJ\) - 1930 a 1939 - DocReader Web \(bn.br\)](#) Acesso em 20 de abril de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1934, primeira seção. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093718_01&pagfis=18785 Acesso em 20 de abril de 1923.

DIRETRIZES: POLÍTICA, ECONOMIA, CULTURA. Rio de Janeiro, 1939, edição 0014, p. 20. Disponível em: [Diretrizes : Política, Economia, Cultura \(RJ\) - 1938 a 1946 - DocReader Web \(bn.br\)](#) Acesso em: 20 de abril de 2023.

DOM QUIXOTE, Rio de Janeiro, 1920, edição 00172. Disponível em: [D. Quixote \(RJ\) - 1917 a 1926 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 21 de abril de 2023.

DOM QUIXOTE, Rio de Janeiro, edição 00233 de 1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095648&pesq=%22Francisco%20Manna%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=7081> Acesso em: 18 de abril de 2023.

O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, Edição 03931, 22 de setembro de 1923, p. 7. Disponível em: [O Imparcial \(RJ\) - 1920 a 1929 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1910, p. 03. Disponível em: [O Paiz \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 3, 06 de maio de 1934. [O Paiz \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 3, 25 de março de 1934. [O Paiz \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1910, p. 03. Disponível em: [O Paiz \(RJ\) - 1910 a 1919 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em 20 de abril de 2023.

VAMOS LER! Rio de Janeiro, 1943, Ed. 0345, 59p. Disponível em: [Vamos Lêr! \(RJ\) - 1936 a 1947 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 20 de abril de 2023.

VAMOS LER! Rio de Janeiro, dezembro de 1943, 59p. Disponível em: [Vamos Lêr! \(RJ\) - 1936 a 1947 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 20 de abril de 2023.